

FERNANDA COSTA DEMIER RODRIGUES

PADRÕES DE USO E GRAMATICALIZAÇÃO DE *AGORA* E *ENTÃO*

Volume I

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. MARIÂNGELA RIOS DE OLIVEIRA

Niterói

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

R696 Rodrigues, Fernanda Costa Demier.
Padrões de uso e gramaticalização de *agora e então* / Fernanda
Costa Demier Rodrigues. – 2009.
309 f. ; 2 v.
Orientador: Mariângela Rios de Oliveira.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Letras, 2009.
Bibliografia: f. 145-149.

1. Funcionalismo (Linguística). 2. Língua portuguesa -
Gramática. I.Oliveira, Mariângela Rios de. II. Universidade
Federal Fluminense. III. Título.

CDD 410

FERNANDA COSTA DEMIER RODRIGUES

PADRÕES DE USO E GRAMATICALIZAÇÃO DE *AGORA* E *ENTÃO*

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.
Área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Aprovada em março de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira

Orientadora

UFF

Profa. Dra. Livia Lindóia Paes Barreto

Co-orientadora

UFF

Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta

UFRJ

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

UNESP- São José do Rio Preto

Profa. Dra. Vanda Maria Cardozo de Menezes

UFF

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre

UFF

Profa. Dra. Deize Vieira dos Santos

UFRJ - suplente

Profa. Dra. Lygia Maria Gonçalves Trouche

UFF - suplente

Niterói

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE LETRAS
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FERNANDA COSTA DEMIER RODRIGUES

PADRÕES DE USO E GRAMATICALIZAÇÃO DE *AGORA* E *ENTÃO*

Volume I

NITERÓI

2009

Aos meus meninos,
Gerson, Gabriel e João Henrique.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio incondicional.

À Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira, pela dedicação, paciência e cuidado nesses quase dez anos de orientação.

À Professora Doutora Livia Lindóia Paes Barreto, por mais uma vez, ter fornecido valiosa colaboração com os dados latinos.

A todos os professores da Universidade Federal Fluminense que contribuíram para a minha formação acadêmica,

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar interpretativamente, por meio da perspectiva funcional, os padrões de uso e a trajetória de gramaticalização tempo > texto de agora e então em diferentes sincronias na configuração de sua dimensão pancrônica. Defende-se que ocorra, neste processo, a unidirecionalidade diacrônica na gramaticalização desses itens. A partir do *corpus* formado por romances e peças de teatro de quatro sincronias distintas (sincronia latina (do latim ao século XIII); sincronia arcaica (do século XIII ao XV); sincronia clássica (do século XV ao XVIII); e sincronia moderna (do século XIX ao XXI)), os itens e estruturas analisados são vistos como elementos que passam por transformações de sentido e de forma durante o período de tempo em que são utilizados por interferência de fatores de ordem interacional, de frequência de uso, além de pressões de natureza cognitiva, apresentando, com isso, usos discursivos e gramaticais. Tradicionalmente vinculam-se à categoria de advérbio de tempo e constituem, nesta classe, protótipos categoriais formados pelos traços [+referência temporal], [+ mobilidade] e [+ escopo verbal]. Ao longo da trajetória, ocorre uma migração categorial, na qual os termos adquirem os traços [+ fixidez] e [+ escopo clausal]. Este último traço possui as variantes [+ conexão] e [+ marcação discursiva]. Essas possibilidades funcionais de agora e então se apresentam desde o latim até o século XX de forma pancrônica.

Palavras-chave: funcionalismo, gramaticalização, pancronia, agora, então

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze in an interpretative way, by the functionalist perspective, the patterns of use and the grammaticalization process time > text of *agora* and *então* in different periods of time in a panchronic perspective. We believe that this process happens in a unidirectionality way. From the *corpus* formed by novels and theatre plays of four different synchronies (Latin synchrony (from Latin period up to 13th century); archaic synchrony (from 13th century up to 15th century); classic synchrony (from 15th century up to 18th century); and modern synchrony (from 19th century up to 21st century), the analyzed terms and structures are observed as elements that reflect sense and form modifications while they are used because of interactional interference, frequency of use, besides cognitive influences. It is to be noted that these items has both grammatical and discourse uses. Their traditional uses are linked to the time adverb category and constitute, in this class, categorical prototypes formed by the features [+ time reference], [+ mobility] and [+ verbal scope]. During the trajectory, there is a categorical migration, in which *agora* and *então* acquire the features [+ fixation] and [+ clause scope]. This last characteristic has the variation [+ connection] and [+ discourse markdness]. These functional uses of the terms have been occurring since Latin texts to the contemporary ones in a panchronic way.

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Diferenças entre formalismo e funcionalismo, p.21

Quadro II- Diferenças entre gramática formal e gramática funcional, p.22

Quadro III- Traços [+ prototípicos] e [- prototípicos] de agora e então, p. 39

Quadro IV- Modos de organização do discurso, p. 47

Quadro V- Correspondência entre modos de discurso e gêneros textuais, p. 50

Quadro VI- Os três gêneros do discurso segundo Aristóteles, p. 51

Quadro VII- Dicotomia tipo textual/ gênero textual, p. 54

Quadro VIII- Bases temáticas segundo Werlich, p. 55

Quadro XIX- Periodização da língua portuguesa, p. 67

Quadro X- Divisão da língua portuguesa em sincronias, 68

Quadro XI- Totalização de ocorrências de agora e então, p. 78

Quadro XII- Totalização de funções de agora e então, p. 79

Quadro XIII- Ocorrências de agora e então conforme a sincronia, p. 80

Quadro XIV – Funções de agora nas sincronias, p. 94

Quadro XV - Funções de então nas sincronias, p. 95

Quadro XVI - Funções de agora conforme as seqüências tipológicas, p. 100

Quadro XVII – Funções de então conforme as seqüências tipológicas, p. 104

Quadro XVIII- Posição de agora no corpus de romance, p.107

Quadro XXIX- Posição de agora no corpus de teatro, p. 110

Quadro XX- Posição de agora no corpus de romance conforme a seqüência tipológica, p. 115

Quadro XXI- Posição de agora no corpus de teatro conforme a seqüência tipológica, p. 118

Quadro XXII- Posição de então no corpus de romance, p. 121

Quadro XXIII- Posição de então no corpus de teatro, p. 124

Quadro XXIV- Posição de então no corpus de romance conforme a seqüência tipológica, p. 128

Quadro XXV- Posição de então no corpus de teatro conforme a seqüência tipológica, p. 132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, p. 14

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, p. 20

1.1 FORMALISMO X FUNCIONALISMO, p.20

1.2 PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA FUNCIONAL, p.22

1.3 GRAMATICALIZAÇÃO, p.27

1.3.1 PRINCÍPIO DA UNIDIRECIONALIDADE, p. 34

1.3.2 METÁFORA E METONÍMIA, p. 35

1.4 PROTOTIPICIDADE ADVERBIAL, p. 37

1.5- ELEMENTOS DE CONEXÃO, p. 43

1.6- TIPO DE TEXTO E GÊNERO TEXTUAL, p. 44

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, p.58

2.1 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS, p.58

2.2 ADVÉRBIOS DE TEMPO, p. 59

2.2.1 O ADVÉRBIO *agora*, p. 60

2.2.2 O ADVÉRBIO *então*, p.62

2.3 A TRAJETÓRIA ADVÉRBIO > CONJUNÇÃO, p. 64

3 METODOLOGIA, p.67

3.1 *CORPUS*, p. 68

3.1.1 SINCRONIA LATINA, p.68

- 3.1.2 SINCRONIA ARCAICA, p 69
- 3.1.3 SINCRONIA CLÁSSICA, p. 71
- 3.1.4 SINCRONIA MODERNA, p. 73
- 3.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE, p. 74

4 ANÁLISE DE DADOS, p. 77

- 4.1 QUANTO ÀS FUNÇÕES [+ PROTOTÍPICAS] E [- PROTOTÍPICAS], p. 77
 - 4.1.1 FUNÇÃO [+ REFERÊNCIA TEMPORAL PRESENTE], p. 83
 - 4.1.2 FUNÇÃO [+REFERÊNCIA TEMPORAL PASSADA], p. 84
 - 4.1.3 FUNÇÃO [+ REFERÊNCIA TEMPORAL FUTURA], p. 85
 - 4.1.4 FUNÇÃO [+ CONCLUDOR], p. 86
 - 4.1.5 FUNÇÃO [+ SEQÜENCIALIZADOR], p. 87
 - 4.1.6 FUNÇÃO [+ OPOSITOR], p. 88
 - 4.1.7 FUNÇÃO [+ INTRODUTOR DE TÓPICO], p. 89
 - 4.1.8 FUNÇÃO [+ ENFATIZADOR], p. 89
 - 4.1.9 FUNÇÃO [+ RETOMADOR DE TÓPICO], p. 90
- 4.2 QUANTO ÀS FUNÇÕES NAS SINCRONIAS, p. 93
- 4.3 QUANTO ÀS FUNÇÕES NAS SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS, p. 99
- 4.4 QUANTO ÀS FUNÇÕES CONFORME A ORDEM DOS CONSTITUINTES, p. 105
 - 4.4.1 A POSIÇÃO DE AGORA CONFORME O GÊNERO DISCURSIVO, p. 106
 - 4.4.2 A POSIÇÃO DE AGORA CONFORME A SEQÜÊNCIA TIPOLÓGICA, p. 115
 - 4.4.3 A POSIÇÃO DE ENTÃO CONFORME O GÊNERO DISCURSIVO, p. 120
 - 4.4.4 A POSIÇÃO DE ENTÃO CONFORME A SEQÜÊNCIA TIPOLÓGICA, p. 128
- 4.5 MATRIZ DE TRAÇOS, p. 134

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 139

6 BIBLIOGRAFIA, p. 145

7 ANEXO, p. 150

- 7.1 OCORRÊNCIAS DE agora NO TEATRO DE GIL VICENTE, p. 150
 - 7.1.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS, p. 150
 - 7.1.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 151
 - 7.1.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 153

- 7.1.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 156
- 7.2 OCORRÊNCIAS DE então NO TEATRO DE GIL VICENTE, p. 158
- 7.2.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 158
- 7.2.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 159
- 7.2.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 159
- 7.3 OCORRÊNCIAS DE agora EM A *DEMANDA DO SANTO GRAAL*, p. 159
- 7.3.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS, p. 159
- 7.3.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 161
- 7.3.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 171
- 7.3.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 186
- 7.4 OCORRÊNCIAS DE então EM A *DEMANDA DO SANTO GRAAL*, p. 196
- 7.4.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS, p. 196
- 7.4.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 199
- 7.4.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 261
- 7.4.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 265
- 7.5 OCORRÊNCIAS DE agora NO TEATRO DE “O JUDEU”, p. 265
- 7.5.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS, p. 265
- 7.5.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 266
- 7.5.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 267
- 7.5.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 274
- 7.6 OCORRÊNCIAS DE então NO TEATRO DE “O JUDEU”, p. 277
- 7.6.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 277
- 7.6.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 277
- 7.6.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 278
- 7.7 OCORRÊNCIAS DE agora EM A *VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES*, p. 278
- 7.7.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS, p. 278
- 7.7.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 278
- 7.7.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS, p. 279
- 7.7.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS, p. 279
- 7.8 OCORRÊNCIAS DE então EM A *VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES*, p. 279
- 7.8.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS, p. 279
- 7.8.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS, p. 280

7.8.3	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS,	p. 281
7.9	OCORRÊNCIAS DE <u>agora</u> EM A <i>MULHER SEM PECADO</i> ,	p. 281
7.9.1	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS,	p. 281
7.9.2	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS,	p. 282
7.9.3	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS,	p. 283
7.9.4	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS,	p. 285
7.10	OCORRÊNCIAS DE <u>então</u> EM A <i>MULHER SEM PECADO</i> ,	p. 285
7.10.1	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS,	p. 285
7.10.2	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS,	p. 286
7.10.3	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS,	p. 286
7.10.4	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS,	p. 289
7.11	OCORRÊNCIAS DE <u>agora</u> EM <i>AGOSTO</i> ,	p. 289
7.11.1	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS,	p. 289
7.11.2	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS,	p. 294
7.11.3	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS,	p. 296
7.11.4	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS,	p. 299
7.12	OCORRÊNCIAS DE <u>então</u> EM <i>AGOSTO</i> ,	p. 300
7.12.1	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS,	p. 300
7.12.2	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS,	p. 301
7.12.3	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS,	p. 304
7.12.4	SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS,	p. 308

INTRODUÇÃO

Tendo realizado, no curso de Mestrado, no período de 1999 a 2002 na Universidade Federal Fluminense, uma pesquisa sobre o item agora, Rodrigues (2002) observou que tal termo não pode ser enquadrado apenas na classe dos advérbios temporais como as nossas gramáticas tradicionais o fazem. No trabalho, foi verificado que o item apresenta funções que vão além do seu uso canônico como modificador de verbo, de adjetivo ou de outro advérbio.

Mostrou-se, na dissertação em questão, que o termo pode ter referências de tempo passado e de tempo futuro, além de poder ser utilizado como conector ou marcador discursivo. Tais funções foram levantadas tanto na sincronia atual da língua portuguesa quanto em sincronias anteriores. Verificou-se, então, que o item passa por um processo de gramaticalização, no qual assume funções mais gramaticais, realizando a trajetória advérbio > conjunção.

Pretende-se dar continuidade à pesquisa realizada por Rodrigues (2002) sobre agora, aumentando o grupo dos fenômenos a serem analisados, com o acréscimo do termo então, focalizando tanto o gênero textual quanto a seqüência tipológica em que esses itens encontram-se articulados.

O objetivo da tese é verificar a trajetória de gramaticalização tempo > texto dos itens agora e então em diferentes sincronias na configuração de sua dimensão panocrônica. Defende-se que este processo seja recorrente em cada período estudado nesta pesquisa: sincronia latina (do latim ao século XIII); sincronia arcaica (do século XIII ao XV); sincronia clássica (do século XV ao XVIII); e sincronia moderna (do século XIX ao XXI). Comprovar-se-ia, com isso, a unidirecionalidade sincrônica na gramaticalização desses itens. Em outras

palavras, a cada época, o trajeto se concretizaria e atualizaria, não constituindo um caminho único de derivação de sentido e de forma ao longo da trajetória da língua portuguesa.

Salienta-se, com isso, a relevância desta tese para o maior conhecimento e redimensionamento da unidirecionalidade. Os estudos funcionalistas, via de regra, assumem a trajetória unidirecional de forma efetiva, e a pesquisa ora apresentada assinala uma perspectiva de aplicação diferenciada do que é canonicamente considerado pela vertente funcionalista em sua feição mais tradicional. Trata-se de observar o processo fazendo um paralelo entre a abordagem histórica da gramaticalização a partir de recortes temporais, com foco também nos contextos de ocorrência dos elementos em análise.

Conforme Bybee (1982, apud Campbell & Janda, 2000), as unidades lingüísticas mais recorrentes são primeiramente selecionadas pelo falante em relação às que têm menos usos. Desta visão, também, provém a escolha dos itens agora e então como objetos de estudo. Esta relação ocorre porque, dentro do grupo dos advérbios temporais, tais termos são os mais freqüentes. Daí, conseqüentemente, os itens com maior possibilidade de constituírem estruturas que estão ou possam vir a estar sendo gramaticalizadas.

Dentro da perspectiva funcional de análise lingüística, o processo chamado de *gramaticalização* exerce papel importante, pois focaliza a migração de itens lexicais em itens gramaticais ou de itens menos gramaticais em mais gramaticais. Trata-se de uma trajetória sobre a qual recai uma série de influências, tanto discursivas quanto estruturais e cognitivas.

A dicotomia agora/então é assinalada por Mattos e Silva (1989), que os identifica como o par de temporais dêiticos arcaicos (ora e entom) que se correlacionaria com os locativos dêiticos aqui e ali. Em estudos com o português atual, Ilari (1990) inclui agora e então no grupo dos elementos dêiticos – mais especificamente dêitico-anafóricos – por possuírem propriedades sintáticas e distribucionais próprias, que os distinguem dos outros advérbios.

Trata-se, então, de um trabalho que busca contribuir para o avanço dos estudos lingüísticos acerca desses advérbios temporais, salientando o importante papel que estes itens exercem na morfossintaxe da língua e de como questões de ordem discursivo-textual atuam e motivam tais usos, na vinculação mais estreita entre gramática e discurso. Como estudos sobre padrões de ordenação e funcionalidade dos advérbios ainda são assistemáticos e dispersos, acredita-se que a pesquisa ora apresentada possa constituir uma contribuição relevante e inédita nesse campo de investigação. Desta forma, espera-se que os resultados

obtidos possam servir de fonte de pesquisa para futuros trabalhos e contribuam para a continuidade dessa área investigativa.

De início, foram escolhidos, como objetos de estudo, itens da classe dos advérbios já que esta categoria é constituída por palavras que apresentam características de diferentes classes gramaticais, sendo, por isso, de difícil conceituação. Bechara (1972: p.152) corrobora essa informação ao afirmar que “Advérbio é a expressão modificadora que denota uma circunstância” é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere ao verbo, ou ainda a um adjetivo, a um advérbio ou a uma declaração inteira.”.

A maioria dos estudos sobre os advérbios assinala que tais termos apresentam flutuação funcional, que gera, conseqüentemente, dificuldade de sua demarcação enquanto classe. É nesse aspecto que se concentra um dos pontos centrais desta pesquisa: a trajetória advérbio > conjunção. Devido a sua natureza híbrida, não se encontra uma definição consensual da categoria dos advérbios por parte dos estudiosos. Por conta de tal condição, suas funções ora se incluem em uma classe gramatical, ora em outra.

A proposta de estudo deste trabalho inspirou-se, parcialmente, no paradigma funcionalista, o qual prevê que as estruturas da língua realizam, ao longo do tempo, como assinalam Heine et alli (1991), a trajetória espaço > tempo > texto. Esta pesquisa amplia a visão diacrônica dos autores, na consideração da perspectiva sincrônica.

Neste contexto, os itens e estruturas analisados são vistos como elementos que passam por transformações de sentido e de forma durante o período de tempo em que são utilizados, por interferência de fatores de ordem interacional, de frequência de uso, além de pressões de natureza cognitiva. Dessa forma, os objetos de pesquisa aqui tratados assumem funções diferentes de suas prototípicas, deixando, por vezes, de exercer usos gramaticais e passando a cumprir papéis mais discursivos.

A perspectiva de análise pauta-se na concepção *pancrônica* de mudança lingüística. Nesta visão, não se utiliza a dicotomia *sincronia x diacronia*, e sim uma abordagem que observa, segundo Cunha et alli (2003),

“não as relações sincrônicas entre seus elementos (da língua) ou as mudanças percebidas nesses elementos e nas suas relações ao longo do tempo, mas as forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto de comunicação e que se manifestam de modo universal, já que refletem os poderes e limitações da mente

humana para armazenar e transmitir informações”. Cunha et alli (2003: p. 27-28)

O presente trabalho procura responder, de forma mais ampla, às seguintes perguntas:

- 1- São os advérbios temporais agora e então itens que passam por processo de gramaticalização, efetuando a trajetória advérbio > conjunção?
- 2- A gramaticalização dos advérbios temporais agora e então é um processo que efetua a trajetória tempo> texto de forma diacrônica?
- 3- Em qual seqüência tipológica são mais recorrentes usos [+prototípicos] de agora e então? Em qual se dá preferência aos usos [- prototípicos]? Por que isso acontece?
- 4- Em qual ordem de constituintes (VS ou SV) os usos [+prototípicos] e [- prototípicos] de agora e então são mais freqüentes? Por quê?
- 5- Qual é a representação prototípica que agora e então possuem para os usuários da língua na trajetória da língua portuguesa?

Nesta pesquisa, objetiva-se, portanto, observar, dentro da classe dos advérbios, os termos agora e então –, com a perspectiva de contrapor seus traços básicos ou mais prototípicos, que seriam: [+ escopo verbal], [+ mobilidade] e [+ referência temporal], com traços menos prototípicos, como [+ escopo clausal], [+ fixidez], [+ conexão] e [+ marcação discursiva]. Neste contexto, investiga-se se as funções mais prototípicas e, também, as menos prototípicas são recorrentes ou não em sincronias distintas.

Detalham-se, a seguir, as hipóteses que norteiam este trabalho:

a- Os advérbios temporais agora e então passam por diversos estágios funcionais, chegando, em alguns contextos, a se gramaticalizarem, efetuando a trajetória advérbio > conjunção.

Deste modo, poder-se-ia dizer que os itens apresentariam, enquanto protótipos, características comuns aos advérbios temporais: [+circunstanciação], [+ escopo verbal], [+ referência temporal] e [+mobilidade]. Com a gramaticalização, assumiriam traços comuns à classe das conjunções: [+ escopo clausal], [+ fixidez], [+ conector] e/ou [+ marcador discursivo]

b- A trajetória tempo> texto, que propicia o surgimento de sentidos e usos dos advérbios temporais agora e então afastados do eixo básico da categoria de advérbio temporal, ocorre de forma unidirecional a cada sincronia de estudo.

c- Os itens agora e então podem ser analisados sob a forma de protótipos categoriais, que vão adquirindo ou perdendo traços conforme a necessidade do contexto em que estão

inseridos, mantendo, de alguma forma, no entanto, um vínculo com os seus respectivos eixos básicos de traços.

Para que essas hipóteses possam ser comprovadas, busca-se observar os itens assinalados como objetos de estudo em sincronias distintas. Tratando-se de uma abordagem pancrônica, enfocam-se textos predominantemente narrativos, efetuando-se um paralelo com a mesma tipologia textual em sincronias anteriores, como já havia realizado Rodrigues (2002) em relação ao termo agora. São, por isso, identificados e analisados dados de quatro sincronias diferentes: latina, arcaica, clássica e moderna.

Em todas as sincronias foram selecionados dois textos de base narrativa: uma peça de teatro e um romance. O objetivo da escolha de *corpora* correspondentes em cada sincronia foi buscar maior compatibilidade de material para que os resultados pudessem permitir alguma generalização e vincular, de modo mais evidente, a relação entre usos gramaticais e padrões discursivos.

Ressalta-se, ainda, que a seleção de textos tipologicamente narrativos ocorreu devido à maior facilidade de obtenção de material de sincronias antigas com esta tipologia. No entanto, para que a pesquisa pudesse ser mais ampla, trabalhou-se com a noção de seqüência tipológica, conforme Marcuschi (2002), o que possibilitou analisar os itens estudados em cinco seqüências distintas: descritiva, narrativa, dissertativa e injuntiva.

No primeiro capítulo apresentam-se os estudos realizados sobre os itens agora e então desde o latim, passando pela visão das gramáticas tradicionais e atingindo abordagens contemporâneas bem diferenciadas da perspectiva clássica, além da observação acerca da trajetória advérbio >conjunção. Salienta-se, neste contexto, que se assume aqui a idéia de “conjunção” em seu sentido *lato*, ou seja, como função de natureza conectiva, a relacionar orações, períodos ou seções maiores de texto.

No capítulo dois, expõem-se os pressupostos teóricos da gramaticalização, que norteiam toda a pesquisa. Neste contexto, apresentaram-se estudos sobre prototipicidade, elementos de conexão, tipo e gênero textual.

No capítulo três, situa-se a metodologia adotada para a confecção da pesquisa, desde a coleta de dados até os critérios para análise das ocorrências. Apresenta-se visão mais detalhada do *corpus* analisado e identificam-se os materiais diacrônico e sincrônico, os fatores que levaram à escolha dos mesmos conforme as sincronias propostas e os tipos de texto.

No capítulo quatro, estão as análises. Busca-se verificar a ocorrência dos dados prototípicos e não-prototípicos dos termos, refletindo-se acerca dos fatores que podem ter

influenciado a trajetória desses usos. Nesta etapa, ainda, sugerem-se matrizes de traços dos itens, com uma síntese das características levantadas ao longo da pesquisa.

No capítulo cinco, são apresentadas as considerações finais da tese. É feito um cotejamento tanto das hipóteses propostas quanto das perguntas levantadas na introdução com os resultados obtidos na análise de dados.

No capítulo seis, lista-se todo o material bibliográfico que foi utilizado. Trata-se de um conjunto de referências bibliográficas de lingüística funcional, lingüística textual e gramática tradicional que serviram de base teórica para a pesquisa em questão.

No capítulo sete, por fim, no formato de anexo, mostram-se, separadas em seqüências tipológicas, os dados da sincronia arcaica, clássica e moderna de agora e então que compuseram o *corpus*.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo propõe-se a apresentar a base teórica que permeia toda esta tese. Como se trata de uma pesquisa lingüística da área funcionalista, de início, comentam-se as principais diferenças e semelhanças entre funcionalismo e formalismo. Em seguida, assinalam-se as características do funcionalismo: o processo de gramaticalização, o papel da metáfora e metonímia neste processo e o princípio da unidirecionalidade.

Outro ponto abordado neste capítulo diz respeito à perspectiva que se adota em relação à categorização dos elementos estudados. Deixa-se de lado, a proposta de categorização clássica defendida pela gramática tradicional, que é inspirada em Aristóteles, para se utilizar a abordagem com categorias prototípicas. Daí, o subcapítulo sobre prototipicidade e, mais especificamente, prototipicidade dos advérbios.

Salientam-se, também, na continuidade do capítulo, a definição e as funções dos elementos de conexão. E, além disso, abordam-se, a partir da visão de alguns autores, os conceitos e usos dos tipos de texto e dos gêneros textuais que são elencados ao longo do trabalho.

1.1 FORMALISMO X FUNCIONALISMO

O primeiro ponto ser comentado nesta fundamentação teórica é a diferenciação básica entre a corrente funcionalista, aqui adotada como embasamento teórico desta pesquisa, e a canônica corrente formalista de estudos lingüísticos. Sobre esse assunto, Dik (1987) sintetiza a diferença entre as duas correntes assinalando que no paradigma formal, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato e autônomo em relação aos modos de uso, enquanto

no paradigma funcional, as expressões lingüísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis e co-determinadas por orientações pragmáticas da interação verbal humana. Em linhas gerais, o *Quadro I* fornecido por Dik (1978) e adaptado por Neves (1994), apresenta com bastante clareza as principais diferenças entre essas duas linhas de estudo.

Quadro I – Diferenças entre formalismo e funcionalismo

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais lingüísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

A partir da visão de Dik, Halliday (1985) levanta quais seriam os pontos de abordagem mais relevantes entre a gramática formal e a gramática funcional. O *Quadro II* em seguida, adaptado por Neves (1994) resume essas diferenças.

Quadro II- Diferenças entre gramática formal e gramática funcional

GRAMÁTICA FORMAL

Orientação primariamente sintagmática.

Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.

Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase)

GRAMÁTICA FUNCIONAL

Orientação primariamente paradigmática.

Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.

Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso)

Verifica-se, então, a partir dos traços levantados neste último quadro, que, enquanto a gramática formal tem uma orientação sintagmática, privilegiando, por isso, a sintaxe, a gramática funcional debruça-se sobre a semântica já que possui uma abordagem paradigmática.

1.2 PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA FUNCIONAL

A teoria funcionalista é complexa para ser caracterizada, haja vista a existência de tantas versões de funcionalismo quanto diferentes funcionalistas. Embora ocorram variações no interior dessa corrente teórica, não se pode negar a existência de uma questão básica no que diz respeito à teoria funcionalista da linguagem: o foco em situação de uso, quer seja oral ou escrito, tanto em textos antigos quanto atuais.

Os primeiros estudos que dizem respeito à gramaticalização datam do século X na China e continuam a se desenvolver no século XVII com Condillac e Rousseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra). No século XVIII, trabalharam com o assunto Bopp, Schlegel, Humbolt e Gabelentz (na Alemanha) e Whitney (nos Estados Unidos). Chegando ao século XX, Meillet, com pesquisas realizadas em 1912 na França, é a figura central. A partir daí, mais recentemente, destacam-se, na Alemanha, Lehmann, Heine, Claudi, Hünemeyer, e na Costa Oeste Americana, Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros.

Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) afirmam que todos esses estudiosos partilham o mesmo pensamento no que concerne dois pontos:

(i) fazem a distinção entre itens lexicais, signos lingüísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos lingüísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro;

(ii) consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

Abordando especificamente o período do século XX, Meillet (1912) é um dos primeiros autores a elaborar uma perspectiva na qual as condições sociais são vistas como influência decisiva sobre a língua e, por conta disso, também propulsoras da mudança lingüística. A língua é concebida, pelo autor, como um fato social e o estudo da história lingüística incorpora a heterogênea realidade sociocultural das línguas.

Assinala-se que dos estudos de Meillet, além de uma perspectiva histórica, pode-se depreender também a possibilidade da gramaticalização como um processo sincrônico. Como exemplo disso, o lingüista distingue três classes de palavras entre as quais é possível perceber uma certa gradualidade: as *principais* (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais) as *acessórias* e as *gramaticais* (preposições, conjunções e auxiliares). Assim, segundo o autor, numa visão diacrônica, palavras acessórias e gramaticais podem se desenvolver em principais e, numa visão sincrônica, palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver num mesmo recorte de tempo.

Em visão mais recente do assunto, Givón (1995) afirma que a língua não pode ser descrita como um fenômeno autônomo, porque a gramática não pode ser compreendida sem referência a parâmetros tais como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

Neste contexto, o funcionalismo embasa seu estudo na função que exercem as unidades estruturais e em processos diacrônicos que têm, em sua maioria, motivação funcional. Diferentemente da lingüística formal, que busca explicações sobre a língua a partir da sua própria estrutura, a lingüística funcional observa a linguagem, segundo Pezati (2004: p.168), “como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções que são, em última análise, comunicativas”.

A gramática funcional seria

“uma teoria gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. É uma gramática que considera a capacidade que os indivíduos têm, não apenas de codificar e decodificar expressões, mas usá-las e interpretá-las de maneira interacional.” (NEVES, 1997, p.15)

A perspectiva funcional ocupa uma posição intermediária entre uma abordagem que sistematiza a estrutura da língua e outra que instrumentaliza o uso da língua. Apesar dessa posição intermediária, tal abordagem dá ênfase ao aspecto pragmático da língua.

Essa visão funcionalista tem, para a maioria dos autores, uma base cognitiva. Tal base seria a motivação para a existência das representações conceptuais – principalmente no léxico. Alguns autores estendem esse princípio a toda gramática, considerando que entre a gramática e a sua base conceptual há uma relação icônica.

Um dos principais princípios da lingüística funcional é o princípio da iconicidade, segundo o qual há uma relação natural, ou seja, não-arbitrária, entre forma e função. Em outras palavras, como afirma Croft (1990), a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência humana, ou seja, a estrutura de mundo, incluindo, na maior parte das visões funcionalistas, a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante.

O princípio da iconicidade, conforme afirmam Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), manifesta-se em três subprincípios:

? *Subprincípio da quantidade* – prevê que quanto maior for a quantidade de informação, maior será a quantidade da forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Em outras palavras, aquilo que é mais simples e esperado expressa-se com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.

? *Subprincípio da integração* – prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação, ou seja, o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto.

? *Subprincípio da ordenação linear* – prevê que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante.

O princípio da iconicidade contrapõe-se ao conceito de arbitrariedade de Saussure. Para os estudiosos da língua de uma forma geral, o recorte saussureano é sincrônico e, com isso, privilegia o arbitrário. A iconicidade estaria presente na origem das palavras e, com a trajetória, as formas se modificariam apresentando uma “arbitrariedade aparente”. Uma

observação “in loco” sobre a iconicidade das línguas, segundo os estudiosos da área, seria, por exemplo, a análise de línguas *pidgins* e crioulas, por se tratarem de representação de estágios lingüísticos iniciais.

Outro conceito comumente abordado pelos estudiosos funcionalistas diz respeito ao conceito de *marcação*. Há três critérios básicos para a distinção entre categorias marcadas e não-marcadas, segundo Cunha, Oliveira e Martelotta (2003):

a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;

b) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos freqüente do que a estrutura não-marcada correspondente;

c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

Givón (1995) afirma que a mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro, constituindo, assim, a marcação um fenômeno dependente de fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos. Dado o caráter fluido e criativo da língua, conforme Oliveira (2000) assinala, é necessário superar a dicotomia marcado X não marcado, adotando parâmetros de gradualidade na análise da marcação, em vez de considerar as categorias lingüísticas em termos discretos ou binários.

Dentro da perspectiva de marcação, mesmo que venham a ser aplicados parâmetros de gradualidade em seu lugar, salienta-se que a questão da ordem dos constituintes em português é um tema bastante relevante para esta pesquisa. Em nossa língua, a ordem não marcada para a sentença é Sujeito-Verbo(O) ao passo que a ordem marcada é Verbo-Sujeito, entre outros possíveis arranjos, como V(O)S, (O)VS.

Inicialmente, em uma referência histórica, no latim clássico, as funções gramaticais, independentemente da posição que as palavras ocupassem nas frases, eram mais transparentes, a ponto de se revelarem na própria forma. Câmara Júnior (1976) corrobora esta idéia ao afirmar que a colocação era um mecanismo que não existia em latim, onde a colocação era absolutamente livre, do ponto de vista gramatical. Já no latim vulgar, a reorganização fonético-fonológica e as alterações morfológicas provocaram a relevância do nível sintático, dada a não-transparência das formas, as funções eram produzidas e percebidas a partir da ordem em que os elementos aparecessem na sentença. Fixou-se, desta forma, segundo Tarallo (1990), a ordem das palavras.

Ao longo da evolução da língua, então, estabeleceu-se que a ordem canônica, regular, não-marcada em língua portuguesa seria Sujeito – Verbo, (SV).SV(O) A ordem invertida, Verbo-Sujeito, (VS), que apesar de poder ocorrer em situações naturais de uso da língua, tem seu uso limitado a apenas certos contextos discursivos bem específicos. Segundo Votre e Naro

“a cláusula VS caracteriza-se por baixa tensão comunicativa, isto é, não é apresentada como centro de atenção no nível do parágrafo ou do discurso, mas ao contrário é utilizada para contextualizar, ou para “sustentar” a linha básica de comunicação, fornecendo material que de alguma forma é relevante, talvez mesmo necessário para a compreensão da mensagem que está sendo veiculada.” (VOTRE; NARO, 1991, p.20)

Outro conceito a ser comentado, nesta etapa da pesquisa, é o de Hopper (1991) sobre *relevância* ou *figuricidade*. Segundo o autor, o modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos comunicativos e, em parte, pela percepção das necessidades de seu interlocutor. Nesse sentido, o texto apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico. Para que os interlocutores possam partilhar a mesma perspectiva, o emissor orienta o receptor a respeito do grau de centralidade e de periféricidade dos enunciados que constituem seu discurso. Em termos de estrutura de texto, ou de *planos discursivos*, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre *figura* e *fundo*.

Por *figura*, Hopper (1979) entende a porção do texto narrativo que apresenta a seqüência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, *realis*, sob responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo*, corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliados. Fazendo uma conexão entre figuricidade e ordem dos constituintes, ressalta-se que a ordem não-marcada geralmente aparece em contextos de figura, ao passo que a ordem marcada VS é freqüente em passagens de fundo.

Os conceitos figura/fundo apresentam, nas pesquisas lingüísticas, um acúmulo maior de estudo nas narrativas. Tal perspectiva será usada no presente trabalho já que o mesmo tem, na composição de seus *corpora*, textos predominantemente narrativos – romances e peças de teatro. Neste material, aplicando-se a abordagem de Hopper para o assunto, observar-se-ão as diferentes seqüências presentes e, neste conjunto, as seqüências textuais que caracterizarem as tipologias descritiva, dissertativa e injuntiva serão consideradas *fundo* e as seqüências textuais que caracterizarem a tipologia narrativa serão consideradas *figura*.

1.3 GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização é visto, dentro da perspectiva funcionalista, de forma diferenciada pelos estudiosos da área. O primeiro autor a apresentar formalmente o termo ‘gramaticalização’ foi Meillet, quando definiu o processo como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (Meillet, 1912). Para o autor, a gramaticalização contemplava essencialmente a trajetória léxico > gramática, contendo esta última uma seqüência interna formada por sintaxe > morfologia. Logo, nesta concepção, que é a visão clássica nos estudos sobre o assunto até hoje, o trajeto seria léxico > sintaxe > morfologia.

Ao longo dos anos, o conceito de gramaticalização apresentou-se de forma um pouco variada entre os estudiosos. Talmy Givón mostrou, em 1971, uma tese de bastante impacto na comunidade lingüística ao afirmar que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. Sua caracterização acerca da evolução cíclica de alguns aspectos da língua é muito parecida com abordagens recentes do assunto.

Givón (1971) afirmou que, no processo de gramaticalização, um método mais sintático de comunicação toma lugar de um método mais pragmático que existia anteriormente. De acordo com esta perspectiva, uma vez que estruturas mais antigas sofrem erosão via morfologização, lexicalização e atrito fonológico, o resultado seria uma onda cíclica do seguinte tipo: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero. Esta concepção de gramaticalização propiciou um novo ramo de estudos da área, encorajando, além da reanálise de termos lexicais como termos gramaticais, a reanálise de padrões discursivos como padrões gramaticais e de funções ao nível do discurso como funções semânticas ao nível da sentença.

Posteriormente, Givón (1979), introduzindo o discurso como um parâmetro maior para o entendimento da língua, em geral, e o desenvolvimento de estruturas de categorias gramaticais, em particular, reedita seu *slogan* de 1971, com nova estrutura “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”. É em razão desse entendimento que o autor prefere o termo *sintatização* a gramaticalização, pois o discurso, entendido aqui como um modo não planejado de comunicação informal, passa também a ser um favorecedor da emergência de novos modelos gramaticais.

Heine e Reh (1984), por outro lado, adotaram um interessante conceito, segundo o qual o termo *gramaticalização* referir-se-ia essencialmente a uma evolução em que unidades

lingüísticas perderiam complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética em um *continuum*.

Uma visão um pouco diferente das anteriores surgiu com Hopper (1987) quando este sugeriu a noção de “gramática emergente”. Neste contexto, não haveria gramática no conceito clássico de classes fechadas, mas sim um grupo de termos cujo *status* seria constantemente renegociado no discurso e que não poderia ser distinguido apenas por princípios específicos ou características básicas. Subjazem a esse entendimento uma concepção da língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização.

O trabalho de Traugott (1988) foi também de bastante influência nos estudos da gramaticalização. Segundo a autora, *gramaticalização* referir-se-ia a um processo histórico, dinâmico e unidirecional, por meio do qual um item, no curso do tempo, adquire um novo *status* como formas morfossintáticas e gramaticais.

A clássica definição de gramaticalização foi apresentada por Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) conceituando-a como um processo em que uma estrutura ou morfema passa de uma forma lexical a uma gramatical ou de uma forma menos gramatical a uma mais gramatical. Este processo se dá via repetição, porque quanto mais a comunidade utiliza determinada estrutura com determinado uso, mais freqüente ela fica e, daí, mais fixo e, possivelmente, mais gramaticalizada torna-se.

Para Traugott e König (1991), que corroboram a visão dos autores citados anteriormente, gramaticalização é um processo dinâmico, unidirecional e diacrônico mediante o qual, na evolução temporal um item lexical adquire um estatuto gramatical.

Castilho (1997) também traz uma definição do processo de gramaticalização ao afirmar que se trata de

“o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até desaparecer, como consequência de uma cristalização externa”. (CASTILHO, 1997, p. 31)

Apesar da maior parte dos estudiosos da linha funcionalista seguirem o conceito original de Meillet (1912), segundo o qual a gramaticalização se dá num processo diacrônico, é possível que o trajeto seja flagrado no contexto sincrônico também. Este fato tem sua possibilidade, pois, como sugere Hopper (1991) e vários autores mais recentes o corroboram,

não existe uma gramática sincronicamente estável, mas um processo contínuo de organização gramatical, que deve ser entendido como um processo contínuo de gramaticalização.

Traugott e Heine (1991) ressaltam que o termo *gramaticalização* diz respeito a um processo lingüístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e codificação. Há, contudo, os que privilegiam somente a sincronia. Segundo os autores, isso é possível quando, numa perspectiva voltada para a codificação gramatical, o interesse primeiro é o exame da organização sincrônica da estruturação gramatical.

Outra característica relevante acerca do processo de gramaticalização é o fato deste constituir um *continuum* unidirecional, que faz com que os itens caminhem do discurso para a gramática e retornem para o discurso. Esta trajetória é sugerida por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), partindo de um estágio [- abstrato] para um [+ abstrato], da seguinte forma: pessoa > objeto > espaço > qualidade. Traugott (1988) apresenta um esquema mais simples: espaço > (tempo) > texto. Em ambas as escalas, mostra-se que o processo de gramaticalização ruma do [+ concreto] para o [-concreto], não se prevendo, neste contexto, a possibilidade de trajetória contrária.

Durante o processo de gramaticalização, os itens vão perdendo as características morfossintáticas da categoria de origem – descategorização – e vão adquirindo os traços da categoria para a qual se encaminham – recategorização. Neste contexto, perdem sua maior autonomia e se tornam dependentes de outras formas. É evidente que não se trata de um movimento radical de transformação, pois durante sua trajetória, e mesmo após esta ser mais utilizada, o item pode conter tanto usos da categoria-fonte quanto da categoria-meta.

Outro traço da trajetória é o uso do item de forma cada vez mais abstrata e mais fixa na língua. Por isso, quando um advérbio ocorre como conector, o termo perde algumas restrições de sua categoria-fundante como, por exemplo, a possibilidade de movimentação no enunciado. Com isso passa a ocorrer na posição mais freqüente das conjunções, ou seja, servindo de elo entre as idéias/formas apresentadas no contexto em que está inserido. Além disso, deixa de manter um vínculo somente com o verbo e passa a se relacionar a partes maiores do enunciado.

Lehmann (1985) aponta algumas tendências que ocorrem no processo de gramaticalização: *paradigmatização* (as formas tendem a organizar-se em paradigmas); *obrigatorização* (as formas tendem a tornarem-se obrigatórias); *condensação* (as formas tendem a tornar-se mais curtas) ; *coalescência* (as formas adjacentes tendem a aglutinar-se); *fixação* (ordens linearmente livres tendem a tornar-se fixas).

Segundo Hopper, a caracterização proposta por Lehmann só dá conta da gramaticalização que se encontra em estágio bastante avançado e que já é inequivocadamente reconhecida. Hopper (1991) estabelece, então, cinco princípios básicos como deflagradores do processo de gramaticalização. São eles:

- Estratificação – refere-se à coexistência de formas com função correspondentes, caracterizadas pelos seguintes traços: funções similares, usos específicos motivados por variáveis distintivas.
- Divergência – preconiza que quando uma forma lexical se gramaticaliza, sua forma original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.
- Especialização – diz respeito à possibilidade de que um item se torne obrigatório, pela diminuição da possibilidade de escolha.
- Persistência – trata-se da permanência de vestígios do significado lexical original, muitas vezes refletido em restrições sobre o comportamento gramatical do item.
- Descategorização – ao se gramaticalizarem, as formas tendem a perder ou neutralizar os marcadores fonológicos e as características morfossintáticas próprias das categorias plenas originais e assumir marcas de categorias secundárias.

No estágio intermediário da trajetória ocorre, então, uma fase de ambigüidade que se supera a medida que o novo significado fica mais nítido e este novo uso é regularizado. Trata-se de uma fase de polissemia diacrônica que, segundo Votre (1996, p. 29), é “constituída no curso do tempo, com um ou vários traços em comum entre os usos, mas com diferenças contextuais suficientes para distingui-los.”

Com a perda da autonomia morfossintática, é muito comum a ocorrência de erosão, ou seja, a substância fonética da forma gramaticalizada tende a se reduzir ou a ser assimilada pelo meio fonético em que está inserida. Segundo Givón (1990) há dois possíveis fatores para esta ocorrência: o *princípio da quantidade* e a *freqüência de uso*. Pelo princípio da quantidade, quanto maior for o tamanho de um texto, maior será sua quantidade de informação. Como os itens lexicais têm maior informação do que os gramaticais, com a gramaticalização o índice de informação destes itens diminui. A freqüência de uso, por sua vez, considera que quanto mais uma palavra ou estrutura é usada, mais reduzidos serão seu sentido e sua forma.

Em relação à questão da frequência de uso dos termos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização, Bybee (2003 apud GONÇALVES, LIMA-HERNANDEZ; CASSEB-GALVÃO, 2007) adverte que a frequência não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo. A autora assinala que a repetição frequente de uma forma desempenha um importante papel nas seguintes mudanças que ocorrem durante o processo:

- “(i) a alta frequência de uso leva ao enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade – processo pro meio do qual um organismo deixa de responder, com a mesma eficácia, a um estímulo repetido;
- (ii) mudanças fonológicas de redução e de fusão de construções gramaticalizadas são condicionadas por sua frequência e por seu uso em porções do enunciado que contêm informação velha ou de fundo;
- (iii) o aumento de frequência leva a uma maior autonomia de uma construção, o que significa que componentes individuais da construção (tal como flexão em todos os modos e tempos, estrutura argumental etc.) enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item (os usos menos gramaticalizados);
- (iv) a perda de transparência semântica que acompanha a separação entre os componentes da construção gramaticalizada e seus congêneres lexicais permite o uso da forma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando à mudança semântica;
- (v) a autonomia da forma de uso frequente torna-a mais enraizada na língua e frequentemente condiciona a preservação de algumas das suas características morfosintáticas obsoletas.”(BYBEE, 2003 apud GONÇALVES; LIMA-HERNANDEZ; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 35-36)

Numa observação prática do processo de gramaticalização, este se relaciona com os seguintes tipos de fenômenos:

- A trajetória do elemento lingüístico do léxico à gramática, que compreende, por exemplo, a passagem de verbo pleno a verbo auxiliar.
- A trajetória de vocábulo a morfema.
- A trajetória de elemento lingüístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular).
- A trajetória de elemento lingüístico de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referentes extralingüísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto.
- A trajetória que leva uma construção sintática a se operacionalizar em expressar função gramatical.
- A trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de sua regularização e sistematização.

Destaca-se, ainda, que outras concepções de gramaticalização têm sido apresentadas. Dentre elas, a fornecida por Votre (1999):

“Processo de regularização que se verifica num fenômeno qualquer à medida que a generalização progressiva do uso vai fazendo com que ele passe do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da gramática, em que se regulariza e em que diminui ou cessa a liberdade de variação. O conceito aplica-se também aos itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitimos que os itens da gramática não são entidades discretas, e sim pólos de um contínuo, em que certas classes de itens estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições no contínuo da gramática. Assim, o advérbio é mais gramatical do que o adjetivo”.(VOTRE, 1999, INÉDITO)

Haspelmath (2002) concorda com algumas críticas recebidas pelos estudos funcionalistas de que a gramaticalização não é uma teoria, no sentido de um sistema bem definido de hipóteses a serem ou não comprovadas. Segundo o autor, o que une os pesquisadores na área da gramaticalização não é o fato de que eles endossam uma teoria que não apresenta rupturas, mas que eles vêem um grande grupo de mudanças semânticas e morfossintáticas compartilhando semelhanças. Para o Autor, trata-se mais de uma teoria evolutiva, que descreve um grupo de abordagens relacionadas e assintóticas na área da biologia histórica.

Castilho (2002) considera que a língua deve ser tratada como um sistema complexo e íntegro, cujas categorias estão nucleares à volta do discurso, da gramática, da semântica e do léxico.

“Para escapar da estatividade, poderíamos assumir que a língua é um multissistema dinâmico, que pode ser graficamente representado (...) numa forma radial, tendo ao centro o léxico e à volta o discurso, a semântica e a gramática. Cada um desses sistemas dispõe de categorias próprias. Situações de interface podem ocorrer, porém não implicam em derivação nem em subordinação.

Nossa mente deve operar simultaneamente sobre esses conjuntos de categorias, e os produtos lingüísticos que daí resultam podem ser representados como uma constelação. Quero com isto dizer que qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, variando embora o grau de saliência entre elas. Essa postulação retira da agenda da gramaticalização a problemática distinção entre itens lexicais e itens gramaticais.” (CASTILHO, 2002, p.7-8)

Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) ressaltam que tanto no rótulo gramaticalização quanto multissistema, o que ocorre é o mesmo: à medida que as propriedades de uma unidade lingüística vão se alterando, ela vai se tornando membro de

novas categorias, em razão de uma reanálise categorial, permitindo, com isso, o enquadramento de uma mesma forma em categorias diversas.

Espera-se, neste trabalho, utilizar o conceito de *gramaticalização* numa proposta mais aberta. Em outras palavras, ter uma visão *lato sensu* do termo, na qual a possível trajetória seja vista como um processo de cooperação de forças interativas e idiomatizantes. Neste contexto, enfatiza-se que uma visão pancrônica da língua será observada ao longo desta pesquisa. Por conta desta perspectiva, encaminha-se o estudo para uma visão da língua em várias sincronias, acentuando a interdependência entre o sistema lingüístico e o uso, entre a natureza fluida da gramática e o olhar sobre níveis de linguagem variados do português para uma compreensão mais adequada do estágio sincrônico.

Outro ponto relevante no que concerne no processo de gramaticalização, em seu estágio inicial, é a ocorrência de polissemia, que diz respeito à possibilidade de uma forma assumir outras funções, de sentido mais abstrato. Tal fenômeno ocorre com os objetos de estudo deste trabalho, quando um deles amplia seus usos e assume, além da referência de tempo, funções mais lógicas articuladoras de relações textuais, como consequência e conclusão, entre outras. Em um estágio seguinte, ocorre a alteração categorial, quando uma forma, assumindo novas funções, passa a assumir traços de outra categoria, ou seja, comporta-se como constituinte de nova classe gramatical. Podemos observar essas ocorrências nos exemplos abaixo:

(a) “Logo que eu fiquei doente, você não saía de junto de mim o dia todo. Andava triste, não usava batom. Agora... (amargo) Pinta-se. Vai à Colombo. Todos os dias sai. Você me visita apenas. Só vem quando chamo.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(b) “INÉZIA- Está na hora da comida de D. Aninha.

OLEGÁRIO (distráido com o telegrama, custa a falar) Está? (noutro tom) Então dê e... chame Humberto.

INÉZIA- Sim, Senhor.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

Nota-se, nos enunciados acima, que os termos agora e então, prototipicamente temporais, adquirem funções lógicas, atuando como conectores, ocorrendo, então, a polissemia dos termos. Como se pode observar, os itens destacados passam também por alteração categorial, pois abandonam traços de sua categoria clássica, como a possibilidade de movimentação no enunciado, a vinculação ao verbo e a referência temporal, e assumem

características comuns à classe dos conectores, como o posicionamento mais fixo e a vinculação a passagens maiores do enunciado. Cabe ressaltar, no entanto, que, apesar de os termos em questão adquirirem novos traços, não perdem totalmente sua noção temporal, a qual fica apenas enfraquecida e não apagada por completo.

1.3.1 PRINCÍPIO DA UNIDIRECIONALIDADE

O princípio da unidirecionalidade é tido como uma característica básica do processo de gramaticalização. Segundo o mesmo, esta mudança só se dá numa direção específica e não pode ser revertida. Dentro desta perspectiva, enquadra-se a teoria localista (LAKOFF; JOHNSON, 1980) segundo a qual a formação de novas estruturas lingüísticas parte de conceitos espaciais (os quais são fundamentais no plano lingüístico, pois os demais sentidos serão derivados deles), ampliando-se para conceitos temporais e para outros ainda mais abstratos.

Segundo Neves (1997)

“O que de mais geral se pode dizer sobre a gramaticalização é que o processo, dinâmico e histórico na sua essência – embora a interpretação possa ser sincrônica –, é unidirecional, com uma unidade menos gramatical na ponta de partida e uma unidade mais gramatical na ponta de chegada, implicando, portanto, necessariamente codificação nova, e envolvendo, necessariamente, a morfologia. Trata-se da passagem de menor para maior regularidade, e de menor para maior previsibilidade; e, afinal, no percurso de uma regularização, trata-se de uma passagem que torna o falante, num determinado ponto do enunciado, mais sujeito a determinações do sistema, e menos livre pra escolhas nas quais possa exercitar sua criatividade.” (NEVES, 1997, p. 129)

Heine, Claudi e Hünemeyer. (1991) detalham o princípio da unidirecionalidade com a apresentação das seguintes características presentes no processo:

- a) precedência do desvio funcional (conceptual ou semântico) sobre o formal (morfo-sintático ou fonológico);
- b) descategorização de categorias lexicais prototípicas;
- c) possibilidade de recategorização, com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado;
- d) perda de autonomia de um elemento (uma palavra autônoma passa a clítica, um clítico passa a afixo);
- e) erosão ou enfraquecimento formal.

1.3.2 METÁFORA E METONÍMIA

O processo de gramaticalização considera que dificilmente se criam novas formas na língua, mas novos significados frequentemente surgem com a utilização das formas já existentes. Esta situação é identificada por Werner e Kaplan (1963) como *princípio da exploração de velhos meios para novas funções*. Este princípio afirma que conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto, processo que envolve transferência conceptual (*metáfora*), aproximando domínios cognitivos diferentes, motivação pragmática e reinterpretação induzida pelo contexto (*metonímia*) como afirma Traugott e Heine (1991):

“Por meio deste princípio conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Desse modo, entidades claramente delineadas e/ou claramente estruturadas são recrutadas para conceitualizar entidades menos claramente delineadas ou estruturadas, experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relações abstratas em termos de processos cinéticos ou relações espaciais etc.” (TRAUGOTT; HEINE, 1991, p. 150)

A metáfora é, ao longo da trajetória de gramaticalização, um dos processos básicos de transferência de itens de uma categoria a outra. Esta concepção reflete a visão que se teve da metáfora como o grande fator de mudança lingüística ao longo da maior parte do século XX. Tal conceito envolve processo de abstratização. Este se inicia em um significado menos gramatical (mais concreto, como objetos, ações e qualidades), passa por um significado menos concreto (ainda com conteúdo material) e já relacional (parcialmente abstrato), e atinge um significado puramente relacional ao final do processo.

Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) nomeiam a metáfora envolvida na gramaticalização como *metáfora emergente* devido a sua natureza *categorial*. Esta característica propicia que, no processo metafórico, não se formem novas expressões, mas sim ocorra uma extensão de significados das predicções já existentes quando introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações. Desta forma, a metáfora exerce função crucial, pois permite a conceptualização obtida na expressão de um item por outro. Destaca-se, então, que, dentro do processo em questão, são consideradas, segundo Lakoff e Johnson (1980) apenas as *metáforas estruturais* – um conceito é estruturado em termos de outro.

Segundo Traugott e Dasher (2002), a metaforização é principalmente um princípio analógico que envolve a conceptualização de um elemento de uma estrutura a partir de outra estrutura conceptual e, operando entre domínios, o processo é iniciado pela comparação de

“fontes” e “alvos” em diferentes domínios conceituais, embora limitado por relações paradigmáticas de semelhanças e diferenças.

A base metafórica de gramaticalização pode ser observada, também, nas tendências apontadas por Neves (1997, p.133) como caracterizadoras da mudança semântica:

- os significados baseados na situação externa passam a significados baseados na situação interna (avaliativa/ perceptual/ cognitiva);
- os significados baseados na situação externa ou interna passam a significados na situação textual (= coesiva);
- os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação.

Ao lado da metáfora, funcionando também como um fator de mudança semântica, há a metonímia. Esta era considerada uma relação mais “pobre” daquela, limitada geralmente a fenômenos de contigüidade ou associação do tipo parte/ todo, causa/ efeito, por exemplo, sempre referindo-se a espaços físicos. Ullman (1964) dizia que a metonímia é menos interessante do que a metáfora devido ao fato de que tal processo não descobre novas relações, mas apenas torna visíveis relações entre palavras que já tinham alguma conexão entre si. Apesar disso, o autor reconhece o papel da metonímia como um importante fator de mudança.

Lakoff e Johnson (1980) assinalam que a metonímia tem uma função referencial que permite usar uma entidade em substituição a outra e funciona, também, como um mecanismo de entendimento já que aponta especificamente mais do que está sendo referido. Segundo os autores, essas características mostram que os conceitos metonímicos não são arbitrários, mas sistematizados, pois fazem parte de pensamentos, ações e fala, além de poderem ser exemplificados, principalmente através de relações de substituição “da parte pelo todo”, “do produtor pelo produto”, “do objeto usado pelo usuário” etc.

Taylor (1989) vê a metonímia tal qual a metáfora, como uma categoria de extensão de significados, um processo fundamental de associação de significados baseado na contigüidade. Para o autor, o léxico fornece vários exemplos de extensão metonímica, que se instancia quando se perspectiviza algum componente de uma estrutura conceptual unitária, e esse conceito perspectivizado aparece associado a outra entidade. É o que ocorre na gramaticalização, quando elementos de um conceito lexical são associados a elementos referentes ao domínio gramatical.

Segundo Traugott e Dasher (2002), a metonímia deveria ser entendida também como um fenômeno conceitual. Devido a esta perspectiva, a fundamental importância da metonímia foi recentemente apreciada por Barcelona (2000a) que levantou a hipótese de que esta seria provavelmente mais básica para a linguagem do que a metáfora. Construída como um mecanismo conceptual pelo qual “inferências convidadas” no trajeto contínuo e associativo da fala/ escrita vão se semanticizando ao longo do tempo, a metonímia apresenta-se como uma explicação tão rica quanto à metáfora e, em muitos casos, muito mais rica.

Traugott e Dasher (2002) também afirmam que nem a metáfora conceptual tampouco a metonímia conceptual a princípio se excluem: metáforas facilmente compreendidas consistem em associações típicas, ou seja, em metonímias; ambas exploram o significado pragmático, ambas enriquecem o significado. Segundo os autores, corroborando o comentário de Barcelona (2000b), tanto a fonte quanto o alvo de uma metáfora em potencial precisam ser entendidas metonimicamente para que a metáfora seja possível. A metaforização é considerada não apenas como uma limitação mas também frequentemente como o resultado de uma mudança metonímica.

1.4 PROTOTIPICIDADE ADVERBIAL

Os seres humanos usam a língua para categorizar o mundo que os cerca. Segundo o antropólogo Edmund Leach (1964 apud TAYLOR, 1989), a criança percebe o ambiente físico e social como um *continuum* onde não há “coisas” separadas. Posteriormente, é ensinada a aplicar a este meio um tipo de rede de discriminação que serve para distinguir o mundo como um composto de conjuntos de itens separados e etiquetados com um nome. Nesta perspectiva, a realidade é vista como um *continuum* difuso e a categorização realizada é uma convenção ou mesmo aprendizagem.

Partindo dessa premissa, estudiosos tentam, então, propor uma melhor alternativa de classificação desse meio que nos cerca. A proposta de categorização clássica defendida pela gramática tradicional é inspirada em Aristóteles. Trata-se do agrupamento de termos em categorias discretas. Nesta abordagem, as categorias são definidas, primeiramente, por um conjunto de traços comuns a todos os seus membros. Em segundo lugar, os traços categoriais são binários, ou seja, ou um traço pertence a uma categoria ou não pertence. Um terceiro ponto é o fato de que as fronteiras das categorias são limitadas, não havendo possibilidade de compartilhamento de membros entre as categorias. Por último, todos os membros de uma

categoria têm *status* igual, logo, nenhum membro pode constituir melhor exemplo de uma categoria do que outro.

A abordagem com categorias prototípicas, por outro lado, permite uma perspectiva bem diferente da divisão categorial aristotélica. Essa categorização apresenta como principais características: o fato de uma categoria fundir-se gradualmente em outra; nenhuma categoria poder ser definida por uma lista de critérios e características específicas; as entidades serem categorizadas com base em seus atributos e não em construções binárias; as margens entre as categorias encontrarem-se com menor nitidez, permitindo, desta forma, uma movimentação dos membros de uma categoria para outra. Nessa abordagem, trabalha-se com um conjunto de traços binários, definidores do *protótipo categorial*, possibilitando classificar membros mais ou menos categoriais, de acordo com os traços que compartilham em relação ao eixo básico da categoria.

A partir dessa perspectiva, tendo como base o fato de a gramaticalização constituir um processo gradual, cabe salientar o conceito de protótipo como

“o membro (de uma categoria) que ostenta o maior número das propriedades mais caracteristicamente importantes, e todos os demais membros devem ser classificados de acordo com o grau de semelhança com o protótipo, ou seja, de acordo com a distância do ‘pico prototípico’”. (NEVES, 1997, p.138).

É exatamente a limitação pouco rígida das categorias prototípicas que possibilita a inclusão de termos de função mais fluida ou marginal na descrição categorial.

Em relação à classe gramatical dos advérbios de tempo, esta é classificada nos compêndios tradicionais como um grupo de palavras que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, além de serem palavras invariáveis e circunstanciadoras que possuem mobilidade nos enunciados em que estão inseridas. Seria possível dizer que tais características constituem os traços [+ prototípicos], ou seja, traços básicos de todas as palavras que se situam nesta classe. Tais traços poderiam ser estabelecidos, então, da seguinte forma: [+ escopo verbal] e [+ mobilidade]. Em se tratando dos advérbios temporais, objeto de estudo desta pesquisa, acrescentar-se-ia, ainda, o traço [+ referência temporal].

Abordando, nessa perspectiva, os itens assinalados para esta pesquisa, teríamos, como mostra o *Quadro III* em seguida, traços [+ prototípicos] e [- prototípicos] dos itens *agora* e *então*. Salienta-se que o primeiro grupo de traços condiz com a visão dos termos presente na gramática tradicional; já o segundo grupo apresenta traços que reflete a gramaticalização dos mesmos. Os itens analisados foram selecionados por conta de serem, após uma pesquisa-

piloto, dentro do grupo dos advérbios temporais, os com maior frequência de uso. Esta perspectiva está em conformidade com a visão de Bybee (1985 apud CAMPBELL; JANDA, 2000), segundo a qual uma unidade lingüística é melhor lembrada porque sua exposição mais recorrente propicia que o falante a selecione primeiro do que uma unidade equivalente que tenha menos uso.

Quadro III- Traços [+ prototípicos] e [- prototípicos] de agora e então

	<u>Agora</u>	<u>Então</u>
Traços [+prototípicos]	[+escopo verbal] [+mobilidade] [+referência temporal presente] [+ circunstanciação]	[+escopo verbal] [+mobilidade] [+referência temporal] [+ circunstanciação]
Traços [-prototípicos]	[+escopo clausal] [+ fixidez] [+referência temporal passada] [+referência temporal futura] [+conexão] [+marcação discursiva]	[+escopo clausal] [+ fixidez] _____ _____ [+conexão] [+marcação discursiva]

O *Quadro III* acima foi elaborado da seguinte maneira: os traços [+ prototípicos] foram identificados a partir da classificação dos itens nos compêndios de gramática tradicional e representam os traços canônicos dos termos. Desta forma, são traços mais frequentes e ‘naturais’, ou seja, dados não-marcados. Já os traços considerados [-prototípicos] foram identificados a partir da análise funcional dos itens nos textos de compõem os *corpora*. Com isso, ao longo da observação dos dados, os traços identificados que não representassem usos canônicos, por serem dados marcados, foram considerados traços [- prototípicos].

Outro ponto a ser comentado trata da visão de Taylor (2003) sobre a relação de co-extensão que aborda a situação em que dois termos estão disponíveis para a mesma função. Ora, a partir do quadro acima nota-se que, por vezes, agora e então exercem a função de conector, traço este prototípico das conjunções.

Segundo o autor, em situações de uso ocorre um termo *dominante* que é rapidamente mapeado pelo falante e um termo *recessivo* que é mapeado inicialmente em apenas uma

pequena área periférica. Mas, conforme Taylor afirma, se pressionado, o informante pode estender o termo *recessivo* no sentido de cobrir alguns usos do termo *dominante*. Trata-se, então, de uma outra visão interpretativa do quadro em questão.

Observemos, em seguida, alguns exemplos dos itens a serem analisados com os traços apresentados no quadro:

(c) “Ai, Senhor , vo’s ides por vossa morte e aquela besta me fez tanto dano donde me sempre doerei, ca eu havia cinco filhos mui fremosos e os milhores cavaleiros desta terra e, tanto que virom a besta, assi como vo’s a vistes, ouveram sabor de saber o que vo’s em queredes saber e meterom-se abusca-la, assi como vo’s agora fezedes; e eu entam era cavaleiro andante, assim como vo’s agora sodes, e andava com eles.” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

No exemplo (c), temos ocorrências de cada objeto de estudo desta pesquisa. Assinala-se que os traços [+ prototípicos] estão presentes nos usos dos itens assinalados. Todos possuem movimentação nos enunciados, [+ mobilidade], são vinculados ao verbo, [+ escopo verbal], e fazem referência a um momento da enunciação [+ referência temporal]. Há apenas uma variação da característica temporal, ocorrendo o traço [+ referência temporal presente] no item agora e [+ referência temporal passada] no item entam.

(d) “Como Gregório temia, o presidente foi vaiado quando o locutor do Jockey Club anunciou, pelos alto-falantes, sua chegada. O presidente fingiu não tomar conhecimento dos apupos que vinham das tribunas especiais. Das tribunas populares não veio nenhum aplauso, nenhum apoio. Então é assim que o povo trata o doutor Getúlio?, pensou Gregório. Depois de todos os sacrifícios que fizera e fazia pelos pobres e humildes?” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

Em (d), então também apresenta o traço [+ fixidez], a sua referência temporal está quase nula e o termo funciona como [+ conexão], pois articula um elo conclusivo entre a informação que o falante dá no início, “Das tribunas populares não veio nenhum aplauso, nenhum apoio”, e a sua conclusão a respeito do tema, “Então é assim que o povo trata o doutor Getúlio?”.

Registra-se que a variedade funcional que os advérbios possuem é um assunto abordado por diversos autores. De uma maneira geral, é a possibilidade de deslocamento

dentro das sentenças que propicia o uso adverbial com funções que não constituem as prototipicamente conhecidas. Devido a sua mudança de posição, ao advérbio passa a ter um escopo diferente, ou seja, passa a atuar sob diferentes passagens do enunciado em que está inserido, apresentando, desta forma, um caráter polissêmico.

Ilari (1990) corrobora o papel funcional do deslocamento adverbial e assinala que o advérbio constitui um dos itens paradigmáticos em várias posições do enunciado.

“A posição que os advérbios ocupam na frase corresponde a alguns paradigmas (...) que se definem funcionalmente e que correspondem a várias propriedades de ordem sintática e semântica. Para cada paradigma, há geralmente uma posição preferencial, sendo outras posições possíveis por ‘deslocamento’ (...) o deslocamento dessa posição preferencial para outras posições obedece principalmente à necessidade de precisar o escopo do advérbio, mas pode eventualmente explicar-se por razões de informatividade ou interesse discursivo; um mesmo ‘advérbio’ pode aparecer nos vários paradigmas, assumindo as funções características de cada um; pode-se falar nesse sentido de polissemia da maioria dos advérbios e, numa outra ótica, de economia da língua (já que a língua reutiliza os mesmos meios lexicais multiplicando as suas funções); a posição depende, em cada caso, da função que ao advérbio exerce ao mesmo tempo que contribui para identificar essa função.” (ILARI, 1990, p. 134-135)

Para Kato (1987 apud TARALLO, 1990) os advérbios são elementos que podem ocorrer entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o objeto por sua natureza quase clítica. Ocupando, então, segundo a autora, posições multifuncionais, competiriam com elementos prototípicos dessas posições por estabelecerem, neste caso, as mesmas funções que eles.

“os elementos que ocupam as posições entre o sujeito e o verbo, e também aquela entre o verbo e o objeto, teriam funções próprias das posições não argumentais (-A), periféricas à sentença, posições essas denominadas ‘margens’ por Castilho (1987). Seriam funções como as de tópico, de foco e de modalizador. Assim, da mesma forma que nas margens, temos nos locais de ruptura posições multifuncionais, onde ocorre uma competição entre elementos com função topical, focal, modalizadora, entre outras.” (KATO, 1987b apud TARALLO, 1990, p.36)

Outro ponto imprescindível, ao falar sobre a variedade funcional dos advérbios, é a questão de sua dêixis. Ilari (1990) é um dos autores que aborda o assunto, assinalando que advérbios tradicionalmente conhecidos como de tempo e de lugar exercem usos bastante variado devido à sua possibilidade dêitica, o que os permite possuírem propriedades sintáticas e distribucionais próprias, diferenciando-os dos outros ‘advérbios’.

O autor considera que os dêiticos têm comportamento sintático idiossincrático, aconselhando, por isso, a tratá-los como uma classe a parte na Gramática do Português Falado. Com relação aos itens *agora* e *então*, chamados por Ilari de dêiticos-anafóricos, o estudioso ressalta que tais termos possam por um esvaziamento de sua dimensão temporal, ao assumir funções mais discursivas:

“Não nos causa estranheza encontrar em funções discursivas precisamente os elementos dêitico-anafóricos. Entre a dêixis propriamente dita, e anáfora, e entre a anáfora e operações discursivas há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência. À seqüência e referência espaço-temporal se substituem assim outras séries, que incluem a continuidade temática, a continuidade de tópico e a continuidade e ordenação da argumentação.”(ILARI, 1990, p. 83)

Ilari (1990) também salienta que são de origem dêitica alguns dos principais operadores discursivos. Segundo o autor, os dêiticos em função coesiva – agora e então – são os únicos itens apresentados que aparecem normalmente na posição inicial da sentença, eventualmente depois de um conectivo intersentencial. Os seguintes exemplos são fornecidos para ilustrar essa situação:

(e) “Quando não é dia do meu marido ir para a faculdade... eu fico por Pinheiros e volto para casa agora em dois dias por semana... eu levo faculdade também... não é?”

(f) “depois volto para casa mas chego já apronto o outro para ir para a escola... o menorzinho... e fico naquelas lides domésticas e uma coisa e outra... e... agora à tarde vão dois para a escola”

(g) “já é alguma coisa que eles fazem porque... já ajudam bem... agora tem sempre numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor”

(h) “Mas não é propaganda não é coisa nenhuma, agora o que eu acho é o seguinte”

(i) “foi que seu irmão gravou é agora, de modo que isso é importante agora é uma coisa muito curiosa, porque eles não são cultos”

(j) “90% das pessoas morrem na cama... então é o lugar mais perigoso”

(l) “a cada desvantagem corresponde uma vantagem também... então nós temos os ventos alísios que vêm aqui”

(m) “mas então há esse problema então a coisa se agrava”

(n) “e quando ele tava morrendo procuravam a vela... porque tudo se ajuda até morrer... então... procuravam a vela e não encontravam”

Nota-se que os itens *agora* e *então*, assinalados nas frases acima, propiciam um elo discursivo entre os enunciados. Não se trata de conectivos que fazem uma mera ligação entre as passagens fornecidas, pois, muitas vezes, como confirmam os exemplos (g) e (n) os termos são colocados posteriormente às palavras que fazem essa ligação.

1.5- ELEMENTOS DE CONEXÃO

Alguns dos traços [-prototípicos] que podem vir a ocorrer nos itens analisados neste trabalho são [+ conexão] e [+ marcação discursiva]. Logo, cabe comentar, neste subcapítulo, os conceitos e critérios destes dois usos.

Dada a variedade de tratamento fornecido por vários autores acerca do conceito e das funções de *operador argumentativo*, *operador discursivo*, *marcador conversacional* e *conectivo*, propõe-se, nesta pesquisa, que, ao se afastar da função de circunstanciador verbal, os termos *agora* e *então* podem migrar para duas classes: a dos *conectores*, formando um grupo de recursos voltados para a conexão de idéias no enunciado que, equivalendo às tradicionais conjunções, exerce, como estas, função causal, adversativa, aditiva e/ou conclusiva; ou a dos *marcadores discursivos*, numa função mais pragmática, voltada para a construção textual-interativa.

Ressalta-se que a nomenclatura de marcadores discursivos foi escolhida com base no conceito de Castilho (1987 apud ILARI ET AL., 1990) o qual assinala a existência de “margens” nas unidades discursivas:

“as margens veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo ou contêm instruções que orientam a interação e organizam as formas do desenvolvimento temático. A margem esquerda orienta-se para a elaboração do assunto: ela tematiza o núcleo e preside a organização textual da unidade discursiva (UD). A margem direita orienta-se para o interlocutor, através dos fáticos ou então oferece espaços para os segmentos ideados posteriormente à expressão do núcleo (*afterthoughts*) e para os antitípicos. As margens representam como que os andaimes da construção linguística, deixando os processos de sua constituição. Elas receberão aqui o nome de marcadores discursivos.” (CASTILHO, 1987 apud ILARI ET AL., 1990, p. 123)

Outro ponto de relevância em relação às categorias propostas para a análise é o fato de que estas não constituem grupos fechados e sim prototípicos. Trata-se de uma característica importante, pois há exemplos, no *corpus*, que podem transitar em mais de uma categoria. Logo, as funções apresentadas possuem pontos de interseção que possibilitam uma maior flexibilidade na análise das ocorrências.

1.6- TIPO DE TEXTO E GÊNERO TEXTUAL

Para o desenvolvimento da pesquisa é imprescindível especificar os tipos e gêneros textuais que serão trabalhados no *corpus*. Ocorre que, no que diz respeito a estes termos, há certa variedade de visões entre os lingüistas.

Maingueneau (2001) afirma que todo texto pertence a uma categoria do discurso, ou seja, a um *gênero de discurso* e exemplifica o conceito com rótulos como “epopéia”, “*vaudeville*”, “editorial”, “*talk show*” etc. As categorias do discurso correspondem a necessidades da vida cotidiana, associando, por isso, os gêneros de discurso a dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estiverem presentes. O gênero de relatório de estágio, por exemplo, supõe a existência de empresas e estudantes que buscam experiência profissional, de professores para aplicar e avaliar as tarefas escritas e, acima de tudo, de todo um sistema de ensino aberto ao mundo do trabalho. Pode-se dizer o mesmo do gênero “*fait divers*”, que aparece nas sociedades em que há uma imprensa escrita de grande tiragem; num vilarejo, por outro lado, o boato seria suficiente para divulgar as notícias.

Segundo o autor, os gêneros do discurso são úteis por dois motivos: constituem um fator de considerável já que os falantes dominam suas variadas estruturas facilitando, com isso, a comunicação; e sendo partilhadas pelos membros de uma coletividade, a competência genérica permite *assegurar* a comunicação verbal.

Um aspecto relevante comentado pelo estudioso é o fato de que todo gênero de discurso está associado à certa organização textual dominada pelos falantes. Estes, ao dominar um gênero do discurso, têm a consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores.

Bakthin (2003) faz uso da expressão *gênero de discurso* da mesma forma que Maingueneau (2001). Ele considera que o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no

todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação. Ressalta-se, neste contexto, que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, denominados *gêneros de discurso*.

O lingüista assinala que a riqueza e diversidade dos gêneros de discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Os gêneros do discurso, de acordo com esta perspectiva, dividem-se em: *gêneros primários* (o diálogo do cotidiano, o relato do dia-a-dia, a carta, o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, os documentos oficiais) e *gêneros secundários* (as manifestações publicitárias, as manifestações científicas e os gêneros literários).

A diferença entre os gêneros primários e secundários não seria funcional, mas organizacional:

“Os gêneros discursivos secundários (...) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sóciopolítico etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como a réplica do cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas) mas a diferença deles é um enunciado secundário (complexo).” (BAKHTIN, 2003, p. 263-264)

Os gêneros do discurso, em última instância, organizam o discurso do falante. Este aprende a moldar o seu discurso em formas de gêneros e, quando ouve o discurso alheio, já tem idéia de qual tipo de gênero será utilizado pela organização composicional aplicada. Neste contexto, segundo Bakhtin, se os gêneros do discurso não existissem e os falantes não os dominassem, se tivessem que criá-los pela primeira vez no processo discursivo, de construí-los a cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Charaudeau (2008) utiliza uma nomenclatura diferente para tratar do assunto. Em vez de usar *gêneros do discurso*, ele usa a expressão *modos de organização do discurso* para se referir aos procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias da língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação. Existem, nesta

perspectiva, quatro modos de organização: o Enunciativo¹, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo.

O autor, lingüista da linha da Análise do Discurso, assinala que cada um desses modos de organização possui uma *função de base* e um *princípio de organização*. A *função de base* corresponde à finalidade discursiva do locutor, a saber: O que é “enunciar”? O que é “descrever”? O que é “contar”? e o que é “argumentar”?

Em relação ao princípio de organização, o lingüista afirma que este ocorre de forma dupla para os modos de organização Descritivo, Narrativo e Argumentativo já que cada um desses modos propõe, ao mesmo tempo, uma *organização do “mundo referencial”* – o que resulta em *lógicas de construções* desses mundos (descritiva, narrativa, argumentativa) – e uma *organização* de sua “*encenação*” (descritiva, narrativa, argumentativa).

O Modo Enunciativo tem uma função particular na organização do discurso, pois, por um lado, tem a vocação de dar conta da posição do locutor em relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros – o que resulta na construção de um *aparelho enunciativo*; por outro lado, devido a essa mesma vocação, esse Modo interviria na encenação de cada um dos outros três Modos de organização. É por isso que se pode dizer que o Modo Enunciativo comanda os demais.

¹ Os termos *Enunciativo*, *Descritivo*, *Narrativo* e *Argumentativo* estão com letra maiúscula como no original.

Quadro IV- Modos de organização do discurso

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU? TU)	? Posição em relação ao interlocutor
	Ponto de vista do sujeito (EU? ELE)	? Posição em relação ao mundo
	Retomada do que já foi dito (ELE)	? Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva/ subjetiva	? Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar)
	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato	? Encenação descritiva ? Organização da lógica narrativa (actantes e processos)
NARRATIVO	Expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	? Encenação narrativa ? Organização da lógica argumentativa ? Encenação argumentativa
ARGUMENTATIVO		

Em relação ao Modo de organização Enunciativo, Charaudeau assinala que tal Modo não deve ser confundido com a Situação de Comunicação uma vez que nesta encontram-se *parceiros* do ato de linguagem, ou seja, seres sociais externos à linguagem, enquanto naquele localizam-se *protagonistas*, em outras palavras, seres de fala, internos à linguagem. Além disso, o autor também ressalta que se deve diferenciar a Modalização – categoria da língua – do Modo Enunciativo – categoria do discurso.

Quanto ao Modo de organização Descritivo, o autor afirma que este modo possui três tipos de componentes, os quais são, ao mesmo tempo, autônomos e indissociáveis: *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar*. *Nomear*, nesta perspectiva, consiste em dar existência a um ser através de uma dupla operação: perceber uma diferença na continuidade do universo e simultaneamente relacionar essa diferença a uma semelhança, o que constituiria o princípio da classificação. *Localizar-situar*, por sua vez, é determinar o lugar que um ser ocupa no espaço

e no tempo e, por um efeito de retorno, atribuir características a este ser na medida em que ele depende, para sua existência, para sua função, ou seja, para sua razão de ser, de sua posição espaço-temporal. *Qualificar*, por outro lado, é construir classes e subclasses de seres, atribuindo-lhes, de maneira mais ou menos objetiva, um sentido particular.

Salienta-se que, segundo Charaudeau, o Descritivo é um modo de organização que não se fecha, em si, por uma lógica interna, como o são outros modos. Isso explicaria, por exemplo, porque é possível fazer um resumo de um relato ou de uma argumentação, e não de uma descrição.

O Modo de organização Narrativo, segundo o autor, caracteriza-se por uma dupla articulação:

? a construção de uma sucessão de ações segundo uma lógica (lógica acional) que vai constituir a trama de uma história (em sentido restrito) chamada de *organização de lógica narrativa*;

? a realização de uma representação narrativa, isto é, daquilo que faz com que essa história e sua organização acional tornem-se um universo narrado chamada de *organização da encenação narrativa*.

Fazendo uma comparação entre o modo Descritivo e o modo Narrativo, o lingüista ressalta que enquanto o primeiro organiza o mundo de maneira *taxinômica* (classificação dos seres vivos do universo), *descontínua* (nenhuma ligação necessária entre os seres entre si nem as propriedades entre elas) e *aberta* (nem começo nem fim necessários), o último faz essa organização de maneira *sucessiva* e *contínua*, numa lógica cuja coerência é marcada por seu próprio fechamento (princípio/ fim).

O Modo de organização Argumentativo, por sua vez, tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e razão persuasiva:

? a razão demonstrativa baseia-se num mecanismo que busca estabelecer relações de causalidades diversas. Essas relações se estabelecem através de procedimentos que constituem o que o autor chama de *organização da lógica argumentativa*. Seus componentes estão ligados, ao mesmo tempo, ao sentido das asserções, aos tipos de relações que as unem e aos tipos de validação que as caracterizam;

? a razão persuasiva baseia-se num mecanismo que estabelece a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as relações umas às outras. Segundo o autor, esse mecanismo depende muito

particularmente de procedimentos de encenação discursiva do sujeito argumentante, razão pela qual é chamado de *encenação argumentativa*.

Cabe salientar que o estudioso ressalta que os modos de organização discursiva dificilmente aparecerão isolados uns dos outros: “não existe, ao menos em se tratando de linguagem como fenômeno de significação, estrutura em estado puro. Toda estrutura, para significar, necessita receber *sentido*. E, a partir deste instante, a estrutura vacila em sua imutabilidade, transforma-se e torna-se outra.” (CHARAUDEAU, 2008, p.159). Em outro momento o autor assinala que “um texto é sempre heterogêneo do ponto de vista de sua organização. Ele depende, por um lado, da situação de comunicação na qual e para qual foi concebido e, por outro lado, das diversas ordens de organização do discurso que forma utilizadas para construí-lo” (CHARAUDEAU, 2008, p.109). Verifica-se, com isso, que seqüências de diferentes modos discursivos misturam-se com o propósito de estabelecer uma unidade significativa.

Charaudeau (2008) traz, também, uma interessante compilação de matérias de diferentes gêneros textuais. Para ele, os gêneros textuais tanto podem coincidir com um Modo de discurso que constitui sua organização dominante quanto resultar da combinação de vários desses modos como mostra o *Quadro V* a seguir.

Quadro V- Correspondência entre modos de discurso e gêneros textuais

GÊNEROS	MODOS DE DISCURSO DOMINANTES	OUTROS MODOS DE DISCURSO
Publicitários	? Enunciativo (Simulação de diálogo) ? Variável; ? Descritivo no slogan	Narrativo (quando se conta uma história) E Argumentativo , nas revistas especializadas
Imprensa		Enunciativo
- “Fait divers”	? Narrativo e Descritivo	Pode haver apagamento ou intervenção do jornalista
- Editoriais	? Descritivo e Argumentativo	
- Reportagens	? Descritivo e Narrativo	
- Comentários	? Argumentativo	
Panfletos políticos	? Enunciativo (Apelo)	Descritivo (Lista de reivindicações) Narrativo (ação de realizar)
Manuais escolares	? Variável segundo as disciplinas, mas com a onipresença do Descritivo e do Narrativo	Enunciativo (nos comandos das tarefas) Mais Argumentativo em algumas disciplinas (matemática, física etc)
De informações		
- receitas	? Descritivo	
- informações técnicas	? Descritivo e Narrativo (fazer)	
- regras de jogos	? Descritivo e Narrativo	
Relatos		Enunciativo
- romances		Intervenção variável do autor-narrador segundo o gênero
- novelas, contos	? Narrativo e Descritivo	(autobiografia, depoimento, notícia etc)
-de imprensa		

Pode-se verificar neste quadro a variedade de modos de discurso que aparecem nos diferentes gêneros textuais. O gênero publicitário, por exemplo, caracteriza-se pela combinação de vários Modos de organização, com uma tendência mais marcada para o

Descritivo e o Narrativo, quando se trata de publicidade de rua (cartazes) ou de revistas populares, recorrendo ao modo argumentativo quando se trata de publicidades encontradas em revistas técnicas especializadas. O mesmo ocorre com a Imprensa em geral, onde se encontram gêneros com tendência descritiva e narrativa (relatos, reportagens, “fait divers”) e outros com tendência argumentativa (comentários e análises). O gênero publicitário, entretanto, é essencialmente organizado segundo um modo Argumentativo, mas pode conter passagens descritivas e narrativas.

Marcuschi (2002) apresenta uma visão histórica do assunto ao afirmar que Aristóteles (1358a apud MARCUSCHI, 2002) foi o primeiro a apresentar uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. O filósofo afirmava que haveria três elementos que compõem o discurso: **(a)** aquele que fala; **(b)** aquilo sobre o que se fala e **(c)** aquele a quem se fala. Haveria, também, neste contexto, três tipos de *ouvintes* que operam: (i) como expectador de olha o presente; (ii) como assembléia que olha o futuro e (iii) como juiz que julga sobre coisas passadas. E a estes três tipos de julgamento Aristóteles associava três gêneros de discurso retórico: (i) *discurso deliberativo*; (ii) *discurso judiciário* e (iii) *discurso demonstrativo*.

Quadro VI- Os três gêneros do discurso segundo Aristóteles

Gênero	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judiciário	Juízes	Passado (fatos a julgar)	Acusar; Defender	Justo; Injusto	Entinema (dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil; Nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidítico	Espectador	Presente	Louvar; Censurar	Nobre; Vil	Amplificação

A função do *discurso deliberativo* seria para aconselhar/ desaconselhar, e voltar-se-ia para o futuro por ser exortativo por natureza. Já o *discurso judiciário* teria a função de acusar ou defender e refletir-se-ia sobre o passado. E o discurso demonstrativo, por sua vez, apresentaria caráter epidítico, ou seja, de elogio ou censura, situando-se na ação presente.

Marcuschi garante que a língua vai assumindo formas de organização que correspondem à atuação social dos falantes em suas interações. Essa diversidade de atividades languageiras vai se cristalizando em formas textuais chamados *gêneros*. E os gêneros textuais transformam-se em instrumentos de ação social.

Ainda segundo o autor, hoje o estudo de gêneros textuais é multidisciplinar,

englobando uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tentando responder a questões de natureza sócio-cultural no uso da língua de uma maneira geral.

“Uma das teses centrais aqui é a de que **é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.** Daí a centralidade da noção de **gênero textual** no trato da produção lingüística. Em conseqüência estamos submetidos a uma tal variedade de gêneros textuais, aponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros. (...) **Quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.**” (MARCUSCHI, 2002, p.29)

Marcuschi corrobora a fala de Bronckart (1999, p.103), segundo o qual “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Observa-se, com isso, que os gêneros textuais situam-se numa relação histórico-discursiva funcionando como formas de legitimação discursiva.

Ressalta-se que, pela visão de Marcuschi, não cabe uma discussão acerca da nomenclatura mais ou menos correta. Para ele, as expressões “*gênero textual*”, “*gênero discursivo*” ou “*gênero do discurso*” podem ser usadas intercambiavelmente sem nenhum prejuízo. O autor fornece, também, conceitos específicos – que serão utilizados como base conceitual nesta pesquisa – para *tipo textual*, *gênero textual* e *domínio discursivo*.

“**Tipo textual** designa ma espécie de seqüência retórica subjacente definida pela **natureza lingüística** de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências lingüísticas (seqüenciação de enunciados, um modo retórico) do que como textos materializados; a rigor, são **modos textuais**. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: **narração, argumentação, exposição, descrição, injunção**. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. Os tipos textuais constituem seqüências estruturais subjacentes na composição de um gênero.

Gênero textual refere os **textos materializados em situações comunicativas recorrentes**. Os gêneros textuais são os textos concretizados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam **padrões sócio-comunicativos característicos definidos** por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos dos gêneros textuais seriam: **telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por**

computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Domínio discursivo constitui muito mais uma ‘esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: **discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso** etc). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos cõo práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.” (MARCUSCHI (s/d, p.4-5)

Logo, com o intuito de direcionar a análise dos objetos de estudo desta pesquisa, faz-se necessário selecionar e esclarecer a escolha da tipologia e do gênero textual a serem utilizados ao longo deste trabalho.

Primeiramente, é importante atentar que não se confundam os conceitos de texto e discurso. Segundo Marcuschi (2002), “texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual” ao passo que “discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.

Neste projeto, parte-se do pressuposto básico defendido por Bakhtin (2003) de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, parte-se da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Marcuschi (2002) diferencia tipo textual de gênero textual afirmando:

“Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)... Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23)

O autor elabora um interessante quadro sinóptico da dicotomia tipo textual/gênero *textual*:

Quadro VII- Dicotomia tipo textual/ gênero textual

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1- constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1- realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2- constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos;	2- constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3- sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3- sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4-designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4- exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de comprar, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Pelo *Quadro VII*, observamos que o gênero textual  , então, um fenômeno histórico, profundamente vinculados à vida cultural e social. Situa-se e integra-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolve. Além disso, caracteriza-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais, diferentemente do tipo textual, que apresenta peculiaridades lingüísticas e estruturais.

Outro ponto relevante a ser comentado sobre o gênero textual é o fato deste tipo de material estar em constante evolução no que concerne ao surgimento de novos gêneros, refletindo, assim, a própria trajetória da sociedade. Exemplo desta ocorrência é o advento do *e-mail* que, de certa forma, redefiniu a relação entre oralidade e escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras.

No que diz respeito ao tipo de texto, verifica-se que se trata de um conjunto de traços lingüísticos e estruturais predominantes.   por este motivo, então, que não se deve dizer que um texto   narrativo, argumentativo ou descritivo, mas sim que é predominantemente

narrativo, predominantemente argumentativo ou predominantemente descritivo. Um texto é, em geral, tipologicamente heterogêneo.

Neste contexto, o autor assinala, ainda, que a heterogeneidade tipológica é muito comum em qualquer gênero textual. Como já foi dito anteriormente, entre as características básicas dos tipos textuais está o fato de eles serem definidos por seus traços lingüísticos predominantes. Desta forma, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma seqüência e não um texto. Marcuschi (2002) afirma que

“A rigor, pode-se dizer que o segredo da coesão textual está precisamente na habilidade demonstrada em fazer essa ‘costura’ ou tessitura das seqüências tipológicas como uma armação de base, ou seja, uma malha infra-estrutural do texto. Como tais, os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por seqüências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas mas relacionadas entre si. Quando se nomeia um certo texto como ‘narrativo’, ‘descritivo’ ou ‘argumentativo’, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de seqüência de base.” (MARCUSCHI, 2002, p.27)

O autor toma por base para identificar os tipos textuais existentes a sugestão de Werlich (1973 apud MARCUSCHI, 2002) que propõe uma matriz de critérios como característica de tipologias textuais, partindo de estruturas lingüísticas típicas dos enunciados que formam a base do texto. Werlich toma a base temática do texto representado pelo título ou pelo início do texto como adequada à formulação da tipologia. Assim, são desenvolvidas as cinco bases temáticas textuais típicas que dão origem aos tipos textuais como apresenta o *Quadro VIII* abaixo:

Quadro VIII- Bases temáticas segundo Werlich

Bases temáticas	Exemplos	Traços lingüísticos
1. Descritiva	“Sobre a mesa havia milhares de vidros.”	Este tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples com um verbo estático no presente ou imperfeito, um complemento e uma indicação circunstancial de lugar.
2. Narrativa	“Os passageiros aterrissaram no meio de Nova York no meio da noite.”	Este tipo de enunciado textual tem um verbo de mudança no passado, um circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, este enunciado é designado como enunciado indicativo de ação.
3. Expositiva	(a) “Uma parte do cérebro é	Em (a) temos uma base nominal denominada de

	o córtex.”	exposição sintética pelo processo da composição.
	(b) “O cérebro tem 10 milhões de neurônios.”	Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos. Em (b) temos uma base nominal denominada de exposição analítica pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como “contém”, “consiste”, “compreende”) e um complemento que estabelece como sujeito uma relação parte-todo. Trata-se de um enunciado de ligação de fenômenos.
4.Argumentativa	“A obsessão com a durabilidade nas Artes não é permanente.”	Tem-se aqui uma forma verbal com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade.
5.Injuntiva	“pare!”, “seja razoável!”	Vem representada por um verbo no imperativo. Estes são os enunciados incitadores à ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir por exemplo a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um “deve”. Por exemplo, “Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino devem comparecer ao exército para alistar-se.”

Segundo Marcuschi (2002), então, existem cinco tipos textuais, os quais apresentam traços característicos particulares. O autor assinala que o elemento central na organização de *textos narrativos* é a seqüência temporal; no caso de *textos descritivos*, existe a predominância das seqüências de localização; os *textos expositivos* apresentam a ocorrência maior de seqüências analíticas ou explicitamente explicativas; os *textos argumentativos* se dão pela existência mais freqüente de seqüências contrastivas explícitas; e os *textos injuntivos*

apresentam o predomínio de seqüências imperativas.

Utilizar-se-á, portanto, para a feitura desta pesquisa as seqüências tipológicas identificadas e caracterizadas por Marcuschi (2002) com base em Werlich (1973 apud MARCUSCHI, 2002).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS

O conceito dado, pelas gramáticas tradicionais, ao grupo de palavras classificado como advérbio é bastante parecido:

“Advérbio é a expressão modificadora que denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.). (...) O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda a um adjetivo, a um advérbio ou a uma declaração inteira.(...) O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis;” (BECHARA, 1972, p. 152)

“O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo. (...) A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas. Assim os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido de um adjetivo ou de um advérbio. (...) Salieta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda oração”. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 529-530)

Nota-se que os autores consideram como função básica do advérbio a modificação do verbo. No entanto, também afirmam que tal modificação pode ocorrer em relação ao adjetivo ou a outro advérbio. Ora, como se pode apresentar o conceito de uma classe de palavras utilizando a própria classe como explicação?

A problemática desses conceitos é verificada por Perini (1998), que atesta que a classe dos advérbios encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente. Além disso, o autor comenta que os advérbios estão muito pouco estudados em seu conjunto pelas gramáticas e possuem definição equivocada. “A definição tradicional fala da propriedade de ‘modificar’ itens de outras classes – ou mesmo de

‘modificar o próprio advérbio’, o que introduz na definição um elemento de circularidade que a inviabiliza”. (PERINI, 1998, p. 338)

Bonfim (1988) também questiona a impressão inicial de uniformidade que a classe possui conforme o conceito de “classe de palavras invariáveis que modificam o verbo”.

Neves (2000) apresenta uma conceituação diferenciada em relação às gramáticas tradicionais no que diz respeito ao advérbio. A autora mostra o conceito da classe em questão com base em critérios de classificação distintos: “De um ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável. (...) De um ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo”. (NEVES, 2000, p.233-234)

Ilari (1992), por fim, não chega a fornecer um novo conceito para o advérbio. Entretanto, sugere uma classificação muito diferente da existente canonicamente. Há, neste contexto, uma divisão básica dos advérbios segundo dois eixos: o eixo semântico (conforme seu papel como predicador ou não) e o eixo sintático (conforme seu grau de conexão com o verbo).

“O eixo semântico implica em reconhecer que os advérbios desempenham dois papéis semânticos básicos, o da predicação e o da não-predicação. São advérbios predicativos os Qualitativos, os Intensificadores, os Modalizadores e os Aspectualizadores. São advérbios não-predicativos os de Verificação de re e de dicto (=Afirmção, Negação, Focalização) e os Circunstanciais.(...) O eixo sintático implica em discriminar os Advérbios de Constituinte e os Advérbios de Sentença, definidos segundo seu grau de maior ou menor conexão com o verbo”. (ILARI, 1992, p. 216)

2.2 ADVÉRBIOS DE TEMPO

Os advérbios de tempo são assinalados por Neves (2000, p.256), juntamente com os advérbios de lugar, como “categorias que fazem orientação por referência ao falante e ao **aqui-agora**, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”. As duas classes são de tal maneira interligadas que a autora afirma ser fácil o trânsito de uma para outra como nos exemplos:

(o)“Domínico e Bento saíram para o copiá e lá ficaram de boca fechada à espera de qualquer coisa. Foi *aí* que eles ouviram um choro alto”.

(p)“*Depois* da sala de jantar vinha um terraço espaçoso”.

Nota-se que no primeiro exemplo, *aí*, originalmente advérbio de lugar, refere-se a tempo. No segundo enunciado ocorre o oposto, *depois*, originalmente advérbio de tempo,

refere-se a lugar. Evidencia-se, com essas passagens, a trajetória da gramaticalização, na qual a referência de lugar é anterior a de tempo e esta anterior a de texto – espaço > tempo > texto – e mesmo havendo a transposição de uma categoria para outra os termos gramaticalizados ainda apresentam traços de sua origem.

Ilari (1992), por sua vez, considera que, tanto os advérbios de lugar quanto os de tempo têm um estatuto particular, que a gramática tradicional não tem avaliado. Por expressarem circunstâncias, tais advérbios não têm capacidade de modificar o verbo. Por outro lado, considerando-se o advérbio um indicador de circunstância, esses dois grupos são advérbios perfeitos.

“De fato, se o advérbio se define como modificador do verbo (ou, ainda, do adjetivo e do advérbio), como ocorre tradicionalmente, os circunstanciais não pertencem à classe, já que nenhum advérbio de tempo ou de lugar realmente modifica o expresso no verbo. Por outro lado, se o advérbio se define como a palavra que indica circunstância, conforme também ocorre tradicionalmente, os circunstanciais são advérbios por excelência”. (ILARI, 1992, p.263)

Este trabalho propõe, em seguida, apresentar as principais classificações existentes tanto nas gramáticas tradicionais quanto em outras perspectivas de estudo em relação aos advérbios selecionados para esta pesquisa: agora e então. Ressalta-se que tais termos foram selecionados por apresentarem maior produtividade no grupo dos advérbios temporais.

2.2.1 O ADVÉRBIO agora

Câmara Jr. (1979, p.122) assinala que a classe dos advérbios é de “extrema mobilidade semântica e funcional”. Em seu estudo diacrônico deste grupo de palavras, apresenta a evolução de agora. *Nunc*, que significava, no latim clássico, “neste momento”, foi substituído, no latim vulgar, por vezes, pela locução ablativa *ac hora* e, por outras, somente pelo ablativo *hora*. *Ac hora* e *hora* originaram, no português, respectivamente, agora e ora. Ressalta-se, neste ponto, que apesar de os autores informarem que o termo *nunc* é correspondente de agora no latim, tal item não foi considerado nos padrões teóricos desta pesquisa origem real de evolução do termo atual. Daí, não foi considerado na parte de análise.

Kury (1960), além de considerar o termo advérbio de tempo, também assinalava-o, como palavra denotativa de situação (“Prometi aguardar-te; agora não me decepciones”).

Cunha e Cintra (1985) consideram o item em questão, primeiramente, advérbio de tempo e, posteriormente, palavra denotativa de situação juntamente com *afinal*, *então*, *mas*, etc. Os autores não apresentam exemplos de agora para esta última classificação, mas pelas

outras exemplificações que trazem, tais como: “Desculpe-me...*Mas* sente-se mal?” , pode-se supor que se trata de um operador discursivo. Tal suposição tem possibilidade de confirmação, pois, além da interpretação que pode ser feita neste último exemplo dado, os próprios autores não conseguem classificar *agora* e os outros termos mencionados dentro da classe dos advérbios: “... tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil.” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 541) Observa-se, neste comentário, o quanto de limitação a classificação clássica aristotélica impõe à categorização lingüística.

Mattos e Silva (1989) incluem o termo arcaico *ora* no grupo denominado *temporais dêiticos* – conjunto de expressões que indicam posições no eixo temporal a partir de um momento específico que se refere ao emissor e ao presente. Nesta análise, a autora assinala que *ora* indica o momento presente do enunciado, substituindo o sintagma nominal *neste momento*; vincula-se ao verbo no presente e, excepcionalmente, com o verbo no perfeito, expressando um fato há pouco acabado, um passado recente, portanto. Como características principais do termo são assinalados, neste estudo de Mattos e Silva, os traços [+ punctual], [+ presente] e [+ perfectivo].

Ilari (1990) afirma que alguns advérbios, particularmente dêiticos, podem aplicar-se a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também da sentença. Neste contexto, o autor fornece o advérbio *agora* que, segundo ele, pode ser aplicado a segmentos de amplitude e natureza lingüística diferentes como pode ser observado nos exemplos que se seguem:

(q) “Por enquanto não [têm esses problemas de juventude] porque... as mais velhas estão entrando *agora* na adolescência.”

(r) “Então é um corre-corre realmente, não é?... *Agora* eu assumi também uma secretaria na APM... lá do colégio das crianças, então tenho muita tarefa também fora de casa, não é?”

(s) “— *Agora que estão todos maiores*, quer dizer, cada um fica mais ou menos responsável por si.

— Já se cuidam

— de higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que eles fazem porque...

- Ajuda demais, né?
- Já ajudam bem.
- Agora, tem sempre [...] numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação.”

Segundo o autor, nos exemplos (q), (r) e na primeira ocorrência de (t) agora se restringe à predicação – indicando que a ação se realiza no momento da enunciação – ou à sentença toda – estabelecendo para a ação ou estado referidos um quadro genérico de referência temporal que inclui o momento da enunciação mas se estende além dele. Quanto à segunda ocorrência de agora em (s), esta introduz um novo momento no discurso que se distingue do anterior por uma mudança de tópico ou de orientação discursiva, no trecho que a precede, a iniciativa das crianças é vista numa perspectiva otimista; já no trecho que começa com agora essa perspectiva é corrigida no que diz respeito a um caso particular que deve ser considerado; no próximo momento, passam a ser assunto do diálogo as atitudes repressivas da filha mais velha em relação aos irmãos.

Rocha Lima (1992) limita-se a classificar agora como advérbio de tempo.

Neves (2000), que também trabalha com dados da língua em uso, aborda igualmente a ampliação temporal que o advérbio agora pode apresentar. Nesta visão, porém, o tempo em questão é não-cronológico, sem ligação com o calendário.

“Os **advérbios** não ligados a escalas concretas de mediação, como **AGORA**, não exprimem momento ou período fisicamente delimitado; apresentam variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual), mas pode abranger um período maior ou menor, não só do **presente**, mas também do **passado** ou do **futuro**, desde que toque o momento da **enunciação** ou se aproxime dele”. (NEVES, 2000, p. 259)

2.2.2 O ADVÉRBIO então

Então é um termo adverbial cujo significado é, segundo Cunha (1982) “nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião”. O autor também afirma que então vem da expressão latina *in tunc*. No português moderno, documentam-se, também, as formas *estonce*, desde o século XIII, *estonce* e *estõ*, estas duas últimas a partir do século XIV.

Câmara Jr. (1979) assinala que então, no latim “não neste momento”, constituía uma oposição singela a *nunc* “neste momento”. Além disso, juntamente com os outros locativos, então pode exprimir, substantivamente, o lugar ou o momento indicado como em “as idéias de então”.

Bechara (1972) e Rocha Lima (1992) limitam-se a classificar o termo *então* apenas como advérbio de tempo. Já Cunha e Cintra (1985) consideram-no palavra denotativa de situação. Kury (1960), por sua vez, além de advérbio de tempo, considera o termo palavra denotativa de situação (“*Então*, que lhe parece o Rio?”) e conjunção coordenativa conclusiva.

Mattos e Silva (1989) identifica o termo arcaico *entom* também, como já assinalado em relação a *ora*, como um temporal dêitico apresentando os traços [+ punctual] e [+ perfectivo]. Segundo a autora, *entom* se opõe a *ora* por reportar-se ao não-presente, quer passado quer futuro, sendo assim um substituto do sintagma nominal *noutro momento*, isto é, *não neste momento*.

Ilari (1990) afirma que o advérbio *então*, assim como outros elementos dêiticos anafóricos, oscila entre vários empregos, possuindo funções próprias na organização discursiva como nos exemplos que se seguem:

(t) “Quer dizer, somos de famílias grandes, e *então* acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente.”

(u) “Numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação... *Então* a minha de onze anos, ela supervisiona o trabalho dos cinco. *Então* ela vê se as gavetas estão em ordem.”

Segundo o autor, nos casos acima há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência. A seqüência e referência espaço-temporal substituem outras séries, que incluem a continuidade temática, a continuidade de tópico e a continuidade e ordenação da argumentação.

Neves (2000, p.241), por outro lado, inclui *então* no grupo dos “advérbios que operam conjunção de orações: são advérbios juntivos, de valor anafórico, que ocorrem numa oração ou num sintagma, referindo-se a alguma porção de oração ou do sintagma anterior.”. Nesta classificação, *então* é incluído no grupo dos advérbios que indicam conclusão como em: “*Então*, não conto mais nada”. A autora afirma que tal elemento está em processo de gramaticalização.

Outro ponto abordado por Neves é que *então* é, do ponto de vista sintático, uma palavra periférica no discurso, incidindo sobre todo enunciado como em: “*Então*, mãe, como é que foi a reunião em Palácio?”

Pezatti (2001) realiza um estudo acerca da gramaticalização de *então*. Neste trabalho, a autora afirma que o item se encontra na faixa média da trajetória advérbio > conjunção:

“A forma *então* pode perfeitamente estabelecer relação conclusiva, com a mesma distribuição sintática de logo nas estruturas sentenciais. Entretanto, os resultados analisados apontam para o fato de que somente esse valor conclusivo não autoriza afirmar que esteja concluído o processo de gramaticalização desse operador como conjunção.” (PEZATTI, 2001, p.94)

2.3 A TRAJETÓRIA ADVÉRBIO > CONJUNÇÃO

Nunes (1989) agrupa os advérbios, juntamente com as conjunções e as preposições no grupo das *partículas de relação* que, segundo o autor, servem para mostrar ou as circunstâncias que acompanham a ação ou estado, significados pelo verbo, ou os laços que prendem entre si as palavras ou frases.

Segundo o autor, é costume dividir as partículas em quatro espécies (advérbios, preposições, conjunções e interjeições), mas essas quatro espécies não passam de duas: uma que compreende os advérbios, preposições e conjunções e outra na qual entram as interjeições. Esta divisão acontece, pois, entre os itens do primeiro grupo, não há uma verdadeira distinção, tendo, na sua origem, a maioria das chamadas conjunções saído dos advérbios e destes as preposições latinas que foram adaptadas pela nossa língua.

A trajetória advérbio > conjunção constitui, então, um fenômeno que já vem sendo observado há muito nos estudos lingüísticos. Para a língua portuguesa, Almeida (1957) subdivide a classe dos advérbios em *simples* e *conjuntivos* conforme suas funções:

“É **simples** o advérbio que só tem função de advérbio (hoje, amanhã, sim, não, muito, pouco, sempre, nunca, etc.) e **conjuntivo** o advérbio que, além de funcionar na oração como advérbio, funciona também como conjunção: quando, onde, como, enquanto, etc.” (ALMEIDA, 1957, p. 261)

Em seguida, o autor refere-se à possibilidade de tanto *ora* quanto *agora* exercerem a função de conjunção:

“Agora é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora*. Note-se que *hora*, com *h*, indica o período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora*, sem *h* (não obstante ter procedência igual à de *hora*), é também advérbio, que não raro funciona como conjunção.” (ibid., p.263)

Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido:

“Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda Hisperia última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos umidos caminhos.” (ibid., p.263)

A possibilidade de *ora* constituir um elo oracional é comentada também por Almeida (1957) quando enquadra o item como uma conjunção coordenativa *continuativa* ou *transitiva*, cuja função é ligar orações, exprimindo continuação do discurso ou transição de pensamento. Neste contexto, o autor apresenta o seguinte exemplo: “O que é bom é amável; *ora*, ele é bom, logo é amável” (ibid 1957, p. 292).

Tarallo et alli (1992) apresentam a razão que leva alguns advérbios a exercerem o papel das conjunções. Os autores mencionam que houve uma redução quantitativa das conjunções do latim para o português. Daí, com a falta de variedade de palavras para trabalhar como conectores, houve a necessidade de se recorrer a outras classes gramaticais, principalmente aos advérbios e preposições, para suprir essa deficiência.

Um estudo mais recente da trajetória advérbio > conjunção é apresentado por Pezatti (2001). A autora explica o processo em questão em relação ao termo *então* e o fato de que os traços adverbiais não são de todo perdidos nesse processo com base em Carone² (1998).

“as conjunções são geralmente expressões que deslizaram de um estatuto de advérbio para o de conjunção. Seu valor de origem perdura na mobilidade de que são dotadas, mais caracterizadora do advérbio. Os operadores que atuam como elementos de coesão entre partes de um texto, como além disso, apesar disso, em vez disso, pelo contrário, ao contrário, ao mesmo tempo, desse modo, assim, então, aliás, situam-se na faixa de transição de advérbio para conjunção. Como termos híbridos, participam da natureza do advérbio e da natureza da conjunção: exprimem circunstâncias várias, mas comportam-se como elementos de coesão, a caminho de cristalizarem-se, ou, preferencialmente, gramaticalizarem-se como conjunções coordenativas. É fundamental percebermos que esse valor coesivo advém de seu caráter anafórico, explícito ou implícito”. (PEZATTI, 2001, p.84)

Verifica-se, então, segundo Pezatti (2001), uma recategorização sintática, pois um item lexical muda as propriedades gramaticais que o incluem numa determinada classe para integrar-se em outra, conforme a seqüência: categoria maior (nome, verbo, pronome) > categoria mediana (adjetivo, advérbio) > categoria menor (preposição, conjunção).

Apesar de a evolução advérbio > conjunção constituir, como se pode observar no parágrafo anterior, a transferência de uma categoria mediana para uma categoria menor, esta não constitui uma perda de traços originais do termo. Os itens que passam por este processo, além de adquirir os traços da nova categoria, mantêm, em maior ou menor escala, os traços de sua categoria-base.

Por outro lado, pode-se notar, também, que, nesta trajetória, há um aumento de escopo, pois, neste caso, os advérbios possuem suas referências textuais ampliadas, abarcando

² CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1998.

uma fatia maior do enunciado quando usados com a mesma função da conjunção. Tabor e Traugott (1998) corroboram essa idéia ao afirmarem que quando um item passa por reclassificação sintática, resultando em um estado diferente do que estava acostumado a ser aplicado, pode ocorrer um aumento de escopo. Para Ilari (1990, p. 104) o aumento de escopo é a contribuição semântica que os advérbios fornecem à língua:

“A noção central, para explicar a contribuição semântica mais típica dos advérbios, é a de escopo. Informalmente, pode-se caracterizar o escopo como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador; no caso esse operador é o próprio advérbio, e os conteúdos em questão são supridos por outras expressões que com ele interagem no mesmo co-texto.” (ILARI, 1990, p. 104)

3 METODOLOGIA

O presente trabalho busca apresentar um panorama histórico dos usos dos itens *agora* e *então* em diferentes sincronias da língua portuguesa com o objetivo de comparar tais usos em distintos momentos de sua trajetória. Devido a esta perspectiva, faz-se necessário inicialmente estabelecer uma periodização da língua que servirá de base para identificar a sincronias que serão utilizadas.

Mattos e Silva (1991, p. 19) traz um quadro que sumariza diferentes propostas de periodização para a história da língua portuguesa:

Quadro XIX- Periodização da língua portuguesa

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	Proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	Trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/1550		Português comum	português pré-clássico	português médio
até s. XVIII	português moderno	Português moderno	português clássico	português clássico
até s. XIX/XX			português moderno	português moderno

A partir do *Quadro XIX*, com o objetivo de melhor adequá-lo ao material analisado nesta pesquisa, tomar-se-á por base a seguinte proposta de subdivisão das sincronias estudadas neste trabalho:

Quadro X- Divisão da língua portuguesa em sincronias

Época	Período	Sincronia
do latim ao s. XIII (± 1216)	período pré-literário	latina
s. XIII (± 1216) ao s.XVI (± 1550)	português arcaico	arcaica
s. XVI (± 1550) ao s. XVIII	português clássico	clássica
s. XIX ao s. XXI	português moderno	moderna

3.1 CORPUS

O ponto inicial de escolha do *corpus* foi a identificação de qual tipologia textual seria a predominante no material a ser selecionado. Por uma questão de maior facilidade de obtenção, escolheram-se textos de tipologia predominantemente narrativa. Outro aspecto levado em conta foi a questão de que se trabalhou com materiais exclusivamente escritos, porém com registros distintos, mais e menos tensos ou formais, na tentativa de apreensão dos diferentes usos e funções dos itens pesquisados.

Ressalta-se que foram analisados um total de 2343 ocorrências – 1072 de agora e 1181 de então. Salienta-se, ainda, que, na busca por esses termos, foram também consideradas dados com certa variedade ortográfica das sincronias passadas. Desta forma, esquadriharam-se, no latim, além de tunc, forma latina de então, os vocábulos tum e tun. Na sincronia arcaica, recolheram-se as variações agora e ora, de um lado e, de outro, então, entom, entam, estonce e estonces. Já na sincronia clássica e na moderna, os termos levantados forma os mesmos: agora ou ora e então.

Assinala-se, ainda, que todas as ocorrências levantadas dos itens que serviram como objetos de estudo desta tese estão elencadas em anexo e separadas conforme as seqüências tipológicas em que foram utilizadas.

3.1.1 SINCRONIA LATINA

Para a sincronia latina, observou-se a peça *Anfitrião* (século II a.C) de Tito Mácio Plauto. Este foi um dramaturgo romano, que viveu durante o período republicano. Suas 21 peças que ainda existem nos dias atuais datam do período entre os anos de 205 a.C. e 184 a.C. Suas comédias, que são os escritos mais antigos da literatura latina que se preservaram praticamente intactos, são quase todas adaptações de modelos gregos para o público romano,

tal como ocorria na mitologia e na arquitetura romanas. Seus trabalhos foram também fonte de inspiração para muitos renomados escritores, tais como Shakespeare, Molière e outros.

A peça escolhida conta a história de Anfitrião, marido de Alcmena, mãe de Hércules. Enquanto Anfitrião estava na guerra de Tebas, Zeus toma a sua forma para deitar-se com Alcmena e Mercúrio toma a forma de seu escravo, Sósia, para montar guarda no portão. Uma grande confusão é criada, pois Anfitrião duvida da fidelidade da esposa. No fim, tudo é esclarecido por Zeus, e Anfitrião fica contente por ser marido de uma escolhida do deus.

Neste material, procurou-se localizar e analisar ocorrências de então nas suas forma latina – tunc (ou tum), já que agora não possui uso neste período de tempo. Obtiveram-se, especificamente nesta peça, 77 usos de nunc (num) e 14 de tunc (tum).

Outra obra desta sincronia foi *Satyricon* (século I a.C.) de Petrônio, um escritor romano, mestre na prosa da Literatura latina. Não existem provas seguras acerca da identidade de Petrônio, mas é hoje quase certo que se trata de Gaius Petronius Arbiter ou Titus Petronius (c.27-66 AD), distinto freqüentador da corte do imperador Nero.

Satyricon foi a única obra remanescente deste satirista. Trata-se de um texto que parodia os romances gregos, sentimentais e sensacionais, que estavam na moda. Em vez de heróis em extraordinárias aventuras, ocorrem os feitos pouco recomendáveis de três jovens rapazes: Encolpius, que conta a história, Asciltos e Giton. Eles embarcam em uma viagem, como escravos e passam por várias situações interessantes. O estilo varia entre uma retórica pretensiosa e uma gíria das mais vulgares. Mas, apesar de todas as críticas, em razão da língua, do humor e do realismo, o *Satyricon* é uma das mais notáveis obras da literatura latina.. Neste romance, foram localizados 24 ocorrências de tunc (tum).

Os *corpora* da sincronia latina totalizaram apenas 38 ocorrências de então (tunc) já que o termo agora só começa a aparecer na sincronia arcaica.

3.1.2 SINCRONIA ARCAICA

Para a sincronia arcaica, analisaram-se sete peças de teatro de Gil Vicente: *Auto da Alma* (1508), *Auto da Índia* (1509), *Velho da Horta* (1512), *Auto da barca do inferno* (1516), *Farsa de Inês Pereira* (1523), *Auto da Feira* (1528) e *Auto de Mofina Mendes* (1534). Neste conjunto de peças, obtiveram-se um total de 125 usos de agora e 17 usos de então.

Gil Vicente é considerado o primeiro grande dramaturgo português, além de poeta de renome. É, também, freqüentemente considerado, de uma forma geral, o pai do teatro português. A obra vicentina é tida como reflexo da mudança dos tempos e da passagem da Idade Média para o Renascimento, fazendo-se o balanço de uma época em que as hierarquias

e a ordem social eram regidas por regras inflexíveis, para uma nova sociedade onde se começa a subverter a ordem instituída, ao questioná-la. Foi o principal representante da literatura renascentista portuguesa, anterior a Camões, incorporando elementos populares na sua escrita e influenciando, desta forma, a cultura popular portuguesa.

O autor retratou, com refinada comicidade, a sociedade portuguesa do século XVI, demonstrando uma capacidade mordaz de observação ao traçar o perfil psicológico das personagens. Crítico severo dos costumes, Gil Vicente é também um dos mais importantes autores satíricos da língua portuguesa. Em 44 peças, usa grande quantidade de personagens extraídos do espectro social português da altura. É comum a presença de marinheiros, ciganos, camponeses, fadas e demônios e de referências – sempre com um lirismo nato – a dialetos e linguagens populares.

Outra obra deste período foi a novela de cavalaria chamada *Demanda do Santo Graal*, tendo sua versão portuguesa do século XIII (1230-1240) feita a partir de original francês e documentada em pergaminho no século XV. Este *corpus* foi a fonte onde se conseguiu o maior número de ocorrências de toda pesquisa: 589 de *agora* e 968 de *então*.

Os Romances ou Novelas de Cavalaria constituem a manifestação literária em prosa que são, sobretudo, códigos de conduta medieval e cavaleiresca. Assim, o juramento da investidura do cavaleiro pressupunha um ideal tendente a desenvolver o misticismo e o espírito cristão, o nacionalismo nascente, a fidelidade e a noção de honra, e, ao mesmo tempo, a firmar os vínculos da sociedade feudal.

Esses tipos de obras são agrupadas em ciclos, isto é, conjuntos de novelas que giram à volta do mesmo assunto e movimentam as mesmas personagens. São quatro os que tiveram reflexos na Literatura Portuguesa: Greco-Latino (ou Clássico), Carolíngio, Bretão e dos Amadises.

Ressalta-se que foi o ciclo Bretão que teve maior influência entre nós, quer pela florescência literária a que deu origem, quer pela influência social não só sobre a nossa Idade Média, mas sobre a mentalidade portuguesa até ao século XVI. É deste ciclo que se origina a *Demanda do Santo Graal*, que vem de lendas celtas cristianizadas e retrata as aventuras fantásticas dos cavaleiros da Távola Redonda, reunidos em torno do rei Artur, o último rei dos Bretões. Em luta com os Saxões, eles buscam o Cálice da última Ceia (o Santo Graal) no qual tinham sido recolhidas as gotas do lado de Cristo e que havia sido trazido da Palestina por José de Arimateia, como preciosa relíquia. Escondido numa floresta misteriosa no castelo de Corberic, o Graal só se manifestaria totalmente ao cavaleiro puro e sem mácula, Galaaz, embora ocasionalmente surja também perante os outros cavaleiros, como sinal de graça.

Finalmente, numa batalha contra os seus inimigos, o rei Artur desaparece, arrebatado por uma fada para uma ilha encantada, donde voltará um dia para libertar os bretões do jugo saxônico.

O ambiente em que se desenrolam estas aventuras denota o gosto pelo fantástico e pelo maravilhoso, reminiscência de uma mitologia céltica, combinada com o maravilhoso cristão. As fadas, os monstros, os feiticeiros, as florestas cerradas e os castelos sombrios como cenário, são o ambiente original das novelas bretãs; mas tornaram-se ambiente e cenário convencional das aventuras cavaleirescas posteriores.

Nesta sincronia, foram trabalhados um total de 1701 dados: 714 de agora e 985 de então.

3.1.3 SINCRONIA CLÁSSICA

Depois de Gil Vicente, o teatro popular português passou por um longo período de decadência, que se acentuou ainda mais entre o final do século XVI e a primeira metade do século XVII, quando Portugal esteve sob domínio espanhol, ainda que haja algumas obras no gênero nesse período. Foi só no começo do século XVIII que o panorama inverteu-se com o aparecimento de um jovem nascido no Rio de Janeiro numa família de cristãos novos, Antônio José da Silva (1705-1739), alcunhado o Judeu, que escreveu peças que deixaram o seu nome marcado para sempre na história do teatro luso-brasileiro.

Antônio José da Silva foi autor do chamado teatro de bonifrates (bonecos articulados), escrevendo peças à altura designadas por óperas. Sob influência da ópera italiana, estas óperas desenvolveram-se substituindo os atores por bonecos articulados, sendo as cenas principais concluídas por árias cantadas. A esta influência do melodrama italiano se juntou a da comédia espanhola, que então dominava o teatro português. O dramaturgo recupera a prosa dramática e ridiculariza a sociedade sua contemporânea, mas também os padrões clássicos da estética do século que o precedeu e que, apesar de tudo, ainda era bastante cultivada nos sarais aristocráticos. Intencionalmente, Antônio José rejeita os modelos estéticos clássicos e os padrões aristotélicos, como as “consagradas” leis das unidades. As suas obras procuravam, sobretudo, desmistificar a produção teatral e criar um verdadeiro teatro português.

Selecionaram-se para a análise nesta pesquisa a primeira obra do autor escrita em 1733, *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*, e a sua obra mais famosa, *As Guerras do Alecrim e da Manjerona* de 1737. Apesar de uma obra pouco extensa e de uma vida curta, a figura de Antônio José da Silva tem surgido “modelada” como “mártir da Inquisição”, aceitando o epíteto com que Teófilo Braga o celebrizou. A sua história inspirou Camilo Castelo Branco, ele próprio de origem judaica, a dedicar-lhe, em 1866, uma

das suas novelas – O Judeu. Mas caberia já a um dramaturgo do século XX, Bernardo Santareno, a glória de colocar António José da Silva no panorama teatral, com a peça O Judeu (1966), e na qual alcança um dos mais elevados momentos da dramaturgia portuguesa de todos os tempos pela “narrativa dramática” apresentada.

Na primeira peça, *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*, o autor apresenta um D. Quixote que se afasta do modelo clássico do herói, assumindo-se mesmo como um protótipo do anti-herói. Frequentemente perde a razão e a lógica, confrontado com a própria realidade ou mesmo com os argumentos aparentemente idiotas de Sancho Pança. Este, por sua vez, mostra-se tão ambicioso como ingênuo, tão boçal quanto esperto, mas sempre impregnado de uma profunda sabedoria popular.

Na segunda peça, *As Guerras do Alecrim e da Manjerona*, o autor faz uma sátira a diversos aspectos da sociedade portuguesa da época: a rivalidade entre dois ranchos (alecrim e manjerona), os exageros barrocos, a medicina retórica e balofa, e a decadência moral dos fidalgos. Teatralmente, a obra revela um grande progresso relativamente às produções anteriores de António José da Silva e é largamente responsável pela sua reputação.

Na obra do Judeu identificaram-se 167 ocorrências de *agora* e 6 de *então*.

Outra obra deste período foi *Vida de Don Frei Bartolomeu dos Mártires em 1619* escrita pelo frei Luís de Sousa. O autor, cujo verdadeiro nome era Manuel de Sousa Coutinho, nasceu em Santarém e faleceu em Lisboa. Era um fidalgo cavaleiro da Ordem Militar de Malta. Esteve preso em Argel, vindo a conhecer na prisão Miguel de Cervantes. Libertado em 1577, regressa a Portugal, prestando serviços ao rei Filipe II de Espanha e vivendo dois anos em Valência. Regressa a Portugal e casa-se com D. Madalena de Vilhena, após o desaparecimento de D. João de Portugal, seu marido, na batalha de Alcácer Quibir. Assume vários cargos, como o de capitão-mor de Almada e o de guardador-mor da Saúde. Após a morte de sua filha, D. Ana de Noronha, separa-se da esposa e professa na Ordem de São Domingos, dedicando-se inteiramente à escrita. Almeida Garrett dedicou-lhe o drama *Frei Luís de Sousa* (1844).

Na história em questão, onde foram localizadas 13 ocorrências de *agora* e 23 de *então*, o autor conta a vida de Dom Frei Bartolomeu Fernandes dos Mártires, que foi arcebispo de Braga e teve importante participação no Concílio de Trento onde apresentou 268 petições. Defendeu a primazia bracarense em oposição ao Arcebispo de Toledo. Aplicou desde logo as decisões do Concílio, tendo sido o primeiro de todos os prelados a executá-las, logo no concílio que teve lugar em Braga em 1564. Preparou um catecismo para o povo intitulado *Catecismo ou doutrina cristã e práticas espirituais*.

Além disso, pelo relato da obra, ele era muito popular e passava a maior parte do tempo em visita pastoral na sua arquidiocese. Preocupou-se muito com a formação do clero, tendo fundado um seminário, e com várias questões sociais. Durante a peste de 1570 e a crise econômica de 1574 as suas obras de caridade foram exemplares. Durante a crise da sucessão de 1580 manteve a sua neutralidade esperando que a questão se resolvesse politicamente. Ratificou a sua decisão de resignação em 1582, por idade avançada. Faleceu em Viana do Castelo, no convento de Santa Cruz, e com tal fama de homem santo que os vianenses tiveram de proteger o seu cadáver dos bracarenses que o reivindicavam. Foi declarado Venerável pelo Papa Gregório XVI em 23 de março de 1845. O Papa João Paulo II procedeu à sua beatificação em 4 de novembro de 2001. Ressalta-se que, Por se tratar de uma obra muito extensa, analisou-se par` esta pesquisa apenas o primeiro capítulo da mesma.

Na sincronia clássica houve a obtenção da seguinte quantidade de dados: 180 de agora e 29 de então.

3.1.4 SINCRONIA MODERNA

Para a sincronia moderna, utilizou-se a primeira peça de teatro do grande dramaturgo Nelson Rodrigues, *Mulher sem pecado*, escrita em 1941. A história gira em torno do excessivo ciúme que Olegário sentia pela segunda esposa, Lídia, e como isso atrapalhava a vida do casal. A situação piorou ainda mais quando Olegário ficou parálítico, pois a todo instante ele atormentava a esposa, com acusações ofensivas. Olegário, então, contratou pessoas para vigiar Lídia a todo instante, desde a ida à modista até à padaria perto de casa. A obsessão do marido era tanta que até o mendigo louco que mora nas ruas é visto como um amante de Lídia. Na casa ainda moram o chofer Umberto; a mãe de Dr. Olegário, D. Aninha, que é tida como insana mas, nenhum mal faz; Maurício, irmão de criação de Lídia; assim como a criada Inézia e a mãe de Lídia, Dona Márcia. Todo o desenrolar da trama acontece em um único ambiente: a sala da casa de Olegário. Neste peça, identificaram-se 57 usos de agora e 46 de então.

Nelson Rodrigues revolucionou de tal forma os palcos brasileiros que se pode denominá-lo como um verdadeiro divisor de águas dentro da tradição teatral nacional. Com Suas peças eram uma verdadeira denúncia em relação à hipocrisia e a falsidade que estavam por trás das belezas dessa classe média. Seu ponto de princípio era sempre o sexo reprimido e deformado por uma gama de costumes morais, sociais e religiosos, que faziam com que seus personagens, tipos criados a partir da realidade das grandes cidades, se tornassem alienados ou conturbados a ponto de tornar seus desejos ou fobias em verdadeiras obsessões que

levavam a suicídios, adultérios ou incestos, e, é claro, muitas vezes à neurose ou à loucura. É o caos da cidade grande agindo juntamente com os conflitos psicológicos dentro do homem moderno, vítima de suas próprias, ações, leis e preconceitos morais. A crueza e a obscenidade estão sempre presentes para dar ao leitor ou à platéia a verdadeira e honesta dimensão da mente humana.

O segundo material desta sincronia foi o romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, escrito em 1990. Neste texto, analisaram-se 121 ocorrências de *agora* e 83 de *então*. Com um pé na ficção e outro na História, o autor faz deste romance uma narrativa policial. A História não é só o pano de fundo. Transcorrendo em agosto de 1954, o livro apresenta os vultos históricos daqueles episódios, que culminaram com o suicídio de Getúlio Vargas, como se fossem protagonistas do próprio romance. Assim figuras como Getúlio Vargas, seu irmão Benjamim, a filha Alzira, o polêmico tenente Gregório Fortunato, ministros (Tancredo Neves, os militares Zenóbio de Castro e Mascarenhas de Moraes) o brigadeiro Eduardo Gomes, só para citar alguns, têm voz e ato no livro.

O narrador apresenta com desenvoltura diálogos, ações, pensamentos, dramas e dúvidas de personagens como estes. Simultaneamente à narrativa da crise que levaria Getúlio ao suicídio, provocada pela tentativa de assassinato de Carlos Lacerda, o autor desenvolve a história ficcional ao redor do personagem central do romance: o comissário Alberto Matos.

Apontado como um dos escritores que mais vende livros, no Brasil, Rubem Fonseca distingue-se no panorama da nossa atual produção literária como um grande prosador. Voltado, basicamente, para a exploração do universo urbano, ele traz para as suas obras problemas que dizem respeito a violência social, a cultura de massas, o saber popular, o papel da arte no mundo contemporâneo etc. Além disso, fazendo uso de uma linguagem que passa pelo tom da denúncia e da ironia, ele oferece contos e romances que perseguem um estilo fácil, conciso que agrada um número significativo de leitores.

Nos *corpora* moderno a totalização de dados ficou da seguinte maneira: 178 usos de *agora* e 129 de *então*.

3.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE

De início, fez-se o levantamento e a leitura de textos especializados, sobretudo os de cunho funcionalista, e de textos complementares para a fundamentação teórica acerca de advérbio, conectores, marcadores discursivos e tipologia textual. Nesse material, exemplos assinalados pelos estudiosos e exemplos provenientes do *corpus* da pesquisa foram utilizados e apresentados em cada capítulo.

Posteriormente, estabeleceu-se o *corpus* que seria utilizado. Foram observados, em primeiro lugar – e com maior evidência – textos do século XX, que propiciaram a análise de estágio atual de uso; em segundo lugar, foram observados textos das sincronias anteriores para que se pudesse testar nossa hipótese de que a trajetória de gramaticalização tempo > texto dos itens *agora* e *então* é recorrente em cada uma das sincronias estudadas.

Ressalta-se, ainda, como característica metodológica, o fato de que não foram considerados, na análise de dados, sintagmas que contenham os objetos de estudo desta pesquisa como: “*agora* imagina”, “*agora* não sei”, “*ai* *então*”, “*agora* *então*” etc. Tomou-se esta decisão por conta de se observar que estas estruturas, além de aparecerem em quantidade quase inexpressiva nos *corpora*, fornecem nuances diferentes ao contexto em que estão inseridas não apenas pelo uso dos itens de análise, mas pelos sintagmas como um todo. Logo, se tais estruturas fossem consideradas nesta pesquisa, seria necessário estabelecer novas regras de análise e levantamento do *corpus*.

Em seguida, após observação inicial em dados diacrônicos e sincrônicos, levantaram-se quatro traços básicos freqüentes na maioria das ocorrências do termo que acabaram por fixar o que se considerou, no âmbito desta pesquisa, o uso prototípico de *agora* e *então*: [+escopo verbal], [+referência temporal], [+mobilidade], e [+circunstanciação]. Ressalta-se, neste contexto, que a referência temporal do item *agora* é prototipicamente vinculada ao momento presente, ao passo que a de *então* pode ser vinculada aos momentos presente, passado ou futuro.

A partir destas características, como traços não-canônicos presentes em parte dos exemplos e oriundos da perda de algum dos traços prototípicos, temos: [+escopo clausal], [+fixidez], [+referência temporal passada] e [+referência temporal futura], estes especificamente para o termo *agora*; [+conexão] e [+marcação discursiva]; e, no caso de *então*, [+escopo clausal], [+fixidez], [+conexão] e [+marcação discursiva]. Tentou-se, em seguida, distribuir os dados nesses conjuntos de traços identificados.

Como subtipos do traço [+conexão], foram identificados: [+seqüencializador], [+opositor] e [+concludor]. Por outro lado, como subtipos do traço [+marcação discursiva], localizamos [+introdutor de tópico], [+retomador de tópico] e [+ênfator de tópico].

Após esse procedimento, interpretaram-se e sistematizaram-se os resultados iniciais. Em cada um dos estágios estabelecidos, os usos [+prototípicos] e [-prototípicos] dos termos foram coletados e analisados de forma qualitativa e quantitativa. Depois, compararam-se usos recorrentes em cada sincronia. Em seguida, observou-se a maior ou menor freqüência de usos em cada seqüência tipológica e analisaram-se comparativamente os usos conforme a ordem

dos constituintes. Nesta etapa, observou-se a posição em que *agora* e *então* apareciam de acordo com o verbo do enunciado, ou seja, em posição pré-verbal (A+V ou E+V) ou em posição pós-verbal (V+A ou V+E) Ao final da análise, apresentou-se, então, uma grade de prototipicidade de cada item estudado.

Exemplos dos *corpora* e quadros ilustrativos da quantificação das ocorrências em cada sincronia e com cada traço prototípico e não-prototípico são apresentados ao longo da análise. Para enumerar os exemplos nos capítulos anteriores à análise de dados foram utilizadas letras, na análise foram utilizados números arábicos e para os quadros, números romanos. No anexo, por fim, a numeração é feita pela quantidade de passagens de cada *corpus*. Desta forma, um só enunciado pode conter vários dados que foram analisados. E, ainda, também nesta última parte, ressalta-se que os dados são apresentados em passagens maiores, ou seja, que vão além da seqüência tipológica em que o item está inserido, com o objetivo de melhor compreensão do enunciado.

4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem o propósito de fornecer um panorama de usos prototípicos e, principalmente, não-prototípicos dos itens agora e então, analisados em quatro sincronias distintas, a saber: latina, arcaica, clássica e moderna, no caso do segundo item e em três sincronias – arcaica, clássica e moderna, no caso do primeiro.

Pretende-se quantificar os dados na tentativa de assinalar usos mais ou menos frequentes, ilustrando, desta forma, as funções identificadas ao longo desta pesquisa. Buscar-se-á, também, comparar quais dados foram mais recorrentes ou não quanto às sincronias trabalhadas, quanto ao gênero textual e quanto às seqüências tipológicas, tentando, assim, mostrar o *continuum* unidirecional de gramaticalização tempo > texto de agora e então.

4.1-QUANTO ÀS FUNÇÕES [+ PROTOTÍPICAS] E [- PROTOTÍPICAS]

Agora e então são canonicamente conhecidos como advérbios temporais. Seus traços prototípicos são os traços comuns a qualquer outro advérbio: escopo vinculado ao verbo do enunciado, possibilidade de movimentação na frase e estabelecimento de circunstância ao contexto. Daí, os traços identificados nesta pesquisa como [+escopo verbal], [+ mobilidade] e [+ circunstanciação]. Tratando-se de advérbios temporais, estes itens apresentam, ainda, semanticamente, uma noção temporal, variada, podendo se referir ao momento presente, passado ou futuro, como no caso de então – [+ referência temporal presente], [+ referência temporal passada] e [+ referência temporal futura] – ou restringida ao momento presente, como no caso de agora que se limita ao traço [+ referência temporal presente].

Estudos recentes, contudo, como Ilari (1990) e Neves (2000), assinalam que *agora* e *então* não têm seu uso limitado apenas às funções adverbiais, mas sim são termos que oscilam entre vários empregos, possuindo, muitas vezes, funções próprias na organização discursiva. A partir desta perspectiva, os itens assumiriam traços que os aproximariam de classes que exercem funções relacionais e/ou discursivas. Desta forma, teriam sua vinculação ampliada não apenas ao verbo, mas a toda a frase, perderiam sua capacidade de movimentação no enunciado e, ainda, apresentariam funções de ordem textual, adquirindo, assim, os traços [+escopo clausal], [+fixidez], [+conexão] e/ou [+marcação discursiva].

Mais especificamente no caso de *agora*, ressalta-se que, antes do estágio em que efetivamente exerce funções características de classes mais discursivas, pode, ainda exercendo função temporal, variar sua referência presente para o passado ou o futuro. Verifica-se, no entanto, que, apesar de manter os traços prototípicos da classe adverbial em situações deste tipo, ao assumir o traço [+referência temporal passada] ou [+referência temporal futura] deixa de representar o protótipo categorial e passa a exercer uma função não prototípica.

No conjunto de ocorrências que compõe os *corpora* desta pesquisa, observa-se, como pode ser comprovado no *Quadro XI*, que não houve discrepância entre os usos [+prototípicos] e [-prototípicos] dos itens analisados. Apesar desta expectativa ser uma das hipóteses iniciais da pesquisa – uma incidência maciça de usos canônicos em detrimento dos não canônicos –, este fato não se deu, conforme se pode observar no quadro a seguir:

Quadro XI- Totalização de ocorrências de agora e então

	<i>Agora</i>	<i>Então</i>
[+ prototípicos]	647 (60,3%)	516 (43,7%)
[- prototípicos]	425 (39,7%)	665 (56,3%)
TOTAL	1072	1181

Nota-se que, em relação ao termo *agora*, 60,3 % dos dados foram de usos que condizem com o pico prototípico da categoria e 39,7 % refletem usos marginais. E no caso de *então* o inverso do que tradicionalmente se esperava aconteceu: os usos canônicos – que dizem respeito à classificação categorial do item como advérbio temporal – totalizaram menor quantidade de ocorrências, 43,7%, do que os usos que apresentam funções mais discursivas do termo, 56,3%. O *Quadro XI* reflete, por conseguinte, uma possível variedade funcional de *agora* e *então*.

Mais especificamente no caso de *então*, é fato que o item, canonicamente classificado como advérbio temporal, possui, como não se pode negar entre a maioria dos advérbios, uma origem temporal. No entanto, verifica-se que, levando-se em consideração que as ocorrências mais usuais do item em quatro sincronias estudadas são de funções não-prototípicas conforme visão canônica, seu papel não-marcado, neste contexto, é de um item com função relacional e/ou discursiva e não como circunstanciador.

Ainda explanando as funções prototípicas e não-prototípicas dos itens, o *Quadro XII*, em seguida, apresenta uma subdivisão dessas funções conforme se apresentaram ao longo dos *corpora*. Assinala-se que os usos identificados mostram a trajetória tempo > texto por meio de três blocos funcionais: os usos temporais, os usos de conexão e os usos discursivos.

Quadro XII- Totalização de funções de agora e então

Funções		<i>Agora</i>		<i>Então</i>	
		Total	%	Total	%
Tempo	Presente	647	60,3%	18	1,5%
	Passado	88	8,1%	484	41%
	Futuro	53	4,8%	14	1,2%
Conexão	Concl.	149	13,6%	211	17,9%
	Seqüênc.	8	0,5%	436	36,9%
	Opositor	24	2%	---	---
Marcação Discursiva	Introdutor	75	6,6%	11	1%
	Enfatizador	46	4%	3	0,2%
	Retomador	2	0,1%	4	0,3%
Total		1072		1181	

Observa-se, neste quadro, que os termos possuem produtividade em todas as funções especificadas, umas mais frequentes, como o uso temporal presente de *agora* e o temporal passado de *então*, e outras nem tanto, como a função de retorno ao tópico de ambos os itens e a função de oposição de *então* que não foi, no conjunto de ocorrências desta pesquisa, localizada. Este fato corrobora a visão da existência de usos que se aproximam mais do protótipo categorial, daí sua maior incidência, e de outros que estariam numa posição marginal, numa possível intersecção entre a função temporal e a textual. Verifica-se, desta forma, que esses itens não se limitam, nos contextos em que são selecionados pelos falantes, ao seu uso canônico, mas se adaptam às circunstâncias conforme as necessidades situacionais.

Esmiuçando um pouco mais a apresentação dos dados neste tópico, o *Quadro XIII*, abaixo, ilustra as ocorrências de agora e então conforme as sincronias estudadas.

Quadro XIII- Ocorrências de agora e então conforme a sincronia

Funções	Corpus	Sincronia Latina		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
			Então	Agora	Então	Agora	Então	Agora	Então	
[+ prototípicos]	Romance		11	364	431	6	16	74	35	959
	Teatro		2	84	7	90	2	29	12	282
[- prototípicos]	Romance		13	225	538	7	7	47	48	900
	Teatro		12	41	10	77	4	28	34	226
Total			38	714	986	180	29	178	129	2368

Nota-se que agora possui, desde a sincronia arcaica, considerável quantidade de usos que não condizem com a sua classificação tradicional. O termo em questão, como já foi visto por Rodrigues (2002), possui traços [- prototípicos] que o incluem tanto em usos que ampliam seu traço tradicional [+ referência temporal presente] para referência a momentos passados ou futuros, quanto traços como [+ fixidez] e [+ escopo clausal] que o aproximam de funções similares as do grupo dos conectores e marcadores discursivos. Listam-se, em seguida, alguns exemplos que ilustram as características presentes nos usos não canônicos de agora.

(1) “O tratamento de sua pessoa e mesa, que agora diremos, não principiou em Braga: continuou em Braga o que tinha na Religião. O que não espanta é que não afrouxou nunca um ponto do rigor com que entrou.

No vestido, como na cama, não admitia nenhum gênero de linho nem outro de lenço; o hábito não deixou nunca; as túnicas usou sempre de estemenha e vestidas a termos tão largos que acontecia perder-lhe a conta.” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(2) “INÊS: Bem sabedes vós, marido, Quanto vos quero. Sempre fostes percebido Pêra cervo. Agora vos tomou o demo Com duas lousas.

PÊRO: Pois assi se fazem as cousas.” (*Farsa de Inês Pereira/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

(3) “*D. Quixote*: Senhor mestre barbeiro, veja vossa mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas que tem toda a Espanha; e pode gabar-se que nem quantos

gigantes tem o Mundo se atreveram a olhar para elas, nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba tesa.

Barbeiro: Ela assim o mostra, pois de tão tesa que é, dobra o fio à navalha.

D. Quixote: Ora, sô Mestre, você bem sabe que é obrigação dos de seu ofício, enquanto fazem a barba, dizerem as novidades que há pela cidade. Que se fala dos Príncipes da Itália, e do governo político do Orbe? Que, como estive doente e tantos tempos de cama por causa das minhas cavalarias andantes, não tenho sabido nada.” (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

O enunciado (1), oriundo da sincronia clássica, apresenta um acontecimento que ainda está para ocorrer, “O tratamento de sua pessoa e mesa, que agora diremos...”. A descrição que o narrador se propõe a fazer acerca da postura de D. Bertolameu dos Mártires em relação ao vestuário e à alimentação só começara a ser apresentada a partir do parágrafo seguinte. Neste caso, o item assinalado, apesar de ainda apresentar traços prototípicos – [+circunstanciamento], [+ mobilidade] e [+ escopo verbal] -, tem sua referência temporal já não mais vinculada ao momento presente, mas, respectivamente, ao futuro, apresentando o traço [+ referência temporal futura].

No exemplo (2), a personagem Inês Pereira fala sobre a mudança do marido que agia de determinada maneira mas, atualmente, influenciado pelo Diabo, transformou-se. Nesta passagem da sincronia arcaica, há uma oposição entre estes dois momentos, assim como entre essas duas formas de agir do personagem Pedro. Agora contrapõe tais contextos, “Sempre fostes percebido Para cervo. Agora vos tomou o demo Com duas lousas”, funcionando como [+ conexão] e, com isso, apresentando os traços [+ fixidez] e [+ escopo clausal].

Em (3), um enunciado da sincronia clássica, o personagem D. Quixote introduz um novo tópico no seu discurso por meio de ora: “Ora, sô Mestre, você bem sabe que é obrigação dos de seu ofício, enquanto fazem a barba, dizerem as novidades que há pela cidade.”. Assinala-se o item analisado, neste caso, apresenta a função [+ marcação discursiva] como a mais nítida, tendo, por isso, além dos traços prototípicos bem opacizados.

O *Quadro XIII* registra, também, que os usos de então como conector e marcador discursivo no *corpus* desta pesquisa são bem mais freqüentes do que seu uso como advérbio temporal. Ressalta-se que tal freqüência ocorre em todas as sincronias. Logo, entende-se que a caracterização prototípica deste termo, comumente apresentado nos compêndios gramaticais como advérbio de tempo, está incompleta, já que, pelo material analisado neste trabalho, o traço [+ conexão] de então é tão ou mais freqüente em todas as sincronias do que o traço [+

circunstanciada]. Ou, por outro lado, a prototipicidade constitui-se um elemento variável, que se modifica conforme a tipologia textual, o gênero discursivo ou a situação de uso

Assinalam-se, abaixo, exemplos dos *corpora* que refletem usos mais discursivos de então.

(4) “Laudamus urbanitatem mathematici; itaque adiecit: ‘Deinde totus caelus taurulus fit. Itaque tunc calcitrosi nascuntur et bubulci et qui se ipsi pascunt.’” (“Nós elogiamos a brincadeira do astrólogo; e assim, ele acrescentou: ‘Em seguida, o céu inteiro se transforma em um pequeno touro. Então, nascem os que gostam de dar coices, e não só os vaqueiros mas também os que pastam a si mesmos.’”) (*Satyricon/ Romance/ Sincronia Latina*)

(5) “ ‘O Magalhães não é ladrão.’

‘Não é ladrão? Onde é que um funcionário do governo arranja esse dinheiro todo? Te deu um apartamento na praia, um automóvel, foi passear com você na Europa, arranhou um dentista caro para consertar teus dentes.’

‘Eu não tenho culpa se os teus dentes são tão ruins que não têm conserto.’

‘O cara é um rato.’

‘Não gosto de ouvir você falar dele assim. Luiz é uma boa pessoa.’

Então vai embora. Você está aqui porque quer.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(6) “UMBERTO (baixo) - Gosta de mim?

LÍDIA (baixo e maravilhada) - Não sei, não sei!

UMBERTO – Agora um beijo, sem resistir.

(Ouve-se um barulho.)

LÍDIA - Vem gente aí!

(Afastam-se. Atitude de uma naturalidade forçada. Entra Inézia.)

INÉZIA - Posso tirar o jantar, D. Lídia?

LÍDIA - Já não. Daqui a pouco. (para Umberto) Então o que é que tem o carro?

UMBERTO - Um defeito no carburador. Preciso ir, já para a oficina.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

O exemplo (4), proveniente do material latino da análise, traz tunc sendo utilizado com o traço [+ conexão]. Observa-se que, nesta passagem, o narrador menciona que o astrólogo conta uma história e este usa tunc para seqüencializar os fatos apresentados: “Em seguida, o céu inteiro se transforma em um pequeno touro. Então, nascem os que gostam de dar coices,

os vaqueiros e ainda os que dão pasto a si mesmos”. Nota-se que o item apresenta o traço [+fixidez], haja vista que sua mobilidade alteraria sua função na frase e, além disso, sua referência amplia-se da vinculação verbal para a vinculação a todo enunciado com o traço [+escopo clausal].

Em (5), nota-se que então estabelece um elo conclusivo entre os enunciados. A passagem retirada da sincronia moderna apresenta o fato de os personagens Salete e Matos possuírem opiniões diferentes sobre o personagem Luís leva-os a discutir. Com isso, devido a Salete gostar desse outro homem, Mattos conclui que ela deve ir embora: “Então vai embora. Você está aqui porque quer.”. Há, neste exemplo, bastante distanciamento da noção temporal e uma grande aproximação da função discursiva do item.

Em (6), também um exemplo da sincronia moderna, a gramaticalização de então atinge um estágio mais desenvolvido no que diz respeito à sua referência textual, pois sua função neste exemplo, é de [+marcação discursiva]. No enunciado apresentado, a personagem Lídia tenta disfarçar que estivesse acontecendo alguma coisa entre ela e Olegário devido à chegada da empregada Inézia, iniciando, por isso, um diálogo com ele, diferente daquele que estava acontecendo anteriormente entre ambos. Ela, neste contexto diz: “Então o que é que tem o carro?” Observa-se que se trata de um uso com função mais discursiva do que o uso como conector, apesar de também apresentar os traços [+fixidez], [+escopo clausal] e de ter o traço [+referência temporal] opacizado.

4.1.1 FUNÇÃO [+REFERÊNCIA TEMPORAL PRESENTE]

O traço [+referência temporal presente] constitui, no grupo das funções temporais, a característica que possui a maior incidência de ocorrências. Apresentam-se, em seguida, dois enunciados em que os itens estudados possuem esta função.

(7) “E porque a astronomia anda agora mui maneira, mal sabida e lisonjeira, eu, à honra deste dia, vos direi a verdadeira. Muitos presumem saber as operações dos céus, e que morte hão-de morrer, e o que há-de acontecer aos anjos e a Deus, e ao mundo e ao diabo. E que o sabem têm por fé; e eles todos em cabo terão um cão polo rabo, e não sabem cujo é. E cada um sabe o que monta nas estrelas que olhou; e ao moço que mandou, não lhe sabe tomar conta d' um vintém que lh' entregou.” (*Auto da feira/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

(8) “ ‘A história que esse comissário conta é muito fantasiosa para ser verdadeira. O senhor acha que Gregório é um homossexual? Ele é um cínico, um ladrão, um assassino, mas não um homossexual. As informações que temos é que ele é um mulherengo’, disse Ranildo.

‘Qual é então o objetivo desse comissário?’

‘Tumultuar o Inquérito Policial-Militar. Acho que a polícia quer que a gente entre numa canoa furada. Acusa Gregório falsamente, com a nossa colaboração, de ter cometido um crime, depois inocenta o crioulo, nos envolvendo de uma forma ou de outra.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

O traço [+referência temporal presente] apresentado em (7) constitui a função mais freqüente do item agora em todo *corpus*. Este traço, juntamente com [+ mobilidade], [+escopo verbal] e [+circunstanciação] caracterizam o protótipo categorial do termo em questão.

Em (8), temos então também com o traço [+ referência temporal presente] que, apesar de caracterizar o uso mais canônico do termo com base na tradição gramatical, não totaliza a maior quantidade de ocorrências. Isto ocorre haja vista que a temporalidade de então, diferentemente da de agora, é variada, podendo fazer referência ao momento presente, ao passado ou ao futuro.

4.1.2 FUNÇÃO [+REFERÊNCIA TEMPORAL PASSADA]

O traço [+ referência temporal passada] apresenta papéis distintos para os objetos de estudo desta pesquisa como mostram os exemplos em seguida.

(9) “OLEGÁRIO - Venha cá. Olhe bem para mim!

(Pausa. Os dois se olham.)

UMBERTO (com desprante) - Estou olhando.

OLEGÁRIO (encarando Umberto) - Ainda agora você me falou, sem que, nem pra que, no homem coxo. Você está-me querendo fazer de idiota?

UMBERTO (firma o olhar) - Não. Me lembrei porque... (baixando a voz) As pessoas coxas me impressionam muito!” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(10) “Aos padres mais graves da Província foi em especial aceita a eleição, entre os quais o Mestre Fr. Luís de Granada, que então era Provinvial, foi o que mais a festejou que, como tão espiritual, havia que quadrava bem com ua casa, que por todas as idades fora observantíssima,

o governo de quem era espelho da observância” (*A vida de D. Frei Bertalomeu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

Para o item agora, como pode ser verificado no exemplo (9), sua vinculação ao momento passado reflete um uso que não mais se localiza no protótipo categorial do termo. Trata-se de uma função que, apesar de ainda ter referência temporal, possui um certo distanciamento do pico prototípico da categoria. No caso de então, em (10), o item ainda se inclui no chamado protótipo categorial não perdendo quaisquer traços considerados canônicos nem adquirindo outros que caracterizem classe diferente do advérbio.

Registra-se, ainda, que, tanto em (9) quanto em (10), o traço [+ referência temporal passada] é possibilitado pela vinculação que os itens agora e então têm em relação ao verbo conjugado no passado, “falou” e “era”, respectivamente. Em outras palavras, ressalta-se que é o traço [+ escopo verbal] que permite a função dos termos com referência passada.

4.1.3 FUNÇÃO [+ REFERÊNCIA TEMPORAL FUTURA]

O traço [+ referência temporal futura] é o último do grupo dos traços temporais e o menos recorrente. As passagens seguintes mostram que, da mesma forma que o traço [+ referência temporal passada] apresentado anteriormente, este também ocorre devido à noção temporal que o verbo da frase possui.

(11) “ ‘Mas temos que sumir com esse porteiro. O Chicão pode se encarregar disso. Ele te adora, faz tudo o que você quer...’

‘Vou ligar para ele agora. Não podemos perder tempo.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(12) “Quando el-rei esto ouviu, respondeu:

– Per bo~a fe’, Mador, verdade me dizedes do castelo que e’ forte e de soberva deles. Mas vo’s bem sabedes e quantos aqui som que, de^s que foi rei, nom comecei guerra a que nom desse cima a mia honra e de meu reino. Por em vos digo que nom leixarei em nem ua guisa que nom comece a guerra contra aqueles que me ham feita traiçom e tam grande perda e rogo-vos primeiramente quantos aqui sodes que m’ajudedes i, assi como eu em vo’s fiio. Er enviarei aos que mais longe som que de mim teem terra; e pois for nosso poder todo juntado, e pode seer daqui a #XV dias, moveremos entom.” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

Em (11), “vou ligar para ele agora” e em (12), moveremos entom” tem-se ações que, mesmo não estando tão distantes do presente, ainda acontecerão. Nota-se que, também com esta função, enquanto agora já não apresenta seu uso mais canônico, então ainda permanece com uma variação de sua função mais tradicional.

4.1.4 FUNÇÃO [+ CONCLUDOR]

Assumindo traços mais textuais na trajetória de gramaticalização de agora e então ocorrem as funções de conexão, que ainda não são totalmente discursivas, mas já apresentam os traços considerados prototípicos – [+ referência temporal], [+ mobilidade], [+ escopo verbal] e [+ circunstanciação] – consideravelmente opacizados.

(13) “Dom Gilvaz: Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

Fagundes: Aquele homem é primo carnal da Senhora Dona Nize.

Dom Gilvaz: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora Dona Clóris: ora faça-me o favor de a ir chamar.” (*Guerras do Alecrim e Manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(14) “SOS. Non loquar nisi pace facta, quando pugnus plus uales.

MERC. Dic si quid uis, non nocebo.

SOS. Tuae fidei credo?

MERC. Meae.

SOS. Quid si falles?

MERC. Tum Mercurius Sosiae iratus siet.”

(Eu só falarei depois de concluída a paz, porque tu és mais forte pelos punhos.

Então dize lá o que queres. Eu não te farei mal.

Posso confiar na tua lealdade?

Podes.

E se me enganas?

Então que Mercúrio fique irritado com Sósia.) (*Anfitrião/ Teatro/ Sincronia Latina*)

O traço [+ concluidor] é uma das três funções intermediárias entre os usos temporais e discursivos dos itens estudados. Destaca-se que esta característica é a mais usada dentre as três funções de conexão de agora. No exemplo (13), após notar que um homem entra pela janela do quarto de uma moça, o personagem D. Gilvaz questiona como isto é possível e é, então, informado, que se tratam de primos carnais. Ironicamente, ele conclui que também que

ter este tipo de intimidade com a personagem de nome Dona Clóris e exige que ela seja chamada: “Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora Dona Clóris: ora faça-me o favor de a ir chamar”

O enunciado (14) fornece um exemplo de então também com o traço [+ concluidor]. Trata-se de uma das funções mais recorrentes do item. No caso em tela, após alguns questionamentos do personagem Sósia para Mercúrio acerca de sua lealdade, este último conclui que se não agir da forma que o outro deseja, espera que o filho de Zeus, Mercúrio, que é ele mesmo, fique irritado: “Então que Mercúrio fique irritado com Sósia”.

4.1.5 FUNÇÃO [+ SEQÜENCIALIZADOR]

A função [+ seqüencializador] é um traço muito propício de ocorrer nos *corpora* que compõem o material de análise desta tese devido a estes serem compostos por textos predominantemente narrativos, ou seja, ambientes em que fatos são colocados de forma seqüencial para a composição da história.

(15) “Mattos permaneceu em meio à massa compacta de pessoas que continuavam na pista e nas imediações do aeroporto.

Getúlio morreu, ele pensava a todo instante.

Aos poucos as pessoas foram saindo do curto estupor que as dominara quando o avião desapareceu no céu. Agora, homens e mulheres começaram a se enfurecer, a gritar e a se agitar de maneira caótica, espalhando-se pelas cercanias do aeroporto.” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(16) “Disse o escudeiro:

– Pois que assi e’, que vosso nome nom querees dizer, eu vos rogo pola rem do mundo que mais amedes que me digades a verdade do escudo e de quem o adusse a esta terra, ca nunca vi cavaleiro que o a seu colo deitasse que lhe mal nom viesse.

– Tanto me conjuraste, disse o cavaleiro, que to direi. Mais nom direi a ti soo, ante quero que adugas aqui o cavaleiro a que ha’s-de levar o escudo, e direi-to ant’ele, e di-lhe da minha parte que, se quiser saber a verdade, que venha falar com migo ca bem aqui m’achara’.

E entam foi o escudeiro a rei Bandemaguz e preguntou-o se era chagado.

– Eu cuido, disse el-rei, que som chagado aa morte.

– E poderedes cavalgar? disse o escudeiro.

– Prova’-lo-el, disse el, ca de ficar nom me pode vi~ir se mal nom.

Entam se ergueo como po^de e cavalgou a mui gram trabalho. E o escudeiro apo's ele polo teer.” (A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica)

O enunciado (15) traz agora com o objetivo de seqüencializar acontecimentos. Nota-se que o item propicia uma continuidade de ações dentro do contexto em que está inserido: “Aos poucos as pessoas foram saindo do curto estupor que as dominara quando o avião desapareceu no céu. Agora, homens e mulheres começaram a se enfurecer, a gritar e a se agitar de maneira caótica”. Salienta-se que o traço prototípico [+ referência temporal passado] ainda aparece de forma bem clara, no entanto o item já não possui mais a possibilidade de movimentação no enunciado – sua posição é fixa – e ele faz referência a todo o enunciado em vez de se limitar à vinculação verbal.

No exemplo (16) há então sendo utilizado também como [+ seqüencializador] – uma das funções mais freqüentes nos textos em que o item aparece. Verifica-se que o termo faz o elo de conexão com novas ações que vão ocorrendo na evolução dos fatos: “E entam foi o escudeiro a rei Bandemaguz e perguntou-o se era chagado (...) Entam se ergueo como po^de e cavalgou a mui gram trabalho. E o escudeiro apo's ele polo teer.” Neste caso, também, seu posicionamento é fixo, pois caso se movimentasse perderia esse traço funcional. Além disso, da mesma forma que agora, seu escopo abrange todo o enunciado e não apenas o verbo.

4.1.6 FUNÇÃO [+ OPOSITOR]

O traço [+ opositor], dentro das funções que estabelecem conexão de idéias, representado a segunda etapa da trajetória tempo > texto foi a característica com menor incidência de ocorrências. Salienta-se, inclusive, que apenas o item agora foi identificado com esta função e então em nenhum dos 1181 dados dos *corpora* exerceu este papel.

(17) “O comissário encheu a mão de tomates despedaçados. Quando ia jogá-los na panela, tudo aconteceu rapidamente. A panela virou e a água fervendo foi derramada sobre sua mão.

‘Ai meu Deus!’, gritou Salete. «Está doendo muito?»

‘Não se preocupe’, disse o comissário.

‘Meu Deus, meu Deus!’

‘Isso não é nada.’

‘Está doendo muito? Diz a verdade.’

‘Doeu na hora. Agora só está ardendo.’

‘Vai ficar uma ferida aí? Com casca?’

‘Basta enrolar uma gaze em cima.’” (*Agosto/ Romance/ Seqüência Moderna*)

Em (17), agora estabelece uma clara oposição entre as passagens ‘Doeu na hora’ e ‘Agora só está ardendo’. Registra-se que sua gramaticalização nesta passagem é mais evidente do que nos outros dois tipos de conexão – [+ concluidor] e [+ seqüencializador]. Neste caso, os traços prototípicos estão praticamente apagados e os traços característicos das conjunções – [+escopo clausal], [+ fixidez] e [+ conexão] – estão bastante fortes, fazendo com que o item exerça uma função marginal em relação ao pico prototípico.

4.1.7 FUNÇÃO [+ INTRODUTOR DE TÓPICO]

No terceiro grupo de funções, que são as mais discursivas, o traço [+ introdutor de tópico] é o mais recorrente tanto no caso de agora quanto no caso de então. Trata-se do uso dos itens com o objetivo de introduzir um novo tópico, ou seja, um novo assunto no texto.

(18) “A velha caminhonete da polícia transportava o comissário Mattos pela avenida Brasil, soltando uma fumaça negra pelo cano de descarga. Ele fora ao distrito bem cedo, apanhara a caminhonete e falara rapidamente com Pádua, a quem substituiria no plantão ao meio-dia, sobre a conversa que tivera com Anastácio.

‘O putto quer arrego porque está com medo de morrer’, disse Pádua. ‘Então o seu Ilídio, hein?...’ Pádua deu uma pequena gargalhada de escárnio enquanto contraía os músculos dos braços.

‘Quando eu voltar do Galeão a gente conversa mais sobre isso’, disse Mattos.” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

No exemplo (18), o personagem Pádua tenta iniciar um assunto com o personagem Mattos sobre um homem de nome Ilídio: ‘Então o seu Ilídio, hein?’. No entanto, ele não consegue já que Mattos descarta ao diálogo naquele momento informando que falariam sobre o assunto posteriormente. O termo assinalado, com uma função nitidamente discursiva, tanto introduz a tentativa de estabelecimento de comunicação quanto de sugestão do assunto que poderia ser tratado por eles.

4.1.8 FUNÇÃO [+ ENFATIZADOR]

O traço [+ enfatizador] pode ser considerado um dos usos mais discursivos que os itens estudados exercem nos enunciados em que estão inseridos. Trata-se de um uso que

busca enfatizar, fortalecer, dar importância à determinada opinião ou a determinado fato da história.

(19) “(Inézia entra. Sobe a escada. Olegário acompanha-a com a vista, demonstrando uma irritação doentia.)

OLEGÁRIO - Mas essa mulher não pára de descer e subir essa escada! Será possível?

LÍDIA – Ora, Olegário! Ela está fazendo o serviço dela!

OLEGÁRIO - Está bem. (outro tom) Você é mulher de um paralítico.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(20) “OLEGÁRIO (sardônico) - Ah, minha filha, tire isso da cabeça! Já, imediatamente! E se não fazia nada; se estava à espera de minha cura, então...

LÍDIA – Então, o quê?

OLEGÁRIO (sardônico) - Não compreendeu?

LÍDIA - Fale claro!” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

No enunciado (19), ora introduz a fala da personagem Lídia que funciona como um “basta” desta mulher em relação às reclamações de seu marido Olegário: “Ora, Olegário! Ela está fazendo o serviço dela!” . Em (20), então também exerce o papel de um elemento que tenta enfatizar contexto específico da história. Neste caso, Olegário expõe sua opinião para sua esposa Lídia, mas não termina seu raciocínio, deixando suas conclusões no ar: “Ah, minha filha, tire isso da cabeça! Já, imediatamente! E se não fazia nada; se estava à espera de minha cura, então...”. Lídia, por conseguinte, não aceita esta postura do marido e insiste que ele dê continuidade ao seu pensamento: “Então, o quê?”.

Em ambos os casos, pode-se notar que os itens encontram-se no estágio mais avançado de sua trajetória de gramaticalização, pois são usados com função discursiva sem nenhum resquício de seus usos temporais e canônicos.

4.1.9 FUNÇÃO [+ RETOMADOR DE TÓPICO]

O último dos traços identificados como marcador discursivo é o [+ retomador de tópico], que se apresenta com uma função com certa semelhança com o traço [+ introdutor de tópico]. A característica que os diferencia é que, enquanto este introduz um novo assunto ao contexto, aquele retorna a um tópico já abordado anteriormente.

(21) “Dom Lancerote: Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que um fantasma, que saiu de uma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena que tem tomado de umas moças, que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Semicúpio: Ela é muito criada de vossa mercê.

Dom Tibúrcio: Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

Semicúpio: Cale-se, que ainda há de ter uma boa barrigada; deite a língua fora.

Dom Tibúrcio: Ei-la aqui.

Semicúpio: Deite mais, mais.

Dom Tibúrcio: Não há mais.

Semicúpio: Essa bastará; é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam, vossas mercês, Senhores Doutores.

Dom Gilvaz: A língua é de prata.

Dom Fuas: Úmida está bastante.

Semicúpio: Venha o pulso: está intermitente, lânguido, e convulsivo; ó menina, tomou as águas?

Sevadilha: Ainda não veio o aguadeiro.

Semicúpio: Pergunto se o doente fez a mija?

Dom Tibúrcio: Nesta casa não há urinol.

Semicúpio: Pois tome-as ainda que seja numa frigideira em todo o casa, guia per orinis optime cognoscitur morbus.

Dom Lancerote: Ah, senhores, grande Médico!

Dona Nize: E D. Fuas como está melancólico! (Para Dona Clóris).

Dona Clóris: Estará cuidando na receita.

Semicúpio: Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo(se é que o é, que isto não pertence à Medicina) teve uma colórica procedida de paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos(deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e bíscosa que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos: estes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: in calsis andatur, qui ventre evacuar, disse Galeno.” (*Guerras do Alecrim e Manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(22) “OLEGÁRIO (incisivo) - Você quer saber de uma coisa? Não, nada. (noutro tom) Quer dizer que D. Lídia não olhou para ninguém - particularmente?

UMBERTO - Não, não olhou para ninguém - particularmente. Quer dizer...

OLEGÁRIO (curioso) - Quer dizer o quê? Continue! Pode falar!

UMBERTO (com intenção) - Ela estava olhando de vez em quando...

OLEGÁRIO - Para quem? Diga!

UMBERTO (com descaramento) - Para mim.

OLEGÁRIO (espantado) - Para você? (noutro tom) Para você, hem?!

UMBERTO (cínico) - Para mim.

OLEGÁRIO (olhando para Umberto) - Para você...E quando saiu... (interrompe-se) Mas espere um pouco... (em tom especial) Você disse que D. Lídia olhou para você?

INÉZIA (nervosa, voltando com o prato) - Doutor, outra vez ela não quer comer!

OLEGÁRIO (com irritação) - Não quer!... Você precisa ter paciência - que diabo!

INÉZIA (nervosa) - Eu tenho, doutor, eu tenho! Mas se ela não quer?

OLEGÁRIO (saturado) -Então espere um pouco e depois veja se ela come!

INÉZIA (com resignação) - Vou esperar, doutor. (num lamento) Mais do que eu faço!...

(Inézia volta para junto de D. Aninha.)

OLEGÁRIO (impaciente) -. Até perdi o fio da história! (lembrando-se) Então D. Lídia olhou para o senhor? Você está querendo insinuar alguma coisa, seu...

UMBERTO (escandalizado) - Nada, doutor! Que o quê!

OLEGÁRIO - Tome cuidado! Você não me conhece!...” (A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna)

O enunciado (21) é iniciado pela fala do personagem Dom Lancerote relatando ao personagem Semicúpio o problema que um jovem estava passando. Após algumas divagações e comentários de outros personagens, Semicúpio retoma o eixo central do diálogo que tratava do rapaz e utiliza ora para retornar a este assunto: “Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo(se é que o é, que isto não pertence à Medicina) teve uma colérica procedida de paixões internas”

Na passagem (22), os personagens Olegário e Humberto conversam. Neste contexto, o primeiro questiona ao segundo se a sua esposa olhava para alguém quando passava pela rua. Humberto, não muito à vontade com o questionamento, informa que aparentemente D. Lídia olhava para ele. Eles são interrompidos pela chegada da empregada Inézia preocupada com a

sua obrigação de alimentar a filha de Olegário, a qual não queria comer. Em seguida, após a saída da serviçal, Olegário tenta retomar o assunto que inicialmente tratava com Humberto: “Até perdi o fio da história! (lembrando-se) Então D. Lídia olhou para o senhor?”.

Nota-se que, nos dois casos, agora e então retomam o eixo central dos diálogos travados entre os personagens das peças, *Guerras do Alecrim e Manjerona* e *A mulher sem pecado*, respectivamente. Pode-se verificar que os itens propiciam que as histórias não se encaminhem a outros assuntos, ao colocarem o tema considerado mais importante de volta à tona. O uso discursivo dos termos, com os traços que lhes são característicos com esta função – [+ escopo clausal], [+ fixidez] e [+ marcação discursiva] – apresentam-se bem nítidos nestas passagens.

4.2 QUANTO ÀS FUNÇÕES NAS SINCRONIAS

Quanto às funções levantadas nas sincronias estudadas, poder-se-ia pensar, levando em consideração a trajetória clássica da gramaticalização, a qual prevê a passagem de termos com funções menos gramaticais para funções mais gramaticais, que os usos mais discursivos ocorreriam em sincronias mais recentes, como a sincronia moderna. No entanto, os usos mais textuais se apresentaram consideravelmente frequentes em todas as sincronias.

Acredita-se que a motivação para o uso dos termos com funções mais discursivas em detrimento dos protótipos temporais tenha sido propiciada pelos contextos situacionais caracterizadores dos gêneros discursivos em análise. É mister ressaltar que os textos que compõem os *corpora* desta pesquisa – peças de teatro e romances – embora se aproximem da oralidade, não podem ser considerados representantes desta modalidade. Mesmo as peças, que possuem certa informalidade por seu caráter dialógico, são, também, em última análise, da mesma forma que os romances, textos escritos.

Quadro XIV – Funções de agora nas sincronias

		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
		Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	
Tempo	Presente	364	84	6	90	74	29	726
	Passado	51	10	2	2	19	4	93
	Futuro	34	6	1	5	6	1	53
Conexão	Concl.	92	8	2	29	7	5	151
	Seqüênc.	5	---	---	1	2	---	9
	Opositor	4	1	1	1	10	5	29
Marcação Discursiva	Introdutor	36	11	1	14	---	2	77
	Enfatizador	3	5	---	24	3	10	46
	Retomador	---	---	---	1	---	1	2
Total		589	125	13	167	121	57	1186

No *Quadro XIV*, pode-se notar que, no caso de agora, a função de conclusão, no traço [+ conexão] é a mais freqüente e, no grupo dos marcadores discursivos, o uso mais recorrente é o de introdutor de tópico. Os exemplos em seguida ilustram tais usos.

(23) “LÍDIA - Você fala no meu passado. Alguma vez já lhe perguntei pelo seu? Já lhe falei na sua primeira mulher!?”

OLEGÁRIO - E nem fale! Nunca, ouviu? Eu não quero, não admito!

LÍDIA - Já sei, Olegário, nunca mais falarei.

OLEGÁRIO – Agora vou-lhe fazer uma pergunta à queima-roupa. Você me responde – terá coragem?

LÍDIA - Conforme. Sei lá se essa pergunta... Enfim...” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(24) “[Como Lancelot disse aos ermita~es como aveera a Persival e a el.]

Ora diz o conto que Lancelot chegou a[a] pousada daqueles dous irmita~es que eram parentes de Persival. E sabede que pois, de^s que o conheceram, que lhe fizeram. quanto serviço poderam, ca o prezavam de bondade de cavalaria sobre todos os cavaleiros do mundo que sabiam, fora solamente Galaaz; e Galaaz conheciam eles ja’ muito bem.” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

O enunciado (23) traz o item agora estabelecendo um elo conclusivo entre as idéias apresentadas pelos personagens da peça. Já que Lídia garante a seu marido Olegário que não falará mais sobre determinado assunto, ele resolve, por isso, direcionar-lhe uma pergunta mais

difícil: “Agora vou-lhe fazer uma pergunta à queima-roupa. Você me responde – terá coragem?”. Em (24), também, a função do termo estudado é mais discursiva, pois serve para introduzir uma outra passagem da história da demanda do santo graal que ainda não foi comentada – aos fatos ocorridos quando o personagem Lancelot chega a pousada dos parentes de Persival: “Ora diz o conto que Lancelot chegou a[a] pousada daqueles dous irmita~es que eram parentes de Persival”. Nos dois casos, agora não constitui mais de forma plena o protótipo categorial com função temporal, pois nestes dois casos seu escopo não é mais vinculado ao verbo, mas a toda a sentença em que está inserido.

Mesmo apresentando variedade funcional ao longo no material analisado, verifica-se que o termo agora corrobora, ao longo desta pesquisa, sua prototipicidade como advérbio temporal com referência presente, confirmado pela quantidade maior de dados com esta função em todos os períodos de tempo estudados.

Quadro XV - Funções de então nas sincronias

		Sincronia Latina		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
		Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	
Tempo	Presente	2	1	---	1	---	---	4	10	18
	Passado	9	1	419	5	16	1	31	2	484
	Futuro	---	---	12	1	---	1	---	---	14
Conexão	Concl.	6	6	123	4	4	4	40	24	211
	Seqüênc.	7	3	412	5	3	---	5	1	436
	Opositor	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Marcação Discursiva	Introdutor	---	3	1	---	---	---	2	5	11
	Enfatizador	---	---	---	1	---	---	---	2	3
	Retomador	---	---	1	---	---	---	1	2	4
Total		24	14	968	17	23	6	83	46	1181

O *Quadro XV*, que apresenta as funções de então nas sincronias estudadas, por sua vez, mostra um interessante dado: o item, canonicamente conceituado como advérbio temporal, possui, em todas as sincronias estudadas, frequência maior com função de conector do que com função temporal, com exceção da sincronia clássica. A partir deste dado, pode-se questionar a caracterização do próprio protótipo do item o qual, apesar de ser originalmente um advérbio, apresenta-se, desde a sincronia latina, um elemento de conexão, reafirmando a tendência aqui já apontada.

(25) “Ad quem sonum conversus Trimalchio: ‘Dionyse, inquit, liber esto.’ Puer detraxit pilleum apro capitique suo imposuit. *Tum* Trimalchio rursus adiecit: ‘Non negabitis me, inquit, habere Liberum patrem.’” (Virando-se na direção do som, Trimalquião disse: ‘Dionísio, esteja livre!’ O escravo tirou o b̄rrete do javali e colocou-o em sua própria cabeça. *Então*, Trimalquião mais uma vez acrescentou: ‘Vocês não podem negar que eu tenha Baco como meu pai.’) (*Satyricon/ Romance/ Sincronia Latina*)

(26) “– Senhor cavaleiro, eu nom sei quanto vo’s sodes, mas tanto vos vejo bem manter contra tam bo~o~ cavaleiro como dom Galvam que, assi Deus me ajude, eu vos prezo muito. E pola bondade que vos eu vejo, semelha-me que siria gram dano de seerdes tolheito ou morto enesta batalha. E nesto nom podedes vo’s falecer se longamente a manteverdes ca, se vo’s matardes dom Galvam – o que nom pode seer tam ligeiramente ca, eu bem cuidoo que e’ melhor cavaleiro ca vo’s – *entom* convinria que vos combatesseis com migo, que som tam folgado que me nom podiri’ades durar n’hua cousa que vos logo nom matasse.” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

(27) “Dona Clóris: Não se pode negar que venceu o meu Alecrim, pois ele tocou a meta, pondo fim a nossos desejos.

Dona Nize: A Manjerona só merece aplausos, porque deu princípio a este fim.

Semicúpio: *Então*, visto isso, venceu o Malmequer pois ele dói o meio entre o princípio da Manjerona, e o fim do Alecrim.” (*Guerras do alecrim e manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(28) “Mattos pediu outra cerveja.

‘Você é um tira decente’, disse Kid Terremoto, ‘vi logo pela sua cara. *Então* vou lhe dar o serviço, mesmo porque esse Pedro Lomagno é um sujeito rico metido a besta. Estou surpreso por você me dizer que esse Lomagno fez mal a uma moça, pois eu sempre achei que ele era viado. Eu desconfio que ele fazia meia com o Chicão. Ele montou uma academia para o Chicão, mas o crioulo deu com os burros n’água e parece que fechou a academia.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

As passagens (25), (26), (27) e (28) selecionadas de cada uma das sincronias dos *corpora* refletem o uso de *então* mais freqüente no *corpus*. Seus principais traços são: [+ escopo clausal] e [+ conexão]. Em (29), evidencia-se a função de seqüencializar fatos e nos outros enunciados estabelece elos conclusivos entre situações.

Outro ponto a ser ressaltado a partir da observação das tabelas IV e V é o fato de que os usos de *agora* e de *então* com os traços [+ conexão] e [+ marcação discursiva], os mais textuais, são mais freqüente na sincronia moderna como mostram os exemplos abaixo:

(29) “OLEGÁRIO (com amargura) - Logo que eu fiquei doente, você não saía de junto de mim o dia todo. Andava triste, não usava batom. *Agora...* (amargo) Pinta-se. Vai à Colombo. Todos os dias sai. Você me visita apenas. Só vem quando chamo.

LÍDIA (nervosa) – Ora, Olegário, que é isso?

OLEGÁRIO (com irritação crescente) - Eu sei! Você está sempre arranjando pretextos para não ficar aqui! ‘Vou mudar de roupa’! ‘Preciso ver a comida’, ‘Tenho que ir lá dentro’. Passa comigo cinco minutos - assim mesmo por obrigação.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(30) “Eu sei que o meu rosto é feio, mas o meu corpo é perfeito. *Agora*, se este vestido ficou mal em mim, imagine numa mulher qualquer.” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(31) “Quando Mattos chegou havia uma meia dúzia de atletas no ginásio. Um deles batia numa *punching bali*; dois esmurravam um saco de areia. Outros pulavam corda. No ringue, uma dupla, com capacete de proteção, lutava orientada por um velho barrigudo de nariz quebrado. Mattos concluiu, acertadamente, que aquele devia ser o Kid Terremoto.

Mattos esperou pacientemente que as atividades terminassem, o que demorou mais de duas horas. *Então* dirigiu-se ao Kid Terremoto.” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(32) “LÍDIA (amarga) - O que é que você chama ‘tudo’? (noutro tom) Já sei. ‘Tudo’ para você são móveis, casa, automóvel, uma vitrola de 25 contos, cinema, dinheiro!

OLEGÁRIO (sombrio) - Muitas mulheres com muito menos seriam felicíssimas!

LÍDIA (amargurada, repetindo) – ‘Tudo’! Você se esquece que eu tive ‘tudo’ - como você diz – tudo, menos marido. É o que muitas não têm - muitas - marido!

OLEGÁRIO (irônico) – *Então* você nunca teve marido?

LÍDIA (veemente) - Não tive, não senhor! Quer dizer, ‘quase’ não tive! Só no princípio... Depois, os seus negócios!... (acusadora) Lá um dia, você se lembrava que tinha mulher.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

Em (29) e (31), *agora* e *então* são utilizados como elementos de conexão, ou seja, conectores. No primeiro caso, uma passagem de uma peça de Nelson Rodrigues, o

personagem Olegário, paralítico, reclama com sua esposa Lídia que, segundo ele, não lhe dá mais atenção desde que este ficou doente, preocupando-se mais com ela própria do que com ele: “Logo que eu fiquei doente, você não saía de junto de mim o dia todo. Andava triste, não usava batom. Agora... (amargo) Pinta-se. Vai à Colombo.” Agora é utilizado com função opositiva para contrastar as duas posturas da personagem. No segundo enunciado, por sua vez, após descrever a cena que presenciou em um ginásio, o personagem Mattos relata o que fez lá: esperou o término do jogo e, em seguida, falou com um homem de apelido “Kid Terremoto”. Nota-se, neste caso, que então é usado para seqüencializar as ações informadas pelo personagem.

Nos exemplos (30) e (32), agora e então têm função ainda mais discursiva, pois exercem o papel de marcadores discursivos. Em (30), exemplo do romance *Agosto*, a personagem Salete, mulher de baixa auto-estima e namorada do comissário Mattos, constata que, apesar de ter um rosto feio, seu corpo é bonito e, por isso, se a roupa que estava experimentado não havia ficado bem nela, não ficaria bem em nenhuma outra mulher: “Eu sei que o meu rosto é feio, mas o meu corpo é perfeito. Agora, se este vestido ficou mal em mim, imagine numa mulher qualquer.” Observa-se que agora introduz, com certa ênfase, a opinião da personagem sobre o vestido. O item, que no caso funciona como um marcador discursivo, está com a sua gramaticalização bastante nítida, tendo seus traços prototípicos quase totalmente apagados.

Em (32), o casal Lídia e Olegário, da peça *A mulher sem pecado*, discute porque, para o marido, a esposa sempre teve tudo o que queria mas, para ela, faltou-lhe, em todo o período de casamento, um marido. Então é utilizado na fala de Olegário para reforçar a idéia apresentada por Lídia que ele não conseguia aceitar: “Então você nunca teve marido?”. A função do item é, como no caso de agora no exemplo (30), bem mais discursiva do que os dos itens como conectores nos enunciados (29) e (31).

Enfatiza-se que não se pode afirmar, a partir dos contextos apresentados, que o fato de os usos textuais de agora e então serem mais freqüentes na sincronia moderna seria comprovação de que a gramaticalização efetiva desses itens ocorre no momento presente devido à maior incidência de ocorrências. Acredita-se que tal gramaticalização vem ocorrendo de forma constante desde o latim.

É fato que os *corpora* levantados são compostos por dois materiais de cada sincronia escolhida – uma peça de teatro e um romance. Esta escolha teve como objetivo a tentativa de formar um material de pesquisa com textos que refletissem, de um lado, a modalidade escrita da língua, no caso do romance, e, de outro, que, de algum modo, se aproximassem da

modalidade oral, com o uso de peças de teatro. Contudo, por mais que se tente buscar veracidade na questão da modalidade mais oral no texto de teatro e mais escrita no romance, isto só é concretamente conseguido na sincronia moderna, devido à impossibilidade de obtenção de material oral nas sincronias antigas.

Desta forma, sendo na modalidade falada o contexto onde os usos textuais dos termos estudados mais aparecem, poder-se-ia ter a impressão de que o processo de gramaticalização é mais recorrente na sincronia moderna devido a este material apresentar mais diálogos, no entanto este fato não condiz com a verdade. A trajetória tempo > texto ocorre a cada sincronia levantada, constituindo, assim, um processo de gramaticalização unidirecional e sincrônico, que é motivado pelos contextos de uso em que os termos estejam inseridos.

4.3 QUANTO ÀS FUNÇÕES NAS SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS

O uso da variável “seqüência tipológica” teve o objetivo de ampliar as possibilidades de análise dos itens dentro de cada sincronia. Assim, como será explanado ao longo deste subcapítulo, observou-se que determinadas funções concorrem preferencialmente para a articulação de certas seqüências.

Com o propósito de analisar as funções de *agora* e *então* conforme a tipologia textual, separaram-se as seqüências tipológicas de todo material analisado em quatro tipos: descritiva, narrativa, dissertativa e injuntiva. Salienta-se, neste contexto, que, sendo os *corpora* compostos por textos tipologicamente narrativos – teatro e romance –, as seqüências deste tipo são as predominantes.

Nesta parte, também se levou em consideração a visão de Hopper (1979) sobre aspecto e figura no texto narrativo. Logo, a partir desta perspectiva, as seqüências tipológicas narrativas serão consideradas *figura* e as outras seqüências (descritiva, dissertativa e injuntiva), cujos objetivos são ampliar ou comentar a narrativa, serão consideradas *fundo*.

Quadro XVI - Funções de agora conforme as seqüências tipológicas

		Seqüência Descritiva		Seqüência Narrativa		Seqüência Dissertativa		Seqüência Injuntiva		Total
		Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	
Tempo	Presente	46	34	82	23	175	94	123	70	647
	Passado	15	1	49	12	9	3	---	---	89
	Futuro	3	---	31	10	5	2	---	---	51
Conexão	Concl.	2	2	20	5	30	26	37	10	132
	Seqüênc.	---	1	7	---	1	---	---	---	9
	Opositor	9	2	6	2	5	4	---	1	29
Marcação Discursiva	Introdutor	---	2	5	5	21	24	9	5	71
	Ênfatizador	---	---	---	---	3	36	3	---	42
	Retomador	---	---	---	---	---	2	---	---	2
Total		75	42	200	57	249	191	172	86	1072

A partir do *Quadro XVI* pode-se verificar que, sendo a predominância dos *corpora* de seqüências narrativas, já que tanto o romance quanto o teatro “contam histórias”, agora não faz parte, com muita freqüência, dessas passagens de figura, mas sim das de fundo, principalmente das seqüências dissertativas. Isto se deve ao fato de que as narrativas referem-se ao momento passado e agora possui prototipicamente referência presente. As seqüências dissertativas, então, propiciam o uso de agora em sua forma canônica porque ao narrar uma história é comum intercalar pontos de vista sobre ela. São exatamente nestas passagens que o termo em questão aparece.

Os outros traços temporais presentes na tabela, os quais têm, ainda, grande proximidade com o pico prototípico, por possuírem em sua aplicação prática a função de circunstanciadores, predominam nas seqüências narrativas devido ao seu objetivo de pontuar no tempo fatos que se deram, daí o traço [+ referência temporal passada] do termo, ou que possivelmente ocorrerão, sendo, neste contexto, o item utilizado com a característica [+ referência temporal futura].

Outro traço que também prevalece nas seqüências narrativas é o [+ conexão] com função de concluidor. Ora, em se tratando de passagens com apresentação de fatos contínuos, nada mais óbvio do que ser nessas passagens o lugar, por excelência, de agora sendo utilizado como concluidor de fatos.

Listam-se, em seguida, exemplos de passagens de agora sendo utilizado em cada uma das seqüências tipológicas que compõem os *corpora*.

(33) “Entom se leixou correr uu ao outro e feriram-se tam bravamente que escudo nem loriga nom lhis prestou que nom sentissem os ferros nos corpos e, se as lanças nom quebrassem, poderiam ambos seer mortos. E poserom-se ambos os cavalos sobre os corpos; mas ambos eram de gram bondade e de gram coração e ergueram-se mui vivamente. E Palamades foi a seu cavalo e cavalgou e disse a Lançalot:

– Senhor, eu me quiteo bem de vo’s. Ora vos rogo por cortisia que me leixedes ir.

– E como vos sentides? disse Lançalot.

– Vo’s, disse, e aquel outro vosso companheiro mi chagastes mal.” (A *Demanda do Santo Graal*/ Romance/ Sincronia Arcaica)

(34) “O comissário encheu a mão de tomates despedaçados. Quando ia jogá-los na panela, tudo aconteceu rapidamente. A panela virou e a água fervendo foi derramada sobre sua mão.

‘Ai meu Deus!’, gritou Salete. «Está doendo muito?»

‘Não se preocupe’, disse o comissário.

‘Meu Deus, meu Deus!’

‘Isso não é nada.’

‘Está doendo muito? Diz a verdade.’

‘Doeu na hora. Agora só está ardendo.’

‘Vai ficar uma ferida aí? Com casca?’

‘Basta enrolar uma gaze em cima.’” (A *Agosto*/ Romance/ Seqüência Moderna)

O exemplo (33) traz uma passagem em que é contada uma luta entre os personagens Palamades e Lançalot. A seqüência em que ora aparece é dissertativa, pois o primeiro personagem argumenta com o segundo que lhe quer bem e conclui que, por isso, ele deveria ter permissão de partir: “Senhor, eu me quiteo bem de vo’s. Ora vos rogo por cortisia que me leixedes ir.”. Nota-se que, nesta passagem fundo, ora não apresenta sua função prototípica temporal, mas uma função de concluir.

Em (34), parte de um diálogo do romance *Agosto*, agora é utilizado em uma seqüência tipológica descritiva na qual o personagem Mattos informa à sua namorada Salete que a lesão que sofreu doeu apenas no momento em que aconteceu, tendo o incômodo diminuído: “Doeu na hora. Agora só está ardendo.”. O termo assinalado funciona nesta passagem, assim como ocorreu em (37), como elemento de conexão. Neste caso, um opositor.

Ressalta-se que, nas passagens de fundo (33) e (34), exemplos de seqüência descritiva e dissertativa, respectivamente, agora é utilizado, principalmente na última seqüência, com

maior frequência, com função não-prototípicas. Nota-se, então, que contextos de fundo propiciam usos não-canônicos do termo.

Em seqüências narrativas, que constituem as passagens de figura do *corpus* pesquisado, agora mantém o uso temporal prototípico mais freqüente. No entanto, nota-se que tal uso aparece, em considerável quantidade, com a referência temporal ampliada, ora para o passado ora para o futuro.

(35) “ ‘Foi o Borghi quem planejou tudo.’

Cravalheira fez um longo comentário sobre o oportunismo e a covardia do político brasileiro. ‘Pila é uma exceção, teve a hombridade de afirmar que é preciso opor a força à força. Quando da tentativa de *impeachment*, e isto tem pouco mais de um mês, somente trinta e cinco deputados tiveram a coragem de enfrentar o Catete. O Getúlio só não fechou o Congresso porque não quis.’

‘Não quis por quê?’

‘Preferiu desagregar primeiro a oposição, preparando o caminho do golpe. A sala de espera do Oswaldo Aranha, no Ministério da Fazenda, até ontem estava apinhada de udenistas. Mas concordo que o atentado mudou tudo. Getúlio foi colocado na defensiva.’

‘Essa politiquinha de merda me enche de tédio’, disse Clemente.

‘Ele cometeu um erro pela primeira vez na vida. Não tinha que perder tempo desagregando um partido como a UDN. O Exército toparia o golpe, antes do atentado. Agora que mataram o aviador, está mais difícil.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(36) “2º DIABO: ‘Como andas dasassossegado!’

1º DIABO: ‘Arço em fogo de pesar.’

2º DIABO: ‘Que houveste?’

2º DIABO: ‘Ando tão desatinado, de enganado, que não posso repousar que me preste. Tinha uma alma enganada, já quase pera infernal, mui acesa.’

2º DIABO: ‘E quem t’a levou forçada?’

1º DIABO: ‘O da espada.’

2º DIABO: ‘Já m’ele fez outra tal burla como essa. Tinha outra alma já vencida, em ponto de se enforcar de desesperada, a nós toda oferecida, e eu prestes pera a levar arrastada; e ele fê-la chorar tanto, que as lágrimas corriam pola terra. Blasfemei entonces tanto, que meus gritos retiniam pola serra. Mas faço conta que perdi, outro dia ganharei, e ganharemos.’

1º DIABO: ‘Não digo eu, irmão, assi: mas a esta tornarei, e veremos. Torná-la-ei a afagar depois que ela sair fora da Igreja e começar de caminhar; hei-de apalpar se vencerão ainda agora esta peleja. Entra a Alma, com o Anjo.’” (*Auto da Alma/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

No exemplo (35), agora, diferentemente do seu protótipo, refere-se ao momento passado, apesar de ainda possuir características canônicas – [+ mobilidade], [+ escopo clausal] e [+ referência temporal]. Nesta passagem, criticando a postura do presidente Getúlio Vargas na época da articulação do golpe militar, o personagem de nome Cavalheira afirma que, após a morte de determinado homem, o golpe ficaria mais difícil de ser concretizado: “Agora que mataram o aviador, está mais difícil.”. Verifica-se que agora diz respeito a um momento que já ocorreu – a morte do personagem a quem se referem como “aviador”.

Em (36), passagem da peça *Auto da Alma* de Gil Vicente, os “diabos” conversam sobre a dificuldade de abater algumas almas para o inferno. Um deles, então, garante que a situação se modificaria e ele conseguiria vencer, ou seja, arrebatando mais almas, especialmente uma que ele perdeu porque voltou para a Igreja: “Não digo eu, irmão, assi: mas a esta tornarei, e veremos. Torná-la-ei a afagar depois que ela sair fora da Igreja e começar de caminhar; hei-de apalpar se vencerão ainda agora esta peleja.”. Agora se refere a um momento que ainda está por vir, daí o traço [+ referência temporal futura]. Acrescenta-se que tal momento talvez nem venha a se concretizar. Percebe-se, por isso, que, esta passagem, apesar de ser de figura por ser uma seqüência narrativa, o verbo flexionado no futuro não produz o mesmo nível de certeza de um enunciado narrativo com verbo no passado.

O termo então, por sua vez, de acordo com o *Quadro XVII*, aparece primordialmente nas seqüências narrativas, ou seja, passagens de figura, já que tem função de seqüencializar e/ou concluir fatos narrados. Em contextos de fundo, sua freqüência maior ocorre em seqüências dissertativas, mantendo também nestas passagens a incidência maior de função conectiva. É neste tipo de texto também onde ocorrem os usos do termo como marcador discursivo, principalmente como introdutor de tópico. Este fenômeno se dá por tais passagens serem meios mais propícios para usos textuais, já que trazem reflexões ou opiniões dos usuários.

Quadro XVII – Funções de então conforme as seqüências tipológicas

		Seqüência Descritiva		Seqüência Narrativa		Seqüência Dissertativa		Seqüência Injuntiva		Total
		Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	Romance	Teatro	
Tempo	Presente	---	3	---	---	4	5	2	4	18
	Passado	50	1	404	2	21	5	---	1	484
	Futuro	---	---	9	2	3	---	---	---	14
Conexão	Concl.	2	---	118	3	47	25	6	10	211
	Seqüênc.	4	---	421	6	2	2	---	1	436
	Opositor	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Marcação Discursiva	Introdutor	---	---	1	1	2	6	---	1	11
	Enfatizador	---	---	---	---	---	2	---	1	3
	Retomador	---	---	1	---	1	2	---	---	4
Total		56	4	954	14	80	47	8	18	1181

Assinalam-se, em seguida, exemplos de então em cada uma das seqüências tipológicas do material pesquisado.

(37) “PÊRO: ‘Não vos anojarei mais, Ainda que saiba estalar; E prometo não casar Até que vós não queirais.’

(Pêro vai-se, dizendo:) ‘Estas vos são elas a vós: Anda homem a gastar calçado, E quando cuida que é aviado, Escarnefucham de vós! Creio que lá fica a pea... Pardeus! Bô ia eu à aldeia!’

(Voltando atrás)

‘Senhora, cá fica o fato?’

INÊS: ‘Olhai se o levou o gato...’

PÊRO: ‘Inda não tendes candeia? Ponho per cajo que alguém Vem como eu vim agora. E vos acha só a tal hora: Parece-vos que será bem? Ficaí-vos ora com Deos: Çarrai a porta sobre vós Com vossa candeazinha. E sicais sereis vós minha. Entonces veremos nós...’” (*Farsa de Inês Pereira/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

(38) “ ‘Como foi que você descobriu o corpo do seu patrão? Não se apresse.’

‘Eu fui levar o café deles e bati no quarto e ninguém atendia...’

‘Deles quem?’

‘O doutor Paulo e dona Luciana.’

‘A mulher dele não estava viajando?’

‘Eu não sabia. Ela tinha viajado de tarde e eu não sabia.’

‘Quem lhe disse isso?’

‘O primo do patrão, o doutor Cláudio.’

‘E depois?’

‘O doutor Paulo acorda cedo e eu pensei que ele já havia saído e que dona Luciana estava no banho. Então eu abri a porta e... vi aquilo... saí correndo...’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

Os enunciados (37) e (38) trazem então sendo utilizado como elemento de conexão possuindo os traços [+ escopo clausal], [+ fixidez] e [+ conexão]. Na primeira passagem, o personagem Pêro, da peça *Farsa de Inês Pereira*, orienta a personagem Inês acerca do que ela deve fazer. Seqüencializando as ações a serem realizadas, o personagem termina com “Entonces veremos nós...” propiciando uma idéia de dúvida para o que irá acontecer posteriormente. Na segunda passagem, do romance *Agosto*, a empregada de uma casa onde houve um homicídio é interrogada e conta tudo o que sabe sobre o crime. Ao relatar o momento em que localizou o morto, ela fala: “O doutor Paulo acorda cedo e eu pensei que ele já havia saído e que dona Luciana estava no banho. Então eu abri a porta e... vi aquilo... saí correndo...”. Ora, os padrões não estavam no quarto e, por isso, ela abriu a porta e viu o cadáver. Observa-se que então proporciona um elo conclusivo nas ações narradas pela personagem.

4.4 QUANTO ÀS FUNÇÕES CONFORME A ORDEM DOS CONSTITUINTES

Para que se analisassem as funções de agora e então conforme a posição que ocupavam nos enunciados em que estavam inseridos, partiu-se da visão canônica de que a ordem natural, ou seja, não-marcada, em língua portuguesa é sujeito-verbo-objeto (SVO) e a ordem não-marcada, isto é, que foge ao padrão tradicional, é verbo-sujeito (VS)

Neste contexto, observou-se se a posição dos itens dentro de cada seqüência tipológica era pré-verbal ou pós-verbal, independentemente de existir qualquer elemento entre o termo a ser analisado e o verbo. Objetivou-se registrar se esta variação de posição de alguma forma motivaria funções diferentes aos objetos de estudo desta pesquisa.

Convém ressaltar que a primeira impressão de quem analisa os advérbios do ponto de vista do lugar que ocupam na oração é a sua liberdade posicional. É fato que a própria gramática tradicional registra esta possibilidade em relação aos advérbios de tempo e lugar, conforme assinalam, por exemplo, Cunha e Cintra (1985, p. 534), ao afirmarem que “os advérbios de tempo e de lugar podem colocar-se antes ou depois do verbo”. Os autores, no

entanto, não levantam a possibilidade de, devido a mudança de posição, ocorrer alteração funcional.

Uma das possíveis explicações para o deslocamento dos advérbios é fornecida por Ilari (1990, p. 135) ao afirmar que tal deslocamento “obedece principalmente à necessidade de precisar o escopo do advérbio”. Ou seja, a movimentação é influenciada pela área de atuação que o advérbio tiver, se ligado ao verbo, a todo o enunciado etc. Outra possibilidade levantada pelo autor é que este deslocamento pode ser explicado por razões de informatividade ou de interesse discursivo. Ilari assinala que

“um mesmo ‘advérbio’ pode aparecer nos vários paradigmas, assumindo as funções características de cada um; pode-se falar neste sentido de polissemia da maioria dos advérbios e, numa outra ótica, de economia da língua (já que a língua reutiliza os mesmos meios lexicais multiplicando as suas funções); a posição depende, em cada caso, da função que o advérbio exerce ao mesmo tempo que contribui para identificar essa função.” (Ilari, 1990, p. 135)

Logo, nota-se que a possibilidade de deslocamento propicia, em última instância, o enquadramento dos advérbios em classes diferentes, promovendo, com isso, o exercício de funções que não são as canonicamente conhecidas.

4.4.1 A POSIÇÃO DE AGORA CONFORME O GÊNERO DISCURSIVO

Em relação ao gênero discursivo romance, o *Quadro XVIII* registra que ocorreu predominância de agora em posição pré-verbal (A+V) com função canônica, ou seja, referência ao momento presente. Além disso, pode-se notar que, com esta ordem, todas as funções temporais e de conexão foram identificadas. Já no grupo dos marcadores discursivos, com exceção da função de retomar o tópico anteriormente mencionado, os outros usos – introdutor de tópico e enfatizador – puderam também ser assinalados neste *corpus*.

Na posição pós-verbal (V+A), por outro lado, apesar de ter ocorrido, como na posição A+V, a predominância do protótipo categorial, a incidência dos usos como conector foi muito pequena – apenas dois exemplos com função opositiva e dois com função conclusiva. E, ainda, usos como marcadores discursivos não foram localizados neste gênero discursivo.

Quadro XVIII- Posição de agora no corpus de romance

		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
		A + V	V + A	A + V	V + A	A + V	V + A	
Tempo	Presente	310	54	5	1	50	24	444
	Passado	35	16	1	1	18	1	72
	Futuro	29	5	1	---	3	3	41
Conexão	Concl.	92	---	---	2	5	2	101
	Seqüênc.	5	---	---	---	2	---	7
	Opositor	3	1	1	---	9	1	15
Marcação Discursiva	Introdutor	36	---	1	---	---	---	37
	Enfatizador	3	---	---	---	3	---	6
	Retomador	---	---	---	---	---	---	---
Total		513	76	9	4	90	31	723

Listam-se, abaixo, exemplos com os usos mais frequentes e menos frequentes dos dados que compõem o gênero discursivo romance.

(39) “Foi fácil de persuadir o valeroso cavaleiro. Entra no rio, lança sua gente em terra, fortifica-se da parte ocidental, por todo aquele teso, onde agora é o convento d S. Francisco, até sobre o mar.” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(40) “E el-rei, que viu Galaaz sem escudo, disse-lhe:

- Amigo, nom me semelha que bem fazedes que nom levades escudo assi como estes outros.
- Senhor, meu mal faria se o daqui levasse. E sabede que nom tragerei escudo atee que a ventura mo nom de[^]. Agora seja no nome de Deus. (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

(41) “Dalides jouve gram peça esmorcido e alevantou-se e achou seu companheiro mal ferido u jazia e preguntou-o como se sentia.

- Senhor, disse ele, som ferido aa morte.
- Assi? disse Dalides. Assi me Deus valha, pesa-me ende; agora fosse eu ferido aa morte que ja mais nunca haverei honra de cousa que faça ca este cavaleiro me escarneceu por sempre. E por esto querria seer morto mais que vivo.” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

Os enunciados (39) e (40) exemplificam os usos mais frequentes no grupo dos traços temporais e no grupo de traços discursivos, respectivamente – com agora sendo utilizado em

posição A+V. Na primeira passagem, há o traço [+ referência temporal presente] e, na segunda, [+ introdutor de tópico].

O exemplo (41), por sua vez, reflete a função de agora na posição A+V que apresentou menor quantidade de dados: o marcador discursivo com o traço [+ enfatizador]. Esta situação já era, de certa forma, esperada, devido à tendência dos usos mais textuais, por se afastarem muito do pico prototípico, serem menos frequentes. Na passagem em questão, agora propicia realce à opinião fornecida pelo personagem Dalilas que pretende se matar nesse momento da história: “agora fosse eu ferido aa morte que ja mais nunca haverei honra de cousa que faça ca este cavaleiro me escarneceu por sempre. E por esto querria seer morto mais que vivo.” Nota-se que o item tem seu escopo vinculado a todo o enunciado que o segue.

(42) “ ‘Eu sei ler muito bem. Vou mostrar para você, quando sairmos da banheira.’

‘Por que você não me mostra sua carteira de identidade?’

‘Pra você não ver meu retrato, está muito feio.’

Da banheira foram para a cama. Durante algum tempo ele esqueceu os criminosos miseráveis fodidos e as vítimas fedidas e os tiras fedidos corruptos e os tiras fodidos honestos.

‘Quer que eu leia agora para você? Serve este livro que você não larga nunca?’

‘Serve.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(43) “O Concílio Cartaginense IV, na regra que dá aos bispos, me ensina que seja a minha mesa pobre e as alfaias desta casa vis e de pouco preço; e, se quero autoridade, que a procure com merecimentos de vida e costumes. E S. Basílio que, por perfeito prelado e perfeito monge, mereceu o nome de Magno. Me guia no recato que estamos obrigados a guardar na distribuição dos bens da Igreja, afirmando a Juliano, Emperador, que qualquer sacerdote que se ocupa em adquirir e guardar, ou se desmanda em gastar largo, não está sujeito a menos pena, pelo que mal gasta ou entesoura, que pelo que furta do altar; e enfim resolve que do altar furtamos tudo o que aos pobre não damos. Não vai longe daqui o lume da Igreja, nosso Padre Santo Tomás. Todos sabemos quão estreitas e quão limitadas são as taxas que põe à sua casa, à família e a todas as mais despesas dos prelados.

Comparemos agora esta doutrina com essoutras rezões, ponhamo-la com elas em balança, vê-las-emos ir por esses ares e desaparecer como fantásticas e sofisticas e sem nenhum peso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o ouro, e com a prata, e com as mais valias da terra, quando cantamos dele que, pêra confundir essas forças e

mostra quão pouco montam em sua presença, buscou e escolheu cousas mui fracas com que as desbarata.” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(44) “O velho já o esperava ao lado da estátua de Chopin. Usava, como sempre, chapéu panamá e gravata borboleta, mas o chapéu estava amassado e o terno era de caroá. O colarinho, sujo. A bengala de castão de prata, que segurava na mão, em vez de torná-lo elegante, como antes, dava-lhe agora uma aparência frágil e enferma.

‘Meu jovem’, disse Emílio abraçando Mattos e mordendo a dentadura, ‘estou muito feliz com seu sucesso.’

Sucesso. Veio à mente de Mattos o xadrez do distrito cheio de homens fedorentos e doentes. (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

As passagens (42) e (43) trazem exemplos de agora com as funções mais freqüentes do item na posição V+A. Registram-se, então, os traços [+ referência temporal presente] e [+ concluidor], respectivamente. Com esta ordem, não foram identificados usos textuais como marcador discursivo.

Dentre as ocorrências levantadas nesta etapa, o traço menos freqüente foi [+ opositor] como mostra o exemplo (44). Neste caso, agora estabelece um contraste entre duas passagens “em vez de torná-lo elegante, como antes” e “dava-lhe agora uma aparência frágil e enferma”. É evidente que este uso, além de contrastar duas caracterizações opostas do personagem que está sendo descrito, ressalta também momentos diferentes desta descrição, o passado e o presente.

O *Quadro XXIX*, em seguida, apresenta a totalização do uso de agora em relação ao seu posicionamento, A+V ou V+A, no *corpus* de teatro. A primeira observação a se fazer é que, neste conjunto de dados, os usos textuais na posição pré-verbal foram mais recorrentes do que no *corpus* do romance. É bem provável que esta motivação tenha sido provocada pela maior incidências de passagens de diálogo (ambiente mais propício para usos textuais) nas peças de teatro do que nos romances.

Quadro XXIX- Posição de agora no corpus de teatro

		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
		A + V	V + A	A + V	V + A	A + V	V + A	
Tempo	Presente	47	37	68	22	15	14	203
	Passado	4	6	1	1	1	3	16
	Futuro	1	5	4	1	1	---	12
Conexão	Concl.	6	2	28	1	5	---	42
	Seqüênc.	--	---	1	---	---	---	1
	Opositor	1	---	1	---	5	---	7
Marcação Discursiva	Introdutor	9	2	14	---	2	---	27
	Enfatizador	4	1	24	---	10	---	39
	Retomador	---	---	1	---	1	---	2
Total		72	53	142	25	40	17	349

Apresentam-se, abaixo, ocorrências que exemplificam os usos A+V e V+A no *corpus* composto por peças de teatro.

(45) “LÍDIA - Às vezes, eu penso que se você me encontrasse sozinha, num lugar deserto, eu talvez não tivesse tempo de gritar. E você...

UMBERTO - Matar você, sem motivo?

LÍDIA - Com motivo ou sem motivo, não sei. Por amor, por ciúmes - para que eu não fosse mais de ninguém.

UMBERTO (baixo) - Gosta de mim?

LÍDIA (baixo e maravilhada) - Não sei, não sei!

UMBERTO – Agora um beijo, sem resistir. (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Modenra*)

(46) “Dom Fuas: Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a Dona Nize, te expões a embaraçar o meu emprego?

Dom Gilvaz: Dona Clóris, Dom Fuas, para que são esses extremos, quando a Senhora Dona Nize nem a vós vos ofende, nem a mim me corresponde?

Dom Fuas: Ninguém se esconde sem delito.

Dona Clóris: Ninguém se oculta sem motivo.

Dona Nize: Ora , agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário: é muita verdade; escondi a D. Gil, por que lhe quero bem; pois que temos?

Dom Fuas: Que isto sofra a minha paciência! Ah, ingrata!

Dona Clóris: Que isto tolerem os meus zelos! Ah, falso amante! (*Guerras do Alecrim e Manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(47) “*Sancho*. Saberá vossa mercê que eu quero fazer o meu testamento por escrito, que me dizem que o nuncuchupativo* não é tão bem. Sabe vossa mercê fazer testamentos?

Tabelião. Suposto que eu nunca fizesse testamento, contudo já fiz um escrito de casamento a uma negra; e quem faz uma cousa também faz outra.

Sancho. Isso basta e sobeja. Ora sente-se; aí tem papel selado, que já me serviu em várias necessidades. É bom papel: tudo o que se escreve de uma banda, se pode ler da outra com muita facilidade. Ora ponha uma perna sobre a outra; escreva à sua vontade.

Tabelião. De qualquer sorte estou bem, para servir a vossa mercê. (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(48) “Dom Lancerote: Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que um fantasma, que saiu de uma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena que tem tomado de umas moças, que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Semicúpio: Ela é muito criada de vossa mercê.

Dom Tibúrcio: Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

Semicúpio: Cale-se, que ainda há de ter uma boa barrigada; deite a língua fora.

Dom Tibúrcio: Ei-la aqui.

Semicúpio: Deite mais, mais.

Dom Tibúrcio: Não há mais.

Semicúpio: Essa bastará; é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam, vossas mercês, Senhores Doutores.

Dom Gilvaz: A língua é de prata.

Dom Fuas: Úmida está bastante.

Semicúpio: Venha o pulso: está intermitente, lânguido, e convulsivo; ó menina, tomou as águas?

Sevadilha: Ainda não veio o aguadeiro.

Semicúpio: Pergunto se o doente fez a mija?

Dom Tibúrcio: Nesta casa não há urinol.

Semicúpio: Pois tome-as ainda que seja numa frigideira em todo o casa, guia per orinis optime cognoscitur morbus.

Dom Lancerote: Ah, senhores, grande Médico!

Dona Nize: E D. Fuas como está melancólico! (Para Dona Clóris).

Dona Clóris: Estará cuidando na receita.

Semicúpio: Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo(se é que o é, que isto não pertence à Medicina) teve uma colórica procedida de paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos(deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e viscosa que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos: estes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: in calsis andatur, qui ventre evacuar, disse Galeno.” (*Guerras do Alecrim e Manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

O exemplo (42) mostra, como já foi apresentado no *corpus* do romance, o uso como concluidor em posição A+V. O enunciado (46) traz uma função que foi muito mais recorrente no teatro do que no romance: o uso de ora para enfatizar, realçar, dar importância a alguma opinião do personagem. Neste exemplo, inclusive, seu uso textual estava tão nítido para o falante que, em seguida a ora, é utilizado agora com função prototípica: “Ora, agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário: é muita verdade; escondi a D. Gil, por que lhe quero bem; pois que temos?”. Caso não houvesse para o enunciador função diferenciada entre os termos em questão, dificilmente eles seriam colocados juntos.

Com a ordem A+V, dois usos se mostram, dentre os utilizados, como os menos frequentes – o uso como seqüencializador, com uma ocorrência, e o uso como retomador de tópico, com duas ocorrências. O enunciado (47) traz agora como elo de conexão entre ações a serem realizadas de forma seguida pelo personagem da história. O item funciona, então, como seqüencializador. Em (48), por sua vez, com um função muito mais discursiva, agora propicia, no enunciado em que está inserido, um retorno ao tópico que configurava como o eixo central da história.

(49) “OLEGÁRIO - O que quero dizer é simples até demais. Eu admito que você não fez nada. Que não pecou... ainda.

LÍDIA (irônica) - Ainda? Que mais?

OLEGÁRIO (noutro tom) - Admitamos que não houve nada - até agora. Mas... e a sua

imaginação?

LÍDIA (espantada) - O que é que você quer dizer com isso?

OLEGÁRIO - Quero dizer o seguinte: seus atos podem ser puríssimos. Mas seu pensamento nem sempre - seu pensamento, seu sonho. Quem é que vai moralizar o pensamento? O sonho? Você, talvez!" (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(50) "Meirinho. Ora, já que vossa mercê falou em espada e justiça, digame: porque pintaram a Justiça com os olhos tapados, espada na mão e balança na outra, pois ando com esta dúvida, e ninguém ma pode dissolver, e só vossa mercê ma há-de explicar, como sábio em tudo?"

Sancho. Que me faça bom proveito! Dai-me atenção**, Meirinho. Sabei, primeiramente, que isto de Justiça é cousa pintada e que tal mulher não há no Mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g.*** a Senhora Dulcineia deI Toboso, nem mais, nem menos; porém, como era necessário haver esta figura no Mundo para meter medo à gente grande, como o papão às crianças, pintaram uma mulher vestida à trágica, porque toda a justiça acaba em tragédia; taparam-lhe os olhos, porque dizem que era vesga e que metia um olho por outro; e, como a Justiça havia de sair direita, para não se lhe enxergar esta falta lhe cobriram depressa os olhos. A espada na mão significa que tudo háde levar à espada, que é o mesmo que a torto e a direito. Os Doutores que falam nesta matéria não declaram se era espada colubrina, loba, ou de soliga; mas eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel, os terços de infantaria, os copos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho seco. Na outra mão, tinha uma balança de dous fundos de melancia, como a dos rapazes: não tem fiel, nem fiador; mas contudo dá boa conta de si, porque esta moça, se não tem quem a desencaminhe, é mui sisuda. Algum dia podia eu ler de ponto nesta matéria, porque vos posso dizer que criei a Justiça a meus peitos; mas as cavalarias do Senhor D. Quixote fizeram-me com que fechasse os livros e desembainhasse as folhas.

Meirinho. Já entendo o enigma. Posso agora mandar vir os feitos para a audiência?" (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(51) "Como tardastes vós tanto?"

ONZENEIRO Mais quisera eu lá tardar...

Na safra do apanhar

me deu Saturno quebranto.

DIABO Ora mui muito m'espanto

nom vos livrar o dinheiro!...

ONZENEIRO Solamente para o barqueiro

nom me leixaram nem tanto...

DIABO Ora entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO Não hei eu i d'embarcar!” (*Auto da barca do inferno/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

(52) “Nem cantar presente mi. Pois Deos sabe a rebentinha Que me fizestes então. Ora, Inês, que hajais bênção De vosso pai e a minha, Que venha isto a concurusão. E rogo-vos como amiga, Que samicas vós sereis, Que de parte me faleis Antes que outrem vo-lo diga. E, se não fiais de mi, Esteja vossa mãe aí, E Lianor Vaz de presente. Veremos se sois contente Que casemos na boa hora.”(*Farsa de Inês Pereira/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

Em relação à ordem V+A no *corpus* composto por peças de teatro, as funções mais frequentes foram as mesmas do romance e do teatro em posição pré-verbal, o traço [+referência temporal presente], em (49), e o traço [+concluidor], em (50).

No caso dos marcadores discursivos, foram identificadas apenas três ocorrências – dois exemplos como introdutor de tópico e um como enfatizador. Tal quantidade de dados constitui-se ínfima para que se possa afirmar que a primeira função seja a mais recorrente e a segunda seja a menos usada como marcador discursivo em todo o *corpus* de teatro na ordem V+A. Salienta-se, ainda, que esses dados que refletem usos mais textuais foram identificados apenas na sincronia clássica, porém isto não garante que não possam ocorrer também em outras sincronias.

Com a função mais discursiva, então, há o exemplo (51), no qual, após um diálogo entre os personagens Onzeneiro e Diabo, este, com o objetivo de terminar a conversa inicial e apresentar a proposta de que o outro entre na barca diz: “Ora entrai, entrai aqui!”. Já em (52), ora introduz uma opinião que a remetente da carta lida pela personagem Inês Pereira que enfatizar: “Ora, Inês, que hajais bênção De vosso pai e a minha, Que venha isto a conclusão. E rogo-vos como amiga, Que samicas vós sereis, Que de parte me faleis Antes que outrem vo-lo diga.”.

Ressalta-se, em última instância, que, comparando-se a ordem A+V e a V+A, esta se apresenta, tanto no *corpus* de romance quanto no de teatro, como o ambiente menos propício para os usos mais textuais. Tal fato se dá porque, como se pode perceber, a colocação de agora após o verbo do enunciado, na maioria dos casos, limita seu escopo de atuação à

vinculação verbal. Daí sua menor funcionalidade. Já a ordem A+V, apresenta-se como uma ordem mais livre no sentido que permite um uso mais variado do termo.

4.4.2 A POSIÇÃO DE AGORA CONFORME A SEQÜÊNCIA TIPOLOGICA

A primeira observação a se fazer quanto a posição de agora em relação ao verbo conforme as seqüências tipológicas no romance, apresentado do *Quadro XX*, é que houve predominância do uso do item em ordem A+V. Em primeiro lugar estão as passagens dissertativas (256 dados), seguido de perto pelo total de ocorrências em seqüências narrativas (212 dados). Em terceiro lugar, aparecem as seqüências injuntivas (174 dados) e, com a menor quantidade de exemplos identificados, as seqüências descritivas (81 dados).

Quadro XX- Posição de agora no corpus de romance conforme a seqüência tipológica

	Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
	A + V	V + A	A + V	V + A	A + V	V + A	
Seqüência Descritiva	26	6	4	2	36	7	81
Seqüência Narrativa	153	31	3	1	20	4	212
Seqüência Dissertativa	176	32	2	---	30	16	256
Seqüência Injuntiva	158	7	---	1	4	4	174
Total	513	76	9	4	90	31	723

Salienta-se, ainda, ao observar o quadro acima que, sendo o romance um gênero textual com predominância de seqüências tipológicas narrativas, constitui-se em um material com referência temporal basicamente passada. Por este motivo, sendo agora vinculado prototipicamente ao momento presente, ocorreu com mais freqüência em passagens que pudessem ser utilizadas de forma canônica. Daí, sua maior incidência em seqüências dissertativas.

Separando-se as ocorrências de agora em posição pré-verbal e pós-verbal, elencam-se, em seguida, exemplos de cada seqüência tipológica em ordem A+V – enunciados (53), (54) e (55) – e, em ordem V+A – passagens (56), (57) e (58).

(53) “Sepultada e adormecida esteve em suas ruínas Viana, até o tempo d’el-Rei Afonso III de Portugal, que comumente chamamos Conde de Bolonha, o qual, no ano do Senhor de mil e duzentos e sessenta e seis, a trouxe do monte ao baixo e ao longo do rio, onde agora está, sítio que então havia nome Átrio, que logo ficou apagado e trocado no antigo de Viana” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(54) “E entãm achou ua donzela que andava em uu palafre´m negro que lhe perguntou:

– Senhor, sodes cavaleiro andante?

– Donzela, si, som; porque o preguntades?

– Por ua mui gram maravilha, disse ela, que vos ora direi que agora achei em aquela foresta.

- E que maravilha e´? disse Galaaz.

– Eu achei ora mortos dous cavaleiros e ua donzela que tiinha a cabeça corta e jazem todos tre^s em meo do caminho, E, se quiserdes ir per esta carreira per u eu venho, vos levará a eles.” (A *Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

(55) “A preocupação de Pádua era, porém, muito grande. Estava arrependido por ter matado Turco Velho. Ele já se arrependera por ter deixado de matar alguém. Por ter matado, aquela era a primeira vez. Fora um erro liquidar o Turco Velho. Turco Velho era um pistoleiro caro, que costumava servir políticos, fazendeiros e outras pessoas de recursos financeiros. Agora era impossível saber quem o havia empreitado para assassinar Mattos. Havia um canalha na cidade com tutano para mandar matar um comissário de polícia: esse puto tinha que ser identificado. Como? Como? Ainda por cima, agora ele não podia alertar o idiota do Mattos, dizendo ‘sabe quem era esse Ibrahim Assad? O famoso Turco Velho, o maior pistoleiro do país. Alguém com muito arame quer acabar com você’. Mattos era doido, se soubesse que ele, Pádua, havia matado o Turco Velho, abriria imediatamente um inquérito dizendo com aquele jeito infeliz dele, ‘sinto muito Pádua, mas você infringiu a lei’.” (A *Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(56) “Como Melias levou a coroa. E como levou a donzela d’Amado[r] de Beel. E Melias indo assi pola furesta, achou ua donzela que fazia gram doo por uu cavaleiro que havia pouco que era chagado. E a donzela era mui fremosa e Melias pagou-se dela e perguntou-a porque fazia tam gram doo por aqieste cavaleiro. Disse ela que “outro cavaleiro o chagou agora mal de morte, que nom pode cavalgar nem pode sair daquesta furesta”. E Melias lhe disse:

– Donzela, o cavaleiro e´ morto e nom no podedes levar, e mais val que o leixedes e vos irdes a alguu lugar a salvo, ca sei que, se aqui ficardes em esta furesta, toste vos poderia vi~ir ende mal alguu.” (A *Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

(57) “ ‘Um cara estava há meses num acampamento no meio do mato e foi ao capataz e perguntou como é que podia arranjar uma mulher para afogar o ganso. O capataz respondeu que mulher não havia, mas havia um chinês. O sujeito não topou, queria era mulher. Meses mais tarde ele voltou ao capataz e disse: olha, me arranja aquele chinês, mas ninguém pode ficar sabendo. Ele não queria ficar com fama de fancho. Isso é difícil, respondeu o capataz, eu vou saber, o chinês vai saber, e os quatro sujeitos que vão agarrar o chinês à força para você enrubar vão saber também. O senhor não conhecia essa piada?’

‘Lembrei agora. Se o garoto era o chinês tinha alguém agarrando ele.’

‘Tinha. O Cláudio Aguiar, o primo dele Paulo que foi assassinado, e um tal de Pedro Lomagno. Os três se revezaram na enrabação.’

‘Como era o nome do menino?’

‘É incrível, mas o nome do menino era José Silva, páginas e páginas na lista telefónica. Não vai ser fácil descobrir o paradeiro dele agora.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(58) “Comparemos agora esta doutrina com essoutras rezões, ponhamo-la com elas em balança, vê-las-emos ir por esses ares e desaparecer como fantásticas e sofisticas e sem nenhum peso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o ouro, e com a prata, e com as mais valias da terra, quando cantamos dele que, pêra confundir essas forças e mostra quão pouco montam em sua presença, buscou e escolheu cousas mui fracas com que as desbarata.” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

O exemplo (53) traz agora em seqüência tipológica descritiva em posição pré-verbal. Neste caso, o termo é utilizado com função prototípica, [+ referência temporal presente].

Ressalta-se que, as seqüências descritivas – as menos freqüentes do *corpus* de romance – são enunciados que trazem um detalhe a mais pra a história, porém de forma muito irrelevante já que configuram passagens de fundo e não de figura.

Os enunciados (54) e (56) são exemplos de seqüências tipológicas narrativas com agora em posição A+V e V+A, respectivamente. Em ambos os casos, o item tem a função temporal passado. Ora, este fato já era, de certa forma, esperado, uma vez que este tipo de seqüência, a qual se constitui como figura do texto, possui geralmente tempo passado e agora, como tem a possibilidade desta variação temporal, adequou-se ao contexto, com o traço [+ referência temporal passado].

As passagens (55) e (57) são enunciados que apresentam agora em seqüências tipológicas dissertativas, as quais, como já foi dito anteriormente, se mostram como o ambiente em que o item mais apareceu no *corpus* composto por romances. No primeiro, com ordem A+V, tem-se o protótipo categorial e, em seguida, com ordem V+A, um concludor

Em (58), temos um exemplo de agora em seqüência tipológica injuntiva no romance. Nota-se que, neste caso, o item ainda possui uma grande proximidade com a noção temporal. Registra-se que essa conexão com o traço do protótipo é propiciada pelo próprio posicionamento do termo, que está colocado imediatamente após o verbo.

Passando, em seguida, para o *Quadro XXI*, este permite observar a totalização de dados de agora em seqüências tipológicas nas peças de teatro que compõem os *corpora* desta tese. Nota-se que a freqüência de usos foi semelhante ao romance no quesito mais usual – seqüências dissertativas, com 172 dados – e no menos usual – seqüências descritivas, com 51 exemplos. Ocorreu diferença em relação as seqüências injuntivas (91 dados), as quais foram mais recorrentes que as narrativas (51 dados) no teatro, diferentemente do que ocorreu no *corpus* do romance.

Quadro XXI- Posição de agora no corpus de teatro conforme a seqüência tipológica

	Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
	A + V	V + A	A + V	V + A	A + V	V + A	
Seqüência Descritiva	11	3	9	3	5	4	35
Seqüência Narrativa	16	16	8	2	5	4	51
Seqüência Dissertativa	23	16	84	14	27	8	172
Seqüência Injuntiva	22	18	41	6	3	1	91
Total	72	53	142	25	40	17	349

Listam-se, em seguida, exemplos de seqüências tipológicas no teatro com agora sendo utilizado em posição pré-verbal – (59), (60) e (61) – e em posição pós-verbal – (62), (63) e (64).

(59) “ANJO : Ó Alma despiedosa perfiosa! Quem vos devesse fugir mais que guardar! Pondes terra sobre terra, que esses ouros terra são. Ó Senhor porque permites tal guerra, que desterra ao reino da confusão o teu lavor?

Não íeis mais despejada, e mais livre da primeira pera andar? Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, à derradeira, hão-de ficar. Tudo isso se descarrega ao porto da sepultura. Alma santa, quem vos cega, vos carrega dessa vã desventura?

ALMA: Isto não me pesa nada, mas a fraca natureza me embaraça. Já não posso dar passada de cansada: tanta é minha fraqueza, e tão sem graça! Senhor, ide-vos embora, que remédio em mim não sento, já estou tal...” (*Auto da Alma/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

(60) “LÍDIA (dolorosa) - Por que você me provoca? Você me diz coisas e eu falo o que não devia!

OLEGÁRIO - Mas não faz mal. Eu não me queixo. Até gosto, acho tudo ótimo, magnífico. E se me queixei foi antes. Agora, não. No momento, eu estou com uma disposição fantástica. Porque o fato é o seguinte: eu estou assim - imprestável. Muito bem.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(61) “Dona Nize: Ora Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de várias queixas que padecemos.

Semicúpio: Inda mais essa? Ora (30) digam.” (*Guerras do Alecrim e Manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(62) “Dom Fuas: Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fagundes: Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados e um tanto fétidos; descanse, senhor, que Dona Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio, e das carícias do noivo.” (*Guerras do Alecrim e Manjerona/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(63) “UMBERTO - Isso é para você não andar me provocando!

LÍDIA - Eu provoquei você? Está completamente doido!

UMBERTO - Doido! Diz isso agora, mas antes...

LÍDIA (revoltada) - Algum dia já lhe dei confiança?

UMBERTO (como num sonho) - Já me beijou.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(64) “DIABO Que vaidades e que extremos tão supremos! Pera que é essa pressa tanta? tende vida. Is muito desautorizada, descalça, pobre, perdida, de remate: não levais de vosso nada. Amargurada, assi passais esta vida em disparate. Vesti ora este brial; metei o braço por aqui. Ora esperai. Oh! Como vem tão real!” (*Auto da Alma/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

Os exemplo (59) e (62) mostram agora em seqüências tipológicas descritivas com ordem A+V e V+A, respectivamente. Ambos possuem função prototípica, a qual se apresenta

em passagens que fornecem algum tipo de detalhe ou característica ao contexto geral, ou seja, são enunciados de fundo que enriquecem as passagens narrativas, de figura.

Em (63), agora é utilizado em seqüência tipológica narrativa, ou seja, passagem de figura, onde exerce a função temporal presente em posição pós-verbal.

Em (60), ordem A+V, e (63), ordem V+A, agora é usado em seqüências tipológicas dissertativas, as quais se apresentaram, também nas peças de teatro, como o ambiente em que o termo foi mais utilizado, mesmo sendo passagens de menor importância no conjunto das obras por serem de fundo.

Os enunciados (61) e (64), por fim, apresentam agora em posição pré-verbal como concluidor e em posição pós-verbal como temporal presente. O uso do termo em contextos de injunção, como já foi mencionado anteriormente, é mais freqüente no *corpus* de teatro do que no romance. É provável que este fato tenha ocorrido por conta de haver, nas peças de teatro, mais diálogos, os quais propiciam mais seqüências tipológicas injuntivas do que nos romances, nos quais predomina o propósito de contar os fatos, daí as seqüências tipológicas narrativas.

4.4.3 A POSIÇÃO DE ENTÃO CONFORME O GÊNERO DISCURSIVO

Em relação ao gênero discursivo romance, o *Quadro XXII* mostra que houve uma incidência maciça do uso de então em posição pré-verbal, E+V, principalmente com função temporal passado e como seqüencializador. Observa-se, também, que a essa função temporal, dentre os usos temporais que caracterizam o protótipo, é a mais recorrente. No grupo das funções de conexão, diferentemente do que se esperava, foi mais recorrente o uso como seqüencializador em vez de o uso como concluidor. Este fato se deu provavelmente por ser o romance um material primordialmente narrativo e, por conta disso, então foi muito usado para propiciar o encadeamento dos fatos da história com seu uso pré-verbal. Nota-se, ainda, neste quadro, a pequena quantidade de ocorrências de então no grupo dos marcadores discursivos, principalmente em posição pós-verbal. Dados com esta função foram localizados apenas na sincronia arcaica e na moderna, todos em posição E+V.

Quadro XXII- Posição de então no corpus de romance

		Sincronia Latina		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
		E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	
Tempo	Presente	1	1	---	---	---	---	2	2	6
	Passado	8	1	317	102	15	1	19	12	475
	Futuro	---	---	9	3	---	---	---	---	12
Conexão	Concl.	6	---	111	12	4	---	33	7	173
	Seqüênc.	7	---	400	12	3	---	5	---	427
	Opositor	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Marcação Discursiva	Introdutor	---	---	1	---	---	---	2	---	3
	Enfatizador	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	Retomador	---	---	1	---	---	---	1	---	2
Total		22	2	839	129	22	1	62	21	1098

Listam-se, abaixo, exemplos dos usos mais e menos frequentes de então em posição E+V e V+E.

(65) “Ac ne tunc quidem nos ullum adiecimus verbum, sed attoniti expectavimus lacrimas ad ostentationem doloris paratas.” (Nós não conseguimos dizer uma palavra sequer naquele momento, mas, atônitos, observamos as lágrimas bem preparadas para a simulação da dor.) (*Satyricon/ Romance/ Sincronia arcaica*)

(66) “[Como Estor nom se quis combater quando soube que Meraugis amava Erec.] – Senhor cavaleiro, vo’s estades a pee e eu a cavalo, e ainda com tal andança queredes a batalha?

E el disse que verdadeiramente a queria, ca em outra guisa seer-lhe-ia desonra. – Assi? disse Estor. Pois rogo-vos pola fe’ que devedes a toda cavalaria que me digades quem sodes e que andades buscando, ca tal poderedes seer que me combaterei com vosco e tal que nom.

– Senhor, disse Meraugis, ja’ meu nome vos nom sera’ coberto, pois mo demandades. Sabede que hei nome Meraugis e som de Cornualha, e ainda nom lei feito tanto como deseja meu coração pagado nem onde haja minha nomeada. E pero acompanhara-me com uu cavaleiro pouco havia pola gram bondade que em el vira.

Entom lhe contou todo como fora.

– E como havia nome?, disse Estor.

E el lhe nomeou o seu. E tanto que Estor ouviu a Erec a ventura e andança que houve[r]a houve mui gram pesar, ca ele amava Erec de mui grande amor, como o conto vos devisou.

Entom disse a Meraugis:

Vo's buscades uu homem que eu amo sobre todos lhos cavaleiros de minha linhagem. E pois que vo's tanto amades como mi dizedes, eu som aquele que per n'hua guisa nem per nenhua razom nom me combaterei com vosco se nom fosse mortal desamor. E por em vos perdoo esta batalha ca, se Deus quiser, nom farei i mais e me dou por vincido.

Entom deceu e tirou sa espada e disse:

– Dom Meraugis, filhade esta espada que vos dou e, se vos praz, tenho-me por vincido desta batalha.” (A *Demanda do Santo Graal*/ Romance/ Sincronia Arcaica)

(67) “ ‘Você está rindo? Depois não diz que eu não avisei.’

‘Sei o que estou fazendo», disse o comissário, novamente de cara fechada. ‘Vou terminar o flagrante.’

Autor, vítima, advogado e escrivão esperavam pelo comissário.

‘Então, doutor, tudo resolvido?’, disse o advogado.

‘Tudo. Vamos continuar o auto de flagrante.’ (A *Agosto*/ Romance/ Sincronia Moderna)

(68) “[Como Lancelot achou ua donzela que lhi pediu uu dom.] uu dia lhe veio que andava pola Furesta Gasta, lasso e cansado, ca andara entam quando de ua parte quando d’outra, sem comer e sem beber, que tal foi sua ventuira que el todos quatro dias nom achou u se acolhesse, anpe andou desviado per essa furesta, que era iui grande. E nunca se queixou las ante dizia que tal era a vnntade de Nosso Senhor que sofria na demanda do Santo Graal. Depo’s n qual quarto dia lhe veio que chegou a^ua fonte que nacia em meo de uu vale, ao pee de uu carvalho. E a fonte era mui fermosa e ele havia mui gra[n]de fame e gram sede e semelhou-lhe que, se per ventuira bevesse d[a] a’gua, que morriria polo qual seria a sede e a fame maior. Entom decendeu o elmo, [t]olheo-[o] e vio vi~ir um corço que vinhabever aa fonte. E el filhou sua lança e pensou que se o podesse matar que comeria dele ena qual guisa quer que seja, por matar fame.” (A *Demanda do Santo Graal*/ Romance/ Sincronia Arcaica)

Os exemplos acima elencados assinalam então em ordem E+V, a mais usual de todo o conjunto de dados desta tese. A passagem (65) traz o uso temporal mais freqüente, o traço [+referência temporal passada]. Em seguida, em (66), observa-se então com o traço mais presente em todo o *corpus* do romance, o [+seqüencializador]. Ressalta-se que, neste exemplo, o termo aparece três vezes estabelecendo a continuidade de ações da narrativa : “Entom lhe contou todo como fora.”; “Entom disse a Meraugis”; e “Entom deceu e tirou sa

espada e disse”. Nota-se que, além da ordem pré-verbal do termo propiciar a função relacional apresentada, o posicionamento de *então* como o primeiro elemento da seqüência tipológica em muito contribui para sua função de seqüencializador.

Em (67) e (68), há exemplos do item como marcador discursivo, exercendo as duas funções que foram localizadas neste *corpus* com a ordem E+V, [+ introdutor de tópico] e [+ retomador de tópico], respectivamente. Salienta-se que as funções como marcador discursivo mostram um estágio mais avançado no processo de gramaticalização.

(69) “Quando acontecia de não achar prova bastante pera usar deste meio, mandava-os vir diante de si um por um, e perguntava-lhes quando havia que estavam emendados, servia-se da resposta por confissão, pera os repreender asperamente de palavras, por *então*, e pera os evitar ao diante, quando houvesse fama que tornavam ao pecado; e não havia outra condenação” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(70) “ ‘O senhor reconhece que agrediu o senhor Ilídio?’

‘Sim. Foi um erro. Eu podia autuá-lo pelo 231, por desacato. Perdi a cabeça.’

‘O senhor sabe *então* que cometeu o crime de violência arbitrária? Artigo 322. Praticar violência, no exercício da função ou a pretexto de exercê-la.’

‘Sei.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(71) “Antea stolatae ibant nudis pedibus in clivum, passis capillis, mentibus puris, et Iovem aquam exrabant. Itaque statim urceatim plovebat: aut *tunc* aut nunquam, et omnes ridebant udi tanquam mures. Itaque dii pedes lanatos habent, quia nos religiosi non sumus. Agri iacent...”

(Antes, as mulheres nobres iam de pés descalços para o alto de um monte, com os cabelos soltos, com as mentes puras, e suplicavam água a Júpiter. E assim imediatamente chovia tanto que dava para encher todos os jarros: é *agora* ou nunca, e todos riam molhados como se fossem ratos. E assim a vingança dos deuses vem silenciosa, porque nós não somos religiosos. Os campos estão largados...) (*Satyricon/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

Os enunciados (69) e (70) assinalam os usos de *então* em posição pós-verbal com as funções mais freqüentes: como temporal passado no primeiro caso e como concluidor no segundo. Já (71) exemplifica a função menos usual de todas as encontradas no *corpus* do romance com *então* em posição V+E, o traço [+ referência temporal presente].

Assinala-se que, com a ordem V+E, foram identificadas apenas as funções temporais e as de conexão como concluidor e seqüencializador, não tendo sido localizado nenhum uso

como opositor ou qualquer exemplo como marcador discursivo. Observa-se, neste contexto, que este posicionamento de então tem pouca frequência no *corpus* analisado e, também, pouca variedade funcional.

Outro ponto relevante diz respeito ao fato de funções mais textuais terem tido poucos exemplos em posição E+V, apenas cinco ocorrências, e nenhum dado em posição V+E. Salienta-se que, o *corpus* de romance levantado para esta pesquisa não propiciou usos mais discursivos de então. Isto não quer dizer, por conseguinte, que tais usos pouco existam em ordem E+V, ou sejam inexistentes na ordem V+E.

Analisando-se, em seguida, o *Quadro XXIII*, que apresenta o uso de então no *corpus* de teatro, verifica-se que a quantidade de dados compilada neste material foi consideravelmente menor que a dos dados do romance. Por outro lado, apesar desta diferença quantitativa, pode-se notar que foi no *corpus* apresentado no quadro abaixo o local onde houve maior identificação de dados com função de marcadores discursivos, ou seja, dados mais avançados na trajetória tempo > texto.

Quadro XXIII- Posição de então no corpus de teatro

		Sincronia Latina		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
		E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	
Tempo	Presente	1	---	1	---	---	---	9	1	12
	Passado	1	---	4	1	---	1	2	---	9
	Futuro	---	---	1	---	1	---	---	---	2
Conexão	Concl.	6	---	4	---	4	---	19	5	38
	Seqüênc.	3	---	5	---	---	---	1	---	9
	Opositor	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Marcação Discursiva	Introdutor	3	---	---	---	---	---	4	1	8
	Enfatizador	---	---	1	---	---	---	2	---	3
	Retomador	---	---	---	---	---	---	2	---	2
Total		14	---	16	1	5	1	39	7	83

Elencam-se, em seguida, passagens de então em ordem E+V e V+E para exemplificar o posicionamento do item no *corpus* de teatro.

(72) “LÍDIA - Deixa eu passar ou eu grito agora mesmo!

UMBERTO - Grita? Tem essa coragem? Pois, então, grita. Quero ver e duvido.

LÍDIA (baixo) - Grito.” (A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna)

(73) “*Sancho*. Ainda o ela aparecer está em contingências? Cuidei que já vossa mercê a tinha certa.

D. Quixote. Deixa isso por minha conta, que, ou ela queira ou não queira, ela aparecerá, e tu verás como pago os teus serviços.

Sancho. Os meus serviços com quaisquer trinta réis se pagam; até aí posso eu; se vossa mercê me não dá para mais, então irei buscar minha vida. E esses meus serviços só na boca de vossa mercê não é bem que fiquem. Dê-me alguma clareza ou obrigação, por onde o possa obrigar, quando me falte. (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(74) “ALC. Ecastor equidem te certo heri advenientem ilico, et salutavi et valuissesne usque exquisivi simul, mi vir, et manum prehendi et osculum tetuli tibi.

SOS. Tum heri hunc salutavisti?

ALC. Et te quoque etiam, Sosia.”

(Por Castor! Mas eu saudei-te quando tu chegaste ontem e perguntei se estavas de saúde, peguei-te na mão e dei-te um beijo.

(Então) Tu saudaste-o ontem a ele?

E a ti também, Sósia.) (*Anfitrião/ Teatro/ Sincronia Latina*)

(75) “OLEGÁRIO (encarando Umberto) - Ainda agora você me falou, sem que, nem pra que, no homem coxo. Você está-me querendo fazer de idiota?

UMBERTO (firma o olhar) - Não. Me lembrei porque... (baixando a voz) As pessoas coxas me impressionam muito!

OLEGÁRIO (irritado) - Você pára ou não pára de mascar essa porcaria? Tire isso da boca!

UMBERTO (parando e olhando para o teto) - Eu estava distraído!

OLEGÁRIO (com suspeita) - Estou começando a desconfiar que você não é chofer. E quando cismo uma coisa, dificilmente erro!

UMBERTO (entre misterioso e sardônico) - O senhor acha então que eu não sou... chofer? (noutro tom) Quer ver a minha carteira profissional?

OLEGÁRIO (insistente) - Você não tem cara de chofer!...

(Aproxima-se Inézia, nervosa, com o prato.)

INÉZIA - Não adianta, doutor! Ela não quer outra vez!

OLEGÁRIO (com irritação) - Se ela não quer, o que é que eu vou fazer? (saturado) Não

precisa tentar mais. Depois eu falo com minha mulher.

(Inézia sai.)

OLEGÁRIO (irritado) - Essa "zinha" não serve nem para dar comida à minha mãe!

(noutro tom, voltando-se para Umberto) Olhe aqui, Umberto: se você arranjar uma coisa positiva, uma carta, por exemplo - eu dou a você cinco mil cruzeiros. Sem discutir.

UMBERTO - Fique descansado, Dr. Olegário. Não era preciso dinheiro... Mesmo sem dinheiro...

OLEGÁRIO (impaciente) - Eu sei, eu sei... Mas dou um conto de réis. Está ouvindo?

UMBERTO - Está bem, Dr. Olegário. É só?

OLEGÁRIO - É só. Pode ir. Não, espere. Na Colombo, minha mulher não encontrou nenhum conhecido - conhecido homem?

UMBERTO - Não. Não vi cumprimentar nenhum homem.

OLEGÁRIO - Tem reparado se olham muito para minha mulher na rua?

UMBERTO - (hesitante) - O senhor sabe como é.

OLEGÁRIO (noutro tom) - Então o tal coxo é velho?

UMBERTO - É, doutor." (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

Em (72), então pré-verbal está com o traço [+ referência temporal presente], uma das possibilidades temporais do uso prototípico. É interessante comparar esta função com o uso temporal, com este mesmo posicionamento, mais freqüente no *corpus* do romance, que foi o traço [+ referência temporal passada]. É provável que tal diferenciação tenha ocorrido porque no *corpus* do romance predominam passagens que relatam fatos passados da história na 3ª pessoa do discurso, com a pouca presença de diálogos nos textos. Nas peças de teatro, por sua vez, ocorre, de forma mais equilibrada, a exposição de fatos passados por meio do narrador-observador e dos diálogos entre os personagens. Devido a isto, houve maior quantidade de dados de então com referência temporal presente nas peças de teatro já que foi bastante utilizado em passagens dialogadas, ao passo que nos romances surge com mais freqüência nos enunciados de relatos de acontecimentos e, por isso, a função de tempo passado do termo foi mais recorrente.

Em (73), então foi utilizado como concluidor, função mais usual nas peças de teatro dentre os usos de conexão com ordem E+V. Em (74), por outro lado, o termo aparece como enfatizador de tópico. Percebe-se, nesta passagem, que então é utilizado com o objetivo de ressaltar um fato que a personagem Alcména informa a Sósia: “(Então) Tu saudaste-o ontem a ele?”

O enunciado (75), assim como os exemplos anteriores, traz então em ordem E+V. Neste caso, no entanto, exemplifica o uso do item com a função que foi a menos utilizada com este posicionamento: [+ retomador de tópico]. Nota-se, que o personagem Olegário, ao travar um diálogo com seu motorista Humberto, menciona um homem coxo: “Ainda agora você me falou, sem que, nem pra que, no homem coxo.”. Este assunto, porém, não tem continuidade imediata porque Olegário começa a desconfiar que Humberto não é realmente um chofer, depois faz críticas à empregada Inézia e orienta o empregado a investigar as saídas de sua esposa. Após esta grande lacuna preenchida com outros assuntos, é retomado o assunto inicial sobre o homem coxo: “Então o tal coxo é velho?”.

(76) “*D. Quixote*. Sô Mestre, trate do seu estojo, e das suas navalhas e não se meta a querer investigar os recônditos arcanos dos cavaleiros andantes. Se você lera as antigas Histórias de Palmerim de Oliva, Roldão, Amadis de Gaula e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas, soubera então o que val*** um cavaleiro andante. Bem sei de um, que só com um suspiro é capaz de afundir uma armada e cem galeões.” (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(77) “OLEGÁRIO (irritado) - Você pára ou não pára de mascar essa porcaria? Tire isso da boca!

UMBERTO (parando e olhando para o teto) - Eu estava distraído!

OLEGÁRIO (com suspeita) - Estou começando a desconfiar que você não é chofer. E quando cismo uma coisa, dificilmente erro!

UMBERTO (entre misterioso e sardônico) - O senhor acha então que eu não sou... chofer? (noutro tom) Quer ver a minha carteira profissional?

OLEGÁRIO (insistente) - Você não tem cara de chofer!... (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(78) “OLEGÁRIO (sardônico) - Quer dizer que você ainda tem ilusões?

LÍDIA - Tenho fé em Deus!

OLEGÁRIO (sardônico) - Ah, minha filha, tire isso da cabeça! Já, imediatamente! E se não fazia nada; se estava à espera de minha cura, então...

LÍDIA – Então, o quê?

OLEGÁRIO (sardônico) - Não compreendeu?

LÍDIA - Fale claro!” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(79) “MAURÍCIO - Se eu soubesse que não há nem houve, nunca, uma mulher fiel - fiel de qualquer maneira, sempre - eu te juro, eu meteria uma bala na cabeça. No mesmo instante.

OLEGÁRIO (sorridente) – Então, mete a bala na cabeça, já! Onde está o meu revólver? Ali! Na gaveta! Apanha! (muda de tom) Ou, então, se tu metesses uma bala na cabeça, eu poderia fazer o mesmo se... (sôfrego) Acreditas, então, que há uma mulher assim? Já não digo duas. Uma. Basta uma que seja a fiel absoluta...

MAURÍCIO - Acredito.” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

Exemplificando então em ordem V+E no *corpus* de teatro, apresentaram-se acima os enunciados (76) e (77) trazendo as funções mais recorrentes do termo com este posicionamento, a saber: [+ referência temporal passada] e [+ concludor].

As passagens (78) e (79), por outro lado, embora apresentem então após o verbo também, mostram as funções que, com este posicionamento, foram as menos usadas. No primeiro exemplo, como [+ introdutor de tópico], então é posicionado no final da frase sugerindo um novo assunto no enunciado que não chega a ser desenvolvido. No segundo enunciado, o termo aparece com o traço [+ referência temporal presente] o qual, apesar de ter aparecido com frequência na posição pré-verbal, nesta outra pouco foi utilizada.

4.4.4 A POSIÇÃO DE ENTÃO CONFORME A SEQÜÊNCIA TIPOLOGICA

O uso de então de acordo com o seu posicionamento pré-verbal ou pós-verbal conforme as seqüências tipológicas é apresentado inicialmente no *Quadro XXIV* com o *corpus* do romance. Neste, verifica-se o predomínio total do uso do termo em seqüências tipológicas narrativas (954 dados) principalmente em posição E+V. O segundo tipo de seqüência com maior frequência de exemplos foi a dissertativa (80 dados). Em seguida, aparece a seqüência tipológica descritiva (56 dados) e, por último, com quantidade de ocorrências levantadas bem inferior às demais, a seqüência injuntiva (8 dados).

Quadro XXIV- Posição de então no corpus de romance conforme a seqüência tipológica

	Sincronia Latina		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
	E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	
Seqüência Descritiva	4	1	19	11	8	---	10	3	56
Seqüência Narrativa	15	---	801	108	6	---	16	8	954
Seqüência Dissertativa	3	1	18	10	8	1	32	7	80
Seqüência Injuntiva	---	---	1	---	---	---	4	3	8
Total	22	2	839	129	22	1	62	21	1098

Listam-se, em seguida, passagens que exemplificam a ordem E+V – (80), (81), (82) e (83) – e a ordem V+E – (84), (85), (86) e (87)- em cada tipo de seqüência tipológica identificada no *corpus* do romance.

(80) “Em tal guisa como vos eu conto soube rei Artur a morte da dona. E esto foi em aquel ano mesmo que a demanda do Santo Graal foi começada, diretamente a entrada d’Abril. E pola grande bondade que el sentiu na dona foi-se aa Foresta Gasta com gram companha de cavaleiros e fez britar a cela e filhar o corpo da dona e leva’-lo a Camaalot e feze-o soterrar com grande honra na igreja de Sam estiano que entom era a maior igreja.” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

(81) “Ac ne tunc quidem nos ullum adiecimus verbum, sed attoniti expectavimus lacrimas ad ostentationem doloris paratas. (Nós não conseguimos dizer uma palavra sequer naquele momento, mas, atônitos, observamos as lágrimas bem preparadas para a simulação da dor.) (*Satyricon/ Romance/ Sincronia Latina*)

(82) “Com a entrada do ano novo determinou começar a visitar o arcebispado. Diziam-lhe os cónegos e os desembargadores que era o tempo do inverno mui áspero naquelas partes, de muitas neves e frios intoleráveis, que lhe poderiam fazer dano irreparável na saúde; a isto respondia que o bom pastor não deixava de estar com suas ovelhas por medo de chuvas, nem frios, nem calmas, nem tempestades, porque antes então têm elas mais necessidades de sua companhia e mal cumpriria ele com o ofício se, havendo dous anos que seu antecessor era falecido, e sendo provável haver necessidades nas ovelhas de Cristo, deixasse de lhes acudir por respeitos particulares de sua saúde ou de seu bom ou mau tratamento.” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(83) “ ‘Essa hipercloridria vai acabar comigo’, disse Mattos abrindo a porta para Salete entrar. ‘Toma um copo de leite’, disse a moça, desconsolada, depois de ficar alguns segundos de braços abertos, esperando uma manifestação de carinho do comissário.

‘Já tomei.’

‘Toma outro.’

Salete abriu a geladeira. Nas prateleiras havia apenas algumas garrafas de leite e muitos ovos, alguns ocos. Salete, que sentia repugnância por ovos e nunca comera um em toda a sua vida, já testemunhara, enojada, Manos fazer dois furinhos nas extremidades de um ovo e chupá-lo,

«como se fosse um gambá». Alguém lhe dissera que os gambás chupavam ovo daquela maneira.

‘Não quero leite.’

‘Então chupa um ovo. Não me incomodo. Só não quero ver.’

‘Vou mastigar outro Pepsamar.’” (*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

(84) “Habebamus tunc hominem Cappadocem, longum, valde audaculum et qui valebat: poterat bovem iratum tollere.” (Nós tínhamos, naquela época, um homem da Capadócia, alto, muito corajoso e que era forte: podia segurar um touro bravo.) (*Satyricon/ Romance/ Sincronia Latina*)

(85) “E Meraugis, quando se viu em terra, ergeo-se tost[e] mui vergonhoso desta aventura e meteu ma~o a espada e guisou-se de se amostrar polo melhor que podesse, ca bem viu que aquel que o derribara que nom era men?no. E quando Estor viu que se guisava de batalha assi a pee como estava, prezou-o mais que ante e esmou que [e]ra alguu dos da Mesa Redonda. E por em quis saber ante quem era que i mais fizesse, e disse-lhe entom” (*A Demanda do Santo Graal/ Romance/ Sincronia Arcaica*)

(86) “Quando acontecia de não achar prova bastante pera usar deste meio, mandava-os vir diante de si um por um, e perguntava-lhes quando havia que estavam emendados, servia-se da resposta por confissão, pera os reprender asperamente de palavras, por então, e pera os evitar ao diante, quando houvesse fama que tornavam ao pecado; e não havia outra condenação” (*A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires/ Romance/ Sincronia Clássica*)

(87) “ ‘Está tudo pago. A loja não aceita de volta.’

‘Então eu dou para um asilo de velhos.’

‘Os velhos são surdos e não gostam de ópera.’

‘Não estou brincando, Alice.’

‘Quer saber do que os velhos dos asilos gostam? De doces e de visitas, pra conversar. As velhas gostam também de água-de-colônia, batom e pó-de-arroz.’

‘Eu não estou brincando, Alice.’

‘Eu sei porque, quando a minha antiga babá foi internada no asilo.’

‘Isso tudo tem que ir embora.’

Alice começou a chorar. ‘Deixa então a cama, as óperas, os pratos, os copos e os talheres.’

(*Agosto/ Romance/ Sincronia Moderna*)

Os enunciados (80) e (84) exemplificam o uso de então em posição pré-verbal e pós-verbal, respectivamente, em seqüências tipológicas descritivas. Nota-se que o termo, no primeiro caso, em sua forma arcaica, entom, aparece no meio da passagem descritiva e aponta para a caracterização de uma determinada igreja em um momento passado.

Em (81), ordem E+V, e em (85), ordem V+E, então aparece nas seqüências que, no *corpus* do romance foram consideradas as mais relevantes por serem de figura, as seqüências tipológicas narrativas. Em ambos os casos, o item tem a função prototípica [+ referência temporal passada].

Os exemplos (82) e (86) são seqüências tipológicas dissertativas e, da mesma forma que os exemplos de seqüências descritivas, enunciados de fundo, ou seja, passagens menos importantes no conjunto das obras do que as passagens narrativas. Em (82), ordem E+V, o termo é utilizado com função de conector, estabelecendo um elo de conexão conclusiva entre as passagens: “o bom pastor não deixava de estar com suas ovelhas por medo de chuvas, nem frios, nem calmas, nem tempestades” e “porque antes então têm elas mais necessidades de sua companhia”. Já em (86), ordem V+E, então funciona com função prototípica de tempo passado.

As passagens (83) e (87), com então em posição pré-verbal e pós-verbal, respectivamente, são exemplos das seqüências de menor freqüência no *corpus* do romance – as seqüências tipológicas injuntivas. Este tipo de seqüência foi identificado apenas cinco vezes no *corpus* em questão: 5 dados em ordem E+V e 8 em ordem V+E. Tanto em (83) quanto em (87) ordens são dadas por um personagem a outro com função conclusiva do termo destacado: “Então chupa um ovo.” e “Deixa então a cama, as óperas, os pratos, os copos e os talheres.” Assinala-se, ainda, que esses exemplos analisados aparecem em passagens de diálogo, muito mais propícias a seqüências tipológicas injuntivas do que qualquer outro ambiente textual. Nota-se, também, em tais enunciados, o uso coloquial dos verbos nas frases com tempo verbal imperativo flexionado de forma incorreta por representarem usos mais informais.

O *Quadro XXV* apresentado abaixo assinala, por fim, a freqüência do posicionamento pré-verbal e pós-verbal de então no *corpus* de teatro. A primeira observação a se fazer é que, diferentemente do *corpus* do romance onde o termo foi mais recorrente em seqüências tipológicas narrativas, no material ora analisado, o item foi mais utilizado em seqüências dissertativas (47 dados) principalmente em posição E+V.

As seqüências tipológicas narrativas e injuntivas contabilizaram quantidade próxima de ocorrências – a primeira, 14 dados e, a segunda, 18. As seqüências tipológicas menos usadas no *corpus* de teatro com o uso de então, conforme também mostra o quadro, foram as descritivas (4 dados)

Quadro XXV- Posição de então no corpus de teatro conforme a seqüência tipológica

	Sincronia Latina		Sincronia Arcaica		Sincronia Clássica		Sincronia Moderna		Total
	E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	E + V	V + E	
Seqüência Descritiva	2	---	---	---	---	---	2	---	4
Seqüência Narrativa	4	---	5	1	---	1	2	1	14
Seqüência Dissertativa	7	---	6	---	5	---	23	6	47
Seqüência Injuntiva	1	---	5	---	---	---	12	---	18
Total	14	---	16	1	5	1	39	7	83

Elencam-se, em seguida, exemplos de seqüências tipológicas que apresentam então em posição pré-verbal – (88), (89), (90) e (91) – e em ordem pós-verbal – (92) e (93).

(88) “nunc hodie Amphitruo veniet huc ab exercitu et servos, cuius ego hanc fero imaginem. nunc internosse ut nos possitis facilius, ego has habebo usque in petaso pinnulas; tum meo patri autem torulus inerit aureus sub petaso: id signum Amphitruoni non erit.” (Agora, hoje, chega Anfitrião da guerra com o escravo cuja fogura eu tomei para mim. Para que possais distinguir-nos mais facilmente pus eu no chapéu, aqui, estas peninhas então meu pai terá no seu , uma correntezinha de ouro, sinal este que não terá Anfitrião.) (*Anfitrião/ Teatro/ Sincronia Latina*)

(89) “DINIZ LOURENÇO Compadre, no mais sofrer: sai de lá desse silvado.

AMÂNCIO VAZ Pera eu ser arrepelado. Não havi'eu mais mister.

DINIZ LOURENÇO E não n'hás tu de vender?

AMÂNCIO VAZ Tu dizes que a quéis feirar.

DINIZ LOURENÇO Não qu'ela se me tomar leixar-m'á quando quiser. Mas demo-las à má estreia; e voto que nos tornemos, e er depois tornaremos com as cachopas d'aldeia: entonces concertaremos.” (*Auto da Feira/ Teatro/ Sincronia Arcaica*)

(90) “*Filha*. Diga-me, Senhor pai, e que tal é a ilha de que vossa mercê há de ser governador? *Sancho*. É a mais excelente do Mundo. É mui grande: tem sete palmos de comprido e dous de largo; tem muita árvore de espinho. O que me gabam mais é um passeio que tem, de ortigas, que dizem é uma maravilha. Sobretudo tem ao pé dos muros um canteiro de boninas, que

cheiram, que tresandam. Tem muito lega-cachorro* e é tão sadia, que todos os anos tem um ramo de peste. Não, quanto a eu ir bem acomodado, nisso não se fala. Tomara-me eu já nessas limpezas, e então, se Deus quiser, casarei a minha Sanchica com um fedalgo**. Ouves tu? Bem podes aparelhar esse rabo, que se há-de assentar em coche, ou eu não hei-de ser quem sou.” (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(91) “INÉZIA (nervosa, voltando com o prato) - Doutor, outra vez ela não quer comer!

OLEGÁRIO (com irritação) - Não quer!... Você precisa ter paciência - que diabo!

INÉZIA (nervosa) - Eu tenho, doutor, eu tenho! Mas se ela não quer?

OLEGÁRIO (saturado) – Então espere um pouco e depois veja se ela come!

INÉZIA (com resignação) - Vou esperar, doutor. (num lamento) Mais do que eu faço!...” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

(92) “Sô Mestre, trate do seu estojo, e das suas navalhas e não se meta a querer investigar os recônditos arcanos dos cavaleiros andantes. Se você lera as antigas Histórias de Palmerim de Oliva, Roldão, Amadis de Gaula e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas, soubera então o que val*** um cavaleiro andante. Bem sei de um, que só com um suspiro é capaz de afundir uma armada e cem galeões.” (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Teatro/ Sincronia Clássica*)

(93) “LÍDIA (magoada) - "Larga tudo na mão da criada", não! Eu não posso fazer mais do que faço.

OLEGÁRIO (irônico) - Ah, não pode!... Está bem. (noutro tom) O que eu acho é que você, enfim, devia-se lembrar que ela é minha mãe!

LÍDIA (com veemência) - Você pensa então que se ela não fosse sua mãe eu estaria sempre em cima? (noutro tom, suplicante) Eu já disse a você, não disse, que às vezes não posso, fico nervosa? (com angústia) Ah, Olegário! Tratar uma pessoa que não compreende, que passa todo tempo enrolando um paninho... (exasperação) Aquele pano que ela enrola, aquele pano!” (*A mulher sem pecado/ Teatro/ Sincronia Moderna*)

O exemplo (88) apresenta então em posição pré-verbal em uma seqüência tipológica descritiva. Verifica-se que sua função, neste caso, é próxima do protótipo temporal passado. Assinala-se que nenhuma ocorrência no *corpus* de teatro foi identificada com então em ordem V+E em seqüências tipológicas deste tipo.

Os enunciados que exemplificam seqüências tipológicas narrativas, (89) e (92), trazem, no primeiro caso, então em posição pré-verbal e, no segundo, em posição pós-verbal. Ambos apresentam funções temporais do termo: [+ referência temporal futura] e [+ referência temporal passada], respectivamente.

Em seguida, (90) e (93) mostram enunciados que representam, em ordem E+V e V+E, as seqüências tipológicas mais freqüentes nas peças de teatro, as dissertativas. Como função do item, em ambos os exemplos, há o traço [+ concluidor].

O exemplo (91), por sua vez, registra então em ordem E+V em uma seqüência tipológica injuntiva. Neste caso, o personagem Olegário fornece uma informação conclusiva, por meio de uma ordem, acerca do que a empregada deve fazer já que sua filha não quer comer: “Então espere um pouco e depois veja se ela come!”. Ressalta-se, neste contexto, que não foi localizado em todo o *corpus* de teatro, nenhum exemplo do termo em ordem pós-verbal em uma seqüência tipológica injuntiva.

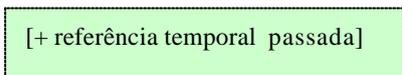
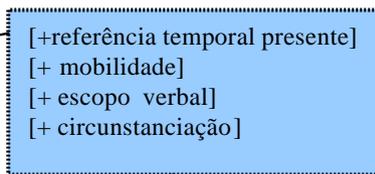
É válido salientar, em última instância, que a ordem V+E foi muito pouco produtiva em relação à quantidade de exemplos. Nenhum dado com esta ordem foi localizado nas seqüências tipológicas descritivas e injuntivas e, mesmo nas seqüências em que foi levantado – narrativa e dissertativa –, teve pequena quantidade de ocorrências. A explicação mais plausível para este acontecimento é a probabilidade de então se apresentar muito mais vinculado às funções discursivas do que às temporais. Daí, o termo não possuir de forma muito nítida a característica de mobilidade como os advérbios e posicionar-se de maneira mais fixa em posição pré-verbal, como as conjunções.

4.5 MATRIZ DE TRAÇOS

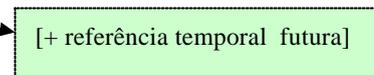
Este subcapítulo se propõe a mostrar, em forma de matriz, o conjunto de traços prototípicos e não prototípicos de agora e então. Trata-se da apresentação da trajetória de gramaticalização tempo > texto que os termos realizam em cada sincronia levantada nesta pesquisa, ao longo da história da língua portuguesa, desde a sua origem latina até o português moderno.

MATRIZ DE TRAÇOS DE AGORA

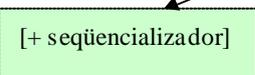
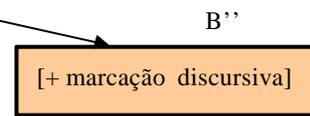
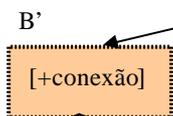
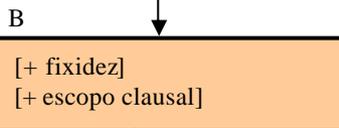
A= PROTÓTIPO



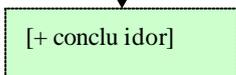
A'



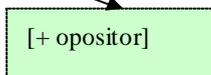
A''



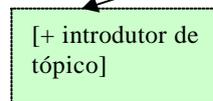
B'1



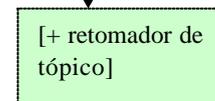
B'2



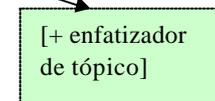
B'3



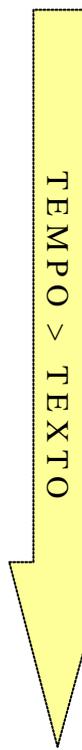
B''1



B''2

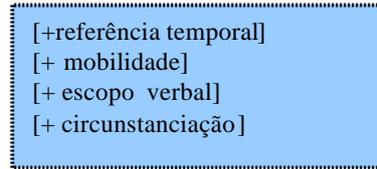


B''3

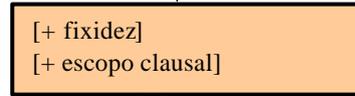


MATRIZ DE TRAÇOS DE ENTÃO

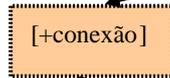
A= PROTÓTIPO



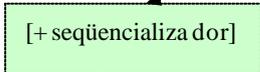
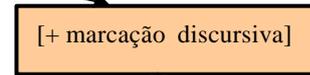
B



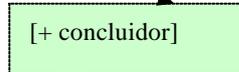
B'



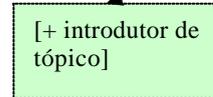
B''



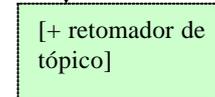
B'1



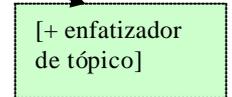
B'2



B''1



B''2



B''3



A primeira observação a se fazer é que há grandes similitudes entre as duas matrizes. No *Quadro A*, que apresenta os traços caracterizadores do protótipo categorial, nota-se que a única particularidade que mostra pequena diferença entre os termos é o seu uso temporal. Enquanto *agora* limita sua função temporal prototípica ao momento presente, tendo o tempo passado e futuro um pouco afastados do uso canônico, *então* referencia as noções temporais presente, passado e futuro como parte do protótipo categorial. As outras três características levantadas como atributos da classe dos advérbios – [+ mobilidade], [+ escopo verbal] e [+ circunstanciação] – apresentam-se como traços definidores dos dois termos.

Ao iniciar o afastamento do pico prototípico, *agora* passa a exercer outras funções temporais – [+ referência temporal passada] e [+ referência temporal futura]. Esta variação inicial do termo, apesar de ainda apresentar a função temporal, faz com que ele passe a competir com as noções temporais que o item *então* possui prototipicamente.

Realizando a trajetória advérbio > conjunção, *agora* e *então* têm os seus traços prototípicos opacizados e assumem as características da classe para a qual se encaminham como mostra o *Quadro B*. Assumem, neste contexto, os traços [+ fixidez] e [+ escopo clausal], pois passam a apresentar posição mais precisa nas frases e a vincular-se não mais ao verbo, mas a todo enunciado em que estão inseridos.

Outro dado bastante relevante nesta migração categorial é o enfraquecimento do traço [+ circunstanciação] e a aquisição dos traços [+ conexão] ou [+ marcação discursiva]. Trata-se de usos mais discursivos que assinalam a última etapa da trajetória de gramaticalização. Neste contexto, como [+ conexão], *agora* e *então* podem atuar com as funções [+ sequencializador] e [+ concluidor]. Ainda como elemento de conexão, *agora* ainda pode atuar como [+ opositor]. Já como marcadores discursivos, os itens podem ser empregados como [+ introdutor de tópico], [+ retomador de tópico] e [+ enfatizador de tópico].

Neste conjunto de traços apresentados na etapa final do processo de gramaticalização, em que *agora* e *então* atuam de forma mais discursiva. Atuando funcionalmente no grupo dos conectores e dos marcadores discursivos, *agora* e *então* passam a disputar lugar com os itens já presentes nestes grupos, como *mas*, *depois*, *assim* etc. Ademais, competem também entre si ao atuarem com funções de conexão, como elementos de conclusão ou sequencialização e com funções de marcação discursiva, ao serem utilizados como introdutores, enfatizadores ou retomadores de tópico.

Ressalta-se, em relação às matrizes apresentadas, a frequência maior de uso de *agora* com função temporal (A, A' e A'') e de *então* com função textual (B, B' e B''). Nota-se que,

enquanto o primeiro item ainda mantém um forte vínculo com a sua função original corroborando a categorização prototípica tradicional deste, o segundo mostra-se mais opacizado e, com isso, mais distante do que a visão canônica considera ser o pico prototípico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho propôs-se a analisar, de forma pancrônica, a gramaticalização dos termos agora e então. Evidencia-se, inicialmente, que a trajetória tempo > texto realizada por esses elementos ocorre ao longo da evolução da língua, podendo-se, por isso, confirmar a unidirecionalidade diacrônica do processo.

No percurso de migração categorial advérbio > conjunção cumprido pelos itens em análise, observa-se que os traços considerados canônicos da classe dos advérbios – [+ referência temporal], [+ mobilidade], [+ escopo verbal] e [+ circunstanciação] – vão sendo substituídos ao longo do processo – devido a motivações discursivas – pelas características predominantes da classe das conjunções – [+ fixidez], [+ escopo clausal], [+ conexão] e [+ marcação discursiva]. Ao assumir usos mais textuais, agora e então apresentam considerável variedade funcional.

É mister ressaltar que a trajetória em questão não implica que os itens mudam de categoria abandonando sua classe-fundante completamente. Na verdade, os traços originários opacizam-se na medida em que funções mais discursivas são requisitadas pelos contextos de uso.

Em um primeiro estágio de distanciamento do protótipo, agora começa a apresentar alterações temporais. Neste caso, apesar de o item ainda ser utilizado como advérbio, deixa de se vincular ao momento presente, assumindo o traço [+ referência temporal passada] em algumas situações e [+ referência temporal futura] em outras.

Exercendo o papel de elemento de conexão, agora registra funções como: [+ sequencializador], [+ opositor] e [+ concluidor], usos levantados desde a sincronia latina até a

sincronia moderna. Como marcador discursivo, por sua vez, o item assinala três usos distintos: [+ introdutor de tópico] e [+ enfatizador de tópico] localizados em todas as sincronias; e, ainda, [+ retomador de tópico], uso identificado, no âmbito desta pesquisa, somente nas sincronias clássica e moderna.

No caso de então, em relação a seu padrão prototípico, o qual abarca usos temporais variados, como [+ referência temporal presente], [+ referência temporal passada] e [+ referência temporal futura], é interessante salientar que há predominância do uso passado do termo em todas as sincronias. A função do termo como tempo presente não ocorre na sincronia clássica, e a de futuro não é localizada nas sincronias latina e moderna.

Como elemento de conexão, então registra dois usos: [+ seqüencializador] e [+ concluidor], os quais se apresentam de forma bastante freqüente em todas as sincronias. Não foi identificado, no entanto, em nenhuma sincronia, o traço [+ opositor]. Como marcador discursivo, por outro lado, então exerce as mesmas funções que agora: [+ introdutor de tópico], a mais recorrente do grupo e presente em todo o material analisado, com exceção da sincronia clássica; [+ enfatizador de tópico] e [+ retomador de tópico], localizados nas sincronias arcaica e moderna.

Ressalta-se que as funções como [+ enfatizador de tópico] e [+ retomador de tópico] são os usos mais discursivo encontrados em todo o material analisado, configurando-se, desta forma como estágio mais avançado da gramaticalização dos termos. Salienta-se, ainda, que a ausência de determinados traços em algumas sincronias provavelmente é resultante da limitação dos *corpora* analisados, que são circunscritos à modalidade escrita. As fontes pesquisadas não podem representar, desta forma, a efetiva e integral expressão lingüística das sincronias do português. Nesse sentido, os dados constituem uma amostragem, um rol de usos que permitem vislumbrar determinadas tendências funcionais em específicos contextos de uso.

Verifica-se, também, no conjunto de traços que compõem os usos considerados [+ prototípicos] e [- prototípicos] que, apesar de haver, no caso de agora, predominância do uso canônico, este não foi maciço como inicialmente se esperava, havendo certo equilíbrio entre os exemplos canônicos e os não-canônicos. Em relação a então, a maior quantificação de dados foi identificada nos usos como elemento de conexão e não como prototípico temporal. Este fato traz à tona a representação que os falantes provavelmente têm em relação a esses dois itens. Enquanto agora se apresenta mais usualmente com sua função temporal, apesar de assumir usos também discursivos, então tende a atuar de forma oposta, pois, mesmo tendo sua origem na função temporal, é utilizado mais freqüentemente com funções textuais.

Ainda no que diz respeito aos usos mais ou menos tradicionais dos termos em relação aos três blocos de funções trabalhados na pesquisa (tempo, elemento de conexão e marcação discursiva), assinala-se que agora teve como funções mais frequentes [+ referência temporal presente], [+ concluir] e [+ introdutor de tópico], ao passo que então foi mais utilizado como [+ referência temporal passada], [+ seqüencializador] e [+ introdutor de tópico]. Assevera-se que as funções mais discursivas, principalmente como marcador discursivo, foram encontradas fundamentalmente na sincronia mais recente, a moderna. Há, em relação a esta questão, dois distintos pontos de vista a serem levados em conta. Por um lado, é possível que os usos mais textuais sejam mais novos e reflitam, por isso, estágios mais gramaticalizados dos itens, o que reforça a idéia da unidirecionalidade do processo de gramaticalização. Por outro lado, levando-se em consideração que os *corpora* modernos trazem fontes mais informais ou coloquiais, há de se considerar a possibilidade de o próprio material em questão ter propiciado usos mais discursivos.

É mister ressaltar nestas últimas reflexões que a sincronia é um processo amplo que permite diferentes perspectivas de abordagem da gramaticalização. Pode-se perceber uma variação funcional sincrônica quando os termos apresentam usos temporais e textuais em cada período de tempo, mas também nota-se a possibilidade de certa unidirecionalidade diacrônica, já que alguns dos usos mais gramaticalizados do item se apresentam somente, pelo menos no âmbito dos *corpora* desta pesquisa, em sincronias mais recentes, o que pode configurar trajetórias mais novas do item.

No que concerne às seqüências tipológicas levantadas – descritiva, narrativa, dissertativa e injuntiva –, levando-se em consideração que as passagens narrativas são de figura enquanto as demais são de fundo, há, neste quesito, considerável diferenciação dos usos de agora e então. O primeiro está mais presente nos enunciados de fundo, muito provavelmente pelo fato de ter noção temporal presente e, como nos *corpora* da pesquisa predomina a apresentação de fatos ocorridos no passado, o termo surge em passagens de descrição ou comentário. Já o segundo termo é utilizado com mais freqüência, como esperado, nas passagens de figura, com o objetivo de pontuar momentos no passado, seqüencializar ou concluir fatos ou ações apresentados.

Ressalta-se, neste tópico, que os contextos de fundo propiciaram maior freqüência de uso não-canônicos de agora dos que os contextos de figura, como já era esperado. Porém, no caso de então, mesmo tendo sido mais freqüente em seqüências narrativas, em que a tendência seria seu uso canônico como circunstanciador temporal, foram as funções textuais,

ou seja, não-prototípicas, as que mais ocorreram. Esta situação fornece indícios de que então encontra-se em um estágio mais avançado de gramaticalização em relação à agora.

Nas seqüências tipológicas descritivas, por se constituírem ambientes em que se caracterizam os personagem, o ambiente e o contexto, predominam usos temporais de agora e então. Nas passagens narrativas, as quais se apresentam como o viés central do texto como um todo ao trazerem seqüencialmente as ações ocorridas, agora foi mais utilizado como [+concludor] e então como [+seqüencializador]. Nos enunciados dissertativos, em que predominam passagens explicativas e analíticas, os itens apresentaram usos mais textuais, ora como conector, ora como marcador discursivo. E, nas seqüências injuntivas, que são enunciados incitadores à ação, as funções mais recorrentes de ambos os termos foram as temporais e as de conexão conclusiva.

Em relação à ordem dos constituintes nas frases, observada aqui a posição em que agora e então são utilizados em relação ao verbo – de forma pré-verbal ou pós-verbal – algumas considerações podem ser feitas.

Agora é usado de forma mais freqüente em posição pré-verbal, A+V, tanto no *corpus* de romance quanto no de teatro, principalmente em seqüências tipológicas dissertativas. Com esta ordem, também, não há nenhum exemplo de retomador de tópico em qualquer romance analisado, apesar deste posicionamento ser o ambiente em que usos discursivos do item mais aparecem em todos os *corpora*.

Em posição pós-verbal, V+A, agora tem menor quantidade de ocorrências. Neste caso, não há nenhum registro como marcador discursivo no romance e o único tipo de conector localizado no teatro é o concludor. Salienta-se que a ordem V+A é o único tipo de posicionamento levantado em toda sincronia latina, apesar de no latim, mesmo sem uma sintaxe mais rígida, ser mais comum o uso do verbo como último elemento da frase.

Então, da mesma forma que agora, apresenta considerável predominância de posicionamento pré-verbal, E+V, em vez de pós-verbal, V+E, em todos os *corpora* analisados. Ressalta-se que aquela ordem é mais produtiva em usos discursivos no conjunto de materiais observados do que esta, primordialmente em seqüências tipológicas narrativas.

Já a ordem V+E é um pouco mais limitada. Não há com esta ordem, no *corpus* da pesquisa, nenhuma ocorrência do termo como marcador discursivo no romance e, no teatro, há apenas um dado. Em relação às seqüências tipológicas, não ocorre então em posição pós-verbal nas seqüências injuntivas e descritivas, apenas nas dissertativas e narrativas, em que o termo é utilizado de forma mais textual e menos temporal.

A predisposição para as funções discursivas em posição pré-verbal é decorrente do fato de que esta posição constitui um ambiente sintático favorecedor para o uso de elementos da classe das conjunções. Por conseguinte, ao se gramaticalizarem e assumirem traços de categorias mais textuais como essa, agora e então, conseqüentemente, passam a ser utilizados na posição comum da classe para a qual migram.

Ainda em relação a então, uma última reflexão crítica é necessária. Ao longo de toda a pesquisa, tomou-se como ponto de partida a idéia de que o protótipo categorial do termo é vinculado ao momento presente e, ao se gramaticalizar, o item afastar-se-ia do pico prototípico, assumindo funções textuais. No entanto, o conjunto de dados mostrou um quantitativo de ocorrências composto, de forma predominante, por usos discursivos e não temporais. Ou seja, foram contabilizados mais usos não-prototípicos do que prototípicos.

Assinala-se, nesse ponto que, uma vez que o conjunto de ocorrências que compõe os *corpora* foi obtido em textos de base narrativa, os quais, por sua natureza mais básica e fundante, motivam usos mais canônicos, esperava-se que agora e então acompanhassem esta perspectiva e fossem mais utilizados com funções temporais. Com agora esse fato se deu, corroborando, assim, a previsibilidade em questão, contudo o mesmo não aconteceu em relação a então já que, ao longo de todas as sincronias estudadas, seu *status* categorial predominante foi de conector ou marcador discursivo.

Questiona-se, com esses resultados e análises, o próprio conceito de prototipicidade. Observa-se que, caso se leve em conta a questão da representação, daquilo que a comunidade lingüística, levando em conta a influência da tradição gramatical e mesmo do ensino formal, a referência temporal é a mais considerada como padrão e regular. Então é, assim, prototipicamente advérbio temporal. Porém, caso se leve em conta a questão “frequência de uso”, então tem como marca canônica o traço [+ conexão]. Dependendo da variável, o resultado pode ser diferente. Enfatiza-se que a presente pesquisa pauta-se no primeiro viés, na concepção tradicional, na representação funcional que a comunidade lingüística tem do item.

Outra questão a ser pontuada diz respeito ao quesito mudança lingüística. A presente pesquisa apresenta indícios suficientes para se considerar que esse processo tem caráter unidirecional e diacrônico. Ressalta-se que mudança, nessa perspectiva, não diz respeito a uma alteração definitiva de forma ou sentido, mas sim a uma variação dos atributos caracterizadores dos termos com o objetivo de se enquadrarem nos enunciados em que são utilizados conforme as necessidades dos usuários da língua. Com isso, verifica-se que o princípio funcionalista da unidirecionalidade não pode ter um caráter definitivo, com uma perspectiva apenas histórica. A visão sincrônica é imprescindível para que se possa observar,

de forma mais completa, a trajetória de gramaticalização e, conseqüentemente, o próprio funcionamento da língua.

Agora e então, em última instância, constituem itens com certas características que se aproximam, tais como a origem temporal e os possíveis usos discursivos como conector e como marcador discursivo. Embora realizem a trajetória tempo > texto bem semelhante, a representação dos itens no ambiente de uso mostra-se de forma distinta, já que agora predomina funcionalmente com a noção temporal enquanto então é mais usado com função discursiva.

Por fim, reforça-se a idéia de que agora e então são dois termos multifuncionais que se gramaticalizam de forma pancrônica ao longo da trajetória da língua portuguesa na medida em que os contextos de uso em que se inserem exigem funções mais temporais ou mais discursivas.

6 BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1957.
- BARCELONA, A. (ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000a.
- BARCELONA, A. Introduction: the cognitive theory of metaphor and metonymy. In A. Barcelona (ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000b, p. 1-28.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 19. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, Volume 23, Issues 2-3, March 2000, pages 93-112.
- CASTILHO, A. T. Unidirectionality or Multidirectionality? Some issues on Grammaticalization. In: *XII Seminary of Functional Syntax*. São Paulo: USP, 2002.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson -EUA: Foris Publications, 1978.
- _____. Some Principals of Functional Grammar. In: DIRVEN, R. & FRIED, V. (eds.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 81-100.
- FERREIRA, Lucia Maria Alves. *A estabilidade semântico-sintática do modal poder: evidências em três sincronias*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000. 150 p. mimeo. Tese de Doutorado em Linguística.
- _____. Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa. *Gragoatá*, v. 9, Niterói: EdUFF, 2001, p. 135-153.
- FONSECA, Rubem. *Agosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. In: *7th Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*, 1971, Chicago: Chicago Linguistic Society, 1971. p. 394-415.
- _____. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax. A functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1990.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1995.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold. 1985.
- HASPELMATH, Martin. *On directionality in language change with particular reference to grammaticalization*. Max-Planck-Institut für evolutionäre Anthropologie, Leipzig. First version, September 2002.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Buske, 1984.
- HOPPER, Paul J. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy.(ed) *Syntax and semantics*. Volume 12: Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistics Society, volume 13, 1987, p.139-157.
- _____. On some principles of grammaticalization. In: Traugott e Heine (ed.) *Approaches to grammaticalization*, volume I, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.
- ILARI, Rodolfo. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org). *Gramática do português falado*, v. I. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 63-141.
- _____. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, Rodolfo (org). *Gramática do português falado*, v. II. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.151-192.
- KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática para a explicação da nova nomenclatura gramatical*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- LAKOFF, George ; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

- LEHMAN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, v. 20, n.3, 1985, pp.303-318.
- MACEDO, Alzira Vertheim Tavares de; SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.11-45.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos da Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, Angela et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- _____. *Gêneros textuais e produção linguística*. (s/d) Disponível em www.scrib.com.br Acessado em 04 de maio de 2008.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996. p. 191-220.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- _____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto / Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.
- MEGALE, Heitor (org.) *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MEILLET, A. Lévolution des formes gramaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912. p. 130-148.
- MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA*, v. 38, 1994, p. 756-776.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9 ed. Rio de Janeiro: Clássica, 1989.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Iconicidade e produtividade dos processos de repetição. In: *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- PÉTRONE, *Le Satiricon* Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? *D.E.L.T.A.* vol. 17, 2001, p.81-95.
- PLAUTE, *Amphitryon*. Tome I. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 4^{ème} Ed. Rév. et Corrigée. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- RODRIGUES, Fernanda Costa Demier. *Prototipicidade e estabilidade funcional de agora*. Niterói: UFF, Faculdade de Letras, 2002. 130 p. mimeo. Dissertação de Mestrado em Letras.
- RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo*. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- TABOR, Whitney; TRAUOGOTT, Elizabeth C. Structural scope expansion and grammaticalization. In: HOPPER, Paul; RAMAT, Anna G. (org). *The limits of grammaticalization*, volume 37. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998, p. 229-272.

- SILVA, Antônio José da. *Guerras do Alecrim e Manjerona*. Disponível em <http://www.portoeditora.pt/bdigital>. Acessado em 30 de janeiro de 2007.
- _____. *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*. Disponível em <http://www.infopedia.pt>. Acessado em 15 de fevereiro de 2007.
- SOUZA, Luís de. *Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*. v. I. São Paulo: Edições Cultura, 1943.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. Pragmatic strengthening and grammaticalization. IN: AXMAKER, S., JAISSER, A; SINGMASTER, H. (orgs.) *Berkerly Linguistics Society (Parasession on Grammaticalization)*, volume 14, 1988, pp. 406-416
- TRAUGOTT E. C. ; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos – itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. et al. Rupturas na ordem de adjacência canônica no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português falado*, v. I. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 29-62.
- _____. et al. Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*, v. II. Campinas: UNICAMP, 1992. p.315-356.
- TAYLOR, John. *Linguistic categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____. Near synonyms and co-extensive categories: ‘high’ and ‘tall’ revisited. *Language Science*, Volume 25, Issue3, May 2003, Pages 263-284.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VICENTE, Gil. *Auto da Alma*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VICENTE, Gil. *Auto da Feira*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VICENTE, Gil. *Auto da Índia*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VICENTE, Gil. *Auto de Mofina Mendes*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VICENTE, Gil. *Farsa de Inês Pereira*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VICENTE, Gil. *O Velho da Horta*. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2007.
- VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony. *A base discursiva da ordem verbo-sujeito em português*. Rio de Janeiro, 1991, mimeo.
- VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1996. p.27-44.
- _____. *Dicionário básico de lingüística funcional*. 1999. (Inédito)

- _____ *O princípio de extensão imagética instantânea*. 2004. Inédito.
- _____ O princípio da extensão imagética, uma nova ótica para a estabilidade lingüística. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. *Sociolingüística e ensino: contribuições para a formação do professor da língua*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006, p. 135-154.
- WERNER, H. ; KAPLAN, B. *Symbol-formation. An organismic-developmental approach to language and the expression of thought*. New York/Londres/Sydney: Wiley and Sons, 1963.

7 ANEXO

7.1 OCORRÊNCIAS DE agora NOS AUTOS DE GIL VICENTE

7.1.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DESCRITIVAS

(1) “Não íeis mais despejada, e mais livre da primeira pera andar? Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, à derradeira, hão-de ficar. Tudo isso se descarrega ao porto da sepultura. Alma santa, quem vos cega, vos carrega dessa vã desventura?” (*Auto da Alma*)

(2) “Ora estás bem aviado!” (*Auto da barca do inferno*)

(3) “Disse que era o Limoeiro, e ora por ele o salteiro e o pregão vitatório; e que era mui notório que àqueles deciprinados eram horas dos finados e missas de São Gregório.” (*Auto da barca do inferno*)

(4) “E, no passo derradeiro, me disse nos meus ouvidos que o lugar dos escolhidos era a forca e o Limoeiro; nem guardião do moesteiro nom tinha tão santa gente como Afonso Valente que é agora carcereiro.” (*Auto da barca do inferno*)

(5) “Aqui achareis o temor de Deus, que é já perdido em todos Estados; aqui achareis as chaves dos Céus, muito bem guarnecidas em cordões dourados. E mais achareis soma de contas, todas de contar quão poucos e poucos haveis de lograr as feiras mundanas; e mais contareis as contas sem conto qu' estão por contar. E porque as virtudes, Senhor Deus, que digo, se foram perdendo de dias em dias, com a vontade que deste ó Messias memoria o teu Anjo que ande comigo, Senhor, porque temo ser esta feira de maus compradores, porque agora os mais sabedores fazem as compras na feira do Demo, e os mesmos Diabos são seus corretores.” (*Auto da barca do inferno*)

(6) “AMA: Vós querieis ficar cá? Agora é cedo ainda; tornareis vós outra vinda, e tudo se bem fará.” (*Auto da Índia*)

(7) “LE MOS: Pois agora estais singela, que lei me dais vós, Senhora?” (*Auto da Índia*)

- (8) “CASTELHANO: Pesar ora de San Palo, esto es burla o es diablo?” (*Auto da Índia*)
- (9) “MOÇA: Ando dizendo entre mi que agora vai em dous anos que eu fui lavar os panos além do chão d' Alcami; e logo partiu a armada, domingo de madrugada. Não pode muito tardar nova, se há-de tornar noss' amo pera a pousada.” (*Auto da Índia*)
- (10) “AMA: Agora, aramá: lá há índias mui fermosas, lá faríeis vós das vossas e a triste de mi cá, encerrada nesta casa, sem consentir que vezinha entrasse por ùa brasa, por honestidade minha.” (*Auto da Índia*)
- (11) “Senhora amiga Inês Pereira, Pêro Marquez, vosso amigo, Que ora estou na nossa aldeia, Mesmo na vossa mercea M'encomendo. E mais digo, Digo que benza-vos Deos, Que vos fez de tão bom jeito. Bom prazer e bom proveito Veja vossa mãe de vós.” (*Farsa de Inês Pereira*)
- (12) “Isto foi assi agora, Mas melhor será outr'hora. Perdoai pelo presente: Foi pouco e de boa mente. Com vossa mercê, Senhora...” (*Farsa de Inês Pereira*)
- (13) “VELHO: Tanto sois mais homicida, que, quando amo mais a vida, ma tirais. Porque meu tempo d'agora vai vinte anos dos passados; pois os moços namorados a mocidade os escora. Mas um velho, em idade de conselho, de menina namorado... Oh minha alma e meu espelho!” (*O Velho da Horta*)
- (14) “ALCOVITEIRA: Mas, antes, senhor agora na velhice anda o amor; o de idade de amador por acaso se namora; e na corte nenhum mancebo de sorte não ama como soía.” (*O Velho da Horta*)
- (15) “ALCOVITEIRA: Ando agora tão ditosa (louvores a Virgem Maria!), que logro mais do que queria pela minha vida e vossa. De antemão, faço uma esconjuração c'um dente de negra morta antes que entre pela porta qualquer duro coração que a exorta.” (*O Velho da Horta*)

7.1.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS

- (1) “Vedes aqui um colar d'ouro, mui bem esmaltado, e dez anéis. Agora estais vós pera casar e namorar Neste espelho vos tereis, e sabereis que não vos hei-de enganar. E poreis estes pendentos, em cada orelha seu. Isso si! Que as pessoas diligentes são prudentes. Agora vos digo eu que vou contente daqui.” (*Auto da Alma*)
- (2) “Não digo eu, irmão, assi: mas a esta tornarei, e veremos. Torná-la-ei a afagar depois que ela sair fora da Igreja e começar de caminhar; hei-de apalpar se vencerão ainda agora esta peleja.” (*Auto da Alma*)
- (3) “Ó Alma bem aconselhada, que dais o seu a cujo é: o da terra à terra! Agora ireis despejada pola estrada, porque vencestes com fé forte guerra.” (*Auto da Alma*)
- (4) “Ora, já passei meu fado, e já feito é o burel.” (*Auto da barca do inferno*)
- (5) “Ainda agora faleci, leixa-me buscar batel!” (*Auto da barca do inferno*)

(6) “entrai, minha senhora, e sereis bem recebida; se vivestes santa vida, vós o sentirêis agora...” (*Auto da barca do inferno*)

(7) “E pois agora à verdade chamam Maria Peçonha, e parvoíce à vergonha, e aviso à ruindade, peitai a quem vo-la ponha, a ruindade digo eu: e aconselho-vos mui bem, porque quem bondade tem nunca o mundo será seu, e mil canseiras lhe vem.” (*Auto da Feira*)

(8) “AMÂNCIO VAZ: Compadre, vás tu à feira?

DINIZ LOURENÇO: À feira, compadre.

AMÂNCIO VAZ: Assi, ora vamos eu e ti ó longo desta ribeira.

DINIZ LOURENÇO: Bofá, vamos.” (*Auto da Feira*)

(9) “Mas a minha é tão cortês, que se viesse ora à mão que m'espancasse um rascão, não diria, «Mal fazêis». Mas antes s' assentaria a olhar como eu bradava. Todavia a mulher brava é, compadre, a qu'eu queria.” (*Auto da Feira*)

(10) “AMA: Arreceio al de menos. Andei na má hora e nela a amassar e biscoutar, pera o o demo levar à sua negra canela, e agora dizem que não. Agasta-se-m'o coração, que quero sair de mim.” (*Auto da Índia*)

(11) “MOÇA: A Garça, em que ele ia, vem com mui grande alegria; per Restelo entra agora. Por vida minha, senhora, que não falo zombaria.” (*Auto da Índia*)

(12) “Vinha agora pereli Ó redor da minha vinha, E hum clérigo, mana minha, Pardeos, lançou mão de mi; Não me podia valer Diz que havia de saber S'era eu fêmea, se macho.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(13) “INÊS: Na voda de seu avô, Ou onde me viu ora ele? Lianor Vaz, este é ele?” (*Farsa de Inês Pereira*)

(14) “INÊS: Des que nasci até agora Não vi tal vilão com'este, Nem tanto fora de mão!” (*Farsa de Inês Pereira*)

(15) “PÊRO: Não, que elas vinham chentadas Cá em fundo no mais quente. Vossa mãe foi-se? Ora bem... Sós nos leixou ela assi?... Cant'eu quero-me ir daqui, Não diga algum demo alguém...” (*Farsa de Inês Pereira*)

(16) “Inda não tendes candea? Ponho per cajo que alguém Vem como eu vim agora”. (*Farsa de Inês Pereira*)

(17) “INÊS: Pessoa conheço eu Que levava outro caminho... Casai lá com um vilãozinho, Mais covarde que um judeu! Se fora outro homem agora, E me topara a tal hora, Estando assi às escuras, Dissera-me mil doçuras, Ainda que mais não fora...” (*Farsa de Inês Pereira*)

(18) “INÊS: Eu falei ontem ali Que passaram por aqui Os judeos casamenteiros E hão-de vir agora aqui. Aqui entram os Judeus casamenteiros, um, Latão, e outro, Vidal e diz Latão” (*Farsa de Inês Pereira*)

(19) “VIDAL: Já calo. Senhora, fomos... agora falo, Ou falas tu?” (*Farsa de Inês Pereira*)

(20) “LATÃO: Demo foi logo! Crede que o vosso rogo Vencerá o Tejo e o mar. Eu cuido que falo e calo... Calo eu agora ou não? Ou falo se vem à mão? Não digas que não te falo.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(21) “ESCUDEIRO: Eu o haverei agora. E mais calças te prometo.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(22) “MÃE: Agora vos digo eu Que Inês está no Paraíso!” (*Farsa de Inês Pereira*)

(23) “LATÃO: Ora oivi, e oivireis. Escudeiro, cantareis Alguma boa cantadela. Namorai esta donzela E esta cantiga direis” (*Farsa de Inês Pereira*)

(24) “ESCUDEIRO: Per palavras de presente Vos recebo desd'agora. Nome de Deus, assi seja! Eu, Brás da Mata, Escudeiro, Recebo a vós, Inês Pereira Por mulher e por parceira Como manda a Santa Igreja.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(25) “INÊS: Marido, sairei eu agora, Que há muito que não saí?” (*Farsa de Inês Pereira*)

(26) “PÊRO: Mais gado tenho eu já quanto, E o mor de todo o gado, Digo maior algum tanto. E desejo ser casado, Prouguesse ao Espírito Santo, Com Inês, que eu me espanto Quem me fez seu namorado. Parece moça de bem, E eu de bem, er também. Ora vós er ide vendo Se lhe vem melhor ninguém, A segundo o que eu entendo.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(27) “VELHO: Oh pesar do anticristo. Oh velha destemperada! Vistes ora?” (*O Velho da Horta*)

(28) “ALCOVITEIRA: Não hei medo de ninguém, viste ora!” (*O Velho da Horta*)

7.1.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

(1) “Uns chapins haveis mister de Valença: ei-los aqui. Agora estais vós mulher de parecer Ponde os braços presumptuosos: isso si! Passeai-vos mui pomposa, daqui pera ali, e de lá pera cá, e fantasiai. Agora estais vós fermosa como a rosa; tudo vos mui bem está. Descansai.” (*Auto da Alma*)

(2) “Socorrei, hóspeda senhora, que a mão de Satanás me tocou, e sou já de mim tão fora, que agora não sei se avante, se atrás, nem como vou. Consolai minha fraqueza com sagrada iguaria, que pereço, por vossa santa nobreza, que é franqueza; porque o que eu merecia bem conheço.” (*Auto da Alma*)

(3) “Benzei a mesa vós, senhor e, pera consolação da convidada, seja a oração de dor sobre o tenor da gloriosa Paixão consagrada. E vós, Alma, rezareis, contemplando as vivas dores da Senhora; Vós outros respondereis, pois que fostes rogadores até agora.” (*Auto da Alma*)

(4) “Esta barca onde vai ora, que assi está apercebida?” (*Auto da barca do inferno*)

(5) “Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai.” (*Auto da barca do inferno*)

(6) “Ora mui muito m'espanto nom vos livrar o dinheiro!” (*Auto da barca do inferno*)

- (7) “Ora juro a Deus que é graça!” (*Auto da barca do inferno*)
- (8) “Ora eu me maravilho haverdes por grão peguilho quatro forminhas cagadas que podem bem ir i chantadas num cantinho desse leito!” (*Auto da barca do inferno*)
- (9) “Porque não? Como ora sei!” (*Auto da barca do inferno*)
- (10) “Ora estás bem aviado!” (*Auto da barca do inferno*)
- (11) “*Deo gratias!* Demos caçada! Pera sempre contra sus! Um fendente! Ora sus! Esta é a primeira levada. Alto! Levantai a espada! Talho largo, e um revés! E logo colher os pés, que todo o al no é nada!” (*Auto da barca do inferno*)
- (12) “Ora, sus! Mui largamente, cortai na segunda guarda! Guarde-me Deus d'espingarda mais de homem denodado.” (*Auto da barca do inferno*)
- (13) “Se ora vos parecesse que nom sei mais que linguagem...” (*Auto da barca do inferno*)
- (14) “Agora não sei que é isso: não me falou em ribeira, nem barqueiro, nem barqueira, senão - logo ò Paraíso.” (*Auto da barca do inferno*)
- (15) “Ora tu não vês que é grilo? *Vai-te daí, aramá vás, que eu não hei mister ouvi-lo.*” (*Auto de Mofina Mendes*)
- (16) “E porque a astronomia anda agora mui maneira, mal sabida e lisonjeira, eu, à honra deste dia, vos direi a verdadeira. Muitos presumem saber as operações dos céus, e que morte hão-de morrer, e o que há-de acontecer aos anjos e a Deus,” (*Auto da Feira*)
- (17) “E quanto ao Touro e Carneiro, são tão maus d' haver agora que quando os põe no madeiro, chama o povo ao carniceiro Senhor, c' os barretes fora. Depois do povo agravado, que já mais fazer não pode, invoca o signo do Bode, Capricórnio chamado, porque Libra não lhe acode.” (*Auto da Feira*)
- (18) “AMÂNCIO VAZ: Isso te quero contar, e iremos patorneando, e er também aguardando polas moças do lugar. Compadre, enha mulher é muito destemperada, e agora, se Deus quiser, faço conta de a vender, e dá-la-ei por quase nada.” (*Auto da Feira*)
- (19) “MARTA DIAS: Eu não vejo aqui cantar, nem gaita, nem tamboril, e outros folgares mil, que nas feiras soem d'estar: e mais feira de Natal, e mais de Nossa Senhora, e estar todo Portugal.
BRANCA ALVES: S'eu soubera que era tal, não estivera eu cá agora.” (*Auto da Feira*)
- (20) “VICENTE: Senhora Moneca, trazeis algum cabrito recente?
MONECA: Não bofé, Senhor Vicente: quisera ora trazer três, de que vós foreis contente.
VICENTE: Juro à Santa Cruz de palha qu' hei-de ver o que aqui está.
MONECA: Não revolvais aramá, que não trago nemigalha.” (*Auto da Feira*)
- (21) “SERAFIM: Pois porque viestes ora cansar à feira de pé?” (*Auto da Feira*)
- (22) “MOÇA Jesu! Jesu! que é ora isso? É porque se parte a armada?” (*Auto da Índia*)

(23) “AMA Ali muitieramá! Agora há-de tornar cá? Que chegada e que prazer!” (*Auto da Índia*)

(24) “AMA: Bem, que vinda foi ora esta?” (*Auto da Índia*)

(25) “LEMOS: Achei-vos sempre tão crua, que vos não pude aturar. Mas agora como estais? Foi-se à Índia meu marido, e depois homem nascido não veio onde vós cuidais; e por vida de Constança, que se não fosse a lembrança...” (*Auto da Índia*)

(26) “AMA: Calai-vos, muitieramá até que meu irmão se vá! Dissimulai por i, entanto. Ora vistes o quebranto? Andar, muitieramá!” (*Auto da Índia*)

(27) “AMA: Moça, tu que estás olhando, vai muito asinha saltando, faze fogo, vai por vinho e a metade dum cabritinho, enquanto estamos falando. Ora como vos foi lá?” (*Auto da Índia*)

(28) “AMA: Agora me quero eu rir disso que me vós dizeis. Pois que vós vivo viestes, que quero eu de mais riqueza? Louvado seja a grandeza de vós, Senhor que mo trouxestes. A nau vem bem carregada?” (*Auto da Índia*)

(29) “INÊS: Mas eu, mãe, sam aguçosa E vós dais-vos de vagar.
MÃE: Ora espera assi, vejamos.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(30) “LIANOR: Si, agora, eramá, Também eu me ria cá Das cousas que me dizia: Chamava-me «luz do dia». - «Nunca teu olho verá!» - Se estivera de maneira Sem ser rouca, bradar'eu; Mas logo m'o demo deu Catarrão e peitogueira, Cócegas e cor de rir, E coxa pera fugir, E fraca pera vencer: Porém pude-me valer Sem me ninguém acudir...” (*Farsa de Inês Pereira*)

(31) “LIANOR: Não queirais ser tão senhora. Casa, filha, que te preste, Não percas a ocasião. Queres casar a prazer No tempo d'agora, Inês? Antes casa, em que te pês, Que não é tempo d'escolher. Sempre eu ouvi dizer: ‘Ou seja sapo ou sapinho, Ou marido ou maridinho, Tenha o que houver mister.’ Este é o certo caminho.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(32) “LIANOR: Pois tendes esse saber Querei ora(16) a quem vos quer Dai ò demo a opinião.

Vai Lianor Vaz por Pêro Marques, e fica Inês Pereira só, dizendo:

INÊS: Andar! Pêro Marques seja. Quero tomar por esposo Quem se tenha por ditoso De cada vez que me veja. Por usar de siso mero, Asno que me leve quero, E não cavalo folão. Antes lebre que leão, Antes lavrador que Nero. Vem Lionor Vaz com Pêro Marquez e diz Lianor Vaz:

LIANOR: Nô mais cerimónias agora; Abraçai Inês Pereira Por mulher e por parceira.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(33) “INÊS: Bem sabedes vós, marido, Quanto vos quero. Sempre fostes percebido Pera cervo. Agora vos tomou o demo Com duas lousas.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(34) “INÊS: Mas que nova tão suave! Desatado é o nó. Se eu por ele ponho dó, O Diabo me arrebente! Pera mim era valente, E matou-o um mouro só! Guardar de cavaleirão, Barbudo, repetenado, Que em figura de avisado É malino e sotrancão. Agora quero tomar Pera boa vida

gozar, Um muito manso marido. Não no quero já sabido, Pois tão caro há de custar.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(35) “VELHO: Oh Senhora! Como sei que estais agora sem saber minha saudade. Oh! Senhora matadora, meu coração vos adora de vontade!” (*O Velho da Horta*)

(36) “MULHER: E esta dama onde mora? Hui! Infeliz dos meus dias! Vinde jantar em má hora: por que vos meter agora em musiquias?” (*O Velho da Horta*)

(37) “MULHER: Agora com ervas novas vos tornastes ganhão!...” (*O Velho da Horta*)

(38) “Tudo vai em zombaria! Nunca morrem desta morte nenhum dia. E folgo ora de ver vossa mercê namorado, que o homem bem criado até à morte o há de ser, por direito. Não por modo contrafeito, mas firme, sem ir atrás, que a todo homem perfeito mandou Deus no seu preceito: amarás.” (*O Velho da Horta*)

(39) “MOCINHA: Agora, má hora e vossa! Vossa é a treva. Mas ela o noivo leva. Vai tão leda, tão contente, uns cabelos como Eva; por certo que não se atreva toda a gente! O Noivo, moço polido, não tirava os olhos dela, e ela dele. Oh que estrela! É ele um par bem escolhido!” (*O Velho da Horta*)

7.1.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS

(1) “Caminhemos, caminemos. Esforçai ora, Alma santa, esclarecida!” (*Auto da Alma*)

(2) “Que vaidades e que extremos tão supremos! Pera que é essa pressa tanta? tende vida. Is muito desautorizada, descalça, pobre, perdida, de remate: não levais de vosso nada. Amargurada, assi passais esta vida em disparate. Vesti ora este brial; metei o braço por aqui. Ora esperai. Oh! Como vem tão real! Isto tal me parece bem a mi: ora andai.” (*Auto da Alma*)

(3) “Oh! caminhai com cuidado, que a Virgem gloriosa vos espera. Deixais vosso principado deserdado! Enjeitais a glória vossa e pátria vera! Deixai esses chapins ora, e esses rabos tão sobejos, que is carregada; não vos tome a morte agora tão senhora, nem sejais, com tais desejos, sepultada.” (*Auto da Alma*)

(4) “Sequer dai dous passos ora, até onde mora a que tem o mantimento celestial.” (*Auto da Alma*)

(5) “Conheço-me por culpada, e digo diante vós minha culpa. Senhora, quero pousada, dai passada, pois que padeceu por nós quem nos desculpa. Mandai-me ora agasalhar capa dos desamparados, Igreja Madre.” (*Auto da Alma*)

(6) “Ora sus! Venha água às mãos.” (*Auto da Alma*)

(7) “Anjo Leixai ora esses arreios, que est'outra não se come assi como cuidais. Pera as almas são mui feios, e são meios com que não andam em si os mortais.” (*Auto da Alma*)

(8) “Ora venha o carro a ré!” (*Auto da barca do inferno*)

- (9) “Ora, sus! que fazes tu?” (*Auto da barca do inferno*)
- (10) “Vai pera a ilha perdida, e há-de partir logo ess'ora.” (*Auto da barca do inferno*)
- (11) “Ora entrai, entrai aqui!” (*Auto da barca do inferno*)
- (12) “Ora ponde aqui o pé...” (*Auto da barca do inferno*)
- (13) “Ora vai lá embarcar, não estês importunando.” (*Auto da barca do inferno*)
- (14) “Ora entrai, minha senhora, e sereis bem recebida; se vivestes santa vida” (*Auto da barca do inferno*)
- (15) “Ora, pois, entrai. Veremos que diz i nesse papel...” (*Auto da barca do inferno*)
- (16) “Santo descorregedor, embarcai, e remaremos! Ora, entrai, pois que viestes!” (*Auto da barca do inferno*)
- (17) “Ora entrai, nos negros fados! Ireis ao lago dos cães e vereis os escrivães como estão tão prosperados.” (*Auto da barca do inferno*)
- (18) “Ora trazei-os aqui, e esperai naquela estrada, que logo a Virgem sagradaa Hierusalém vai por i ao templo endereçada.” (*Auto de Mofina Mendes*)
- (19) “Tu não te corras de mi; mas com teu poder facundo assolves a todo o mundo, e não te lembras de ti, nem vês que te vás ao fundo. ROMA Ó Mercúrio, valei-me ora, que vejo maus aparelhos.” (*Auto da Feira*)
- (20) “Se trazeis ovos, meus olhos, não m'os vendais a ninguém.
JUSTINA: Andar em burra e ter bem: ouvide ora o rasca-piolhos (azeite no micho!) em que vem!
VICENTE: Minha vida, Leonarda, traz caça pera vender?” (*Auto da Feira*)
- (21) “AMA Leixa-m', ora, eramá, que dizem que não vai já.” (*Auto da Índia*)
- (22) “Nem cantar presente mi. Pois Deos sabe a rebentinha Que me fizestes então. Ora, Inês, que hajais bênção De vosso pai e a minha, Que venha isto a concrusão. E rogo-vos como amiga, Que samicas vós sereis, Que de parte me faleis Antes que outrem vo-lo diga. E, se não fiais de mi, Esteja vossa mãe aí, E Lianor Vaz de presente.” (*Farsa de Inês Pereira*)
- (23) “E vos acha só a tal hora: Parece-vos que será bem? Ficai-vos ora com Deos: Çarraí a porta sobre vós Com vossa candeazinha. E sicais sereis vós minha. Entonces veremos nós.” (*Farsa de Inês Pereira*)
- (24) “INÊS: Jesu! Guarde-me ora Deus! Não falará um de vós? Já queria saber isso...” (*Farsa de Inês Pereira*)
- (25) “VIDAL: Esperai, aguardai ora! Soubemos dum escudeiro De feição d'atafoneiro Que virá logo essora, Que fala... e com' ora fala! Estrugirá esta sala. E tange... e com' ora tange! E alcança quanto abrange, E se preza bem da gala.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(26) “ESCUDEIRO: Antes que mais diga agora, Deus vos salve, fresca rosa, E vos dê por minha esposa, Por mulher e por senhora; Que bem vejo Nesse ar, nesse despejo, Mui graciosa donzela, Que vós sois, minha alma, aquela Que eu busco e que desejo. Obrou bem a Natureza Em vos dar tal condição Que amais a discrição Muito mais que a riqueza. Bem parece Que a discrição merece Gozar vossa fermosura, Que é tal que, de ventura, Outra tal não se acontece. Senhora, eu me contento Receber vos como estais: Se vós vos não contentais, O vosso contentamento Pode falecer no mais.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(27) “MÃE: Ora vae tu ali, Inês, E bailareis três por três.
FERNANDO : Tu connosco, Luzia, aqui, E a desposada ali, Ora vede qual direis.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(28) “FERNANDO: Ora, senhores honrados, Ficai com vossa mercê, E nosso Senhor vos dê Com que vivais descansados.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(29) “MOÇO: Pesar ora de São Pisco! Convidarei minha prima... E o rabisco acabado, Ir me-ei espojar às eiras?” (*Farsa de Inês Pereira*)

(30) “LIANOR: Ora dai-me essa mão cá. Sabeis as palavras, si?
PÊRO: Ensinaram-mas a mi, Porém esquecem-me já...
LIANOR: Ora dissei como digo.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(31) “INÊS: Esperade ora, esperade! Olhai que lousas aquelas, Pera poer as talhas nelas!” (*Farsa de Inês Pereira*)

(32) “Cuido que lhe trago aqui Pêras da minha pereira... Hão-de estar na derradeira. Tende ora, Inês, per i.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(33) “MOÇA: Ora, dá-lhe lá favores! Velhice, como te enganas!” (*O Velho da Horta*)

(34) “MOÇA: Isso é por me deter. Ora tomai, e acabar!” (*O Velho da Horta*)

(35) “ALCOVITEIRA: Deixar-me ora, na má-hora, aqui acabar.” (*O Velho da Horta*)

7.2 OCORRÊNCIAS DE então NOS AUTOS DE GIL VICENTE

7.2.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “LOURENÇO: Não qu'ela se me tomar leixar-m'á quando quiser. Mas demo-las à má estreia; e voto que nos tornemos, e er depois tornaremos com as cachopas d'aldeia: entonces concertaremos.” (*Auto da Feira*)

(2) “GIRALDA: Irei por eles aos ninhos, entonces os venderei. Comereis vós estorninhos?” (*Auto da Feira*)

(3) “Entonces vos abrirei de muito boa vontade: pois sois homem de verdade nunca vos falecerei.” (*Auto da Índia*)

(4) “Nem cantar presente mi. Pois Deos sabe a rebentinha Que me fizestes então”. (*Farsa de Inês Pereira*)

(5) “E vos acha só a tal hora: Parece-vos que será bem? Ficai-vos ora com Deos: Çarraí a porta sobre vós Com vossa candeazinha. E sicais sereis vós minha. Entonces veremos nós.” (*Farsa de Inês Pereira*)

(6) “PARVO: Dono, veio lá meu tio, estava minha dona, então ela, metendo lume à panela o fogo logo subiu.” (*O Velho da Horta*)

7.2.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

(1) “Ouvir missa, então roubar, é caminho per'aqui.” (*Auto da barca do inferno*)

(2) “Então tanto punho seco me chimpa nestes focinhos; eu chamo polos vizinhos, e ela nego dar-me em xeco.” (*Auto da Feira*)

(3) “PÊRO: Há homem empacho, má-hora, Cant'a dizer abraçar.. Depois que a eu usar, entonces poderá ser” (*Farsa de Inês Pereira*)

(4) “PARVO: E se vós, dono, morreis? Então depois não falareis senão finado. Então na terra nego jazer, então, finar dono, estendido.”

VELHO: Antes não fora eu nascido, ou acabasse de viver!

PARVO: Assim, por Deus! Então tanta pulga em vós, tanta bichoca nos olhos, ali, cos finado, sós, e comer-vos-ão a vós os piolhos. Comer-vos-ão as cigarras e os sapos! Morrei! Morrei!” (*O Velho da Horta*)

(5) Ó Santo Martim Afonso de Melo, tão namorado. Dá remédio a este coitado, e eu te direi um responso com devoção! Eu prometo uma oração, todo dia, em quatro meses, Por que lhe deis força, então, meu senhor São Dom João de Meneses! (*O Velho da Horta*)

7.2.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS INJUNTIVAS

(1) “Acorda a Tibaldinho, e ao Calveiro e outros três, e a mim cobre-me os pés; então vai-te teu caminho, que eu hei-de dormir um mês.” (*Auto de Mofina Mendes*)

(2) “Mas antes m' hás-de tornar pois te dou mulher tão forte, que te castigue de sorte que não ouses de falar, nem no mato nem na corte. Outro bem terás com ela: quando vieres da arada, comerás sardinha assada, porqu ' ela jenta a panela. Então geme, pardeus, si, diz que lhe dói a moleira.” (*Auto da Feira*)

(3) “Jesu! Jesu! Posso-te dizer e jurar e tresjurar, e provar e reprovar, e andar e revolver, qu' é melhor pera beber, que não pera maridar. Ó demo que o fez marido, que assim seco como é beberá a torre da Sé! Então arma um arruído assi debaixo do pé.” (*Auto da Feira*)

7.3 OCORRÊNCIAS DE AGORA EM A DEMANDA DO SANTO GRAAL

7.3.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DESCRITIVAS

(1) “Filho Galaaz, ora sodes cavaleiro.”

- (2) "Sabede que esta espada, que ora veedes tam fremosa e tam limpa, sera´ toda tinta de sangue caente e vermelho tanto que a tiver na ma~o aquel que fara´ a maravilha de matar cavaleiros ca"
- (3) "Muito me apraz, disse el, ca nom ha´ nomundo homem niu~u~ a que o ante devesse a contar ca a ele, ca el e´ ora o escolheito que nom ha´ par antre todos os cavaleiros que ora sam nem foram gram tempo ha´"
- (4) "e´ assi que aquela enviada, que o Padre enviou seu filho a terra por livrar o poboo, que ora e´ renovado"
- (5) "e eu entam era cavaleiro andante, assi como vo´s agora sodes, e andava com eles."
- (6) "E, se nom fosse meu filho e o conhecesse como ora conheço, eu diria que era o melhor cavaleiro que nunca foi na Gram Bretanha; mas tanto lhe falece que nom e´ crista~o."
- (7) "Aveeo-me u~u~ dia, ora ha´ sex anos, que ia per u~a furesta e #VI cavaleiros paga~os comigo, mui bo~o~s cavaleiros d´armas e mui nomeados em esta terra."
- (8) "Esto vos direi eu bem, disse o homem bo~o~. As grandes aventuras que agora aveem sam demonstranças e os grandes signaes do Santo Graal. Mas os signaes e as significanças do Santo Graal nom parecem ao pecador nem a homem que e´ envolto nos sabores do mundo. E por em se vos nom mostram ja´, ca vo´s sodes desleal pecador. E nom devemos cuidar que as aventuras que ora correm sam de matar cavaleiros nem outros home~e~s."
- (9) "Pois ora somos na batalha, disse ele. Mais por me nom teerem por mal de me combater com vosco, vo´s a pee e eu a cavalo, decerei."
- (10) "Desçamos-nos aqui e atendamos os outros, ca ora seeram aqui."
- (11) "Dom cavaleiro, ora sodes em meu poder; ja´ vosso orgulho nom vos valra´ que me nom digades o por que eu aqui viim. E vos levarei preso."
- (12) "E tanto andei assi ataa que a ventura adusse a barqueta aqui a esta pena u ora som."
- (13) "Deste castelo era, ora(292) ha´ u~u~ ano, senhor o conde Arnalt que aqui jaz, e havia tres filhos boos cavaleiros d´armas; e havia u~a filha que era das fremosas donzelas do regno de Logres."
- (14) "Senhores, no´s vos rogamos por honra e por cortesia que vos vades hoje albergar com nosco e no´s vos prometemos, a boa fe´, que de manha~ nos tornemos a este campo assi como ora estades."
- (15) "Eu vos ensinaria como o pode´s sedes destruir em como ora el esta´."
- (16) "Ai! casa de Camaalot! Como tu eras temida e dultada enquanto os bo~os cavaleiros da Mesa Redonda i eram! E ora parece ca aquestes que me esta guerra movem adur o provariam se soubessem que eles aqui eram."

(17) “Senhor, disse Carados, aqueles vos darei eu cedo, ca eu os dusse aqui assi como per força, e fize-os levar a mi~a pousada por se desarmarem e sera´m ora aqui.”

(18) “Senhor, nom vim ca´ por esso, nem esso nom faria eu em nem u~a guisa aa vontade que ora tenho;”

(20) “Entom naci eu e foi em aquela terra ata´ ora”

(21) “Galvam, Galvam! Ora p[a]recem vossas maas obras! Muito mal havedes feito em esta demanda e muito bo~o~ cavaleiro matastes a aleive e a traiçom.”

(22) “E ele lho disse, assi como o conto ha´ ja´ devisado. E o padre tendeu sas ma~os contra o ce´u e chorou com mui gram prazer que ende houve e disse que ora eram todos seus desejos compridos pois seu filho era acordado a receber a lei dos crista~os.”

(23) “Aquele lago que de tal maravilha como vos conto pre^s aquela caentura e agora ha´ nome ‘o Lago da Besta’.”

(24) “Este lago e´ mui em cambado, ca ante era frio e ora e´ caente.”

(25) “E com todo esto manteve-a Nosso Senhor, ali u jazia, de pam celestial, ata´ que vo´s chegastes a Corberiqui. Mas se ela e´ ja´ ora morta ou viva esto nom sei eu.”

(26) “Diz o conto que aaquele hora que Lançalot escapou daqueles que o queriam filhar cona rai~a, eles entraram na ca^mara e filharam a rai~a e fizeram-lhi muita desonra e muito pesar. E disserom-lhi que ora era o seu aleive provado”

(27) “Ai, Deus! Que longamente me sofrestes e mantevestes em grande honra e em grande alteza e ora som em pouca sazom abaixado e viltado per maa andança.”

(28) “Certas, disse a donzela, Senhor, este e´ gram dano, mais pera vo´s ca pera outrem, ca vo´s, que sodes ora o mais poderoso homem do mundo e o mais nomeado, seeredes per i destroi´do e morto e os sesudos homens que muito falarom da vossa fim, [nom] foram enganados;”

(29) “E confortavam-se antre si e choravam muito ameu´de quando lhis lembrava[m] os grandes viços e de grande alteza e do grande poder em que fora[m]; e ora era[m] em ordem com pavor da morte.”

7.3.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “Senhor, quem e´ este cavaleiro que ora fezestes?”

(2) “Cavaleiros, ora podedes comer, ca ja´ por aventura maravilhosa nom leixaredes comer ca me semelha mui estranha [a]ventura esta.”

(3) “Senhor, ora podedes buscar quem na prove, ca eu nom meterei i mais ma~o, ca eu bem vejo que Deus nom ma quer outorgar.”

(4) “Filho, ora vejo o que muito desejei quando vejo a seeda perigosa comprida. E quando virom Galaaz na seeda, logo todos os cavaleiros houverom poder de falar, e bradarom todos a u~a voz”

(5) “Senhora, maravilha grande aveo ora no paaço.
– E que maravilhas sam? – disse a rainha – dizede-no-las.
– Senhora, disse ele, a seeda perigosa e´ comprida; u~u~ cavaleiro see i.”

(6) “Mais como soubestes vo´s ca el dia d’hoje aqui havia de seer?
– Esto vos direi eu, disse el, mais esto sera´ outra vez, mas nom ora.”

(7) “Ora vos departerei outro rogo: ou vo´s me matade ou eu matarei vo´s.”

(8) “Ora E Galaaz começou a sorrir e sinou-se, tanto tiinha esto por gram maravilha.”

(9) “Galaaz, ora veio eu bem que tu acabara´s as aventuras do Regno de Logres, ca te vejo esforçado que nunca cuidei a veer homem tanto. E por esso te provei eu: porque e´s mais ardidado que outro te leixei de matar ca muito seria gram dano se atal sazom morresses.”

(10) “Josefes filhou o escudo e fez i do seu sangue esta cruz, tal qual ora vo´s veedes. E este [e´] o escudo de que vos eu conto. E, pois el houve feita a cruz tal qual vo´s ainda podedes veer, deu o escudo a el-rei e disse-lhe:

– Veedes aqui a renembranchaque vos eu leixo de mim, ca vo´s sabedes bem que esta cruz e´ de meu sangue. E sabede que sempre assi sera´ fresca e assi vermelha, bem como vo´s ora veedes, enquanto o escudo durar.”

(11) “E ora assi e´, disse o cavaleiro branco a Galaaz, que ao quinto dia que vo´s fostes cavaleiro veestes a este mosteiro u Naciam jaz, e achastes i o escudo. Ora vos contei porque as mal”

(12) “E outra cousa aviinha i ora muitas vezes, que os cavaleiros andantes viinha[m] aqui e queriam entrar contra o muimento e o diaboo, que os conhocia por pecadores e por envoltos em nos pecados, os espantava em tal guisa que, pola voz espantosa que fazia que ele perdiam o poder dos corpos e dos nembros.”

(13) “E a donzela era mui fremosa e Melias pagou-se dela e perguntou-a porque fazia tam gram doo por aqieste cavaleiro. Disse ela que ‘outro cavaleiro o chagou agora mal de morte, que nom pode cavalgar nem pode sair daquesta furesta’.”

(14) “Por u~a mui gram maravilha, disse ela, que vos ora direi que agora achei em aquela foresta.

– E que maravilha e´? disse Galaaz.

– Eu achei ora mortos dous cavaleiros e u~a donzela que tiinha a cabeça corta e jazem todos tre^s em meo do caminho, E, se quiserdes ir per esta carreira per u eu venho, vos levará a eles.”

(15) “Ora diz o conto que quando Galaaz se partio de Ivam o Bastardo e de Dondinax o Salvagem, foi-se depo´s o cervo o mais asinha que po^de por amor de o acalçar.”

(16) “Ora diz o conto que pois Ivam o Bastardo se partio de Galaaz e de Dondinax por ir depo´-la Besta Ladrador, andou todo aquel dia sem aventura achar que de contar seja.”

(17) “Ai, Senhor, vo´s ides por vossa morte e aquela besta que vo´s buscades e´ besta do diaboo. E aquela besta me fez tanto dano donde me sempre doerei , ca eu havia cinco filhos mui fremosos e os milhores cavaleiros desta terra e, tanto que virom a besta, assi como vo´s a vistes, ouverom sabor de saber o que vo´s em queredes saber e meterom-se a busca´-la, assi como vo´s agora fezedes;”

(18) “Senhores, por Deus, nom mo tenhades a mal por que vos pareço triste, ca nom posso mais; ca as novas desta besta que agora dissestes me confundem cada que as ouço e me nembra dela.”

(19) “Ai, Senhor, disse ela, de o fazer faço mui gram direito, ca todo o mundo nom me poderia cobrar a perda que hoje hei recebida de u~u~ dos milhores cavaleiros do mundo, que era meu irma~o, que ora matarom.”

(20) “Par Deus, disse ele, eu o achei ora ali, e sol nom me quis falar; e nom sei se foi por sanha se por que^.”

(21) “Dom Galvam, vo´s andastes ataa ora soo e eu outrossi e nom acha´mos rem.”

(22) “Ora te encomendo a Deus, disse Galvam, ca bem nos ensinaste o que anda´vamos”

(23) “E, quando vo´s i chegaredes e cuidaredes dentro entrar, ali vos diram que nom ham cura de homem que jaz em pecado mortal e em orgulho e em soberva. E vo´s vos tornaredes entam pera Camaalot, e nom adubaredes i rem da vossa prol na demanda. Ora vos devisei gram peça do que vos ha´-de vi~ir.”

(24) “Ora vos departi a significança dos vossos sonhos e da ma~o.
– Certas, disse Galvam, vo´s o departides e departistes em guisa que bem vejo que assi e´. Ora vos rogo que me digades porque nom achamos tantas aventuras como soi´amos.”

(25) “Ora diz o conto que, depois que Galaaz e Boorz se partirom de Esclabor o Desconhecido, cavalgarom aquel dia sem aventura achar ataa hora de noa.”

(26) “A pee, disse ela; foram folgar per esta foresta, e logo ora aqui sera´m.”

(27) “–Filho, que ha´s?

– Que hei? disse ele; nom veedes a minha molher desleal e aleivosa, que fez assi aqui vi~ir u~u~ cavaleiro estranho por me escarnir, enquanto no´s fomos andar per esta foresta?

Ora fez ja´ o cavaleiro quanto quis em ela e pois er filhou suas armas por nos fazer semelhar que nom viera aqui por niu~u~.”

(28) “E eu nom posso ja mais estar aqui, ca ve^s aqui Persival o bem aventurado e o gl[or]ioso, que te vem aqui buscar ora e veer.”

(29) “Senhor, desta demanda do Santo Graal, que ora começa´mos novamente, que vos semelha ende? Cuidades que lhe possamos dar cima?”

(30) “Nom? disse ele, per minha cabeça eu.cuido que vo-la farei leixar mal a vosso grado. Ora vos guardade de mim,. ca eu vos mostrarei cedo qual e’o melhor cavaleiro, ou eu ou vo’s.”

(31) “Eu vo-lo direi, disse Gariet, que vos nom negarei ende rem, ca por vo-lo encobrir ora, a acima saber-lo podees vo’s. Aveo-me assi, hoje manha~a~, que achei a Besta Ladrador e em #XXX canes que iam apo’s da; e quando a vi tam estranha, pensei de ir apo’s ela ataa que soubesse que maravilha era.”

(32) “assi que el ficou de pee e eu colhi-me ao cavalo e foi depo’s o cavaleiro se o poderia alcançar, por provar como fere de espada, pois que ja’ sei como fere de lança. Ora vos contei o que ando buscando.”

(33) “Eu o sei bem, dise ela, ca #III dias lhe tive ora companhia, e estes #III dias lhe vi fazer tanto d’armas e o vi em tantas aventuras perigosas onde escapou por sua bondade a sa honra que o nom poderia fazer se nam fosse o melhor cavaleiro do mundo. E por esto vo-lo nto louvado.”

(34) “Per bo~a fe’, muito me pesa, ca ora vejo ca nom poderei vi~ir a cima da rem do mundo que eu mais desejava, e tenho-me por sandia e por cativa que em tam alto lugar meti meu coraçom.”

(35) “E tu, filho Persival, que tam limpa vida guardas tuas carne, como devem fazer cavaleiros da Santa Igreja, que nunca foste tangido do fogo da luxúria porque nunca ende desejaste o fogo daquela mala aventura, te farei ora tal honra que o fogo que eu deitei sobrelo luxurioso em vingança de luxúria morrera’ tanto que tu i ponhas ma~o que se nunca abaixou a tal pecado.”

(36) “Amigo, filho, santa creatura, ora vejo bem e entendo bem a bondade e a graça que te Deus ha’ outorgada e a deslealdade deste outro cavaleiro. Ora ouvi a carta e leer-ta-ei em tal guisa que este desleal cavaleiro, que por milagre nem por virtude que Nosso Senhor lhe mostrasse nom se quer quitar da sua mal aventurada vida, podera’ entender sua sandice e sua maldade.”

(37) “Verdade e’, disse Lançarot, e polo grande amor que me ora rou lhe prometo que ja mais em tal vida fazer nom tornarei.”

(38) “Lançarot, pesa-vos muito deste pecadoque menfestastes ora senhor, disse, o pensamento, que bem queria de nom haver de prender armas per preito que feito o nom houvesse, ca bem sei que este pecado m’imiziou mais contra Nosso Senhor mais ca outro”

(39) “Ora eu ficarei com vosco.”

(40) “E, se me cavaleiro derruba per força de lança, ja mais nom quero cinger espada, se per força de espada o nom dirribo. Ora po’s el, ca ja mais nom folgarei ataa que vaa depo’s” ele.

(41) “Ora diz o conto que Lancelot chegou a[a] pousada daqueles dous irmita~es que eram parentes de Persival.”

(42) “E desejaría deles ouvir boas novas; e mais de Persival que era minino e ouço agora louvar de cavalaria. E a muitos homens boos ouvi dezer de sua bondade.”

(43) “Assi Deus me ajude, disse ela, nom sei; que eu o achei em esta foresta, mais ha´de #XV anos, acerca de u~ lago, envolto em panos de seda, e nom havia mais de tre^s dias que nacera. De^s aquel tempo ataa agora o criei e fiz guardar ataa agora, que e´ mui fermoso donzel e grande, fortelazado, o tam vivo e tam ligeiro que nom ha´”

(44) “Pero bem vos digo que, quando me parti de casa de minha senhora, que nom sai´se nam por vos matar porque me nom quisestes fazer cavaleiro. Mas tanto bem vi ora e tanto vos ouvi louvar de cavalaria que vos nom quero mal, antes vos ajudaria a todo meu poder onde visse que vos fazia mester.”

(45) “Dom Claudim, vo´s sejades bem vindo. Assi Deus me ajude, vo´s sodes u~u~ dos cavaleiros estranhos do mundo que eu mais prezo de cavalaria. E esto vinha eu agora antes falando com dom Persival tanto que vi vossas armas.”

(46) “–Nom? Disse el, pois donde sodes?

– Eu som, disse ela, de u~a terra mu~i longe daqui e muito estranha, mas a ventuira e maa andança me trouxe aqui agora que a adur o podiri´ades cuidar.”

(47) “Por esta cabeça, este e´ Galaaz, o boo cavaleiro. Ora seera´ fol quem no mais tender, ca a seu golpe nom pode durar arma.”

(48) “– E tanto houve gram pesar que esmoreceo. E Galvam o catou e conheceu que era Mordret e assinou-se da maravilha que ende houve e disse com gram pesar: – Ai, mizquinho! Assi perderei ora meus dous irma~os?”

(49) “Ora diz o conto que tre^s dias estiverom na ermida Galvam e Erec e Meraugis depois que soterraram rei Bandemaguz. Ao terceiro dia foi-se Erec e Meraugis e Galvam ficou porque era mal chagado. E os outros andarom dois dias de su~u~ sem aventura achar que de contar seja.”

(50) “Dom Erec, disse Meraugis, eu vos oui´ ora dizer que e´rades aqui antre vossos enmigos e vo´s sodes ñelhor cavaleiro ca eu; mais toda via vos digo que, se aqui fazer quiserdes algu~a rem d’armas, que por muitos nom o leixedes ca eu vos tenho por tam bo~o~ cavaleiro que, por pouca de ajuda que vos eu farei, nom vos empecera´ se i nom for gram poboo sobejo.”

(51) “Veedes aqui que tanto haveis demandado. Ora parecera´o qu[e] i faredes. E eles foram espantados quando viram que desarmados estavam ante Erec, que estava armado, que tinham por mortal emmigo e por mui boo cavaleiro e de gram nomeada.”

(52) “Ai, bo~o~ homem, bo~o~ cavaleiro, bo~o~ d’armas, bo~o~ d’ardimento, bo~o~ de cortisia, ensinado, mesurado, prol, paaça~o, do melhor donairo que nunca foi cavaleiro! Ora vejo eu que vos partistes de mim por fazerdes vosso doo e por vos afolardes e matardes e por nom veer vossa coita nem vossa morte nem por veer ende o pesar que ende haveria. Bem amostrades vossa cortisia!”

(53) “Todo esto nom e´ rem, disse Agravaim, ca assi ha´-de seer. Ora vos leixade, disse [A]gravaim.”

(54) “E este e´ o gram pesar que eu hei que a mia filha, que e´ a mais bela creaturado mundo e a mais sisuda, por em tanto ha´ i e[r]gulho, porque me nom quer conhecer por padre. Ora te peço conselho do que farei e tu me conselha assi como me prometeste.”

(55) “Amigo, que vos semelha dele? Ainda e´ vivo mais eu sei bem que nom chegara´aa noite ca e´ mui mal chagado e semelha-me que e´ gram dano, ca sei verdadeiramente que foi mui boo cavaleiro polo que vejo que soffeo. Ora lhe preguntade, disse Estor, quem e´ se o poderi´amos conhecer.”

(56) “E Erec que bem entendeo o que lhe preguntava, respondeo assi como po^de, mais esto foi mui cansadamente:

– Eu som Erec, filho del-rei Lac, e fui da Mesa Redonda, e matou-me ora esta hora”

(57) “Ora vos hei dito como Artur o Pequeno foi filho de rei Artur, assi como a verdadeira esto´ria do Santo Graal o divisa.”

(58) “Ora te direi o que me preguntaste. Sabe que e´s meu filho. E fiz-te eu em u~a donzela mui fremosa. E tanto tempo ha´.”

(59) “Verdade e´, disse Tristam, mas muito me pesa, se Deus me ajude. Mas ora me dizede que escudo era o vosso?”

(60) “– Certas, disse Do[n]dinaux, se vos u~u~ pouco quiserdes coitar, acalça-lo-edes ca el vai mui passo e vai-se per este caminho.

– Ora vos comendo a Deus, disse Tristam.”

(61) “Ai, Bliobleris! disse Tristam, por Deus, nunca me faledes ii. Sabede que nom ha´ no mundo fora dous home~e~s que i podessem meter paz, que tam mortalmente o desamo que eu o matarei ora ou el mim.”

(62) “Se Deus me ajude, ora veremos o que faredes ii.”

(63) “E el nom o quis leixar. E Tristam blandiu a lança e firi-o em guisa que o deitou morto em terra. Depois lhe dissí:

– Ora me irei eu mau vosso grado e vo´s ficaredes, se vos outrem nom levar.”

(64) “Quando el-rei vio seu irma~o cair cuidou que era chagado a morte e deu vozes aos que com el siiam:

– Ora via depo´s o cavaleiro que meu irma~o matou! Mo[r]to m’ha´e escarnido, que me tolheo o melhor amigo que havia.”

(65) “Tristam cavalgou defendendo-o Paramedes mal grado seus enemigos. E quando Tristam viu Paramedes a que ele fizera fis que o mataria e ora viu que lhe fo^ra tam bo~o~, teve-o pela maior marivilha do mundo e pensou que se o visse em lugar que lhe daria ende o galardom.”

(66) “Rei Peles, ora te direi quem som e porque nom posso fazer meus encantamentos assi como fazia ante que este cavaleiro veesse.”

(67) “– Como? dissie-l-rei, ora veestes e logo vos queredes ir?
– Si, dissi el, em toda guisa.”

(68) “Senhor, dissi Galaaz, vo’s sodes o mais fol cavaleiro nem mais vila~o que eu nunca vi que per força queredes saber minha fazenda. Ora vos digo que a nom saberedes ante me defenderei de vo’s, se me quiserdes cometer.”

(69) “Ora me comprio Deus gram peça de minha vontade.
E acharom i o leito onde o conto vos falou ja’ u vos falou de Naciam. Mas desto nom vos falarei ora porque vos falei ja’ i. E acharom a espada que jazia atravessada no leito, aquela espada que era de tam gram maravilha e de tam gram virtude como o conto vos ha’ ja’ dito.”

(70) “Sabede, disse Galaaz, que este e’ o conde Arnalt, mui bo~o~ homem e de mu~i boa vida e que ama muito seu Creador e que honra muito a Sancta Egreja. Mas per estes seus maus filhos que no’s ora mata’mos recebeo ele muita desonra e muito pesar. E por esto quis Deus que recebessem eles esta maa morte.”

(71) “Quando eles virom que seu padre lhes escapara aquela hora assi de morte filharom-no depois e deitarom-no em prisom e tevetom-no i ta’ agora.”

(72) “Entom se partiria o costume. Ora ouvistes como esto foi posto e o que no’s vos demandamos.”

(73) “Ora podedes veer o corpo de Simeu que tam longamente soffreo tal marteiro.”

(74) “Ora vos direi, disse o cavaleiro, o que me demandades. Sabede que eu som “

(75) “Ora podedes ver #III homens boos e eses som dos cavaleiros da demanda do Santo Graal que aventura adusse aqui.”

(76) “Muito me praz, disse el-rei, ca agora haveremos novas dos cavaleiros da demanda.”

(77) “Ai, Senhor! Disse Paramades, por Deus, nom me rogedes em, ca nom ha’ rem por que o ora fizesse, ca xi me nom outorga i meu coraçom.”

(78) “Muito foi i rogado Paramades e de muitos que fosse crista~o, mais nom quis, ante se colheu a carreira e disse que, de^s ora, ar queria começar a demanda da Bescha Ladrador e que ja mais nom na leixaria se por morte nom ou per companha onde se pagasse, ata’ que lhi desse cima.”

(79) “Ora diz o conto que pois Galaa[z] se partiu de rei Carados andou todo aquel dia. Ao sera~o chegou a u~a casa de ordem de frades branco[s] que estava em u~u~ vale.”

(80) “Ora, disserom eles, podedes aqui mandar como em casa de rei Artur ca be[m] sabe^ que vos faremos todo aquel serviço que no’s podermos e que nos mandardes.”

(81) “– Ora podedes veer o cavaleiro onde hoje todo dia vos fala’mos.
– Senhor, vo’s sejades o bem viindo e beento seja Deus que vos aqui trouxe, ca ora sabemos no’s bem que seremos livres da gram coita e de gram lazeira em que e’ramos.”

(82) “E ele as ergueu e disse-lhis:

– Ora sabe, disse ele, que som rei Galegantim. Ta madre a rainha Elena foi mia filha e outra sa irma~a~. E mui meninas as dei, u~a a rei Bam. e outra a rei Boorz por molheres. E pois as houve casadas entrei em mar e vim aqui seer ermitam por u~u~ pecado que me sentia errado contra meu Criador. Muito tempo morei aqui enesta lazeira por lazerar aquele pecado. E estando aqui tam longe de gente oi´ novas de ti per muitos bo~o~s home~e~s que me disserom que tu era[s] o melhor cavaleiro do mundo e o mais nomeado. E por esto te desejava a veer, que a primeira oraçom que eu fazia ca[da] dia a Nosso Senhor era que el nom me leixasse morrer ante que te visse. E ora te vejo! Deus ende haja bo~o~ grado, e som mui ledo e nom demando oi mais fora morte deste mundo e vida do outro.”

(83) “– Senhor, bem venhades. E quem vos chagou assi? disse Galaaz.

– Senhor, disse el, u~u~ cavaleiro da Mesa Redonda que chamam Ivam, filho de rei Uriam. E el me cometeu ora ali suso em aquel outeiro e nom sei porque^, se Deus m’ajude. Mas nom ganhou i rem, ca o leixei jazendo em terra, nom sei se chagado a morte ou se podiria em goracer.”

(84) “Ora vejo eu o que nunca vi, peça ha’.”

(85) “Ora vos rogo, disse Gaeriet, que vaades pousar a u~u~ castelo du~a mi~a parenta que e´ preto daqui e i me atendede ata´ que torne de Corberic. E sabede que me tornarei pera vo´s e contar-vos-ei o que aveer a mim e a meu irma~o.”

(86) “Pois ora vos podedes ir, disse Lançalot. Pois assi e´ que vo´s sodes chagado, se eu aa batalha das espadas vos chamasse a vosso pesar, faria gram vilania.”

(87) “Ora ouço maravilhas, disse Palamades. Nunca mais oui´ dizer de casa u houvessem tantos sandeus cavaleiros nem tantos sisudos como em casa de rei Artur.”

(88) “– Senhor, disse ele, mal, ca u~u~ cavaleiro bravo e soberveo que se daqui vai mi fez desonra e mal. E nom me pesa ora tanto de mim como me pesa d’u~u~ cavaleiro da Mesa Redonda que ora matou, e era u~u~ dos milhores amigos que havi´amos.
– Ora vos digo, disse Galaaz, que de hoje a #XX dias sejades ante esta fonte a hora de prima e, se eu nom chegar a aquela hora, atendede-me todo aquele dia e viinde guisado de vos defender contra mi.”

(89) “E eu, disse Palamades, prometo ora a Nosso Senhor Jesu Cristo que, se el desta batalha me leixa sair com sau´de, que eu logo receba bautismo e que, dis i adiante, seja leal cavaleiro da Santa Igreja.”

(90) “– Dom Galvam, por[que] sodes tam vila~o e tam envejoso? Nom havedes prez e sodes u~u~ dos corteses do mundo? E, se m[e] ajude Deus, muito me maravilho. E sabedes o preito que ora posestes com migo e pois chamades-me a batalha?

– Palamades, a mim fizeram entendente que u~u~ parente me matastes que eu amava muito. E eu nom pre^s em vingança quando vo-lo disse, ante vos partistis de mim per tal preito como sabedes. E ora vos chamo por em aa batalha”

(91) “Per tal aventura como vos conto, foi Palamades crista~o e foi chamado em bautismo per aquel nome que ante havia. E u estava na santa a’gua lhi aveo u~a gram maravilha que tiveram por gram milagre e ainda agora falam ende na terra.”

(92) “Senhor, disse ele, dom Palamades. Eu achei ora seu nome em u~a das seedas da Mesa Redonda escripto.”

(93) “A verdade destas #III cousas divisou-a o rei Tolheito a Galaaz quando foi a Corberic com dom Boorz e com Persival que viram o Santo Graal, o que mortal homem nom poderia veer. Ali divisa como estas #III maravilhas aveeram e em qual guisa. Mas ora vos torno aa batalha dos cavaleiros.”

(94) “Ai, Palamades! disse o cavaleiro, muito ouvi falar de ti e muito e’s nomeado per toda esta terra. E, pois que eu som vençudo, muito me praz que som vençudo per tal cavaleiro como tu e’s. Ora te direi o que me demandas.”

(95) “Ai, dom Galaaz, disse Palamades, ora podemos bem veer que ja’ tanto anda’mos polo reino de Logres que nom acha’mos: fonte aventureosa. Ve^de-la aqui.”

(96) “Ora me seera’ mau, se esta aventura leixasse meos de acabar, pois tantos homens bo~os se trabalharom e nom poderom i rem fazer.”

(97) “Mas aquela chama nom durou muito, pero aveo ende u~a maravilha que ainda ora dura i: aquele lago começou [a] acaecer e a ferver de guisa que nunca quedou de ferver, ante ferve e fervera’ ja’, em mentre o mundo for, assi como os homens cuidam.”

(98) “Senhores, disse Galaaz, ora podedes veer as provas de nossas obras. Em este paaço nom pode nem u~u~ cavaleiro entrar se se nom mante’m como cavaleiro da Santa Igreja contra Nosso Senhor.”

(99) “Ora nos vaamos, ca deste somos seguros que nos nom fara’desonra.”

(100) “Ora diz o conto que, pois Galaaz e Persival e Boorz ar foram ajuntados, assi como o conto ha’ ja’devisado, andarom muitas jornadas”

(101) “Ora vos peço que me dedes vosso”

(102) “Ora vos direi eu da Fonte da Guariçom, como aveo que houve tam maravilhosa virtude.”

(103) “Ora vos direi da Dona da Capela.”

(104) “Esto vos direi eu bem, disse el. Mentre eu fui na ca^mara do Santo Graal soube as mai[o]res maravilhas do reino de Logres, ca a santa voz mo descobria. Mas, de^s que me parti, tanto eu sei como outro homem. Agora vos divisei a verdade de tre^s cousas que me preguntastes.”

(105) “E pois assi e’, Senhor, que vo’s a mi compristes mi~a vontade de me leixardes veer o que eu sempre tanto desejei, ora vos rogo que enesta hora e enesta gram ledice em que som vos plaza que eu passe desta terreal vida e vaa aa celestial.”

(106) “Senhor, no’s vo-lo encobrimos em mentre podemos e ora dizemos-vo-lo sem nosso grado.”

(107) ‘Ora, como venha bem, disse Gaeriet, al-rei e a vo’s, meu irma~o, ja mais nom ñe trabalharei deste preito, ca sei verdadeiramente que nunca se homem tomara’ com a linhagem de rei Bam que a bo~a cima em possa vi~ir.”

(108) “E ascutou e ouviu aa porta grande volta e grandes braados de gente u queriam britar a porta.

– Ai, amigo! disse ela, ora sabera’el-rei

– Ai, Senhor! disse Boorz, ora vai mal, ora e’ o preito descoberto. Ora se começara’ a guerra que nunca desfalecera’. E de quanto vos el-rei ate’ aqui amou mais de coraçom ca outro homem que de seu linhagem nom fosse, tanto vos desamara’ daqui a diante pois souber verdadeiramente o torto que lhi fezeistes com sa molher.”

(109) “era o seu aleive provado e que ora morreria.”

(110) “E ora se começara’ a guerra que nom falecera’ em todos los dias da nossa vida.”

(111) “Ora diz o conto que, pois rei Artur se foi do campo u a batalha foi tam mortal e tam doorosa e que se foi com el Lucam e Giflet, cavalgou tanto que chegou a u~a capela.”

(112) “E ajudaste-lo toda aquela guerra que se por el começou. E pois nom sodes traedor d’ajudardes contra vosso senhor o tr[ae]dor? Por esto vos cometi ora eu, e porquemi matastes ante a Joiosa Guarda o cavaleiro do mundo que e[u] mais amava. E ora vos acho aqui e quero-vos dar o galardom.”

(113) “Ai, Esclabor, espada bo~a e honrada, a melhor ca nunca entrou no reino de Logres fora da estranha cinta, ora perdera’s tu senhor.”

(114) “Ai, Giflet! Longo tempo me servistes e me tevestes companha. Mas ora chegou ja’ termo em que vos conve’m ja’ de mi[m] partir. E em vos podeis louvar que vo’s sodes o companheiro da Ta’vola Redonda que mais longamente me teve companha. Ora vos digo que vos vaades, ca des hoje a mais nom quero que fiquesdes comigo ca mia fim se achega.”

(115) “Pois ora vo-lo direi, disse a rai~a. Eu bem vejo que som morta e nom hei cras a chegar a manha~a~ e bem vos digo que nunca foi leda tanto de novas como destas.”

(116) “Eu era, diss’el, em tam gram festa e em tam gram companha d’angios que nunca vi de gente tam grande assua~da . E levavam com tam gram ledice e com tam gram festa como vos eu digo a alma de dom Lançalot. Ora vaamos veer se e’ morto.”

(117) “Eu som ermitam mas ja’ foi arcibispo de Conturber e aquel dia o era ainda que foi a doorosa batalha de Salaber per que o reino de Logres foi destruido. E por aquel mau dia que vi entrei em hu~a ermida e morei i ata’ ora e morarei mentreviva.”

(118) “Ai, Lançalot, quanto mal me ha’s feito mentre viveste! E nunca me pudi vingar. Mas ora me vingarei quanto posso.”

7.3.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

- (1) “Grande foi a ledice e prazer que todos houverom. E el-rei se ergueu da mesa e foi aa mesa u siia Galaaz, e vio i seu nome escrito, e foi mui ledo e disse a Galvam:
– Sobrinho, ora podedes veer Galaaz, o mui bo~o~ cavaleiro sobejo, que no’s tanto atendemos e que tanto desejamos a veer.”
- (2) “– Senhor, ora hei ja’ a espada, mais o escudo nom hei.
– Amigo, disse el-rei, pois Deus e a ventura vos a espada deu, nom tardara’ muito o escudo.”
- (3) “E saibas que ha’s tu nome britado de^s hoje a manha~a~ ca o que te ontem chamava ca eras o melhor cavaleiro do mundo dizia-te verdade, mas ora nom e’ assi. E esto podes tu bem veer, por prova desta espada ca tu vees, que melhor cavaleiro ca ti a ganhou.”
- (4) “Amigos, assi e’ que a demanda do Santo Graal e’ sinal verdadeiro que vo’s iredes i cedo; e porque sei verdadeiramente que ja mais vos nom veerei assu~adosem minha casa, assi como agora vejo”
- (5) “Porque, quanto em mim e’, prometo ora a Deus e a toda cavalaria que, de manha~a~, se me Deus quiser atender, entrarei na demanda do Santo Graal, assi que a manterrei u~u~ ano e u~u~ dia e, pela ventura, mais. E ainda mais digo: que ja mais nom tornarei aa corte, por cousa que avenha [ante que] melhor e mais a meu prazer veja o que ora vi.”
- (6) “Vo’s me havedes morto e escarnido, ca por esta promessa que fezeistes me tolhestes o melhor companheiro mais leal que nunca foi no mundo – a companha da Ta’vola Redonda. Ca, depois que se ora partirem daqui, eu sei bem que nom tornarom aca’ tam cedo ante morrera’ m gram peça deles em esta demanda, ca nom havera’ tam cedo cima como cuidades.”
- (7) “E a donzela lhe disse:
– Ora a podedes dar a outrem, ca nom sodes vo’s o que eu demando.
– Ora me dizede vo’s, donzela, disse el-rei, que maravilha pode ende avi~ir, e creer-vos-emos ende mais, quando a virmos.”
- (8) “Ora podemos saber por que este cavaleiro morreo tam cruelmente. Sabede que esto foi vingança de Jhesu Cristo.”
- (9) “Galvam, Galvam, cavaleiro desleal, como e’s tam ousado que a esta demanda queres ir quando sabes que tanto mal end[e] avera’! E rogam-te estes cavaleiros da Ta’vola Redonda, se te quiseres nembrar da morte de [Lamorat] e de seu irma~o Briam de Monjaspe, e da deslealdade que i fezeiste, tu te devias ora mais guardar ca outro cavaleiro de fazer cousa desleal ca assaz ende ha’s feito aaquele tempo.”
- (10) “Muitas mercees, disse o cavaleiro. Pois ora vos peço que me talhedes a cabeça com esta espada que trago, que nom desejarei tanto cousa como de morrer per ma~o de tam bo~o~ cavaleiro como vo’s sodes, ca bem sei que tam bo~o~ cavaleiro como vo’s nom me podera’ matar.”
- (11) “– Filha este escudo e leva-o ao sergente de Jhesu Cristo, aquel quem chamam Galaaz. E

di que o alto meestre lho manda que o traga, ca sempre sera´ tam fresco como agora e´ e tam fremoso. E esto e´ gram cousa por que o homem deve muito de amar e saudade-mo da minha parte.

– Senhor, disse o escudeiro, quem sodes vo´s?

– Esto nom podes ora saber nem depois.”

(12) “Beentas sejam estas novas e beento seja Deus que o pera aqui adusse, ca ora sabemos bem que per este seeram acabadas as aventuras maravilhosas do Regno de Logres.”

(13) “Depois que el foi em terra, achou os coraçõ-es tam duros e tam envoltos nos pecados mortaes, que tam maus lhe eram de tornar a si quam mau seria a u~u~ homem molentar u~a pedra mui grande. Onde disse el pola boca do seu profeta Davi: “Eu som selheiro na minha paixam”. Tanto quer esta palavra dizer como se dissesse “Padre, muito haverei pequena parte convertida deste duro poboo ante minha morte”. Ora e´ assi que aquela enviada, que o Padre enviou seu filho a terra por livrar o poboo,”

(14) “ E Galaaz disse:

– Agora me pesa mais da sua morte ca em ante, ca todo homem deve haver gram pesar da morte de homem bo~o~, e de mais de tam bo~o~ cavaleiro como este e seer companheiro da Ta´vola Redonda.”

(15) “Vedes aqui este cavaleiro que vos eu disse que vos mostraria. Agora som quite de prisam.”

(16) “– Senhor, disse ele, som ferido aa morte.

– Assi? disse Dalides. Assi me Deus valha, pesa-me ende; agora fosse eu ferido aa morte que ja mais nunca haverei honra de cousa que faça ca este cavaleiro me escarneceu por sempre. E por esto querria seer morto mais que vivo.”

(17) “Filho, par Deus, mal vos guardei. Filho, vo´s e´rades bo~o~ cavaleiro, filho mui fremoso, filho mui bem talhado, filho ardido, filho esforçado, vo´s sodes morto por minha culpa ca´, se vos eu nom outorgasse hoje manha~a~ o que me pedistes, ainda agora fo^rades”

(18) “Certas, filho e amigo, se eu mais vivo depo´s vo´s, minha vida seera´ em la´grimas e em coita ca de veer alegria som desesperado pois vo´s morto sodes. E, se eu ende al fizesse, todo o mundo me devia a querrer mal e apedrar-me por ende; e por ende val mais, ai filho senhor, que eu moira logo apo´s vo´s que viver longamente, ca a vida me sera´nojo e trabalho e morte me sera´ folgança e conforto. De mais, filho, se eu agora morresse, nom poderia seer que a minha alma nom fosse com a vossa ao paraíso ou ao inferno.”

(19) “Agora nos convém que nos partamos em senhas carreiras.”

(20) “E Galaaz, que nom quis que o conhecessem:

– Queia, disse el, u~u~ cavaleiro estranho som e nom podedes agora mais saber.”

(21) “Porque vos pesa ora muito? E quem sodes vo´s? disse Dondinax.”

(22) “Agora podedes veer o bo~o~ talante e a mesura do cavaleiro. E bem podedes creer que lhe pesara se vos errasse sem razom. Quando pola desconhocença assi faz el, assi lhe pesa, ca

nunca homem vio ir cavaleiro com tam gram pesar. Mas u vos achou el ou como aqueceu esta sanha antre vo's e ele?"

(23) "Dona, disse ela, eu o farei, pois que vejo que al nom se guisa de ora seer."

(24) "O diaboo lho fez fazer. Ora nom sei que façamos ca seu padre nom nos creera', ante dira' que a mata'mos.

– Nom vos dedes a atam gram coita, disse Galaaz, ca Deus e' direito e nos ajudara'."

(25) "E, se eu quisesse, ja' vos ora matara. Mas nom quero, ataa que saiba se haveremos paz com vosco."

(26) "E Galaaz disse:

– Ora hei pavor que a havemos perdida.

– Por perdida a devemos de teer, disse Boorz, ca nom ha' cousa do mundo tam corredor nem tam ligeira que a acalçar podesse;"

(27) "Pois, disse Boorz, ora podedes ir com nosco de consu~u~, ca assi começa'mos no's ir apo's ela e nom nos partiremos ende ataa que saibamos onde estas vozes veem que dela saem."

(28) "Ora parecera', disse o outro, o que i faredes, ca bem vos digo que, se assi quiserdes fazer como dizedes, que mal vos ende verra', ainda que nom houvesse outro cavaleiro no mundo fora vo's e ele."

(29) "Ora vos podedes daqui tornar, disse el, sem prender maior eixeco, ca ja mais veer nom no podedes."

(30) "Senhor, disse ela, u~u~ cavaleiro o fez matar que aqui vai. E, se eu daquel fosse vingada, nom demandaria ora mais."

(31) "Dom Galvam, disse Estor, ora vosrogo que fiquedes com [Elaim] e lhe façades companhia, ca hei pavor de seer chagado aa morte e, se soo ficasse, poder-lhe[-i]a ende vi~ir dano."

(32) "Ora vos nom acoitedes, disse el, ca, se Deus quiser, cedo ende seredes vingada, ca nom e' este o primeiro torto que el fez. E ira' ora longe, se cuidades? disse el."

(33) "Cavaleiro, vo's me chagastes sem razom e, se me a velania nom tornasse, eu me vingaria ora. Mas nom no farei, ca o quero mais leixar por cortesia ca por vo's."

(34) "Rei Bandemaguz, ora havedes tempo de vingar morte de vosso sobrinho. Vedes aqui o que o matou."

(35) "Vo's sejades bem vindo. Ora vejo que Nosso Senhor nom quer que nos partamos tam cedo, quando nos tam cedo ajuntou."

(36) "Ai Deus! disse ela. Gaeriet ficou no campo tam mal chagado que bem cuidou que ora logo seja morto; mas nunca vi cousa onde me tanto maravilhasse como daquela batalha. Ca sem falha, vi que per tre^s vezes teve Gaeriet preto de vencido o outro cavaleiro; e cada vez

que se o cavaleiro partia da batalha tam mal chagado que, se o vo's vi'ssedes, terri'ades que logo devia a morrer, tornava a cabo de u~u~ pouco tam sa~o e tam guarido como se nunca tivesse chaga. Assi foi aa batalha tre^s vezes, todavia sa~o das chagas que lhe Gaariet fazia; e per esto sofreu tanto que aa acima foi vencido, assi que bem cuida que ja' ora e' morto e endureu mais que niu~u~ cavaleiro poderia endurar."

(37) "Ai, dom Galvam, disse Estor, ora vos nom cuitedes, ca ja' nom haverei lidice ataa que saiba a que se pode este preito tornar."

(38) "Ora conve'm que vos diga que quereer a ma~o que vistes passar per ante vo's cuberta, que tragia a candea e o fireo."

(39) "Galvam, Galvam, ja' longo tempo ha' que foste cavaleiro a primas e, de^s que recebeste ordem de cavalaria, nom serviste teu Creador se pouco nom. E agora e's a rvore velha, tanto que nom ficou em ti ramo nem folha nem fruto."

(40) "Ora podedes veer o cavaleiro que seu padre vos louvou de bondade de cavalaria sobre todos os cavaleiros da Gram Bretanha."

(41) "Senhor, ora podedes de mim fazer vossa vontade, ca eu som aquel quer per rem nom me combaterei com vosco, ca bem sei que a cima me veerria mal."

(42) "Entam lhe prometeu o cavaleiro que a filharia por molher. Pois disse Boorz:
– Ora vos podedes ir de consu~u~, e eu ir-me-ei alhur, u hei muito de fazer."

(43) "E saibam todos aqueles que este conto ouvirem que daquel cavaleiro e daquela donzela saio pois Licanor o Grande, bo~o~ cavaleiro que matou Meragis do Porto dos Vaas, depo's morte de rei Mars, assi como este conto devisara', pois, em cima do nosso livro. Mais chus nom fala em mais desto ora esta vez."

(44) "Senhor, disse ela, por vos fazer quanto serviço e quanta honra poder mais, pois cavaleiro andante sodes. Ora seede e folgade, se vos prouver, ca, certas, da vossa viinda me praz muito."

(45) "Entam se deitou sobre ele de longo em longo e abraçou-o polas espa'doas e disse a Lionel:

– Ora podedes fazer o que quiserdes ca eu morte quero receber por ele."

(46) "Ai, dom Boorz! que me nom viindes sacar deste perigo de morte em que entrei por livrar-vos, que e'rades tam preto da morte ou chus ca eu ora som? Certas, se vo's me leixades morrer, todos aqueles que ouvirem falar vos pora'm culpa ende, e sera'a desonra vossa e o dano meu."

(47) "E ainda em aquel tempo ha' cada ano flores que daquelas sai'ram e todo o vera~o as podera' achar e ham nome aquelas flores calogres e prestam ainda ora a quem se vai o sangue, que lho estanca[m], mas besta que as come, logo morre."

(48) "E nom ha' ainda u~u~ meo ano que veo aqui u~u~ cavaleiro e ficou com migo por fazer pendenza de dous seus filhos que matara. E disse que viveria sempre em ela; mas nom me semelhou que de bo~o~ coraçom sofria a pendenza, ante cuida que se tornaria ao segre mais

de grado que de ficar aqui, se vergonça nom fosse. Assi ficou comigo bem #XIII meses e nom semelhava que rem fez que lhe Deus devesse a guardar. E, por ora ha' #III dias que morreu, aveo u~a cousa ante mim onde som muito maravilhado, e direi-vos qual."

(49) "Como quer, disse Persival, que a meu irma~o avenha, ou de morte ou de vida, Nosso Senhor lhe haja mercee a alma e lhe faça que o conheça bem a sua fim, ca na fim do homem e' todo.

– Ora, disse o homem bo~o~, nom me preguntedes mais, ca mais vos nom direi."

(50) "Ai, donzela! Ora conheço este cavaleiro e, certas, se o vo's louvades nom me maravilho ende ca, se Deus me ajude, mais e' em ele de louvar ca vo's nem eu poderi'amos dizer."

(51) "– Eu som teu'do de dizer vosso nome a esta donzela, ca lho pormeti.

– Ora bem lho podedes dizer, disse Lançarot, se vos praz, mas pero per mim nom no saberia hoje nem cras. Ca esta e' u~a das mais vila~a~s donzelas nem das mais nojosas que eu nunca achei, e prazer-m'~ia muito se ela quisesse de seermos livres da sua companha.

– Ora vos nom cuitedes, disse Persival, ca eu vos livrarei."

(52) "– Lançarot, ora podedes veer que sodes escarnido e que morreredes a onta e a door se nam leixardes a maa vida que ata' aqui mantevestes, e ainda vos Nosso Senhor mostrara melhor talam ca outro homem, que vos chama a si per tam fremosos milagres e per tam fremosas demonstraças."

(53) "Ora derees vo's ir provar."

(54) "Amigo, disse Persival, porque disseste ora?"

(55) "Ora quiria eu, se prouguesse a Deus, que acha'ssemos algu~a aventura maravilhosa."

(56) "Pois, a cabo de u~a peça, viram sair da forestra Galaaz, o mui bo~o~ cavaleiro sob[e]jo, mas nom no conhiciam.

– Ora podedes veer, disse o cavaleiro, aquel de que vos eu contava. Sabede que este e' o melhor cavaleiro que nunca eu vi."

(57) "Verdade e', mas al quisera eu, ca vejo que somos escarnidos per u~u~ boo cavaleiro mal o p[o]diriam ora crer em cas del-rei Artur que nos assi aviou."

(58) "– Dona, eu som de casa del-rei Artur e companheiro da Mesa Redonda.

– No nome de Deus, disse ela, bem cuido ora que me saberedes dezer novas de dous cavaleiros andantes meus parentes que sam de sa corte."

(59) "Tolhede ala, sobrinho, disse a dona, nom sabedes o que vo's fazedes e começastes. Soo nom no pensedes de vencer, nem curees de vos tomar com ele, ca bem sabedes que lhe nom poderedes durar ne~hu~a maneira, vo's nem cavaleiro nenhu~u~ que ora no mundo haja, ca este e' Galaaz, o qual cavaleiro em dia de Penticoste acabou a aventura da seeda perigosa;"

(60) "Dona, disse el, verdade dezees; de hoje a mais me quito de seu preito, ca bem sei ca e' o melhor cavaleiro que ne~hu~u~ homem que eu saiba agora. Mas ora me pe[sa] mais de Lançalot ca nunca pesou, ca bem sei que se o achar que se nom pode del partir sem batalha e, se por pecado se nom conhecerem, esto sera' dano sobejo."

(61) “E, tanto que o Persival vio e o conheceo, disse aa donzela:

– Ora podedes veer o melhor cavaleiro do mundo.”

(62) “Donzela, disse Galaaz, Ora nom hajades pavor, mas ide seguramente com dom Persival e eu vos digo que, se vos cometerem, ca Deus vos dara´ i tal ajuda que vo´s vos partiredes de i leda e honrada.”

(63) “Quando esto vio a donzela, disse a Persival:

– Ai, Persival! Morta me havedes e trai´da. Ora vejo eu bem que me nom partirei daqui sem desonra, ca vos nom podedes defender contra tantos cavaleiros.”

(64) “–Cuidades que sodes ja´ ora segura de vossos inimigos?

– Senhor, disse ela, porque me perguntades?”

(65) “– Como? dom Galvam, te~endes [me] vo´s por tam mau que me tam asinha cuidades a vencer?

– Si, disse dom Galvam, que por maldade e covardice vos nom ousades a combater com dom Persival nem com migo.

– Ora veredes, disse o cavaleiro, a minha covardice.”

(66) “Direi vo-lo. Sabede que hei nome Claudim e som natural do reino de Gaunes, e ja´ outra vez fui mais rico e mais poderoso do que ora som.”

(67) “começada houve sabor de vi~ir aca´ e de entrar em companhia dos cavaleiros da Mesa Redonda. E assi o fiz, ca eu vim ca´ o mais toste que pude e trabalhei-me de buscar as aventuras. E veo-me bem em muitos logares mas ora me leixarei ora queira ora nom.”

(68) “Ora, pela ventura, se vo´s sodes melhor cavaleiro que algu~u~s da Mesa Redonda, assi Deus me ajude, eu verei que cavaleiro vo´s sodes.”

(69) “– Senhor, disse el, si; ja mais nom serei ledos taa que ch[e]gue.

– Ora vos rogo, disse Galvam, que me saude^s rei Artur e a rainha Genevra e dize^-lhe que me achastes com dom Persival e somos sa~os e ledos mas nom achamos ainda rem do que buscamos.”

(70) “– Senhor, disse el, ha´ nome dom Tri´stam.

– No nome de Deus, disse Galaaz, eu o conosco mui bem. Ora me terriam por mau se o nom fosse ajudar.”

(71) “Per boa fe´, ora posso bem dizer que este e´ o melhor cavaleiro que eu nunca vi. Nunca me creades de rem se este nom e´ Galaaz, o mui boos cavaleiro, aquel que ha´-de dar cima aas aventuras do regno de Logres.”

(72) “Par Deus, dom Estor, ora vejo eu que e´ verdade o que me disse Lançalot ante vo´s todos, em dia de Penticoste: que, se provasse de tirar a espada do padrom, que me acharia eu mal ante que o ano passasse e que seria per aquela espada meesma.”

(73) “Ora, disse ela, como quer que houve´ssedes afam levar-vos-ei a u~u~ meu castelo u folgaredes, taa que sejades sa~os de vossas chagas.”

(74) “Que mal fiz ora que nom filhei aquela donzela e que nom fiz em ela meu prazer. E, se eu fosse cavaleiro como me dizem, nom me escapara assi.”

(75) “– Hei i tanto d’adubar, disse rei Bandemaguz, que, se em ela mais metedes ma~o taa que eu saiba a razom, que vos acheredes mal.

– Quanto pouco ora eu temo vossas ameaças! disse Mordret. E, per boa fe’, por esse despeito ante vo’s a matarei por em.”

(76) “Dom cavaleiro, ora podedes veer o medo que de vo’s hei. E, se vo’s nom forades, nom morrera ela.”

(77) “Ai, Senhor! disse Galvam, se vos matei muito me pesa, que morte de tam boo homem deveria todo o mundo a chorar. E, se Deus me ajude, se vos eu conhecera ante como agora, nom metera ma~o em vo’s se me ainda mais houve’rades errado ca errastes.”

(78) “– Senhor cavaleiro, pois que assi queredes que me combata vosco empero me nom era mester, ora vos rogo por cortisia que me leixedes filhar meu escudo, que jaz ante vo’s, e haveredes entom maior honra de me cometerdes.

– Si Deus me ajude, disse Meraugis, nom e’ bem o que dizedes ca, assi me valha Deus, que anteu queria ora morrer com vosco ca me ir sem vo’s daqui vivo e sa~o.”

(79) “Senhores, que queredes fazer? Sabede que Deus nos fez mui fermoso milagre e nos enviou a mais fremosa [cousa] que nunca enviou a gente, ca nos enviou nosso senhor natural que per sa proeza nos livrou de gram servido~e em que estes nos tiinha[m] per sa força. ora nom havemos que tardar mais: vaamos a ele e peçamos-lhi mercee e fazamo-lo senhor deste castelo, assi como deve a seer, e tornar-xe-nos-a’ em honra e seremos havidos por leaes.”

(80) “Ai, bo~a donzela! Havee mecee de minha irma~a~ e eu me tornarei teu servo e quantos de mim terra teem; e leixa-a ca, se ora morrer, a perda sera’ grande e eu seerei ende escarnecido e tu, amiga senhora, nom ganhara’s i rem.”

(81) “E ela foi logo aa cabeça e filhou-a e disse:

– Ora hei o que queria.”

(82) “Assi houve a filha alhea em logar da sua, prometendo-nos todavia que nos-la daria quando a quise’ssemos. Ora e’ assi que lha pide e nom ma quis dar e negou-me todo o preito, e, de mais, trouxe-me mal.”

(83) “Nom no queres fazer em ne~hu~a guisa e rogando-te ende eu? Ora sabe verdadeiramente que nunca tam gram f[o]llia fezeeste, e direi-che o que te ende avitira’.”

(84) “Mal aventurado, ora vejo eu de ti o que queria veer. Agora parece teu mau siso que tu, per u~a donzela estranha, te leixas aqui matar a coita e a door.”

(85) “E el-rei disse com sanha:

– Ora parece que meu filho serviu mau senhor e mau galardom lhi deu. Este logar e’ mau e maa e’ a fonte u o demo mora.”

(86) “Dom Galvam, vo’s me cometestes a gram torto e a tal hora que me nom hei poder de

defender. Deus ajude o direito e assi o fara' ele, esto sei eu bem. Mais ora conheço verdadeiramente que aqui e' minha morte julgada em vingança do que eu fiz a minha irma~a~."

(87) "Certas, dom Galvom, ora vos vii aqui u~u~ ramo de covardice e de maldade de meu cavalo que me matastes. Ora nom podedes dizer, pois me virdes morto, que vo's me matastes, mais o falimento de meu cavalo. Mais nom me em chal que quer que me avenha desta batalha ca ata'aqui"

(88) "– Se Deus vos salve, dom cavaleiro, dizede-me quem sodes.
– Si Deus me ajude, nunca por medo neguei meu nome nem agora farei. Sabede que eu som Artur."

(89) "Isto nom quero eu ora, disse o cavaleiro, e direi-vos porque^ . Vo's jouvestes com minha filha e pola ventura e' prenhe de vo's. E se agora logo outro casasse com ela, ainda que o filho fosse vosso, nom lho criades vo's nem ningu~u~. E por em a quero guardar u~a peça de tempo e, se per ventura for prenhe, farei vo-lo saber. E se nom, farei dela o que entender que sera' minha prol."

(90) "– Tu e's cavaleiro ja' ?
– Senhor, disse el, si, mercee a Deus.
– Ora quero, disse el-rei, que me jures sobre os Santos Avangelhos como"

(91) "Depois que esto falarom, tornarom-se ao paaço. E Claudim preguntou a Artur o Pequeno:
– Sodes certa~io de que deseja'vades?
E el disse:
– Eu apris tanto agora per que valrei ma's todolos dias de minha"

(92) "Ai, amur! Vo's [me] havedes morto e trautado. Eu bem cuidava que bem e lidice me veesse de vo's, e ora vejo que me nom vem em senom coita e mal e pesar e toda mala ventura."

(93) "Ai, rainha Iseu, a mais fremosa dona que nunca homem viu, rainha das rainhas, senhor das senhores, fonte e espelho de beldade, tam fremosa cousa e de tam boo doairo e tam corte^s e tam preçada que todo o mundo val mais per vo's e este nomeado de vossa beldade. Senhor depo's cuja morte todo o mundo se pode loar que ante vo's nom foi tam fremosa nem agora e' nem depois seera'! Ora prouguesse ao rei dos reis que vo's me quise'ssedes tam gram bem como"

(94) "Ora vos rogo, disse Tristam, pola fee que devedes a vosso padre Lancelot e a todolos cavaleiros da Mesa Redonda, que me digades que escudo trage e per u se vai."

(95) "Ora nom sei, disse Tristam, que possa fazer, ca u~u~ que tragia tal escudo como vo's andava eu buscando e por este cuidava que e'rades vo's."

(96) "– Si, achei, disse Do[n]dinaux, em mau ponto por mim, ca justei com el e deu-me tal caeda que ainda me doio.
– E e' ja' ora longe? disse Tristam."

(97) “Ora podedes de mim fazer o que vos prouguer, ca eu me outorgo por vençudo desta batalha. E veedes aqui minha espada que”

(98) “vos dou, ca bem sabede que nom haveria poder nem força de me mais defender contra vo’s. Ora havede mercee de mim, se vos prouguer, ou me ar matade, se vos prouguer.

– Certas dom Tristam, ora vejo eu que vo’s sodes o melhor cavaleiro que eu nunca achei. Ora me teria todo o mundo por mau se nom fizesse todo o meu poder em vos ajudar. E nom caterei o gram desamor que me vo’s haveades mas a gram bondade que em vo’s ha’, ca todo o mundo valria meos de morte de tal homem.”

(99) “Aiaa! no’s somos enganados de conhecença deste homem. Per Santa Maria, este e’ [o] mais ca boo cavaleiro que ha’ a dar cima aas aventuras do regno de Logres. Ora me nom teenho por desonrado de el desbaratar minha gente, ca a sa bondade d’armas outra bondade nom poderia durar.”

(100) “Filho, dissí el-rei, ora podedes veer que achastes melhor cavaleiro ca vo’s. De^s hoje mais nom sejades tam sandeu que vaades cometer cavaleiros estranhos, ca muitos”

(101) “Ora podedes ir, ca eu vos sigueri a qualquer lugar que vos vades.”

(102) “Meu Senhor dom Galaaz, ora podemos bem dizer que nossos enmigos som mortos. Destes quatro nom ha’ ja’que tema o linhagem de rei Bam.”

(103) “Dom Galaaz, ora podedes veer a enveja da Mesa Redonda. Eles começaram. esto por enveja e aveo-lhe assi que ende [houverom] a vergonça e o dano.”

(104) “Cavaleiro perjurado e desleal, ora podedes ver que vos ave’m de vossa deslealdade. Teus dous irma~os som mortos. Mas eu nom gaanhei i rem ca perdi o homem do mundo que mais amava.”

(105) “E eles se rírom delo e começaram a contar de suas aventuras e Boorz disse a Galaaz:
– Se ora vosso padre dom Lancelot aqui fosse, semelhar-m’-ia que nos nom faleceria rem.
E el respondeo:
– Nom pode ora seer, pois Deus nom quer.”

(106) “– Verdade e’? disserom eles.

– Pois, disse ela, ora vejamos que i faredes ca per esta prova conhecerei eu se sodes tam bo~o~s como vos dizem.

E eles disserom:

– No’s nom somos tam bo~o~s como nos pertencia.

E Galaaz disse:

– Ora vejamos quem e’ boo ou mau. Ca se no’s somos maus no’s i nos perderemos se a mercee de Deus nos nom ajuda. E, se somos boos, no’s i iremos a salvo.”

(107) “ Ora, disse Galaaz, meu acordo e’ que entremos dentro e veeremos a aventura por que Deus nos juntou de su~u~.”

(108) “E Persival, que a er catou muito, disse contra dom Galaaz: – Ora podedes bem dizer que havedes a melhor espada do mundo e a mais rica que nunca, a meu ciente, foi no regno de Logres.”

(109) “Ora me semelha que e´ comprida a carta, ca vejo que o boo cavaleiro se lançou no leito que Salamam lhe guisou longo tempo ha´.”

(110) “Senhor, eu me sento por mui culpado contra rei Artur cujo vassalo som, que sei e vi a treiam de Lancelot e de sa molher e nunca lho disse. Ora o digo a vo´s e rogo-vos que o digades a rei Artur.”

(111) “Galaaz, sergente de Jesu Cristo, esto te manda dizer o Alto Mestre per mim que tu o vingaste hoje bem de seus imigos e toda a companhia dos anjos ende e´ leda. Ora te conve´m que te vaas o mais toste que poderes a casa do Rei Pescador por receber sau´de que tam longamente ha´ atendida, que deve a receber quando tu i fores.”

(112) “Ora vejo, disse Galaaz, u~a aventura que ja´ outra vez vi, por que me trabalhei u~u~ pouco.”

(113) “Ai, Senhores! Vo´s sejades os bem vindos. Ora sei eu per esto que me dissestes que vo´s sodes dos homens boos e dos cavaleiros que aa demanda do Santo Graal darom cima e que sofrera´m as grandes cuitas e os grandes trabalhos em acabar as aventuras”

(114) “E per os quatro de sa companhia devedes entender os quatro evangelistas, as bentas quatro pessoas que meterom em escrito u~a peça das obras de Jesu Cristo que fez e que disse mentre foi antre os homens assi como homem terreal. E sabede que nunca ende po^de cavaleiro saber a verdade assi como a vo´s ora sabedes.”

(115) “Certas, disse Galaaz, muito havedesbem feito, ca tal a podera´ ora achar que lhe fara´ maior honra que ante depo´s que souber sua fazenda.”

(116) “Dom Galaaz, ora se nos chega a hora em que nos havemos de partir e de filhar cada u~u~ sua carreira.”

(117) “Ora pode bem dizer rei Artur que seu poder e´ tornado a nient pois os cavaleiros da Mesa Redonda som mortos.”

(118) “Ora nos nom pode escapar o regno de Logres que o nom conquiramos. Ca, depois da morte de rei Artur, nom acharemos no´s homem que nos possa contrastar.”

(119) “Certas, cavaleiro, ora posso eu bem dizer que se tanta bondade de cavalaria houvesse em mim como em tal cavaleiro qual eu vejo eu vos haveria conquistado a pouca d´hora ainda que vo´s houve´sseis bondade d´armas de taes #IIII cavaleiros como vo´s.”

(120) “– Pois ora vos direi que i façades. Vo´s me cometestes por veerdes se e´rades melhor cavaleiro que eu. E aveo-vos assi que ainda ende rem melhor nom havedes, ante per ventura i havedes mais de perda ca de ganho. Leixade esta batalha, se vos praz, e ide-vos ensaiar com ele. E se o nom achardes tal ou melhor que vos eu digo nom me tenhades por cavaleiro. – Eu o outorgo, disse Artur, mas nom quero que por em fique nossa batalha ca, se vos ora partirdes de mim, sabede que, u quer que vos ache, vos er chamarei a ela.”

(121) “Ora sabedes como o cavaleiro justa. E, se nom queredes morrer ou mais receber d’onta, quitade-vos hoje mais dele, ca, certas, contra ele nom podedes vo’s durar em niu~a guisa.”

(122) “Vo’s nom me deveríades culpar se eu ando cometendo-vos e os outros bo~o~s cavaleiros, ca eu som mancebo e cavaleiro novel que hei mester de gaanhar prez elouvor; e, se o ora nom gaanhar, quando o gaanharei?”

(123) “Palamades filhou entam o cavalo d’Artur o Pequeno e adusse-lho e disse-lhe:
– Ora podedes cavalgar.”

(124) “– Ora haja eu mala ventura se eu digo por este que e’ o melhor cavaleiro do mundo, ca ora sei eu bem que achou melhor cavaleiro que si, que leixou por covardice passar pela ponte.
– Certas, disse Paramades, nom sei que vos i diga nem porque o fez. Mas ainda vos digo e direi que el e’ o melhor cavaleiro do mundo. E se lhe ora aveo aqui tal andança qual nom devera, nom e’ maravilha, ca nom ha’ no mundo tam boo que aas vezes nom venha maa andança.”

(125) “Ora nom vos cal ende, disse Paramades, ca, se Deus vos leva a Camaalot, entom o poderedes preçar e louvarmais que ora”

(126) “Porque, disse el, ha’ aqui u~a aventura u muitos homens boos se provarom, mas nunca lhe poderom dar cima. E ora cuidamos que cedo haja cima, ca o boo cavaleiro melhor de todos aqueles que nunca trouxerom armas ha’-de viir aqui por acaba’-la.
– Assaz me dissestes, disse Galaaz. Ora rogo a Nosso Senhor que, se esta coita ha’-de haver cima em tempo do rei aventureoso, que haja cima no dia d’hoje e que este fogo moira e que eu possa saber per qual pecado esta aventura aveo tam maravilhosa.”

(127) “Esto nom [e’] de preguntar, disse o cavaleiro, ca ora os de dentro som tam poucos que nom podem muito durar.”

(128) “Ora te podes ir, disse Galaaz, ca assaz nos disseste.”

(129) “Ora o façamos bem, disse Galaaz, e, se no’s nom somos mais de #III, Nosso Senhor se lhe prouver, sera’ o quarto de nossa companhia que mais nos valera’ que C mil cavaleiros.”

(130) “Verdadeiramente todos los cavaleiros do mundo nom som rem contra este, ca, se todos los do mundo fossem cavaleiros e este dessem contra eles em u~u~ lugar, eu cuido que ele os desbarataria todos; ca nom me semelha, pelo que ende vejo, que podesse enlassecer nem cansar de ferir em toda vida de u~u~ homem. Ora haja eu mala ventura se o nom tenho de^s hoje mais polo melhor cavaleiro do mundo e de todos aqueles”

(131) “– Senhor, si, disse ele. Ele e’ Galaaz, o bo~o~ cavaleiro que deu cima a aventura da seda perigosa.

– Par Deus, disse rei Artur, ora o creio bem: aquele [e’] o cavaleiro que ha’ a seer o melhor dos milhores;”

(132) “– E quem sodes vo’s? disse Faram.

– Eu som, disse el, u~u~ cavaleiro andante da casa de rei Artur, mas meu nome nom pode^s ora saber.”

(133) “Mas por t[e] eu leixar ir, nom esquecerá este preito a Nosso Senhor, ante te dara’o galardom em guisa que te confund[i]ra’ com aqueles que de fazer traçoim se trabalham. Ora te podes ir quando quiseres tu e teus homens.”

(134) “Ora haja eu mala ventura, disse o escudeiro, se nunca oi’ falar de tanto covardo homem. Mal defenderi’des mim, se mester me fosse, quando vo’s meesmo nom queredes vos defender; e, pola gram maldade que eu vos vejo, nom vos quero eu mais fazer serviço e, de canto ata’ [a]qui fiz, me acho mal.”

(135) “Ora conve’m que nos partamos, ca estes #III carreiros no-lo ensinam.”

(136) “Ai, Deus! disse Meraugis, be~eito sejades vo’s, que vos prougue d’achar eu Galvam o desleal. Certas, se ora Erec nom e’ vingado, ja mais nom quero eu trager armas. E Estor disse outr[o] tal.”

(137) “E pero me maravilho de esto que quer fazer, ca nom pode ma~o meter em mim que se estranhamente nom pe[r]jure. E da outra parte, se eu ora quisesse esta batalha, nom na devia el a querer ca nem u~a honra nom haverá i, ca ele e’ sa~o e eu chagado.”

(138) “Quando Estor esto oi’u nom soube que dissesse, fora que respondeo: “Galvam, Galvam, muito sabedes de mal! Muita e’ a vossa traçoim asconduda e encuberta, e eu bem vejo que esta batalha nom pode ora seer, ca erraria contra o sacramento da Mesa Redonda.”

(139) “– Eu quiria ir, disse el, ao reino de Terra Fora~ia , ca ali oui’ dizer que avi~am as maiores aventuras do reino de Logres.

– Verdade e’, disse Estor; eu ende oui’ falar a muitos home~e~s bo~o~s, e eu sei mui bem aquela carreira.

– Ora, disse Galaaz, nos leve i Nosso Senhor em guisa que seja sau’de das nossas almas.”

(140) “Filho Lancelot, disse el, ora sabe bem que Nosso Senhor ti amostrou mui gram peça do seu bo~o~ talam quando ti chegou a companha de tam santa doncela.”

(141) “– Senhor, disse Galaaz, quem sodes vo’s que m’esto mandades fazer?
– Uu~ homem som, disse ele, e nom podedes ende ora mais saber. Mas o que vos digo, fazede-o.”

(142) “– Pois afia-me, disse Galaaz, e pois, se meus companheiros se i outorgam, leixar-t’ei viver; se nom, tu e’s morto.

E Bedoim o afiou com grande espanto.

– Ora, disse Galaaz, trei migo.”

(143) “E eles se levarom e preguntaron-no: Senhor, que e’?”

– Vedes aqui, disse el, o conde Bedoim, que vos trago; aa mercee de Deus ora havemos nossa guerra fiinda. Cavalguemos e levemo-lo a sa irma~a~ e metamo-lho na ma~o e fara’ del o que quiser.”

(144) “Ora nom sei, disse el, que me ende averra’, mas, pois assi e’, Deus mande que me ende bem venha.”

(145) “– Este e’ rei Artur.

– Assi? disse Samaliel; be~eitas sejam estas novas! Ora haja mala ventura se nom vingar meu padre que me matou.”

(146) “Ai, senhor, vo’s nom sabedes como vos ora aveo mentre dormistes! Nunca, a meu ciente, [tam] fremosa aventura a home[m] viu, ca vos f[o]stes em perigoo de morte.”

(147) “Ai, Deus! Como seeria bem aventurado quem podesse ora veer aquelevaso que ali esta’ coberto, por que tantas grandes maravilhas aveerom no reino de Logres!”

(148) “Ora podedes ouir o que vos eu dizia. Este e’ dos cavaleiros da Mesa Redonda.”

(149) “E el houve tam gram pesar destas novas que disse:

– Ora nom quero eu ja mais trager armas nem ja a Deus nom praza que eu ende haja o poder ca ja mais nom haverei honra por cousa que fazer possa quando meu irma~o sabe a [des]onra que me aqui aveo.”

(150) “– Si, disse ele, que nunca o foi peor em logar u fosse.

– Ora nom vos venha em tal, disse Gaeriet, ca, se aquela vez nom hou[v]estes bo~[a] andança, ora haveredes bo~a.”

(151) “E ele lho contou todo. E Estor se confortou ja’ quanto e disse:

– Ora nom posso eu seer soo, pois em esta ma’ andança vos hei por companheiro.”

(152) “Ora, po’s ela! disse Lançalot. Mal haja quem a leixar a seu poder!”

(153) “Nom hei ora mester de justar ca assaz hei feito esta vez. E, se me sobr’esto quiserdes forçar, nom vo-lo teerom por cortisia.”

(154) “Senhor, eu me quito bem de vo’s. Ora vos rogo por cortisia que me leixedes ir.”

(155) “Nom hei ora mester de justar ca assaz hei feito esta vez. E, se me sobr’esto quiserdes forçar, nom vo-lo teerom por cortisia.”

(156) “Certas, disse Palamades, eu nom reciar[ia] ora justar se nom fosse que ando mal chagado. E por em vos rogo que me leixedes ir, ca pero vo’s houverdes o melhor da justa, nom vos seera’ nem u~a honra pois que eu som chagado e vo’s sa~o.

– Ai, dom Galaaz! Senhor, mercee! Sabede que nunca, a meu ciente, matei homem de vossa linhagem. E que o ainda que matasse e vo’s por em migo quis e’ssedes lidar, deveri’ades catar tempo e saçom em que fosse vossa honra, assi que, pois me vence^ssedes, em nom seer posfaçado nem culpado. Mas, certas, se vo’s ora me fezerdes combater com vosco, nom haveredes i honra niu~a, ca vo’s sodes bem sa~o e eu mui mal chagado a maravilha.”

(157) “Senhor, porque chorades? Ora me semelha que nom havedes nem u~a boa creença em Jesu Cristo, ca, se vo’s creessedes mui bem, nom haveri’ades dulta de mim pois lhi eu tal promessa fiz.”

(158) “vos chamo por em aa batalha e ora veeremos como i faredes.”

(159) “Pois leixade-me e eu fazer quero o que me rogades pola conveença que me havedes feita; e sabede que nunca houve maior vontade de rem no mundo como ora receber bautismo e creer na santa lei de Jesu Cristo, primeiramente porque lho prometi e, de^s i, por vosso rogo.”

(160) “Dom Palamades, eu morei aqui mais que devera ca muito havia alhur de fazer. Mas esta tardada fiz eu por vosso amor e pola honra que Deus vos fez e ora”

(161) “Dom Palamades, disse Galaaz, vedes aqui a torre |a torre| que eu buscava. Ora podedes seer seguro que veeredes a maior maravilha que nunca vistes d’u~u~ cavaleiro.”

(162) “Esto que pode seer? Este cavaleiro era ante tanto como vinçudo e agora ha´ maior força que lhi hoje vi. Esta e´ a maior maravilha do mundo. Ora vejo eu bem o que me disse Galaaz.”

(163) “Senhor, assaz ende ouvistes falar. Ora nos vaamos quando vos aprouguer, ca desta aventura nom havemos no´s a saber a verdade senom per vo´s.”

(164) “Ora, disserom eles, se ha´ i algu~u~s presos, fazed-os vi~ir.”

(165) “Esta maravilha nom falecera´ no nosso tempo. Ora nos podemos ir, ca esta aventura sem falha e´ acabada. Ora aveo o que vos eu disse hoje manha~a~.”

(166) “Deus, be~eito seja o vosso no[me], que vos prougue que eu visse vossos #IX cavaleiros. Ora vejo eu bem que haverá cima e[m] esta vi~ida a obra onde tanto falarom pelo reino de Logres.”

(167) “Padre dos ce´os, be~eito sejas tu que nos por filhos te~es. Ora sabemos no´s que nom perdemos nosso afam.”

(168) “Esto nom podedes vo´s ora saber, disse Estor.”

(169) “Ora nom sei, disse Agravaim, o que seera´; mas pois vo´s queredes comete^lo, quero eu.”

(170) “Ja´ hoje foi tal hora que, se me comete^reis, que dera por vo´s mui pouco, ca me cuidara de vo´s ambos defender. Mas dom Lançalot, onde me parti agora, me achagou tam mal que, se me ora matardes, nom seera´gram maravilha ca pequena defensam acharedes e[m] mim. E pero defender-m’ei quanto poder. Mas se morrer, morrei a torto. E como quer que seja de meu coração, Deus me haja parti na alma, se lhi prouguer.”

(171) “Ora sabede, disse el, que vo´s mi outorgaredes que faredes estas leteras de manha~ do que vos eu enviar.”

(172) “Par Deus, disse ela, esso. E ora vejo bem que vo´s sodes o homem mais sisudo do mundo e rogo-vos por aquel amor que me vo´s havedes que me ensinedes como o possa matar ca nom ha´cousa no mundo com que me tanto prouguesse.”

(173) “Ora podedes dizer a vosso senhor que manha~a~, hora de prima, m’achara’ guisado da batalha ante esta torre per tal preito qual me vo’s dissestes.”

(174) “Assi? dize el-rei; ora o quero saber per esta cabeça em toda guisa.”

(175) “Senhora, ora me posso eu ir, se Deus quiser, a salvo, ca de quantos me aqui agardam me livrarei eu mui bem, como eu cuido.”

(176) “Ora, disse Lançalot, podemos bem dizer que ja mais nom haveremos paz com el-rei nem com Galvam por morte de Gaeriet, onde me pesa muito, se Deus m’ajude.”

(177) “Ora apo’s el, disse el-rei, ca se nom ira’, se eu posso.”

(178) “E esto vos digo porque se ora feze’ssedes paz estando em hora de vos vingardes vo’s e vossa linhagem, que vo-lo ti~iriam a mal os vossos e os estranhos.”

(179) “Ai, Deus! Ora vejo a profecia comprida que os homens sisudos desta terra disserom per muitas vezes: que rei Artur morreria per ma~o de seu filho. Ai, Deus! Que dano e que perda!”

(180) “E pesou-lhi ende muito ca se ti~ia por tal. E foi ala’ di noite e despendurou-a e meteu-a em logar u nom souberom pois parte dela. A torre ficou, sem falha, ainda ora hoje ha’ dos muros dela.”

(181) “Giflet, eu nom sou rei Artur, o que soiam chamar aventureoso polas bo~as andanças que havia. Mas quem me agora chamar per meu direito nome, chamar-m’a’ mal aventureado e mizquinho.”

(182) “Mas u achara’s homem ja mais u tam bem empregada sejas como eras em mim se aas ma~os nom ve~es de Lançalot? Ai, Lançalot, o melhor homem e o melhor cavaleiro que eu nunca vi, fora Galaaz, que foi o melhor dos milhores! Ora prouguesse a Nosso Senhor que tu esta espada houesses e soubesse-o eu! Certas, a minha alma seeria mais viçosa ende pera sempre!”

(183) “Par Deus, disse el-rei, todo esto eu sabia que ave~ria em. Ora sei eu bem que minha morte se chega muito.”

(184) “Ora vos mando que saiaes do reino de Logres e que vos vaades pera vossas terras.”

(185) “Ai, Deus, be~eito sejades vo’s, ca ora vejo eu quanto desejava a veer e a saber! Quando Bliobleris viu que el dormia assi e ouviu o que dizia maravilhou-se e houve pavor de seerdemo que entrava em el e espertou-o.”

(186) “– Ai, Deus! disse o arcibispo, be~eito sejades vo’s! Ora sei eu verdadeiramente que aquela gram festa que os angios faziam que era com na alma deste. Ora posso eu bem dizer que pendenza val sobre totalas cousas do mundo. Hoije a mais, mentre viver, nom me partirei de pendenza.

– Ora conve’m, disse Bliobleris, que o levemos aa Joiosa Guarda, ca lho prometemos.
– Verdade e’, disse o arcibispo.”

(187) “Ora som na terra em que recibi mais desonra e dano que lugar u nunca fosse. Ora quero que nunca me tenham por rei se me nom vingo.”

7.3.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS INJUNTIVAS

(1) “Deus mande que seja a cavalaria tam bem empregada em vo’s como em nosso linhagem. Ora dizede: irede-vos aa corte del-Rei Artur, u muitos homens bo~o~s de totalas partes do mundo veem e todolos cavaleiros do Regno de Logres som assumados em esta festa d’hoje?”

(2) “Cedo o saberedes, disse Lançarot. Leixade ende ora a pergunta.”

(3) “E, amigos, novas vos direi. Ora sabede que per esta espada sera’ conhecido o melhor cavaleiro do mundo, ca e’ a prova per que se ha’ de saber. E niu~u~, se nam for o melhor cavaleiro do mundo, nom podera’ sacar a espada deste padram.”

(4) “Ora vaamos jentar, ca ja’ tempo e’, e Deus nos de^ quem a esta aventura de^ cima, ca, certas, muito me prazeria que veesse cedo.”

(5) “quero que em aquel [ca]mpo de Camaalot seja ora começado trebelho tal que depois da minha morte seja contado e onde hajam que retraer nossos herees.”

(6) “Ora me di, fust[e] tu u prometerom os cavaleiros de buscar o Santo Graal?”

(7) “Senhor, meu mal faria se o daqui levasse. E sabede que nom tragerei escudo atee que a ventura mo nom de^. Agora seja no nome de Deus.”

(8) “E esto vera’s per ti em esta demanda. Ora cata como eles devem a [changer] e a maldizer a tua viinda.”

(9) “vos departerei outro rogo: ou vo’s me matade ou eu matarei vo’s. Ora escolhede qual quiserdes.”

(10) “Senhor, disse o escudeiro, ora contade a dom Galaaz o que dissestes que lhe contari’ades ante mim.”

(11) “Ora me dizede, disse Galaaz, que dizedes polo cavaleiro? Ca ja’ mui bem me divisastes que demonstrava a campa~a~ do muimento.”

(12) “E por em fezerom tal feito per que depois Vespesiom os eixerdou e os destruiu tanto que ele soube a verdade daquel profeta que eles justicarom tam deslealmente. Assi foram todos mortos e confundidos porque creerom o conselho do imigo. Ora devemos a creer como esta semelhança d’agora e a de antam se concorda de consu~u~.”

(13) “Mais ora leixa o conto a falar de Dom Galaaz e torna a Melias.”

(14) “Mais ora leixa o conto e torna a Galaaz.”

(15) “Mais ora leixa o conto a falar de Dondinax.”

(16) “Verdade e’, disse Boorz, mas, se o eu nom vingar, vingarei-vos da desonra que vos fez. Agora dizede que escudo traze ca eu nom quedarei ataa que o alcalce. E ele disse que era o escudo branco e a cruz vermelha.”

(17) “Cavaleiro, bem vos aveeo que nom sodes chagado; e bem me e’ em, assi Deus me valha, ca bem cuidoo que sodes bo~o~ cavaleiro. Agora vos rogo que me quitedes e me leixedes ir. E eu vos quitarei quanta querela de vo’s hei, o que nom faria se nom quisesse pois que me vo’s cometestes primeiro.”

(18) “E, se o eu conocera, recear[a]-o quanto podesse. Mas agora dizede-me de meu padre: sabedes ou ouvistes novas algu~as, depois que vos partistes dele?
– Nom, disse Boorz.”

(19) “Mais ora leixa o conto a falar de Galaaz e torna a Ivam.”

(20) “Senhor cavaleiro, agora me leixaredes minha caça; al de meos este me^s nom poderedes ir busca’-la.”

(21) “Agora leixaredes minha demanda, ca a fazer vos conve’m. E mais vos valera ir veer vosso companheiro que jaz em na montanha.”

(22) “Mais ora leixa o conto a falar de Gilfret e torna a Dondignax.”

(23) “Ora me dizede, disse a ama, semelha-vos bo~o~ conselho o que vos dei, de tolherdes vosso coração daquel cavaleiro?”

(24) “Ora veedes vo’s como e’”

(25) “ E porque pedi a donzela deu-ma, e disse-me:
– Ora seja tua, pois ambos sodes de u~a lei, mas muito vos amara mais se fo^ssedes crista~os.”

(26) “Ora sabede, disse el, que vistes u~u~ bo~o cavaleiro quando o vistes.”

(27) “Mais ora leixa o conto a falar de Galaaz e torna a Galvam.”

(28) “se partirom ambos e o escudeiro se foi a grand’ir ao alca’çar. E, a cabo deu~u~ pouco, vio Ivam de Cenel vi~ir contra si dez cavaleiros armados que todos disserom a u~a voz:
– Agora a el!”

(29) “Mais ora leixa o conto falar de Ivam e torna a Galvam.”

(30) “Ora andemos de consu~u~ e veeremos se seremos milhores andantes.
– Bem dizedes, e outorgo-o. ora vaamos de consu~u~, que Deus nos guie u acharemos cousa algu~a do que andamos demandando.”

(31) “Mais ora leixa o conto a falar de Estor e torna a Galvam.”

(32) “Ora veremos o que aqui faredes, se sodes tam ardido que o ousedes a cometer.”

(33) “Ai, meu Senhor! Eu me tenho por vencido desta batalha, pois vo’s sodes rei Bandemaguz. Ora fazed de mim o que vos aprouver, ca ja mais, se a Deus aprouver, nom me combatarei com vosco.”

(34) “Senhor, disse ela, vo’s sejades bem vindo. Ora sabede que, se vo’s soube’ssedes como andoueste preito como o eu sei, que nom ha’ rem do mundo per que o leixa’ssedes a matar per vossa ma~o, ca este e’ o mais desleal cavaleiro de que nunca ouvi falar, segundo o que ende eu vi.”

(35) ‘Ora nos partimos, disse Galvam, pois tre^s carreiras acha’mos partidas e no’s somos tre^s cavaleiros.”

(36) ‘Ora pensa oimais tanto que Nosso Senhor haja de ti a cortiça e o meolo, pois que o demo de ti levou os ramos e as folhas e a fruta.”

(37) “Mais ora leixa o conto a falar deles e torna a Galaaz e a Boorz quando se partirom de Esclabor.”

(38) “mas, pois vo’s sodes meu companheiro e da Ta’vola Redonda e vos el matou ante mim, eu vos vingarei a meu poder, senam terriam-me ende por covardo cavaleiro. Ora ficade vo’s e ide vosso passo e eu irei apo’s ele e segui-lo-ei tanto ataa que o acharei, se Deus quiser.”

(39) “Ora me dizede, disse o homem bo~o~, como cuidades vo’s vi~ir aa cima de tam alto começo?”

(40) “Mas se vo’s assi fezerdes e vos sofrerdes de pecar mortalmente, e pois entrastes na demanda do Santo Graal, sabede que eu cuido, per muito bem que em vo’s ha’onde muito ouvi falar, que vo’s haveri’des em esta demanda honra e lidice [t]amanha como vosso coraçom nom poderiapensar. Ora havede conselho sobre esto que vos digo, ca, certas, se o em outra guisa fezerdes, em va~o entraredes i, a meu cuidar.”

(41) “Par Deus, filho, diz o padre, eu bem cuido que dizees verdade. Ora fazed i quanto tenerdes em coraçom, ca eu vo-lo louvo.

Quando Lionel esto ouviu nom quis tardar nimigalha, como aquel que havia mui gram sanha, e deu ao homem bo~o~ u~u~ tal golpe que o fendeu todo, sem falha, atee os dentes.”

(42) “Muito me pesa de quanto i fiz, mas ñeu pecado e minha maa aventura mo fez fazer. Ora me dizede o que i faça.”

(43) “Mais ora leixa o conto a falar de Boo[r]z e torna a Persival.”

(44) “Entam o filhou a ambas as ma~os pola abaa da loriga e disse:
– Ora me faze aqui morar quanto te aprouver.”

(45) “Beento seja Deus que vos aqui adusse a esta saçom! Certas, ca muito me era mester, como vos eu contarei. Ora seede, e divisar-vos-ei a maior maravilha que.peça ha’que avesse a pecador. Esta maravilha me aveo hoje.”

(46) “Amigo, novas te trago mui maravilhosas. Teu irma~o jaz em na pena e na ardura do

purgatório, e já está ainda três anos, ante que cime sua pendência; mas não vai assim, mercê Deus, cá tão tosto que me parti deste mundo, logo se me a alma foi para a lidice do paraíso, que já mais não falecera. Ora guarda bem o que fará's, cá tu te partirá's deste mundo daqui a dezassete dias”

(47) “E ele respondeo:

– Ora vá para o dia boó a besta e os cães, cá aquela besta me fará morrer de pesar.”

(48) “Ora me dizede a que vestes vós aqui.”

(49) “Ora me [dizede], disse Persival, como não sabeis seu nome, pois tanto com ele andastes?”

(50) “Ora sabeis, disse Persival, que esta é a oliveira vermelha. E esta ermida que vedes é a ermida que chamam da Oliveira Vermelha.”

(51) “Esta carta me foi dada esta noite e não sei onde veio. Mas eu a recebi aquela hora que Lançarot começou a braadar. Ora catade o que há em ela e dizede-me o que lhe jaz, se é cousa que eu deva ouvir.”

(52) “Ora, disseram eles, não temades, cá nós vos tomamos em nossa guarda pois um cavaleiro sae, quando quer que ele seja.”

(53) “Ora me deixade, disse Lancelot, cá, pela fé que eu devo a toda cavalaria, que já mais não serei ledo atá que vingue esta desonra.”

(54) “ – Donzela, pede-o cá o haveredes, se não for cousa que seja contra meu juramento. Respondeo ela:

– Muitas mercees. Pois ora me dade este corço, cá por ali não vim eu aqui.

(55) Mais ora(164) deixa o conto a falar de Lançarot e torna a Persival.”

(56) “No nome de Deus, disse o cavaleiro, muito me praz porque vos achei tão cedo, cá de gram trabalho sou quiti, cá já mais não quedara d'andar tão que vos achasse. Ora vos guardade de mim, cá já mais não serei ledo atá que vos faça pejeja.”

(57) “om vos aproveita. Vós não vos podedes de mim partir sem batalha. Ora vos guardade de mim, se quiserdes.”

(58) “Ora me dizede, [disse] Persival, sabeis onde hoje poderíamos albergar?”

(59) “Dom Claudim, disse Galvam, ora me dizede qual aventura vos trouxe a esta terra.”

(60) “Vós sois o mais afuto cavaleiro que eu nunca achei que vos tremedes de tão alta demanda. Ora vos guardade que já mais ante cavaleiro rem não faledes, cá que sejades companheiro da Mesa Redonda, cá vos terrá'm por sandeu.”

(61) “eu vo-lo direi por provar se sois tão cortês como me mostrastes. Ora sede a cabo de mim e contar-vos-ei minha má andança e meu pesar.”

- (62) “Mais ora leixa o conto a falar dele e torna a Boorz de Gaunes.”
- (63) “Mais ora leixa o conto a dar deles e torna a Galaaz ca muito ha´ gram peça que se calou dele.”
- (64) “A esto i se acordaram e, per u iam, iam demandando por Galaaz. Mais, porque o nam acharam esta vez, se cala ora ende o conto e torna a Galvom.”
- (65) “Mais ora leixa o conto a falar de Galvam e de Gaariet e torna a Mordret, por contar como lhe aveo.”
- (66) “Mais ora leixa o conto de falar dele e torna a outra aventura.”
- (67) “Senhor, vo´s sejades o bem vindo. Muito vos andei buscando, graças a Deus que vos achei. Ora crede, amigo, que muito havia mester a vossa ajuda.”
- (68) “Assi falando chegarom ao alca´çar e acharom a porta aberta, ca ainda os de dentro nom jaziam, ante andavam folgando per u~u~ prado que havia de arredor da torre. Mais porque este livro nom devisou ainda como fora morto rei Lac devisar-vo-lo-emos agora o mais ligeiramente que podermos assi como a verdadeira esto´ria o diz.”
- (69) “Pois ora seja Deus em nossa ajuda, disse Erec.”
- (70) “Que dizedes, senhores? Desto nom pode escapar, fora se me matardes. Ca, em mentre viva, nom s[a]jirei de promessa que prometer; mais se [me] matardes ficara´ ela. Ora fazed qual teverdes pro melhor: ou me matade ou matarei eu ela.”
- (71) “Donzela maldita, escomungada, a mais aleivosa donzela que nunca sobiu em palafre´m, ora filhade vossa promessa e Deus vos leixe tal prazer haver como fezeistes haver a mim.”
- (72) “Mais ora leixa o conto de falar dele e torna a Meraugis, por contar como el”
- (73) “Ora me dizede, disse Estor, o que vo´s queredes fazer em preito de Erec.”
- (74) “Mais ora leixa o conto de falar deles e torna a Erec, por contar em que guisa foi morto.”
- (75) “Ora leixa o conto a falar deles ambos e torna a Erec por devisar por qual aventura o matou Galvam a aquela saçom.”
- (76) “Si farei, disse o demom, ora escuta e direi-cho todo.”
- (77) “Ora me leva a salvo. Eu te prometo que ta leve daqui a #III dias u quiseres.”
- (78) “Mais ora leixa o conto a falar desta aventura, ca assaz falou em, e torna aa dona e aas donzelas que chegarom aa fonte quando jazia i Erec, assi mal treito como vos disse.”
- (79) “Ja mais, disse Estor, nom me creades se nom e´ algu~u~ dos da Mesa Redonda. E sabede que muitos home~e~s boos havera´m pesar de sa morte. Ora deçamos e vejamos quem e´, ca meu coraçom me diz que pesar nos em verra”

(80) “Senhores, el nom po^de vi~ir vivo aca´ per xe vos queixar de Galvam e feze-se aduzer morto. Ora fazede ii o que devedes a fazer a filho de rei que [a] aleive e´ morto.”

(81) “Ora me fazede desarmar, disse Claudim.”

(82) “Mais ora leixa o conto a falar deles e torna a Galaaz por falar del, ca muito ha´ que del nom fabu.”

(83) “Calemos-nos ora e veremos que fara´ este cavaleiro, ca nom cuida que no´s aqui jazemos.”

(84) “Senhor cavaleiro, por Deus e por cortesia, saide-vos ora u~u~ pouco daqui ta´ que provemos se e´ verdade o que nos este homem diz de vo´s.”

(85) “Pois ora vos guardade de mim, dissim Eliezer, ca na batalha sodes, ca nunca tam gram mal quise a cavaleiro como a vo´s quero.”

(86) “Mais ora leixa o conto a falar de rei Peles e de seu filho e torna a Galaaz.”

(87) “Ora sede leda ca bem vos aveeo ca o boo cavaleiro de que vos o irmitam falou aqui e´. Ora lhe rogade que pense de vo´s.”

(88) “Mas ora leixa o conto de falar deles e torna a Galaaz.”

(89) “Senhor, vo´s sejades o bem viindo! Tanto vos atendemos que Deus, por sua mercee, vos nos adusse. Ora entrade ca nom ha´ i fora d’ir a alta ventura que Deus nos ha´guisada.”

(90) “E quando [viu] que nom podia a espada tirar disse a Boorz:

– Ora er provade vo´s.

E el quis tirar a espada, mas tanto i acabou como Persival. E, depois que virom que nom fezerom i rem, disserom a Galaaz:

– Senhor, ora vede, se vos praz, que honra vos Deus i quer dar.”

(91) “Ora sabede, disse ela, que eu vos guarni das Estranhas Correias, a melhor nem a de maior virtude que nunca cingiu cavaleiro.”

(92) “Ora queira Deus, se lhe prouver, que no´s saibamos ende algu~a cousa ante que o cervo se parta de no´s.

– Par Deus, disserom os outros, ja´ no´s este cervo outra vez vimos.

– Ora vaamos apo´s el, disse Galaaz, ca me diz meu coraçom que algu~a rem ende saberemos esta vez.”

(93) “Ora fazede i o que vos prouver.”

(94) “Ora me dizede o que vos ende praz.”

(95) “Senhores, ora sede ledos ca a batalha que haviades a haver manha~a~ e´ partida, ca eu vos prometo que de manha~a~ pague o costume que as outras donzelas pagarom.”

- (96) “Mas ora leixa o conto de falar dele e torna e Galaaz e a Persival que ficarom na capela.”
- (97) “Mas ora leixa o conto de falar de Persival por contar como aveo a Galaaz quando tornou ao regno de Logres e como livrou a rei Artur e a terra de Logres dos Sanso~es que vierom i per conselho de rei Mars de Cor[nu]alha.”
- (98) “Ora pensade de cavalgar ataa u e´ rei Artur. Se no´s imos sesudamente, com poucos homens nos nom podera´ durar.”
- (99) “Mas ora leixa o conto a falar deles e torna a Galaaz.”
- (100) “Ora me dizede, disse Paramades, poder-vos-i´ades outorgar no que vos disse, que este e´ o melhor cavaleiro do mundo?”
- (101) “Muito me praz, disse Galaaz, porque e´s salvo pois prouve ao Salvador do mundo. Mas ora me di a verdade de toda ta fazenda e como te aveo que foste metido em tam gram coita e em tram grande marteiro.”
- (102) “Ora vos calade, disse Paramades, ca vo´s o afirmaredes tanto que chegedes com ele aa hoste de Camaalot. Mas cavalguemos e vamos com el ca, se perdermos sa companhia, menos ende valeremos.”
- (103) “Vedes aqui de nossos enmigos que te^m rei Artur cercado. Ora a eles! Eles som #V e no´s #III. Cada u~u~ derribe o seu e eu derribarei os dous.”
- (104) “Ora me di quem e´s e como rei Artur se mante´m e como os de fora o ham feito pois que cercarem Camaalot.”
- (105) “Se eles muito vivem gram dano nos fara´m. Ora a eles, sem mais tardar!”
- (106) “Ora me dizede, disse erei. Sabedes como ha nome?”
- (107) “Mais ora me dezede: rei Mars e´ morto ou preso?”
- (108) “Mais ora leixa o conto a falar deles e torna a Galaaz.”
- (109) “Ora me dizede, disse erei, que podemos i fazer, ca nom ha´ rem do mundo que de melhor mente fezesse ca mata´-lo, ca todo o mundo nunca me fez tanto mal como el soo. E bem sei que e´ u~u~ daqueles ambos, mais nom sei qual.”
- (110) “Ora ide u~u~ de vo´s preguntar qual e´ o que trage o escudo branco da cruz vermelha.”
- (111) “Ora vos calade, disse rei Mars; eu me vingarei ca o farei morrer maa morte; mais a vingança nom sera´ tam grande como el mereceu ca el confundiu mim e [t]antos mens bo~o~s que, se C cavaleiros taes como ele fossem por em mortos, nom seriam vingança.”
- (112) “Ai, bo~o~ cavaleiro, mercee! Eu me meto em teu poder. Ora faze de mim o que quiseres, ca eu farei quanto tu mandares.”

(113) “Rei Mars, dizede ora todo como foi e nom mentades em rem, ca bem sabede ca, se mentirdes, eu vos matarei logo.”

(114) “Dom cavaleiro, ora vos servide como poderdes ca, si Deus me ajude, ja´ mais tam mau cavaleiro nom servirei.”

(115) “Donzela, disse el, se Deus vos ajude, dizede-me ora: se eu fosse tam bo~o~ cavaleiro como som fremoso, que diri´ades vo´s i?”

(116) “Ora vamos de u~u~, disserom eles, ata´ que aventura nos parta.”

(117) “Leixe ora esta batalha e cometa-me em casa de rei Artur, u ha´ muitos”

(118) “Galvam, Galvam, nom valeo a Erec a companha da Mesa Redonda, nem que andava mui mal chagado, nem que o conhecestes, nem que o salvastes. E mataste-lhi o cavalo e depois ar matastes ele. E ora ides-vos assi quite, que nom queredes ende responder ao reto.”

(119) “Par Deus, disse Galaaz, nom som estes da nossa gente. Ora pense cada u~u~ de bem fazer, ca bem sei que nos nom podemos daqui partir sem enxeco.”

(120) “E eles, que se nom guardavam da traiçom, entrarom. E el tirou a si a porta e çarrou-a. E pois disse-lhis:

– Ora fazedo o melhor que poderdes, ca ja mais nom s[a]jiredes daqui se nom mortos. E esta e´ a postumeira vossa aventura.”

(121) “Ora suso e filhe cada u~u~ sas armas e matemos quantos acharmos em este castelo. E leixemos as donzelas que presas som ca assi quer Nosso Senhor.”

(122) “E pero como quer que tu errasses ata´ [a]qui, se te quisesses correger e ti quisesses guardar de pecar mortalmente, ainda poderias achar perdom e mercee em aquele em que toda piedade jaz. Mas ora me conta como entraste enesta barca.”

(123) “Ora ti cata como, assi em pensar como em obrar, sejas casto, assi que a ta castidade se outorgue aa castidade da donzela, ca assi podera´ durar a ta companha e a sua.

E Lançalot lho prometeu de boo coraçom e que a todo seu ciente se guardaria de fazer cousa em que errasse a seu Criador.

– Pois ora te vai, disse o homem bo~o~, ca nom ha´s que tardar, ca tu sera´s cedo em aquela casa u desejas chegar: na casa do Rico Pescador.”

(124) “Mais ora leixa o conto a falar dele e torna a Galaaz e Estor e Meraugis.”

(125) “Ora pense cada u~u~ de vo´s de fazer bem, ca ja mais nom vos veeredes ata´ o dia espantoso u Nosso Senhor dara´ a cada u~u~ o que mereceo.”

(126) “Mas ora leixa o conto a falar dele e torna a Galaaz, por contar algu~a cousa de sas aventuras ca, sem falha, a maior parte da demanda foi sua.”

(127) “Ora di o que quiseres.”

(128) “– Senhor, disserom eles, de u~a choça que esta´ a[a] entrada daquele mato. E estavam com ele #II cavaleiros todos armados, mas nom sabemos se i havia chus.

– Ora leixade, disse o conde, ca cedo nos em vingaremos mui bem.”

(129) “Desto, disserom eles, nom hajas tu cura. Mas ora nos di o por que te pergunta´mos: u leixasti rei Artur e que andas buscando?”

(130) “Mas ora leixa o conto a falar deles e torna a Samaliel.”

(131) “Ora sabi, disse el, que eu som [S]amaliel, filho de Froila que foi rei de Gauna que rei Artur matou ante Paris.”

(132) “Ora leixa o conto a falar de Samaliel e torna a rei Artur.”

(133) “Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Samaliel e toma a Lançalot.”

(134) “Ora vo´s sabedes esto, tornar-vos-ei a m~ia razom.”

(135) “Ora me dizede, disse Galvam, que faremos? Ca mi semelha que endo~ado seguiremos”

(136) “Certas, se nom fosse chagado tam mal como e´ e mi-o nom tevesse a vilania, nom no leixaria ir em nem u~a guisa que o nom chamasse a batalha; mas por esto nom quero e porque o fez mui bem entre no´s. Ora se vaa a b[o~a] ventura, ca sempre direi dele bem.”

(137) “Filho, disse o padre, bem dissesti. Ora te vai e aquele ti seja em ajuda que te pode de todo perigoo livrar.”

(138) “Leixade-me ir ora em paz e faredes cortisia; e depois, o primeiro lugar u me achardes, chamade-me aa batalha, se virdes i vossa prol, e eu vos prometo que vos nom desfalecerei dela.”

(139) “Pois ora me dizede vosso nome, disse Galvam.”

(140) “Se eu som bo~o~ cavaleiro, disse Galaaz, tanto e´ vosso maior mal, ca vos matarei se quiser. Mas ora fazede u~a cousa que vos quero rogar por vossa prol e por vossa”

(141) “Direi-cho, disse el, que vejo que nom posso i al fazer. Ora me leixa.”

(142) “Mas ora leixa o conto a falar deles e torna a Galaaz.”

(143) “E ja´ mais homem desta besta nom veera´ mais que se a nunca visse. E Palamades deve ende haver honra e prez e no´s seeremos ende enquisas que o vimos. E ora beengamos Nosso Senhor que nos tal maravilha mostrou.”

(144) “Mas ora leixa o conto a falar deles e torna a Palamades.”

(145) “Ora ide a el e dizede-lhi que o chamo aa batalha das espadas. Mas em guisa lho dizede que se nom queixe.”

- (146) “Par Deus! disse Palamades, esto e´ gram cousa. Mas ora me dizede como havedes nome.”
- (147) “Ora me dizede, disse Lançalot. E de Galaaz, sabedes novas?”
- (148) “Assi digo eu, disse el; mas nom sei que façamos i, ca eu sei bem que e´ u~u~ dos milhores cavaleiros do mundo e que melhor se combate e que melhor se defenda se o cometermos. Ora guardade o que lhi queredes fazer ca nom e´ pequena cousa de homem cometer o que e´ bo~o~ cavaleiro sobejamente.”
- (149) “Ora me dizede, disse Palamades, nom sodes vo´s da Ta´vola Redonda?”
- (150) “Ora venha qual de vo´s primeiro quiser seer perjurado.”
- (151) “Mas ora leixa o conto a falar ende e torna a Galaaz e a Persival.”
- (152) “Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de toda sa companha e torna aos tre^s cavaleiros.”
- (153) “Mas ora leixa o conto a falar das novas que trouxe Boorz aa corte, de Galaaz e de Persival e do Santo Graal e do posfaço da ra~ia e de Lançalot e torna a [A]gravaim por contar em qual guisa el descobriu Lançalot e a rai~a contra el-rei.”
- (154) “Ai! disse Gaeriet, nom no façades ca, se o fezerdes, vo´s compraredes vossa morte e nossa. Ora catade que nom podedes veer em toda linhagem de rei Bam cavaleiro que nom venha a dous d’outros e som tam amados que, se se hoje daqui quisessem partir, vo´s veeri´ades que mais da metade dos cavaleiros da Ta´vola Redonda se sairiam com eles.”
- (155) “Ora fazede i o que vos semelhar e que nom venha em mal a nossa terra nem a nossos amigos.”
- (156) “Ora me dizede, disse el-rei, e dos cavaleiros daqui foi ende i algu~u~?”
- (157) “Sabede verdadeiramente, disse Boorz, que aprendeu novas de vo´s e da rai~a. Ora catade ca no´s somos na guerra que por gram peça nom desfalecera´.”
- (158) “Ora entrade.”
- (159) “Ora veede o que possamos fazer i, ca bem sei que des hoije a mais nos seera´el-rei mortal inimigo.”
- (160) “Ora leixa o conto a falar dele e torna aos #III irma~os onde se Lançalot partiu.”
- (161) “Assi? diss’el. Ora cavalguemos ca tal a cuida a matar que morrera´ por em. E praza a Deus, se nunca ouviu oraçom de pecador, que eu ache i Agravaim que esto bastiu.”
- (162) “Mas ora leixa o conto a falar dele e torna a rei Artur.”
- (163) “Mais ora leixa o conto a falar deles e torna a rei Artur e a sa companha.”

(164) “Mais ora leixa o conto a falar deles e torna a rei Artur por falar como houve sa batalha com [o] emparador de Roma.”

(165) “Ora cavalguemos ca, se Deus quiser, nom folgarei ata´ que seja em Logres.

(166) Mas ora leixa o conto a falar da torre e torna a rei Artur.”

(167) “Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Giflet e torna a Bliobleris e ao arcebispo.”

(168) “Eu hei nome Artur o Pequeno. Muito tempo fui na alta corte de rei Artur. E tanto i fui que prougue a Deus que fui companheiro da Ta´vola Redonda. Ora me dizedevo´s quem sodes.”

(169) “Pois ora me dizede, disse Artur, vo´s bem sabeodes que ajudastes Lançalot do Lago que era traedor a seu senhor ca foi achado com rai~a Genevra.”

(170) “Ora leixa o conto a falar dele e torna a rei Artur.”

(171) “Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e da morte de Giflet por contar de Lançalot e dos filhos de Mordaret.”

(172) “Mas ora leixa o conto a falar dela e torna a Lançalot e aos filhos de Mordaret.”

(173) “Mas ora leixa o conto a falar deles e torna a Boorz e a sa companha.”

(174) “Mais ora leixa o conto a falar deles e torna como rei Mars soube parte das mortes dos cavaleiros do reino de Logres e como eram todos da Ta´vola Redonda.”

(175) “Ora pensade de os ir buscar. E quem quer que me a eles leve eu lhi darei tal riqueza unde se tera´ por bem entergado.”

7.4 OCORRÊNCIAS DE então EM A DEMANDA DO SANTO GRAAL

7.4.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS

(1) “E aveo entam u~a gram maravilha: nom houve tal no paaço que nom perdesse a fala. E catavam-se u~u~s aos outros e nom podiam rem dizer, e nom houve i tam ardido que ende nom fosse espantado;”

(2) “Assi? disse ela; em mal ponto foi começado este preito, ca muitos home~e~s bo~o~s morrera´m i e haverá´ ende gram dano no Reino de Logres. Entam houve tam gram pesar de Lançarot que as la´grimas lhe veerom aos olhos e disse outra vez:”

(3) “Aquela noite fez el-rei Galaaz jazer em u~a ca^mara u ele soia a jazer em u~u~ leito seu, ca muito havia sabor de lhe fazer honra. E todolos do linhagem de rei Bam jouverom em casa del-rei, por amor de Galaaz. E muito lhe era cousa cara se haviam de partir tam toste, ca todo aquel linhagem se amavam muito, ca mais queriam viver de consu~u~ ca se partirem. E sem

falha [em cas d'] el-rei, entam havia daquele linhagem #XIX cavaleiros que todos eram mui bo~o~s. E todos foram tam avizibo~o~s que nom houve i tal que nom fosse companheiro da Ta'vola Redonda.”

(4) “Galaaz, disse el, aveeo, ja´ gram tempo ha´ passado, que, depois da morte de Jhesu Cristo a #LXII anos, que Josep Abaramatia veeo aa cidade de Sar[r]as, assi como o alto meestre o guisava per sua vontade. Pois el chegou aa cidade de Sarras com seus parentes, que entam eram novamente sergentes e disci´pulos de Jhesu Cristo, el-rei da cidade, que havia nome Evalac era entam paga~o, os recebeu mui bem. El-rei era entam mui triste e mui desconfortado de Tolomer, u~u rei seu vizinho mais rico e mais poderoso ca ele, que o guerreava.”

(5) “Ai, Senhor, vo´s ides por vossa morte e aquela besta que vo´s buscades e´ besta do diaboo. E aquela besta me fez tanto dano donde me sempre doerei , ca eu havia cinco filhos mui fremosos e os milhores cavaleiros desta terra e, tanto que virom a besta, assi como vo´s a vistes, ouverom sabor de saber o que vo´s em queredes saber e meterom-se a busca´-la, assi como vo´s agora fezedes; e eu entam era cavaleiro andante, assi como vo´s agora sodes, e andava com eles.”

(6) “Aquel castelo havia nome «Brut» e era bem assentado, se houvesse abastamento d´a´gua. E o senhor daquele castelo era rei e havia nome Brutos, por amor daquele que o poborara primeiro. E sabede que o senhorio daquele castelo se estendia a todas partes u~a jornada. Aquel Brutos que entam reignava era u~u~ dos bo~o~s cavaleiros do mundo e mui rico aa maravilha; e havia muito conquerido per sua cavalaria e havia u~a filha de #XV anos que era a mais fremosa donzela de regno de Logres.”

(7) “Tanto que foi noite dormecerom ambos, ca muito eram cansados. Elaim nom dormia, com coita da sua chaga, ca muito era mal chagado. E quando foi o primeiro sono, aveeo que toda a capela começo de tremer tam feramente como se se houvesse de ir em aviso. E entam aveeo u~u~ gram so~o~, como se fosse de torvam, assi que Elaim, que nom dormia, ficou ende esmorido; e depo´s esto, a cabo de u~u~ pouco, entrou u~u~ lume tam grande na oussia como se cem candeas acesas i estevessem; e com o lume veerom muitas vozes, que todas diziam: “Ledice e honra e louvor seja ao Rei dos Ceus”. Mas em sa viinda foi a capela tam comprida de bo~o~ odor como se todalas espe´cias do mundo i estevessem. E depo´s que as vozes cantarom gram peça tam saborosamente que Elaim era ende maravilhado, entam parecerom quatro home~e~s em semelhança de a^ngeos, tam fremosos que Elaim foi tam maravilhado da sua beldade.”

(8) “Boorz, quando viu Galaaz ir, cavalgou em seu cavalo e foi-se po´s ele, ca´, se podesse, queria veer o que havia de avi~ir desto. E assi se foi chagado agi~a e nom andou muito que achou u~u~ homem d´ordem vestido de panos e ia em u~u~ asno e ia rezando ve´speras de Santa Maria, ca ja´era ende hora. Quando Boorz a ele chegou, salvou-o; e el leixou o que dizia er salvo[u]-o e estiverom ambos entam.”

(9) “Verdadeiramente som, disse ela, e do regno de Benoic e de bo~o~ linhagem assaz. Mas quando rei Artur foi a Gauna, por destruir rei Claudas que se metera na cidade de Gaunes, entam foi dada a u~u~ cavaleiro do regno de Logres, que me pedio a rei Artur em galardom de seu serviço e filhou-me por molher e, de^s que me houve em esta terra, fez aqui esta torre que veedes.”

(10) “Estas duas cousas o confundiam tam muito que nom sabia que podia fazer. E o homem bo~o~, quando o vio assi pensar e que sabia ja´ que era Lançarot do Lago, o cavaleiro do mundo que entam era de maior nomeada, perguntou a Persival:”

(11) “Em tal guisa como vos eu conto soube rei Artur a morte da dona. E esto foi em aquel ano mesmo que a demanda do Santo Graal foi começada, diretamente a entrada d’Abril. E pola grande bondade que el sentiu na dona foi-se aa Foresta Gasta com gram companhia de cavaleiros e fez britar a cela e filhar o corpo da dona e leva´-lo a Camaalot e feze-o soterrar com grande honra na igreja de Sam estiano que entom era a maior igreja.”

(12) “Assi durou a batalha crua e brava de^s meo dia ataa hora de noa. E entom fooram chagados mu~i mal. Mais rei Bandemaguz sofreu tanto que houve #X chagas que outro homem cuidaria morrer da meor delas. E Galvam, que o tiinha por mu~i boo e que o preçava tanto de cavalaria que se maravilhava muito quem poderia seer, coitava-o todavia mais e mais.”

(13) “Rei Artur, que era entom meni~o e que reinava novamente, andava caçando aquel dia preto do mar”

(14) “Assi andou todo aquele dia e outro, u~a hora d’aca´e outra d’ala´, desviando-se. E aos #V dias chegou, assi como a ventura o levava, a casa de u~a empardeada, e esto foi u~a noite ante que aluzecesse. E ele era ja´ entom muito lasso e mui va~o, e nom era maravilha ca #V dias havia que nom comera nem folgara, andando fazendo doo. E seu cavalo era tam lasso que adur o podia trager.”

(15) “Entom foi mais leedo e contente ca ante e foi a Meraugis e filhou[-o]pola ma~o e disse-lhe”

(16) “Aquel dia que passou Galaaz per ante os tindilho~es podia seer hora de meeo dia e el-rei siia aa mesa e seus ricos homees com ele e eram mui viçosos de comer mais nom pero pela graça do Santo Vaso ca o Santo Vaso nunca saia de Corberic per ma~o de homem. Mais todos aqueles sem falha que no paaço aventureoso comiam, aqueles eram avondados de quanto haviam mister a tanto que orassem em sa vi~inda. Rei Peles ti~i~a entom ante si u~u~ encantador que fazia tam grandes marivilhas que todos se marivilhavom. Os cavaleiros que mais privados eram del-rei, quando virom Galaaz vi~i~r armado conhecerom-no bem que era dos cavaleiros aventureosos de casa de rei Artur.”

(17) “U~u~ dia cavalgava per u~a foresta tam desasperado com minha gram pobreza que havia que nom criia Deus nem homem. E entom me pareceo u~u~demo que ha´ nome Dagom e e´ u~u~ dos mais privados do inferno. E pareceu-me em semalhança d’homem rico e poderoso e perguntou-me quem era. E eu dissilhi minha fazenda.”

(18) “As novas foram polo castelo que sa senhor era guarida e cada u~u~ foi ala´ quais como podia primeiro por veer se era verdade. E quando virom que era assi be~e~zerom o Rei dos reis e a hora em que o cavaleiro fora nado e iam pequenos e grandes a marivilha. Alii foi el entom servido e honrado mui mais do que el queria e fizeram-lhe aquela noite tam boo leito e tam rico como se fosse em casa de rei Artur. E el se deitou ii.”

(19) “E disse que Deus lhe desse cedo o galardom da sa deslealdade. E fez soterrar ali Foram o mais horradamente que po^de e fez sobola campa~a~ fazer leteras que diziam como rei

Mars o matara. E sabede que os frades tiveram esto por tamanho milagre que [a] abadia, que havia entom nome abadia de Uter Pandragom porque Uter Pandragom a fezera, houve entom seu nome cambiado, ca de^s entom houvenome a Maravilha de Galaaz e ainda assi e´ chamada e sera´ mentre Deus i for orado. Todo aquele dia foi ali Galaaz e em outro dia foi-se em e entrou no gram caminho da foresta por ouvir algu~as novas de Camalot dos que per i veessem. Aquel dia cavalgou sem aventura achar que de contar seja.”

(20) “ca seria gram detença a quem todo houvesse a contar quanto lhis entom aveeo.”

(21) “E esto lhi dizia o cavaleiro por escarnho. E tanto que Estor esto ouviu logo lhi lembrou do sonho que sonhara e de como o hornem bo~o~ lho soltou. E houve entom gram pesar, que bem quisera seer morto, ca bem via que, por cousa que ele houvesse feita na demanda do Santo Graal que nom haveria prez nem loor quando se tornou a[a] co^rte, mas vergonha e desonra.”

(22) “A Guerreres e Agravaim tam ricos moimentos e tam fremosos quaes diviam seer pera filhos de rei e poserom-nos ambos a par e meteram-nos dentro no mosteiro de Santo Estiano de Camaalot que entom era see. Assi estes dous deitarom e aas cabeceiras destes poserom outro moimento muito mais melhor e mais rico ca nem u~u~ daqueles e fez[erom] i meter Gaeriet.”

7.4.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “Entam pedio suas armas. E quando el-rei viu que se fazia armar a tam gram coita foi a el coa rai´a e disse-lhe”

(2) “Entom se saio Lançarot do paaço e subio em seu cavalo e a donzela em seu palafre´m. E foram com a donzela dous cavaleiros e duas donzelas. E quando ela tornou a eles, disse-lhes: – Sabede que adubei o por que viim: dom Lançarot do Lago [se ha´] ir com nosco. Entam se filharom andar e entrarom na foresta. E nom andarom muito per ela que chegarom a casa do ermitam que soi´a a falar com Galaaz . E quando el viu Lançarot ir e a donzela, logo soube que ia pera fazer Galaaz cavaleiro e eixou sua irmida por ir ao mosteiro das donas, ca nom queria”

(3) “E Lançalot respondeu:

– Deus o faça assi como eu queria.

Entam começaram todos a chorar com prazer, quantos no lugar estavam.”

(4) “Entam filhou suas armas e cavalgou; e u queriam sair do mosteiro, viu ante u~a ca^mara Boorz e Lionel armados, que outrossi queriam cavalgar e, tanto que o virom, foram pera el. E ele lhes disse:

– Que ventura vos adusse aqui? Eu cuidava que e´rades na corte.

– Senhor, disserom eles, no´s nos partimos por pavor de morte que houvemos de vo´s como menos que no´s, ca vos nom parti´ades senom por algu~a coita mui grande. Por esso vemos po´s vo´s atee aqui e nos encobrimos o melhor que podemos. Quando soubemos que vos queri´ades tornar aa corte, arma´mos-nos por nos tornar com vo´s ca por al nom.

– Pois cavalgade e vaamos-nos, disse ele.

Entam cavalgarom”

(5) “E assi falando, chegarom a Camaalot, e sabede que quantos na co[^]rte eram foram ende mui ledos, ca muito fora a festa e mui [me~or] e mais pobre d’eles i nom seerem. E el-rei fora entam ouvir missa aa see, com gram companha de cavaleiros que maravilha terri´ades de os veer. E ele trazia tam rico guarnimento que maravilha era. E com a rainha iam tantas donas e donzelas que era grande maravilha.”

(6) “E eles disserom:

– No´s a guardaremos bem.

Entam cobriram a seeda com u~u~ pano de seeda vermelha, assi como as outras eram cubertas.

(7) “El-rei viu que era morto mandou que o levassem fora do paaço, ca nom quis que sua co[^]rte fosse torvada com ele. E entam o levarom fora a mui gram trabalho, ca ardia tam forte mente que toda a roupa era tornada em ciinza e nom se podia a el chegar niu~u~ que se nam queimasse”

(8) “E el-rei o teve por chufa. Disse-lhe se podia veer esse padram. E entam disse o escudeiro que:”

(9) “Entam disse el-rei a Galvam:

(10) “Entam se chegou Galvam e filhou a espada polo mogorom e tirou-a o mais que po[^]de, mas nunca que a podesse sacar da pedra, e leixou-a entam e disse a el-rei”

(11) “E entam preguntou a todos os outros:”

(12) “Depo´s esto, chegarom-se ao paaço e mandarom poer as mesas. E os cle´rigos que se trabalhavam de catar as seedas da Ta´vola Redonda, o que haviam de fazer, andarom de u~a parte e da outra. E acharom entam que em duas seedas nom havia letras assi como ante, senam outras novamente. “

(13) “Quando os cle´rigos virom as seedas guarnidas de novos nomes, conhecerom logo cujas foram que eram mortos. E acharom na seeda outro nome d'Alaim o Branco. E entam que a Deus aprazeria de eles entrarem no lugar deles. Entam foram a el-rei e disserom-lhe o que acharom.”

(14) “Entam foi por ele aa ca[^]mara da rainha, u siia falando com as donzelas. E depois filhou-o el-rei pola ma~o e assentou-o na seeda da Ta´vola Redonda, u o seu nome era escrito, e disse-lhe, ao seer:”

(15) “Entam disse a aqueles que as seedas haviam de catar”

(16) “Entam lhe fez vestir os panos que trazia e foi-o assentar na seeda perigosa. E disse”

(17) “E ela, quando ouviu o nome, logo soube certamente ca era filho de Lançarot, ca peça havia que ela sabia como havia nome. Entam disse aas donas que com ela siiam”

(18) “Entam veeo el-rei a Galaaz e disse-lhe:

– Senhor, vo´s sejades bem vindo, ca muito tempo ha´que vos desejei a veer; e graças a Deus e a vo´s que quisestes aqui vi~ir.”

(19) “E Galaaz disse que iria mui de graado. Entam o filhou el-rei pola ma~o e levou-o a rebeira do rio, u o padram estava. E os do paaço forom todos com eles, por veerem que poderia seer. E quando a rainha viu ca el-rei levava Galaaz pola ma~o ao pedram, saiu ela com gram companha de donas e de donzelas; e el-rei disse a Galaaz”

(20) “Entam filhou Galaaz a espada polo mogoram e tirou-a tam ligeiramente como se nam tivesse em rem. E depois filhou a bainha e meteo-a dentro e cingeo-a logo, e disse a el-rei:”

(21) “E entam tornou a donzela a el-rei e disse-lhe assi:
– Rei Artur, envia-te dizer o irmitam que em este dia d’hoje te vinra’ a maior maravilha e honra que te nunca veeo. E nom vinra’ por te, mas por outrem.”

(22) “Entam disse el-rei aos que estavam a cabo dele:
– Amigos, assi e’ que a demanda do Santo Graal e’ sinal verdadeiro que vo’s iredes i cedo; e porque sei verdadeiramente que ja mais vos nom veerei assu~ados”

(23) “Este trebelho desta justa durou atee hora de ve’spera. Entam mandou el-rei que se partissem ca se temia de viir a acima algu~u~ eixeco. E disse-lhes que se fossem desarmar, e fez tolher o elmo a Galaaz e deu-o a Boo[r]z de Gaunes que lho tevesse, ca aquele era o em que ele havia fiu’za mui grande, que sempre fora em sua honra e em sua ajuda.”

(24) “Entam se forom pera o paaço e decerom. E quando entrarom no paaço acharom Galaaz com seu linhagem que ja’ se desarmarom. E el-rei filhou Tristam e levou-o a el e disse-lhe:
– Amigo Tristam, vedes vo’s aqui o que demandades.
– No nome de Deus, disse Tristam, bem seja el viindo, ca da sua viinda som eu mui ledoo.
Entam(30) ficou os giolhos ante ele e disse-lhe:
– Senhor, beento seja o dia em que vo’s nascestes, quando vos Deus deu tal graça. Galaaz nom lhe quis sofrer que estevesse assi a seus pees; e de^s i ergue^-o, e be[ijo]u-o em significança de companheiro e de ermindade.”

(25) “E per u passava, logo todalas mesas eram compridas de tal manjar qual em seu coração desejava cada u~u~. E depois houve cada u~u~ o que houve mester a seu prazer, saiu-se o Santo Graal do paaço que niu~u~ nom soube que fora dele nem per qual porta saira. E os que ante nom podiam falar falarom entam. E derom graças a Nosso Senhor que lhes fazia tam grande honra e que os assi confortara e avondara da graça do Santo Vaso.”

(26) “E ainda mais digo: que ja mais nom tornarei aa corte, por cousa que avenha [ante que] melhor e mais a meu prazer veja o que ora vi. Mas se nam poder seer, tornarei-me entam.”

(27) “A esto que el-rei disse nom soube Galvam que respondesse, ca bem sabia que dizia verdade, e fezera-se de [grado] afora, se podesse, mais nom podia polos outros que prometerom ja’ assi como ele; e de mais que o sabia ja’ a rainha e as donas e as donzelas todas que a demanda do Santo Graal era ja’ começada, e os que se ala’ haviam de ir haviam-se sair de manha~a~. Entam começaram as donas seu doo tam grande a fazer que era maravilha e quiserom entrar no paaço como sandias.”

(28) “Entom ergueu el-rei a cabeça e disse-lhe:
– Que dizedes, Senhora?”

– Digo-vos que tomedes esta espada e a façades tirar da bainha a cada u~u~ de vossos cavaleiros da Mesa Redonda, e veredes que grande maravilha vos ende averra'; e depois conselhar-vos-el o que i havedes a fazer.

Ele filhou entam a espada e sacou-a da bainha”

(29) “Entam deu el-rei a espada a Galaaz e sacou-a da bainha e nom se modou de qual era.

El-rei disse:

– Vo’s sodes quite.

E Galaaz deu-a a seu padre; e tirou-a e nom pareceu rem. E depois a Boorz de Gaunes e a Estor e a Persival de Galas e a Erec, filho de el-rei Lao e a Ga[er]iet; mas rem nom se mostrou em niu~u~ destes. E entam a filhou Galvam e, tanto que a sacou da bainha, tornou toda cuberta de sangue, toda, de u~a parte e da outra, tam queent[e] e tam vermelho como se a sacassem do corpo de homem ou de chaga.”

(30) “Entam disse a donzela:”

(31) “Entam começou a chorar mui fermosamente e as donas e as donzelas outrossi. E a donzela, que estava ainda no paaço, quando lhe dera ja’ dom Galvam a espada e que viu que se partira ja’ dali com sanha, disse a el-rei que lhe dizia da ida de dom Galvam:

– Sabede que muito mal ende vinra’ e avera’.

E ele disse:

– Sabede que nom ira’ i cavaleiro que me muito nom pese; mas muito mais daqueste me pesara’ ca bem sei que muito mal avera’ ende.

– Pois, disse ela, Senhor, rogo-vos que o façaes ficar.

– Eu vos digo, disse el, que nom sera’ tam ousado que o prove ca bem lho defendi eu e vo’s o ouvistes.

– Multas mercees, disse ela.

Entam se foi com sua espada.”

(32) “Quando a noite chegou, nom esqueceu a el-rei a maravilha do cavaleiro que ardeu manha~a~ e perguntou quem havia as leteras que tiinha na ma~o quando ardera. Entam disse u~u~ cavaleiro de Norgales”

(33) “E os outros disserom que bem semelhava verdade, segundo como as leteras diziam. Entam fez el-rei poer em u~a abadia as leteras, que era de Santo Estiano que era see de Camaalot, e fez fazer mui rico moimento ao cavaleiro e escrever em cima:”

(34) “E quando er pensava que seria[m] manha~a~ a atal lugar onde nom cuidaria que ja mais tornassem, houve tam gram pesar que se nam po^de conselhar, ca este era o linhagem do mundo que mais amava, afora o seu. E foi-se entam deitar soo em u~a ca^mara e começou a fazer o maior doo do mundo e mal dizer muito Galvam seu sobrinho. E disse que maldita fosse a hora que o vira primeiro, ca ele lhe tolheria [mui] toste todolos bo~o~s cavaleiros e todolos bo~o~s home~e~s per que era mais temudo que todolos do mundo.”

(35) “Aquel dia ajudou el-rei [a] armar Galaaz, e depois que foi armado, fora do elmo e do escudo, foi ouvir missa na capela de el-rei, ele e seu linhagem. E depois tornaram-se ao paaço e acharom ja’ i os outros que haviam de ir aa demanda, que nom [a]tendiam al seriam eles, e assentaram-se u~u~s cabo dos outros. Entam se ergueu el-rei Bandemaguz e falou tam alto que todos ouvirom:”

(36) “Entam enviaram polos clérigos e trouxeram o livro sobre que faziam o juramento da corte e depois o poseram em [a] alta seeda del-rei. E el-rei chamou Galaaz porque o tiinha por melhor cavaleiro de quantos i havia e disse-lhe:”

(37) “E el disse que o faria mui de grado. Entam foi ficar os geolhos ante o livro e jurou que se Deus o guardasse de mal e o guiasse, que manteria esta demanda u~u~ ano e u~u~ dia e mais se mester fosse e que ja mais nom tornaria aa corte ataa que soubesse em algu~a guisa. Depois jurou Lançarot e Tristam.”

(38) “Entam se partio Lançarot da rainha e foi-se ao paaço del-rel e achou que ja´ cavalgavam todos se nam ele porque atendiam a el. E ele foi a seu cavalo e cavalgou. E el-rei, que viu Galaaz sem escudo, disse-lhe:”

(39) “Entam se partirom do paaço e foram-se pola vila, mas nunca vistes tam gram doo como faziam os cavaleiros de Camaalot e a outra gente que ficava. Mas os que se haviam de ir nom faziam sembrante que davam por em rem, ante vos semelharia, se os vissesdes, que iam mui ledos e mui alegres. Sem falha assi era.”

(40) “Quando eles chegarom aa entrada da foresta de contra o castelo do Granco estiverom todos a u~a cruz. Entam disse Lançarot a el-rei:

– Senhor, torne-vos. Assaz viestes com nosco.

– Se me Deus ajude, disse el-rei, o tornar me sera´ grave, ca sobejamente me parto de vo´s da envidos. Mas porque vejo ca me convenra´ a fazer tornar-m’-ei.

Entam tolheo Lançarot o elmo e os outros outrossi e abraçou-os el-rei e beijou-os mui de coração chorando. E os outros home~e~s qui i estavam outrossi. Depois que houverom seus elmos alçados, encornendarom-se a Deus u~u~s aos outros e choravam mui de coração.

Entam se partio el-rei deles e tornou-se a Camaalot. E eles entrarom na furesta, e entam cavalgarom tanto que chegarom ao castelo de Negam, u foram mui bem servidos de quanto mester haviam. “

(41) “E eu nom hei coita deste preito partir por ti, mas polo sisudo do Regno de Logres que tu matara´s.

Entam tornou a rei Bandemaguz e disse-lhe (...) Entam tornou a Galvam e disse”

(42) “Entam tirou a espada da bainha e pose-a na mesa e disse”

(43) “Entam se ergueu o cavaleiro e filhou a espada na ma~o e disse”

(44) “Entam ergueu a espada e fez enfiinta que o queria matar. Mas Galaaz, que nunca houvera medo, nom se moveo, ca nunca el dultara cousa que fosse. E quando o cavaleiro vio que o nom podia espantar, disse:

– Galaaz, ora veio eu bem que tu acabara´s as aventuras do Regno de Logres, ca te vejo esforçado que nunca cuidei a veer homem tanto. E por esso te provei eu: porque e´s mais ardido que outro te leixei de matar ca muito seria gram dano se atal sazom morresses. E pero, pois que eu de manha~a~ hei-de morrer nom per ti, quero coitar minha morte.

Entam meteo a espada per si e com coita de morte caeu. Disse a Galaaz:

– Senhor, roga a Deus por mim.

Logo que esto disse, foi morto. E quantos na casa siiam foram maravilhados. Entam, vierom os cavaleiros e escudeiros e sacarom-no do paaço u comiam.”

(45) “E levou-os entam pera o altar e mostrou-lhes entam o escudo que estava de tra’s o altar, e o escudo era branco e tiinha u~a cruz vermelha. E o frade lhes disse:

– Vede lo escudo aqui que demandades.”

(46) “Entam o filhou e deitou-o”

(47) “Assi ficou entam Galaaz e Ivam com ele, e rei Bandemaguz se foi. E pois andarom quanto seria duas le’goas, virom sair de contra u~a irmida u~u~ cavaleiro de u~a s armas brancas.”

(48) “E entam foi o escudeiro a rei Bandemaguz e perguntou-o se era chagado.

– Eu cuidio, disse el-rei, que som chagado aa morte.

– E poderedes cavalgar? disse o escudeiro.

– Prova’-lo-el, disse el, ca de ficar nom me pode vi~ir se mal nom.

Entam se ergueo como po^de e cavalgou a mui gram trabalho. E o escudeiro apo’s ele polo teer.”

(49) “Entam veeo o escudeiro a Galaaz e di’sse-lhe ante quantosi estavam”

(50) “Entam disse a Galaaz:

– E sabedes que me demanda este escudeiro que eu lhe faça saber a verdade deste escudo. E porque tantas maravilhas ende avierom aaqueles que, per seu fol ardimento, sobre a defesa de Nosso Senhor o deitarom a seus colos, porque lhes aveem tantas maas andanças como sabem a esta terra. Todo esto me el rogou que lhe eu dissesse, ca nom e’ direito que o outrem saiba ante que vo’s. Mas pois vo’s aqui viestes, eu vo-lo contarei ante ele e ante este irmitam que anda com vosco e que vos contou ja’ ende u~a peça.

– Senhor, disse Galaaz, certas, esto e’ u~a cousa que eu desejei a saber.

– Pois eu vo-lo direi, disse o cavaleiro, todo assi como aveeo.

Entam lhe começou a contar em tal guisa como vos depois contara’ o livro.”

(51) “Certas, disse Josefes, no mundo nom ha’ perigoo de que nom escapasse o que perfeitamente creesse em aquel por que no’s este sinal oramos. E por em quero que o leves tu. E quando fores em tal perigoo que nom cuides escapar ja mais, entam o descubri e dize: “Deus, que em este sinal prendeste morte, tu me torna ledio e sa~o a receber tua creença”. E bem sabe verdadeiramente, se o chamares de bo~o~ coração, que tu nom morrerá’s ante haverá’s ledice e honra.

Entam cobrio Josefes de u~u~ pano o escudo.”

(52) “Entam creeo el-rei Josefes, que bem podia dizer verdade. E pero que se dultava daquelo que dizia fez levar consigo o escudo aa batalha que havia d’haver com Tolomer. Entam se partiu de Sarraz e foi contra Tolomer e juntarom-se u~a s gentes com as outras. E aveeo assi que Evalac foi preso e desbaratado e levado fora da batalha contra u~a furesta, u o queriam matar os que o prenderom. Quando Evalac se vio alongado das gentes, esmou que ja mais nom poderia escapar se aqueles que o levavam o houvessem de meter na furesta. Entam tolheu o pano do escudo com que era cuberto e viu na cruz u~a omagem do crucifijo que lhesemelhava que lhe caia dos pees e das ma~os gotas de sangue. Quando el esto vio, filhou-xe-lhe ende gram piedade no coração que era maravilha. E entam disse em seu coração: “Senhor Deus, que em este sinal tomaste morte, faze-me tornar aa minha cidade

sa~o e ledo, que receba a tua santa crença e que os outros saibam per mim que tu e´s verdadeiro e poderoso em todalas cousas”

(53) “E ele disse que iria de bo~amente. Entam tornarom aa abadia, e os frades sai´rom contra ele e receberom-no mui bem, e preguntarom-no, o escudeiro, porque tornara ala´; e el disse que tornava polo fazer cavaleiro e por veer a aventura que i havia. E Galaaz, tanto que deceu, preguntou se poderia veer a aventura que ali era.”

(54) “E ele disse que lho mostraria, e levou-o entam fora da oussia da egreja e passarom por u~u~ cimate´rio. Depois mostrou-lhe, em um gram campo ermo, u~a grande a´rvor que i estava e disse-lhe que”

(55) “Pero Galaaz esto ouvio nom se espantou, como aquele que era mais esforçado ca outro cavaleiro. E foi ao muimento e quis erguer a campa~a~, e viu sair u~u~ fumo tam negro como pez, depois u~a chama, depois u~a figura em semelhança de homem, a mais fea e a mais estranha cousa que nunca homem viu. E sinou-se, ca bem lhe semelhou cousa de diaboo. Entam ouviu u~a voz que lhe disse”

(56) “Entam se partirom do muimento e tornarom-se ao mosteiro. E Galaaz disse ao escudeiro”

(57) “E el disse que a honra do seu linhagem nom se perderia per ele, ca por afã de seu corpo que el deva a prender em cavalaria, nom ficaria de seer bo~o~cavaleiro. Entam pediu Galaaz suas armas por se ir dali e dusserom-lhas e armou[-o] Melias. E disse-lhe”

(58) “E ele lho outorgou de grado. Entam pediu suas armas e, depois que foi armado, subiu em seu cavalo e encomendarom os monges a Deus e andarom aquele dia e outro sem aventura achar.”

(59) “E ele disse que todavia per i queria ir a el lho outorgou, pois que vio que o muito rogava. E entam se abraçarom e encomendarom-se a Deus e partirom-se, e cada u~u~ se foi per sua carreira”

(60) “E ele nom respondeu nada. Er chamou outra vez, mais alta voz ca antes. E ele dormia tam feramente que se nam espertou. E entam disse Melias antre si: – Ai! Deus, se e´ este homem rei, que nunca vi rei assi dormir. E por a maldade que eu em ele vejo quero-lhe tolher a coroa, ca eu cuido que nunca este homem foi rei, se nam de dormir. E entam lhe tomou coroa e a meteo em seu braço seestro e leixou-o dormir e foi pola furesta quanto se pode ir a poder de cavalo.”

(61) “Entam disse Melias:

– Semelha-me preto de morto, mas ainda a alma em ele jaz.

E entam se foi a donzela a seu palafre´m que atara a u~a a´rvor e cavalgou e leixou o cavalo do cavaleiro a cabo dele, que ainda o tiinha pola re´dea; e tiinha a cabo de si o escudo e a lança, e nom era tam mal chagado que ainda nom gorecesse, se houvesse quem no gorecer, ca, sem falha, Boorz de Gaunes o feriu tam feramente que jazia esmorido. Mas a chaga nom era atam grande e entendeu bem o cavaleiro quanto Melias e a donzela disserom e soube que nom [era] Boorz aquele com que se ela ia e houve mui gram pesar”

(62) “Entam se ergueo donde jazia e, de^s i, lançou seu elmo e alimpou seus olhos que tiinha

cheos de sangue e depois ergueu-se o melhor que po[^]de, como aquele que havia gram força e gram coraçom, cavalgou sobre o seu cavalo e foi-se depo[^]s Melias por se vingar. E acalçou-o e dei-lhe vozes”

(63) “E entam alçou a espada e talhou-lhe a cabeça. Depois que esto houve feito nom houve tam gram força que podesse subir no cavalo nem ir a Melias ante caiu em terra tam mal chagado que nom cuidou a gorecer ende.”

(64) “Quando Galaaz se partio de Melias andou todo aquele dia sem aventura achar que de contar seja. Aquela noite, chegou a casa de u~a dona viu[^]va que morava em meeo de u~a foresta que o albergou mui bem. E aquela [noite] contou o ermitam a vida e o feito de seu linhagem, como eram servos leaes de Jhesu Cristo e o grande amor que lhes mostrava Jhesu Cristo por seu serviço. Manha~a~ ouviu missa e espediu-se da dona e cavalgou e andou ata[^] a meo dia. E entam achou u~a donzela que andava em u~u~ palafre[^]m negro que lhe preguntou”

(65) “E entam se foi Galaaz contra u lhe disse a donzela e achou o que buscava. E quando conheco Melias houve gram pesar, ca bem cuidava que era morto, e deceo-se e pregunto[u]-o como se sentia. E el alçou a cabeça e, quando o viu, foi mui alegre e disse:”

(66) “Entam foi Galaaz ao cavaleiro e tolheu-lhe o elmo, ca, se podesse, queria saber quem era. E pois lhe tolheu o elmo e o almofre abriu o cavaleiro os olhos que tiinha cheos de sangue e falou entam e disse a Galaaz”

(67) “Entam disse el:

– Eu hei nome Amador de Belrepaire.

E Galaaz conhece[^]-o ca este era o pestomeiro cavaleiro que entrara na demanda do Santo Graal e pesou-lhe muito da sua morte ca muito o ouvira preçar da corte de cavalaria e de cortesia. E disse-lhe entam.”

(68) “Entam jouve gram peça assi, e Galaaz houve tam gram pesar que começou a chorar. E disse outra vez”

(69) “Senhor, disse el, levar-m[^]-edes a u~a abadia que aqui ha[^] preto e se eu houver de morrer, que moira ante i que alhur em no ermo; e se houver de guarecer, asinha gorecerei. Entam o desarmou Galaaz e tirou-lhe o ferro da ferida e atou-lha o melhor que po[^]de. E el que o querria poer em na besta, chegou Ivam o Bastardo.”

(70) “Entam meteu ma~o a espada. E eles, que o virom a pee, disserom-lhe”

(71) “Entam os levou o senhor do castelo pera o alca[^]çar, e decerom e feze-os desarmar. E tanto lhes fez de honra que eles se maravilhavam ende. E lhes disse”

(72) “E el lho agradeceu muito. Entam vierom escudeiros de u~a parte e da outra que o desarmarom, ele e aqueles que com ele viinham do torneio.”

(73) “Entam disse a Dalides:”

(74) “Quando o padre esto ouviu houve pavor grande e disse:

– Maas novas sam estas, ca me temo de vi~ir mal a mim e a ti; mas, pois vejo que tanto te apraz, Deus te guie.

Entam lhe derom suas armas e, depois que foi armado, partio-se de seu padre e leixou-o mui triste e foram com ele dous cavaleiros e dous escudeiros de casa de seu padre.”

(75) “Entam meteu Dalides ma~o aa espada e disse a Galaaz”

(76) “E entam se foi a Galaaz e dei-lhe o maior golpe que po^de, mas o elmo era bo~o~ e nom lhe fez mal a Galaaz.”

(77) “Entam entraron todos tre^s em seu caminho.”

(78) “Entam se desarmou e deitou suas armas alonge e jurou que ja mais nunca trouxesse armas pois que tam gram onta recebera que maior nom podia haver. E entam começou a fazer seu doo que nunca homem maior viu e disse com gram pesar que as la^grimas lhe corriam polas faces”

(79) “Entam sacou a espada da bainha e disse:

– Senhor por que eu tanto mal sofri e servi sempre de^s que foi cavaleiro, rogo eu ao Deus de amor que, assi como vos eu amo verdadeiramente e sem falsidade, assi vos meta el em coraçom de vos eu nom esquecer nem que amedes outro depo^s minha morte se nam for tam bo~o~ cavaleiro como eu.

Entam alçou a espada e feriu-se polo peito, de guisa que pareceu o ferro da outra parte, e disse que mais querria assi morrer ca^ outra vez prender desonra per u~u~ cavaleiro soo. Entam caio em terra morto. E o outro cavaleiro, quando o viu, disse:

– Ai, mezquinho, que dano e que perda hoje hei recebuda!

Entam esmoreceu.”

(80) “Entam se leixou cair do cavalo em terra e jouve esmorido u~a gram peça. E, quando o outro cavaleiro o viu assi jazer, tolheu seu elmo e esforçou-o o mais que po^de. E quando o homem bo~o~ acordou e viu seu filho morto ante si e a espada metuda em ele”

(81) “Entam preguntou ao cavaleiro que jazia ferido”

(82) “Entam filhou o padre a sua espada e meteo-a per si e caiu logo morto a cabo de seu filho”

(83) “Em esta parte diz o conto que depois que os tre^s cavaleiros que andavam em companhia se partirom de Dalides, quando o derribou Galaaz, nom andarom u~a le^goa que acharom u~a furesta que havia em longo u~a jornada e mea. E, depo^s esto, nom andarom muito que acharom u~a cruz u se partiam tre^s carreiras. Entam se chegarom os cavaleiros por filhar conselho como fariam, pois que achavam tre^s carreiras partidas; ca a partir lhes convinha porque eram tre^s da demanda”

(84) “Quando a besta chegou aos cavaleiros e eles ouvirom os ladridos bem cuidaron que eram ca~es que siiam tra^s aquela besta; mas, pois ouvirom bem e virom que nom ia com ela niu~u~, mas como se ela ia chegando assi se chegando iam mais os ladridos, começaram-se a sinar tanto virom a gram maravilha ca bem virom que os ladridos de dentro dela saiam. Galaaz disse entam

– Par Deus, amigos, fremosa aventura e maravilhosa e´ aquela e semelha-me que seria aventurado quem soubesse onde estas vozes saem que aqui jazem ascondidas.

– Senhor, disserom eles, verdade e´.

A besta passou per antre eles.

Entam disse Ivam o Batardo”

(85) “Entam se abarçarom e se espedirom e comendarom-se a Deus e virom d’outra parte u~u~ cervo todo branco como a neve. E guardavam-no quatro lio~es, os dous diante e os dous detra’s. Quando Dondenax e Ivan o Bastardo esto virom, disserom a Galaaz”

(86) “Entam se encomendarom a Deus e partirom-se u~u~s dos outros. E dom Ivam o Bastardo foi atra’s a Besta Ladrador e Galaaz depo’s o cervo por saber verdade de tam gram maravilha. E Dondinax o Selvagem depo’s dom Tristam por tolher-lhe o cavaleiro, se poder”

(87) “Galvam jazia arrevesado em no caminho. E entanto aque-vos Boorz que chegou i per ventura. E quando vio o escudo de Galvam, conhece^o per i e houve gram pesar ca sempre lhe fezera amor. Entam deitou Boorz em terra a lança e o escudo e disse com gram pesar”

(88) “Tornade, cavaleiro; nom digades que me vencestes porque me derribastes ca esto seeria honra [do~ada] mas viinde me provar a espada e entam veerei que cavaleiro sodes.”

(89) “E entam alçou a espada e feriu de toda sua força Boorz, tam esquivamente que lhe talhou o escudo per meio do arçom de diante e o cavalo per meio das espa’duas, assi que a metade caiu de u~a parte e da outra em meio da carreira.”

(90) “E entam disse a Queia:

– Vo’s nos fezeistes desonra maior que no’s fari’amos a vo’s. E se vo’s assi roga~ssedes-nos assi como no’s roga’mos a vo’s, teve’ramos-vos i vosso rogo.

E Queia, que catou o escudo a Boorz, conhece^o e disse:

– Ai, Senhor, mercee, ca muito vos errei. Assi Deus me valha, nom vos conhocia; perdoade-me!

– Queia, disserom eles, perdoamos-vos, pois i al nom podemos fazer.

Entam tomou Boorz o cavalo do cavaleiro porque era ja’ o seu cavalo morto e o cavaleiro nem havia mester cavalo. Depois preguntarom a Queia porque matara o cavaleiro.”

(91) “Entam catou o golpe que fezera Galaaz no escudo e no cavalo e preguntou a Boorz a verdade. E Boorz lha contou, todo como fora, e el se santificou e disse que de preto nunca tal golpe vira e nom seria sesudo o que atendesse o que tal golpe dava. Ca este golpe nom foi de homem, mas de diaboo. Entam preguntou a Boorz quem lhe dera tal golpe.”

(92) “Entam preguntou Queia a Boorz:

– Vistes algu~u~s, depois, da Mesa Redonda, ou vistes Galvam?

– Galvam podedes vo’s achar a preto daqui ca el ha’ mester nossa ajuda.

Entam lhe amostrou u o acharia. E Queia cavalgou em seu cavalo e chegou u Galvam jazia que fazia mui gram doo. E Queia deceu do cavalo a el e preguntou-o como se sentia.

– Bem, disse ele, se fosse em lugar u podesse haver o sangue estanhado. Pois, que fezeistes ao cavaleiro que esto fez?”

(93) “Entam abriu Galvam os olhos e vio Queia [e] disse”

(94) “E entam lhe tolheu o elmo e desvestiu-lhe a loriga e chegou-o a seu cavalo o melhor que po^de e cavalgou a gram pena. E ele lhe levou as armas e cavalgarom tanto que chegaram a u~u~ mosteiro que fezera rei Artur quando começou a regnar.”

(95) “Entam se partiu dele e foi-se u aventura o aguiasse, como aquel que nom sabia u [a] acharia. E assi andou de u~a parte e da outra ataa que achou u~u~s home~e~s que guardavam vacas e perguntou-lhes se virom a besta desassemelhada e contou-lhes qual.”

(96) “Entam lhe disse o cavaleiro”

(97) “Entam se leixou correr a ele quanto o po^de o cavalo levar e feri-o tam feramente que lhe falsou o escudo e a loriga e mete^~lhe a lança polos peitos. Mas aveeo-lhe bem que nom foi a chaga mortal e lançou-o em terra do cavalo e em caer quebrou-lhe lança e ficou o ferro em ele.”

(98) “Eles esto falando aque-vos a besta que veeo aa fonte pera beber. E tanto que a os ca~es virom foram a ela pera mata´-la. E quando ela vio a´gua mal parada começou de fugir. E Glifet, que entam chegara, quando a vio começou de ir apo´s ela.”

(99) “Quando o cavaleiro vio que se nam tornava semelhou-lhe que o nom fazia por desde´m, que o nom prezava tanto que se por ele quisesse tornar. Entam meteu ma~o aa espada e leixou-se ir a ele.”

(100) “E pois que foi em terra, Tristam o catou e conheceo e houve gram pesar e bem cuidou que o matara e, se fosse morto, ca perderia per i a seeda da Tavola Redonda se lho soubessem e seria peri´urado. Entam deceo e atou o cavalo a u~a a´rvor e foi a el e tolheu-lhe o elmo da cabeça.”

(101) “Quando Asgares o Triste, que mal ferido era a maravilha, viu o escudo de Dondinax, conhece^~o e conheceo Tristam e, tanto que o elmo tolheu, foi mui alegre ca bem vio que eram ambos companheiros da Mesa Redonda. Entam se ergueu e foi a eles e disse:

– Dom Tristam, vo´s me fezestes mal a torto e nom no devi´ades a fazer.

Entam tolheu o elmo Dondinax e conhece^~o e levantou-se a el logo e abraçou-o e disse-lhe”

(102) “Entam calvalgarom ambos no cavalo de Dondinax, e foram-se pera casa do cavaleiro.”

(103) “E disse entam quaes eram.”

(104) “E aquela sezom que os cavaleiros vierom estava el-rei accostado a u~a freesta em seu paaço. E quando os vio assi armados vi~ir e sem companha conheceu que eram cavaleiros andantes e foi mui alegre com eles, ca muito amara sempre cavalaria e aqueles que se trabalhavam dela. Entam lhe enviou dizer per dous cavaleiros que viessem com ele pousar, ca nom queria que pousassem com outrem. Quando Galaaz e Boorz ouvirom seu mandado, tiverom que era ensinado”

(105) “Entam disse a donzela”

(106) “Entam lhe disse a dona”

(107) “Quando a donzela viu que dormia nom soube que fizesse ca, se o espertasse, terria-[a] por sandia e que assi soia fazer aos outros que i viinham e haveria ende maior espanto e maior sanha quando visse que se assi denodava sem rogo. Entam disse antre si a voz baixa”

(108) “E ela cuidava que, pois se ela ia deitar a par dele, que el comprisse seu coraçom. E em niu~a guisa nom cuidava, pois que ela era atam fremosa e de tam gram guisa, que el tam vila~o fosse que nom comprisse sua vontade. Entam se chegou a ele mais que ante e po^s ma~o em ele mui passo pelo espertar.”

(109) “Entam começou a chorar e fazer seu doo o mais baixo que ela po^de, que a nom ouvissem.”

(110) “Entam ergueu a espada e ferio-se de toda sua força per meio do peito, de guisa que a espada passou-a de u~a parte e caeu em terra morta que nom falou mais cousa.”

(111) “Galaaz foi correndo aas suas armas, que estavam ante seu leito, e armou-se o melhor e o mais toste que po^de. Entam quiserom eles cometer logo Boorz e quiserom-no prender; mas nom poderom ca el se defendeo tam maravilhosamente com sua espada que lhes talhava as cabeças e os braços e derribava u~u~s aca´ e outros ala´e limpou tam bem a ca^mara deles que, a pouca d’hora, nom ficou i outrem afora eles ambos e o corpo da donzela, fora se foi cavaleiro morto ou mal chagado que nom po^de sair.”

(112) “Entam tirou dela a espada e alimpou-a do sangue. E depois foi aa porta da ca^mara e disse”

(113) “Entam se meteo el-rei diante e disse”

(114) “E Boorz, que mui gram golpe havia dado e que o nom quis enganar de rem, ferio-o tam feramente per cima do elmo que el-rei ficou estorgido que se nam po^de teer em pees e deu das palmas e dos geolhos em terra e caio-lhe a espada da ma~o. E Boorz tornou a el outra vez e ferio-o de tam gram golpe que lhe deitou o elmo alonge da cabeça assi que ficou a cabeça del-rei descoberta e desarmada fora da cofia d[e] ferro. Entam caeu el-rei em terra er levantou-se o mais toste que po^de mui mal treito e mui mal menado. Entam lhe disse Boorz”

(115) “Entam lhe começou a contar assi como o conto ha´ ja´devisado. Quando el-rei entendeo que sua filha se matara com suas ma~os, disse:

– Ai, Deus! Como esto foi maa ventura!

Entam er disse a seus home~e~s:

– Ide-vos desarmar, ca, se Deus me salve, tam bo~o~s home~e~s como estes e que mal me nom merecerom nom recebera´m de mim mal. Ca esta maa ventura e esta vergonha nom nos veeo senam polo nosso mui grande pecado.”

(116) “Os cavaleiros que ante el-rei estavam quando ouvirom mandado de seu senhor desarmarom-se logo. Entam amanhecia ja´. Galaaz e Boorz, quando virom que era ja´ luz, disserom a el-rei”

(117) “Entam lhes aveeo que virom sair de u~u~ vale a Besta Ladrador. E vilinha soo, mas pero mui cansada per semelhar, ca muito correrom apo´s ela aquel dia. Galaaz, atam longe como a vio, conheceo-a e amostrou-a a Boorz e disse-lhe:

– Boorz, veedes aqui u~a aventura maravilhosa.

Entam lhe contou o que em vira com Ivam o Bastardo que fora depo's ela.”

(118) “Boorz começou a riir entam e disse”

(119) “Outrossi fez Galaaz e Boorz, e andarom todo aquel dia ataa hora de ve'speras. Entam lhes aveeo que acharom u~u~ cavaleiro velho que cavalgava desarmado fora d'espada e salvarom-no e o cavaleiro a eles, e perguntou-os onde eram.”

(120) ‘Entam se partirom e foram-se com ele e, quando chegarom aa fortaleza, foram mui bem recebidos aquel sera~o. E, depois que comerom, sacou-os o cavaleiro a u~u~ prado per folgarem e perguntou-os que andavam demandando per aquela terra. E Boorz, que era moor e mais de palavra, respondeu ao ho'spede.”

(121) “Assi como me el-rei entam chamou, assi houve sempre nome de^s ali. E porque pedi a donzela deu~ma, e disse-me”

(122) “Uu~ dia aveeo que eu era com minha molher e com meus filhos em u~u~ castelo que me el-rei Artur dera pouco havia. E depois que comeramos, que era hora de meo-dia, entam nos veerom as novas da Besta Ladrador que nos disse u~u~ nosso escudeiro que entam passava per ante a porta do meu castelo. Entam filhámos nossas armas e todos nossos filhos foram com nosco, fora u~u~ que era como doente. E depois que cavalgámos fomos apo's ela. E tanto que a acalçaámos a u~u~ lago u entrara por beber o lago nom era mui ancho e cerca-mo-la de todalas partes, assi que nom podia sair se per u~u~ de no's nom. Quando se ela assi viu cercada, esteve e fez sembrante que nom querria mover, e disse eu entam a u~u~ denossos filhos que a ferisse.”

(123) “E era tarde, tanto que nos [anouteceu] na foresta e houvemos i a ficar e pouosaímos em u~u~ prado que era preto do caminho e pouosaímos em u~a choça que i achaímos; e começou-nos entam fazer u~u~ tempo tam forte e tam esquivo como se o mundo todo se houvesse a [a]fundar, e durou ataa mea noite. Entam caeu u~u~ corisco do ce'ú e matou quantos cavaleiros comigo andavam; e eu fiquei esmorecido, mas outro mal me nom fez niu~u~, e jouve assi ataa manha~a~ grande.”

(124) “Entam se partirom u~u~ do outro e Galvam se foi per outra carreira. E Ivam, que tanto ardido era e tam bo~o~ cavaleiro, que poucos havia no mundo de milhores, entrou no castelo. E, tanto que passou a porta do castelo, leixou-se caer a porta coladiça. E logo entendeo que nom poderia tornar pera ali, mas pero nom se espantou, ca o mui gram ardimento que havia o confortava. Logo apo's esto ouviu tanger u~u~ corno. Entam veeo a el u~u~ escudeiro e disse-lhe:

– Cavaleiro, dizede-me quem sodes. Nom me mentades pola fe' que devedes a todos los cavaleiro do mundo.”

(125) “Entam se partirom ambos e o escudeiro se foi a grand'ir ao alca'çar. E, a cabo de u~u~ pouco, vio Ivam de Cenel vi~ir contra si dez cavaleiros armados que todos disserom a u~a voz

– Agora a el!

E entam se leixarom correr a ele e matarom-lh'o cavalo e cercarom-no de todalas partes.”

(126) “Entam começaram a fazer seu doo grande, que nom ha´ homem no mundo que o visse tam duro de coração que nom houvesse de chorar. E, a cabo de u~a peça, disserom”

(127) “Entam se partirom e Galvam se foi contra a montanha, e a donzela contra o castelo. A donzela se coitou de chegar ao castelo e, tanto que i entrou, aveeo-lhe que foi ante u~a capela u seu irma~o queimarom.”

(128) “E entam lhe devisou como e porque o queimarom.
– E sabede, disse el, que tanto fezerom do outro que com ele andava, que o leixou aa entrada do castelo.”

(129) “Entam, cavalgou em seu palafre´m e foi-se com os seus escudeiros. E foi-se pola rua, gram doo fazendo e mal dizendo o castelo e quantos i moravam, dizendo que mau corisco o ferisse.”

(130) “Entam se meterom aa carreira e acoitarom-se d’andar. E a donzela coitava-se muito d’andar por acalçar Galvam e andarom assi ataa hora de ve´speras.”

(131) “Entam se coitou de cavalgar, e subio em cima da montanha e achou Galvam que estava em cima do cavalo, ante u~a irmida u queria ja´ decer pera albergar i aquela noite, mas pero ainda nom decera. E tanto que o Patrides vio, disse aa donzela”

(132) “Entam lhe talhou a cabeça e deitou-a alonge; de^s i tornou aa donzela e disse-lhe”

(133) “Entom entrou Estor em u~a carreira que tornava atrave´s da furesta. E entam cataram ante si e virom rasto fresco de u~u~ cavalo, e virom a logares tinta a terra de sangue.
– Sem falha, disse Galvam, algu~u~ cavaleiro das aventuras vai pera aqui e vai mal ferido. Verdade, disse Estor. Vaamos apo´s ele e veremos quem e´.

Entam se colherom polo rasto e nom andarom [muito] que acalçarom o cavaleiro, que ia passo, soo e queixando-se muito e dizendo”

(134) “Entam preguntou Estor a Elaim:

– Que armas trazia o cavaleiro que vos esto fez?

– Senhor, disse el, ele leva suas armas negras, fora que leva no escudo u~u~ leom vermelho.

Entam disse Esto[r] a Alaim:

– Cavalgade passo e, no primeiro lugar que achardes u possades folgar, folgade.”

(135) “Entam se foi Estor quanto se ir po^de contra u esmou que poderia achar o cavaleiro mais toste. E nom andou muito que achou u~a donzela que vinha fazendo tam gram doo que era maravilha.”

(136) “Entam se meteo Estor aa carreira quanto po^de ir a trote e a galope, e nom andou muito que acalçou o cavaleiro ante u~a fonte, que decera ja´ e tolhera seu escudo e sua lança e seu elmo e bevia da a´gua. Tanto que Estor viu o escudo conheceu logo que aquel era o que ele demandava e deu-lhe vozes”

(137) “Entam foi-se a seu cavalo e sobio em ele, chagado como era. Entam se tornou contra u cuidou que acharia mais toste Galvam e Elaim.”

(138) “Entam deu vozes a Galvam:

– Guardade-vos de mim, cavaleiro, que vos desafio!”

(139) “Quando ele viu ambos os cavaleiros, que tam bravamente começaram sua batalha, logo conheceu Galvam, mas rei Bandemaguz nom. E pero, porque o viu tam bo~o~ em armas, logo esmou em seu coração que era da Ta’vola Redonda e que se combatia com Galvam per desconhecença. Entam se chegou a eles e disse a Galvam”

(140) “Estor disse entam al rei Bandemaguz”

(141) “E entam filhou a espada e deu-lha.

El-rei vio que nom vencera o cavaleiro, maravilhou-se do que dizia e, por saber quem era, fastou-se u~u~ pouco afora e disse-lhe”

(142) “Entam foi filhar sua espada u a deixara e subio em seu cavalo. Estor veo a ele e disse-lhe:

– Senhor, por Deus, perdoade a Galvam, ca per desconhecença vos errou.

Entam se chegou a donzela e disse”

(143) “– Este e’, disse ela, o cavaleiro do diabo, ca este nom e’ cavaleiro em que Deus haja parte.

Entam lhe contou como Ivam de Cinel fora morto per seu desempramento e como lhe vira matar Patrides depois que lh[o] ela fezera conhecer.

– Ai, Senhor! disse Galvam, par Deus, nom creades esta donzela, ca ante eu querria haver a cabeça talhada ca taes feitos fazer quaes ela conta.

– Senhor, disse Estor, nom ha’ rem per que o creesse, nem o creerei nunca, se o nom vir, ca nom haveri’ades depois seer chamado cavaleiro, senam desleal e treedor.

Entam disse rei [Ban]demaguz:

– Ainda que vos eu visse matar Patrides, nom vos mataria por em, pero houvesse poder de vos matar, ca nom queria fazer deslealdade per homem do mundo. E se vo’s a deslealdade fezeistes que nos esta donzela conta, Deus em prenda sua vingança.

Entam se partio deles e nom quis ficar por rogo que lhe Estor fezesse”

(144) “Entam lhe contou quanto ende aveera.

– E per quanto eu vi, disse ele, da sua bondade, eu sei verdadeiramente que nom ha’ em toda a demanda quatro cavaleiros taes como ele, salvo Galvam e Tristam e Lançarot e Boorz. E por em leixei a batalha, ca bem vi que nom tiinha i prol. Quando Galvam esto ouvio, sinou-se tanto o teve por maravilha. E em esto falando andarom ataa hora de ve’spera, E entam chegarom a u~a igreja velha e antiga, u nom morava homem nem mulher, a seu semelhar.”

(145) “E pois o houve recebido, beixou o pee aaquel que siia na cadeira. E, de^s i , foi-se meter em seu muimento, e a campaa foi logo posta sobre ele, assi que semelhava que nunca fora tirada. E entam quedarom as vozes de cantar.”

(146) “Entam espertou os outros, e eles lhe disserom”

(147) “Entam s’abraçarom e encomendarom-se a Deus e partirom-se; e Galvam foi a destro e Estor foi a seestro e Alaim pola carreiro de meo. Mas depo’s esto nom andarom muito que a carreira per que ia Galvam e Estor se ajuntarom. E Galvam disse a Estor”

(148) “E entam leixarom i falar.”

(149) “Entam se partirom da donzela com gram pesar [t]amanh[o] que era maravilha. E foram-se contra u mais toste poderiam achar Gaariet; mas nom andarom muito que errarom o caminho e andarom de u~a parte e da outra, assi como a aventura os guiava.”

(150) “Entam decerom ca a noite era ja´ mui escura e pensarom de seus cavalos o melhor que poderom, e entrarom na capela u nom viam rem ca nom havia i lume de candeia nem de al. E eles haviam gram pesar das novas que lhe a donzela dissera, da outra parte er andavam cansados e adormecerom logo que se deitarom. Eeles dormindo, viu cada u~u~ sua visam mui maravilhosa, que nom devemos a leixar.”

(151) “Os touros se partirom dali. Entam se foram polo cha~o, ca nom polo prado, e viverom ala´ muito. E, quando tornarom, eram meos ca ante e os que tornarom eram tam magros e tam cansados que nom podiam estar se adur nom.”

(152) “E o rico homem lhe dizia:

– Outra pousada buscade, ca nom entra aqui homem que em asno anda encavalgado como vo´s.

Entam se tornavam com gram prazer aa seeda que leixara em sua terra.”

(153) “E entam se partirom dele e começarom a andar. E, depois que andarom u~u~ pouco, disse Galvam a[o] seu companheiro Estor”

(154) “Entam filhou sua lança e abraçou o escudo e foi contra o cavaleiro e o cavaleiro contra ele quanto o po^de o cavalo levar. E feriom-se tam feramente que fizeram as lorigas desmalhar. E foi [o cavaleiro] chagado no peito tam mortalmente que a lança pareceo da outra parte e ambos caerom em terra e, ao caer, quebrarom as lanças. E o cavaleiro sentiu-se que era chagado aa morte e nom se po^de erguer. E Galvam ergueu-se mui vivamente e meteo ma~o a[a] espada e deitou o escudo ante o rostro e guisou-se de mostrar gram bondade d’armas como aquele que havia muita. Mas, quando viu que o cavaleiro nom se podia erguer, esmou logo que era cha gado aa morte. Entam veeo a ele e disse-lhe”

(155) “Entam(219) o filhou Galvam e deitou-o antre os arçones da sela e cavalgou tra´s ele polo manteer e deu a Estor o escudo a levar.”

(156) “Entam começarom a chorar Galvam e Estor e Ivam outrossi. E Galvam meteo ma~o no ferro da lança e sacou-lha do peito.”

(157) “Entam se partirom da abadia Galvam e Estor com gram pesar e cavalgarom tanto que chegarom a[a] ermida.”

(158) “Entam os levou pera sua capela e perguntou-lhes quem eram e fizeram-lhe conhocer, assi que bem soube ele cada u~u~ quem eram. Entam lhes disse que lhe dissessem onde eram desaconselhados e que lhes porria conselho i, se podesse. E Galvam lhe disse logo:

– Senhor, ontem aveeo a mim e a este cavaleiro que chega´mos a u~a capela e alberga´mos i. E, depois que nos deita´mos e dormimos, sonhei eu meu sonho.

E entam lhe contou qual. E depois que lhe contou seu sonho er contou-lhe Estor o seu sonho.”

(159) “Entam disse o homem bo~o~ a Estor:”

(160) “E perdera’ o poder do corpo, porque serviu longo tempo o poder do diaboo; e durara’ esta vingança #XXIII dias, porque foi #XXIII anos sergente do demo. E depois que estiver assi #XXIII dias, que nom comera’ nem bevera’ nem contangera’ pee nem ma~o ante lhe semelhará que e’ em tam bo~o~ estado como ante que perdesse o lume dos olhos. Entam dira’ u~a peça do que vio e logo se partira’ da terra e ir-se-a ípera Camalot. E vo’s, que todavia cavalgades no gram cavalo, esto mostra que ficaredes em pecado e em argulho e enveja, e iredes de cá e de lá, tanto desviando que chegaredes aa casa do Rei Pescador u os home~e~s bo~o~s e os cavaleiros fara’ m as festas e as grandes lidices das grandes cousas que acharom. E, quando vo’s i chegaredes e cuidaredes dentro entrar, ali vos diram que nom ham cura de homem que jaz em pecado mortal e em argulho e em soberva. E vo’s vos tornaredes entam pera Camaalot, e nom adubaredes i rem da vossa prol na demanda.”

(161) “Entam se partirom e decerom-se ambos os cavaleiros do outeiro u a ermida estava, e vierom a seus cavalos e cavalgarom e filharom suas armas e andarom atee a noite e chegarom aa noite a casa de u~u~ montaneiro que os albergou mui bem, tanto que os conheceu.”

(162) “Ora diz o conto que, depois que Galaaz e Boorz se partirom de Esclabor o Desconhecido, cavalgarom aquel dia sem aventura achar ataa hora de noa. E entam lhe aveo, sem falha, que acharom, a entrada da foresta per que passarom o dia dante, aquel cavaleiro meesmo que tam gramtempo havia que andava apo’s a Besta Ladrador. Boorz disse a Galaaz:”

(163) “Entam respondeo Boorz:

– No’s buscamos o que vo’s buscades: a Besta Ladrador.

– Como? disse o cavaleiro, minha demanda buscades e filhades vo’s, de que me eu tam longamente andei trabalhando e vos defendi que nom trabalha’ssedes em chus? Certas, esta e’ velania e folia grande e vo’s vos acharedes ende mal, se eu posso.

Entam meteo a ma~o sob o braço, e o escudo ante o peito. E Boorz er fez outro tal, quando vioque a justa tiinha na ma~o.”

(164) “Entam começaram a falar de muitas cousas tanto ataa que o homem bo~o~ lhe perguntou”

(165) “Eu vos direi, disse ele, o que e’ a demanda do Santo Graal buscar: tanto quer seer como buscar as maravilhas da Santa Egreja e as cousas abscondidas e as maravilhas e as grandes puridades que Nosso Senhor nom quis outorgar que homem as achasse que jouvesse em pecado mortal. A demanda do Santo Graal e’ que, pois el espartiu os cavaleiros dos maus assi como o gra~o da palha, e quando ele partir os luxuriosos dos bo~o~s cavaleiros, entam mostrara’ a estes home~e~s bo~o~s e a estes bem aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal. Entam os avondara’ do bem do Santo Graal e da sua santa graça e do beento manjar, onde os profetas e os home~e~s bo~o~s desta terra que sabiam já, que das cousas que haviam de vi~ir falarom cha~amente, quando escondudamente desta beenta demanda, que e’ chamada graça do Santo Graal”

(166) “E entam lhe deu a bençom, e Boorz filhou suas armas e armou-se e sobio em seu cavalo e espediu-se dele e foi-se pensando muito no que lhe o homem bo~o~ dissera.”

(167) “Entam ferio o cavalo das esporas e foi-se depo’s a donzela que era já quanto alongada. Encomendou-se muito a Deus e nom andou muito que vio em u~u~ vale o cavaleiro que

decera e tinha a donzela sub si por jazer com ela. E ela dava voz quanto podia. Entam, quando Boorz esto ouvio, leixou-se correr ao cavaleiro e deu-lhe vozes”

(168) ‘Entam deceu e atou o cavalo a u~a a’rvor e tirou a espada e leixou-se ir a ele. E o outro, que o vio vi~ir, semelhou-lhe que era bo~o~ cavaleiro e feze-se u~u~ pouco afora polo conhocer.”

(169) ‘Entam ficou os geolhos ante el e disse”

(170) “E entam preguntou a donzela, e a donzela lhe respondeo logo”

(171) ‘Entam lhe prometeu o cavaleiro que a filharia por molher. Pois disse Boorz:

– Ora vos podedes ir de consu~u~, e eu ir-me-ei alhur, u hei muito de fazer.

Entam foi a seu cavalo e cavalgou e leixou o cavaleiro e a donzela que bem fezerom pois quanto prometerom.”

(172) ‘Entam(246) se assentou a cabo dela, e ela lhe disse”

(173) ‘Entam lhe preguntou Lionel:”

(174) ‘Entam meteu ma~o a espada e foi-se diretamente aos tindilho~es, e disse aa dona, ante que lhe ela rem podesse dizer:

– Dona, vo’s me escarnistes, e eu vos escarnerei, ca no me[re]cestes

Entam ergueo a espada e talhou-lhe a cabeça e disse a Lionel:

– Esto hei feito por vossa desonra ca vo’s me fezeistes escarnho da rem do mundo que eu mais amava. E eu vos farei escarnho na rem do mundo que mais amades, em vosso corpo. Guardade-vos de mim, ca nom ha’ i senam morte.

E entam se leixarom a ele ir el e seu padre, desarmados como estavam, tanto era grande a sanha e o despeito que haviam.”

(175) “Quando ele vio os escudos conheceo bem que eles eram e logo viu que se nam poderia deles partir sem perigosa batalha. Entam volveo a eles e meteo todo em aventura e baixou a lança e ferio o primeiro tam rixamente que lhe meteo a lança polo peito e lançou-o em terra e, ao caer, quebrou-lhe a lança em ele e o cavaleiro ficou chagado aa morte.”

(176) ‘Entam lho tornarom contra os tendilho~es. E ali fez Deus mui fremoso milagre por Boorz, que rogara a Nosso Senhor por seu irma~o que lho guardasse de morte, pois ele ia [a]correr a donzela por seu amor e por nom errar juramento que havia feito da Ta’vola Redonda que havia de acorrer a toda donzela coitada. E por esto quis Deus assi que, por amor de Boorz que tanto fezera por ele, que ambos os cavaleiros que levavam Lionel caerom mortos a[a] entrada do campo u aqueles dous tindilho~es e os III escudos dos cavaleiros estavam.”

(177) “E aquel mosteiro estava sobre u~a grande a’gua, que havia nome Celeça. Ali foi Lionel mui honradamente recebido e servido aa sua vontade, e bem lhe pensarom das chagas ca os freires lhe faziam esto mui grado porque dous cavaleiros andantes faziam entam novamente aquel mosteiro.”

(178) “Quando Lionel soube que ali haviam d’haver torneio, pensou que nom poderia seer que algu~u~s cavaleiros daTa´vola Redonda i nom viessem. E se i seu irma~o viesse que ali se vingaria do erro que lhe fizera. Entam perguntou a u~u~ donzel que i estava:”

(179) “E entam filhou suas armas e subiu em seu cavalo. E depois disse a Boorz:”

(180) “E porque em niu~a guisa nom lhe queria fazer mal disse ca o provocaria outra vez, se acharia em ele mercee. Entam tolheu seu elmo e ficou os geolhos ante seus pees do cavalo de seu irma~o, e chorou mui feramente e disse:”

(181) ‘Entam se deitou sobre ele de longo em longo e abraçou-o polas espa´doas e disse a Lionel:”

(182) “Entam alçou a espada pera dar a Boorz pola cabeça, e Calogrenac se meteo antre ambos e disse que se o quisesse mais ferir que ele na batalha era. Quando esto ouvio Lionel filhou seu escudo e perguntou-lhe quem era e ele se nomeou. E Lionel lhe disse:

– Vo´s sodes da Mesa Redonda, mas Deus nom me ajude se me por em leixo a combater com vosco, porque me tolhedes que nam tome vingança do homem do mundo a que eu pior quero, e desafio-vos logo.

Entam lhe deu logo a maior espadada que po^de per cima do elmo. “

(183) ‘Entam deitou o elmo a longe e deitou-se em cruz. E Lionel, que estava com gram sanha fera, feri-o dizendo esta para´voa, tam rijamente que o matou. Em esto aveo u~u~ milagre mui fremoso, assi como a esto´ria verdadeiramente o divisa, nem no´s nom no leixaremos a contar.”

(184) “Entam tirou Boorz a espada e disse:

– Senhor Padre Jesu Cristo, nom se me torne a pecado se me eu defendo contra meu irma~o. Entam ergueu a espada e u quis ferir seu irma~o per cima do elmo ouvio u~a voz que lhe disse:

– Filho Boorz, nom no feiras, ca o matara´s!”

Entam deceu antre eles u~a chama de fogo em semelhança de corisco, tam acesa que lhes queimou todolos escudos. E eles foram em tam coitados que cairom em terra e jouveram gram peça esmoridos. E, pois se ergueram, catarom-se e viram antre si [a terra] toda acesa de fogo que ardia. Mas quando Boorz vio que seu irma~o hom havia niu~u~ mal, tendeu as ma~os contra o ceo e guardeceo muito a Deus. E entam lhe disse u~a voz:”

(185) “Entam foi a Lionel e disse-lhe:

– Por Deus, irma~o, perdoade-me.”

(186) “Boorz foi entam a seu cavalo e subio tam mal treito como era. E Lionel ficou por fazer soterrar aqueles que matara. Mas pois Boorz cavalgou, foi-se per u entendeo que mais toste iria ao mar e andou tanto per suas jornadas que chegou a u~a abadia que estava em riba do mar.”

(187) “Entam o filhou a ambas as ma~os pola abaa da loriga e disse”

(188) “Entam ergueo a ma~o e disse:

– O Rei dos reis vos de[^] a sua bençom, ca a de tam pobre cavaleiro como eu som nom vos pode valer. Mas esto vos valha!

Entam o assinou no nome do Padre e do Filho e do Espi^írito Santo, e o homem bo~o~ se chegou mais a ele e beijou-lhe o pee. E Persival foi todo espantado do que lhe vio Como o homem bo~o~ disse a Persival que lhe contaria a maravilha que Deus fizera por ele. Entam se ergueu o homem bo~o~ e disse a Persival”

(189) “Em tal guisa como vos eu conto me apareceu meu companheiro e se ar foi, e nom soube quando. E eu fiquei pensando e muito espantado da bo~a vida que vira fazer a meu irma~o e da longa pendença que tevera e semelhou-me que achara pequena mercee em seu Criador e pequeno gualardom da gram lazeira que por ele sofrera. Entam comecei a pensar de que estivera tanto em aquela ermida e disse per sanha que era folia e mal sem e por se trabalhar homem tam muito polo que nom sabe que ha^í-de seer, ca tanto bem recebera^é mais depo^s sua morte o mau como o bo~o~.”

(190) “Entam tolheu o homem bo~o~ de si a corda e deitou-a alonge. Depois começou a falar com Persival e perguntou u~u~ o outro da sua fazenda, e pois falarom gram peça das suas cousas, disse-lhe Persival:”

(191) “Entam abrio a carta e, pois a leo, disse a Persival:
– Amigo, Persival, da demanda do Santo Graal vos digo que vo^s haveredes muito prazer e muita bo~a aventura e muito trabalho e muita lazeira e que chegaredes a casa do Rei Pescador por haverdes o santo manjar do Santo Graal, e vo^s seredes i #XII companheiros dos bo~o~s a Deus e ao mundo e ali haveredes tam gram lidice e tam gram prazer que nunca maior houvestes. E, pois vos partirdes dali, sabedes o que vos convinra^í pois sofredes muito trabalho e muita lazeira em fazendo companha ao Santo Vaso. Entam vos guiara^í Nosso Senhor, vo^s e Galaaz e Boorz de Gaunes, a u~a terra mui estranha e mui longe do regno de Logres, e em aquela terra morreredes vo^s e Galaaz em serviço de Nosso Senhor.”

(192) “Eu rogarei por vo^s, disse o homem bo~o~. E vo^s outrossi rogade por mim. E Persival disse que assi o faria. De[^]s i, foi-se a seu cavalo e mete[^]-lhe o freo e deitou-lhe a selo; e, de[^]s i, armou-se e cavalgou e espedio-se do ermitam e rogou-lhe que pensasse de manter o que começara. E ele lhe respondeu entam:”

(193) “Persival o encomendou a Deus e foi-se entam e cavalgou todo aquel dia sem aventura achar que de contar seja e pensando muito no que vira e ouvira do homem bo~o~ e que havia de morrer em esta demanda tantos bo~o~s cavaleiros da Mesa Rendonda.”

(194) “Entam se partio do caminho e foi-se apo^s ela. E nom andou muito que a perdeu de olho, ca a besta era tam ligeira e ia-se a tam gram ir como se corisco fosse apo^s ela.”

(195) “E entam perguntou Persival:”

(196) “Entam filhou seu escudo e cavalgou em seu cavalo e tanto era quente e com sanha que nom dava rem por sua chaga. E começou ir apo^í-lo rastro do cavaleiro e disse que se nam parteria assi dele quite.”

(197) “Entam catou Gaariet contra a terra e vio tanto sangue que se ia da chaga de Persival, e disse-lhe:”

(198) “E el deceo e tolheo de si sua lança e seu escudo, mas nom no elmo, e foi-se assentar ante o cavaleiro que dormia e começou-o a catar polo conhocer; e tanto meteo em ele mentes que a acima conhoceo que era Lançarot. Entam se ergueo e tirou a donzela disse-lhe:”

(199) “Entam se assentaram e falarom de muitas cousas. E aquel que todavia dormia, pois dormiu gram peça, começou a fazer u~u~ tam gram doo que maravilha era. Er revolve^~se e começou a chorar tam muito que totalas faces houve molhadas de la´grimas, dando grandes sospiros.”

(200) “E ela se calou entam. E Lançarot dormindo assi fazia seu doo e gemia e suspirava tam feramente que semelhava que a alma lhe se queria partir do corpo. E se algue´m me preguntar porque em sonho fazia tal doo, eu lho direi que esto foi u~a gram visam que vio e direi-vos eu qual.”

(201) “Aquela visam que a Lançarot aveo entam foi tal:”

(202) “E pois haviam cantando u~a gram peça e dado louvor ao Creador do mundo, entam se iam todolos coroados contra o ceu. Mas com niu~u~ faziam tam gram festa nem lidice como com aquele que sai´ra postumeiro. Assi foram todos os coroados levados contra o ceu. Mas o mal guarnido ficava.”

(203) “Entam se chamava estroso e cativo e fazia seu doo grande; de^s i sumia-se, que nom sabia Lançarot dele parte niu~a.”

(204) “Depo´s esta visom viu outra mui maravilhosa. Ca lhe semelhava que viia ante si Morgaim, a irma~a~ de rei Artur, mui fea e mui espantosa, assi que bem lhe semelhava que entam saira do Inferno; e nom trazia vestido rem do mundo, fora u~a pele de u~u~ lobo que a cobria mui mal.”

(205) “Estas maravilhas vio Lançarot em seus sonhos, onde havia tam gram pesar que as la´grimas lhes corriam polas faces e que sospirava e fazia doo. E depois que viu toda esta visam espertou-se tam lasso e tam cansado como se sai´sse de u~a batalha, e deu entam u~a voz de gram doo e abriu os olhos.”

(206) “Entam filharom suas armas e o que lhe ende falecia e cavalgarom. E a donzela disse a Persival:

– Senhor, dizede-me o que me pormetestes: o nome deste cavaleiro.

E el pensou entam u~u~ um pouco e pois sacou Lançarot a u~a parte e disse-lhe:

– Eu som teu´do de dizer vosso nome a esta donzela, ca lho pormeti.

– Ora bem lho podedes dizer, disse Lançarot, se vos praz, mas pero per mim nom no saberia hoje nem cras. Ca esta e´ u~a das mais vila~a~s donzelas nem das mais nojosas que eu nunca achei, e prazer-m´ia muito se ela quisesse de seermos livres da sua companhia.

– Ora vos nom cuitedes, disse Persival, ca eu vos livrarei.

Entam se tornou contra a donzela e disse-lhe:”

(207) “E ela logo se tornou pera aquela carreira per que Persival viera, tam gram doo fazendo como se quantos amigos havia visse mortos ante si e chamando-se cativa e estrosa e mizquinha e mal aventurada, dizendo que ja mais nom haveria lidice quando lhe falecera a rem do mundo que mais desejava. Entam disse Persival a Lançarot:

– Semelha-me que livres somos desta donzela.

– Muito me praz, disse Lançarot, da partida.

Entam entraram em seu caminho, falando de poucas cousas, ca muito pensava Lançarot nas maravilhas que vira.”

(208) “E entam lhe começou a contar como [o] achara dormindo e o que ende vio e o que Lançarot dissera: que vira em sonhos as maiores maravilhas que nunca cavaleiro pecador vira.

– Certas, disse o homem bo~o~, esto nom sei que possa seer.

– Certas, nem eu, disse Persival.

Entam abaixou o homem bo~o~ a cabeça contra a terra e caeo em tam gram pensar como ante e como Lançarot ou em maior, assi que Persival foi em mais maravilhado ca ante.”

(209) “Entam se chegou a ele e dei-lhe com u~u~ dedo na coixa. E Lançarot se esportou e deu u~a voz tam doorida que nom foi senam maravilha, ca sentia que lhe ardia a coixa tam feramente e que o fogo era i ja´ tam aceso que nunca sentiu coita nem door que cem tanto lhe nom semelhasse esta maior.”

(210) “E Persival foi espantado do que lhe via e po^s a ma~o u Lançarot dizia. E, tanto que lhe po^s a ma~o, aveo u~u~ tam fremoso milagre, assi como a verdadeira esto´ria o diz, que per sua bondade, de Persival, e polo amor que lhe Nosso Senhor havia, foi logo o fogo morto e a door aquedada. E Persival o perguntou entam:

– Amigo, como vos sentides?

E ele lhe respondeu entam suspirando”

(211) “Manha~a~ catou Lançarot a sua coixa e achou-a tam negra como se dous dias ou tre^s jovesse em fogo. E nom se podia dela tam bem ajudar como ante, ante se doi´a dela muito e sai´a dela u~u~ cheiro mui mau. O homem bo~o~, que a catou, maravilhou-se da quentura que ende vira e [Persival] outrossi. E disserom todos tre^s que verdadeiramente aquel fora milagre de Jesu Cristo. Entam sacou Persival as leteras do seo e deu-as ao homem bo~o~ e disse-lhe”

(212) “Entam abrio a carta e achou que dizia”

(213) “Entam leeu as leteras que ambos as ouvirom. E pois as leeo, er disse outra vez”

(214) E estonce lhe contou em que guisa o vira e disse:

– Ja mais se nom mudara´ de como esta´ ata´ que seja Galvam. morto.

– E que ha´ i d[e] haver Galvam? disse Persival.

E Lançalot se calou entom. Calou-se, que nom quiria descobrir tal cousa, ca pela ventura poderia de i vi~ir grande mal, ca dultava que Persival matasse Galvam. se o por verdade soubesse. E Persival o perguntou outra vez, e el respondeu entom:”

– Amigo, desto nom me perguntedes cousa algu~a, ca vos nom direi verdade nem mentira. E Persival se calou entom, como aquel que em nenhu~a guisa nom podia creer que matara Galvam seu padre, pero algu~as vezes o ouvira dezer; mas tinha-o por mentira.

– Amigo, disse Lançalot, que faremos desta carta?

– Conve´m que a provemos se a poderemos haver, ca em outra guisa nom nos deviriam a te~er por cavaleiros aventureiros, se nos nom trabalha´ssemos de todas venturas provar, disse Persival. Por al nom veemos no´s aca´.

Entom deitou a ma~o na carta pola tirar da ma~o daquel que a tinha e nom po^de. E, quando viu que nom podia, afastou-se afora e disse a Lançalot:

(215) “Entom ficou e disse:”

(216) “Entom se tornou el contra a foresta, atam rijo como se corisco fosse depo’s ele.”

(217) “E estonce disse Lancelot:”

(218) “O outro dia, depois que ouvio missa, contou aos ermita~es, ca bem cuido que eram tam boos home~e~s contra Nosso Senhor que bem o souberam conselhar. E assi o fizeram sem falha ca entom lhe fizeram saber o conhicimento da sua linhagem e de l-rei Mordaim e de Nasciam e de Cilodornes e de todos aqueles onde o conto vos ja´ falou.”

(219) “U~u~ dia lhe veo que andava pola Furesta Gasta, lasso e cansado, ca andara entam quando de u~a parte quando d’outra, sem comer e sem beber, que tal foi sua ventuira que em todos quatro dias nom achou u se acolhesse, ante andou desviado per essa furesta, que era mu~i grande. E nunca se queixou mas ante dizia que tal era a vontade de Nosso Senhor que sofria na demanda do Santo Graal. Depo’s o qual quarto dia lhe veo que chegou a u~a fonte que nacia em meo de u~u~ vale, ao pee de u~u~ carvalho. E a fonte era mui fermosa e ele havia mui gra[n]de fame e gram sede e semelhou-lhe que, se per ventuira bevesse d[a] a´gua, que morriria polo qual seria a sede e a fame maior. Entom decendeu o elmo, [t]olheo-[o] e vio vi~ir um corço que vinha beber aa fonte. E el filhou sua lança e pensou que se o podesse matar que comeria dele ena qual guisa quer que seja, por matar fame. Entom lhe lançou sua lança e firiu-[o] em guisa que o matou logo.”

(220) “Entom se foi assentar ante ela e ela lhe perguntou onde era.”

(221) “Entam alevantou as ma~os contra o ce’u e deu graças a Nosso Senhor por quanto lhe comprira seu desejo. E depois esteve gram pedaço em oraçam. E depois tornou a Persival tam leda que as la´grimas lhe corriam pelas faces com lidice, e disse-lhe”

(222) “Entam lhe contou como fora e como Lançalot se fora depo’s o cavaleiro que os derrubou e el ficara ali.”

(223) “Sobrinho Persival, rogade a Deus por mim que sei que ja mais me nom verees nem eu a vo’s ataa o espantoso dia u cada u~u~ ha´-de dar rezam de suas obras ante o grande julgador. Entom vera´s tu a mim e eu a ti, e Deus mande que seja a nossa prol. Entom se foi Persival atrave´s da foresta chorando com doo da dona que via tam viçosa e agora a vira em tam grande coita e em tam gram marteiro. Aquel dia andou tanto de u~a parte e d’outra que chegou ao gram caminho. Entam caiu em u~u~tam gram pensar de que se lhe cortou muito o coraçam, ca pensou em Galvam que ouvira dezer que matara seu padre e seus irma~os. E pensou como o podera fazer.”

(224) “E quando chegou a eles salvou primeiramente o cavaleiro. E o cavaleiro sia com tam gram cuidado que lhe nom falou ne~hu~a cousa. E el disse entom aa donzela:”

(225) “Entom disse Persival aa donzela.”

(226) “Persival se foi entom co’a donzela. E ela, que havia gram pavor, disse-lhe”

(227) “Entom(22) achegou Persival por se chegar mais toste a Galaaz e, depois que a el chegou, disse-lhe:”

(228) “Depo´s esto, sem outra tardança [leixou] a Galaaz. E Galaaz, que havia pavor daquelo que lhe ouvira, foi-se po´s eles em pequeno passo e longe, que o nom vissem, e, se visse que houvessem mester sua ajuda, ajuda´-los-ia. Tanto andou Persival e a donzela que chegaram a u~ vale pequeno. E estonce viram sair de todas partes cavaleiros que disseram a Persival:”

(229) “Entom disse aa donzela:

- Cuidades que sodes ja´ ora segura de vossos inimigos?
 - Senhor, disse ela, porque me pergutades?
 - Eu vo-lo pergunto porque me quiria ir, se vos prougesse, ca muito hei d’aviar alhur, mais que aqui.
 - Certamente, disse ela, de hoje mais eu nom me temo de cousa algu~a, pois estes som desbaratados. E de hoje mais pode^s ir pera u quisertes e Nosso Senhor vos guii.
 - E vo´s, dom Persival, iredes com esta donzela que havees de guardar, e eu me irei onde hei de ir, e encomendo-vos a Deus.
 - Senhor, disse Persival, Deus vos guii.
- Entom se partiram em tal guisa.”

(230) “Galvam, que era muito enendudo e que passara. ja´ muitos perigos taes, logo esmou que o queria perguntar por morte de seu padre e de seus irma~os e foi tam espantado que nom soube que fizesse ca, se lhe a verdade dissesse, cuidou que faria seu dano ca o tinha por melhor cavaleiro ca si; se lho encobrisse por pavor, nunca nenhu~ homem oeria a falar que lho por mal nom tevesse. Pero todavia teve por melhor de o encobrir ca de o dezer; posto que Persival lhe nom fizesse mal ora nem entom, sempre o desamaria. E respondeu entam:”

(231) “Persival disse entom:”

(232) “E [a] Persival disse o cavaleiro:

- Saber-m’-edes dezer novas de [Persival]?
 - Que lhe quiri´ades? Disse Galvam.
 - Eu lho sabiria bem dezer, disse o cavaleiro, se o eu visse.
- E Persival respondeo entom:
- Eu som aquel que vo´s demandades. Que me quiriades?”

(233) “Quando Galvam vio este golpe, pesou-lhe muito e nom soube que i fizesse ca, se o quisesse vingar, nom cuidava que podesse, ca sabia que persival era melhor cavaleiro ca ele. Pero disse que todavia se meteria nelo a aventura ca lho tinriam por gram covardice se nom fizesse i seu poder.

Entom disse ao cavaleiro:

- Guardade-vos de mim!

E o cavaleiro volveu a ele e feri-o asi que lhe falsou o escudo e a loriga e lhe meteo o ferro da lança pelo costado sestro mas nom foi a chaga mortal, e deitou[-o] em terra e, ao cair, quebrou-lhe a lança. E depois que fez esse golpe tornou-se a Persival que se ja´ irguia com gram pesar do que lhe aveera. Foi contra o cavaleiro e meteo ma~o aa espada e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, eu vos chamo aa batalha ca, posto que me derrubastes, nom me vencestes. Polo qual vos conve´m que vos combatades ate´s que me vençades ou eu a vo´s.

E el respondeo entam:”

(234) “Entom disse Persival:

– Dom Galvam, nom sera´. Pois que se o cavaleiro nom quer combater, leixae-o ir, que nom podedes i al fazer per custume da Mesa Redonda.

– Maldito seja tal custume, disse Galvam, e quem no ora mantevesse; se vo´s nom fossedes ante mim, vingar-m’-ia deste mau cavaleiro.

E o cavaleiro respondeo entam com sanha:”

(235) “E meteu logo ma~o aa espada e dei~lhe u~u~ tam grande golpe per cima do elmo que lho fez pior do que ante era. E Galvam o ferio de tam grandes golpes per u acalçava que nom havia homem que o visse que nom dissesse que sabia bem ferir d[e] espada, mas confiando muito, que andava chagado. Mas empero quem no entom visse dar golpes e receber nom lhe semelharia covardo nem preguiçoso. Mas do cavaleiro vos posso eu bem dezer que era mais vivo e mais ligeiro que dom Galvam; mas Galvam era mais arriscado e sabia-se melhor cubrir. E ja´ peça havia que deceram”

(236) “Entam disse a Galvam:

– Dom Galvam, rogo-vos por vossa prol e por minha que vos dedes por quiti desta batalha.

– Farei-o, disse Galvam, se vos outorgardes por vencido.

– De me eu outorgar por vencido, disse o cavaleiro, ne~hu~a honra vo´s i havedes ca bem sabedes que ainda me nom vencestes e que eu nom leixo esta batalha fora por amor de dom Persival.

– Pola santa Curuz, disse Galvam, al vos farei eu dezer ante que nos partamos; ja´ assi me nom escaparedes, ca eu nom som la´ onde vo´s cuidaes.

Entam se chegou Persival e disse a dom Galvam:

– Amigo, leixade esta batalha pois vo-lo o cavaleiro roga e eu vos rogo, pola fe´ que devees a vosso tio, eļ-rei Artur.

– Amigo, em guisa me rogastes que a deixarei, mas leixo-a a minha desonra. Mas bem sabedes que, se culpa me poserem, que sobre vo´s a deitarei.

Entom meteo sua espada na bainha e sobio em seu cavalo. E o outro cavaleiro er fez outrossi.”

(237) “Outro dia, quando viram a luz, foram mui ledos ca bem cuidavam que toda via mais se achariam de boas aventuras de dia ca de noite. Entom entraram em seu caminho assi como ante. Aa hora de meo dia chegaram a u~a torre mui freiosa que estava antre u~as a´guas. E entraram dentro por folgarem algu~u~ pouco e foram recibudos mu~i bem e muito honradamente tanto que souberam quem eram. E, quando se partiram dali, entraram no gram caminho por mais asinha acharem aventuras. E nom andaram muito que acharam Claudim, filho deļ-rei Claudas, o rei da Deserta. Aquele Claudim era boo cavaleiro aa maravilha e ardido e de mui boo doairo e partira-se entom novamente do reino de Gaunes e fora a Gram Bretanha porque ouvira dezer que a gram demanda do Santo Graal era começada e quiria i entrar como outros cavaleiros da Mesa Redonda.”

(238) “Entom disse el:”

(239) “Entom se foi a dom Persival e ficou os giolhos ante ele e deitou-lhe sua espada e disse-lhe:

(240) “E dire^-vos como. Esta domaa me aveo que andava por u~a foresta buscando aventuras como cavaleiro andante deve fazer. Entom me acalçou, aa hora de terça, um

cavaleiro que andava soo como eu. E pois cavalga´mos u~u~ pouco, de^s i perguntou-me que andava buscando. Eu lhe disse que buscava aquilo que os da Mesa redonda buscavam.”

(241) “Eu lhe respondi entom:

– Bem som pera tam alta demanda ca som melhor cavaleiro que algu~u~s da Mesa Redonda que se i meteram.

E el me disse entom.”

(242) “E el disse que aquela mensagem faria el bem.

Entom se partiram e Claudim. se foi a u~a parte e Persival e Galvam a outra.”

(243) “Entom se abraçaram e se espidiram. Filhou cada um sua carreira: Galvam se foi a u~a parte, mui ledor por se partir de Persival ca havia mu~i gram pavor de o matar pola morte de seu padre e de seus irma~os; e Persival se foi doutra parte e andou tanto per suas jornadas, sem aventura achar, que chegou ao mar.”

(244) “Persival catou a donzela que lhe semelhou tam fremosa que nunca viu donzela que sua beldade chegasse aa beldade que em ela vio. Estonce começou-lhe a demudar o coraçam feramente que todo seu costume passou, ca seu costume era atal que nunca ja mais catava donzela por causa de amor nem com vontade de sua carne”

(245) “Entom ergueu a ma~o e sinou-se e disse:”

(246) “Entom viu o tendilhom e quanto i havia voar pelo aar e depo´s ele u~a escorido~e, como s´i todolos [diaboos] do Inferno fossem. E foi tam espantado desto que viu que se nom soube conselho haver.”

(247) “Entom se leixou correr a eles e meteo Gilflet em terra. De^s i, Estor; de^s i, Sagramor; de^s i, Lucam. E, depois que lhe quebrou a lança, meteo ma~o aa espada, como aquel que se sabia bem dela ajudar. E meteo-se u era a maior pressa e começou a derribar cavaleiros e cavalos e fazer tam gram maravilha d´armas que quantos o viam se maravilhavam em. E Galvam disse a Estor e aos outros seus companheiros que ja´ cavalgarom”

(248) “E Sagramor disse entom”

(249) “Entom deceu e liou seu cavalo a u~a a´rvor e, quando o cavaleiro que ante fugia viu o outro a pee, semelhou-lhe que ligeiramente”

(250) “E ele entom aguilhou e foi-o ferir e mete^-o em terra outra vez e passou-lhe o cavalo per cima do corpo que o britou todo e ficou esmorido e cuidou a morrer tanto houve gram coita.”

(251) “Entom foi a seu cavalo por sobir em ele por seer mais seguro. E quando o cavaleiro esto vio houve pavor que, depois que fosse em seu cavalo, que o mataria.”

(252) “Entom se ergeo e foi a outro cavaleiro e achou-o tam mal treito que pero ele o chamou e nom lhe po^de falar, come aquel que era todo britado. E Galvam fez sobre ele seu doo e disse que este era gram damno sobejo.”

(253) “Entom começou a fazer u~u~ doo tam grande que era maravilha e talhou seu elmo e disse a Gaariet”

(254) “Entom tendeu ela suas ma~os contra u~a capela que i estava e disse-lhes:
– Sobrinhos, por me creerdes mais do que vos quero dizer, juro-vos por estes sanctos que vos nom mentirei de quanto vos desta esto´ria disser.
Entom lhes começou a contar fazenda de Lancelot e da rainha, como se amavam ambos.”

(255) “Entom lhes mostrou a Doorosa Guarda e contou-lhes a maravilha d’armas que i fezera Lancelot.”

(256) “Entom tornou mu~i toste e foi aa donzela e filhou-a pelo freo e disse-lhe”

(257) “Quando o homem boo qui i estava viu a Galvom tal doo fazer, logo entendeu que o cavaleiro passado era e era homem de gram guisa, e, de mais, que lhe ouvira dizer que era rei. Disse entom a Galvam”

(258) “Quando Galvam, que era mui lasso e mui cansado da batalha del-rei, viu que se havia de combater, nom lhe prougue em rem, como aquel que nom havia mester de se combater. De mais nom ti~nha escudo nem lança. E disse entom ao cavaleiro”

(259) “Entom deceo-se e legou seu cavalo a u~a a´rvo[r] e acostou i sua lança. E pois fo^se a Galvam a espada direita e deu-lhe per cima do elmo o maior golpe que ele po^de, assi que foi em mal treito Galvam, pero ainda nom atam lasso que se mui bem nom defendia”

(260) “Quando Erec ouviu as novas da morte de rei Bandemaguz e o viu jazer morto houve gram pesar e foi mui sanhudo, ca sobejamente amava e prezava rei Bandemaguz de sem e de cavalaria. E se el tanto nom amasse Galvam como amava logo vingara sua morte. E por al ainda no no podia fazer ca seria desleal e perjurado: porque era da Mesa Redonda no no ar podia leixar matar ante si que nom fizesse deslealdade. Entom disse a Meraugis”

(261) “Entom fizeram a^medes e liaram-nas a seus cavalos e deitaram el-rei em cima e foram po´s ele a pee com gram pesar e fazendo gram doo. E tanto andarom que chegarom aa ermida e soterrarom-no i o mais honradamente que poderom.”

(262) “Entom filharon seu caminho todos #III de soo u~u~. E a donzela disse a Erec per ante Meraugis”

(263) “– Conosco. Deste castelo foi senhor meu padre rei Lac e aqui o matarom per traiçom; e meu devera seer e ainda ai´ som os treedores que meu padre matarom. E pois me Deus aqui adusse, ja mais nom me partirei ata´ que o vingue e ou me eles matara´m ou eu eles. Entom entrou dentro e assinou-se aa entrada. E a donzela lhe disse entom:
– Erec, eu vos peço a cabeça de u~a donzela que ala´suso e´, que vos eu mostrarei, e entom seredes quite.

(264) “reinava novamente, andava caçando aquel dia preto do mar e achou a barca que entom aportara. E quando viu os meni~os que eram tam fremosos, prougue-lhe em muito, ca bem lhe semelharom de gram guisa, e perguntou por sua fazenda.”

(265) “Entom perguntou Erec aa donzela”

(266) “Entom ergueo a espada e firiu o maior tam rijamente que o fendeo ate´s as espa´duas. E Meraugis er matou o outro. Quando o terceiro esto viu, quis fugir, mais Meraugis o ante matou cabo dos outros. Entom se levaram as vozes mui grandes e a volta polo paaço. E quiseram fugir todolos outros do paaço, mais os dous cavaleiros, que eram bo~o~s e vivos, nom quiseram que escapassem em salvo”

(267) “Entom fezeram viir ante ele sua irma~a~ que tiinham os treedores presa. E, tanto que ela viu seu irma~o e o conoceu, houve tam gram ledice que nom poderia homem contar; e fazia gram dereito, ca o amava mais ca outra rem do mundo. E ele foi mui ledo quando a viu e be~enheu a Deus, que o ali adussera, que lhe amostrara sua irma~a~.”

(268) “Entom se ergeu com tamanho pesar que bem quisera seer morto e disse a sa irma~a~:”

(269) “E os do paaço disserom entom todos a u~a voz:

– Ai, Senhor, havede mercee de vossa irma~a~. Nom fazades a gram bravura que esta desleal donzela vos conselha.

E ele disse entom:”

(270) “Entom se foi a u~a ca^mara e filhou sa espada e pois tornou-se ao paaço com gram pesar, que bem queria que do ceu caesse corisco que o ferisse. E quando chegou a sa irma~a~ sacou a espada. E ela toda via pediu-lhe mercee e disse:”

(271) “Entom ergeu a espada e tornou o rostro a outra parte, como aquel que nom podia veer tam gram coita. Ela estava ja´ toda desacordada, que se nom podia guardar ao golpe; e ele a firiu. tam rijamente que l[e] fez a cabeça caer mais longe de u~a lança e o corpo caiu em terra. E ele disse logo aa donzela:”

(272) “Entom se saiu do paço e levou a cabeça e sobiu em seu palafre´m. Mais nunca vistes tam gram doo nem tam grandes vozes como iam fazendo depo´s ela quando virom que levava a cabeça.”

(273) “Entom fezerom gram doo e gram chanto sobola cabeça da donzela e derom graças a Deus da fermosa vingança que passa da maa donzela.”

(274) “E Meraugis respondeu entom:

– Dom Erec, a morte nom vem segundo a vontade do pecador nem daquel que a deseja, mais assi como Deus quer.

– Ai, cativo! disse Erec. Que mal errei! Que mal ofendi! Que mal me matei!

_ Todo esto foi per vo´s, [disse] Meraugis. Nunca per meu rogo nem polos home~e~s bo~o~s daqui quisestes fazer rem. E eu bem tenho que vos vi~inra´ mal.

– No me poderia, disse ele, tanto mal vi~ir que eu mais nom merecesse. Entom pediu suas armas, que nom quis mais ali ficar.”

(275) “A empardeada, que o catara muito em mentre dormia, quando lhe viu seu doo fazer tam grande, maravilhou-se que poderia seer, ca bem vira ela que nengu~ nom lhi fezera pesar per que o devesse a fazer. Entom o chamou e disse-lhi:”

(276) “Entom lhi devisou qual fora o sonho.”

(277) “Entom deu vozes a Meraugis que se ti-ia por muito ardido e por muito arrizado. Respondeo:

– Pois que vo’s de justa me perguntades, nom vos falecerei a meu poder. Entom se leixou u~u~ ir ao outro e feriram-se tam rijamente que as lanças avoaram. em peças. Meraugis caiu em terra mui britado, ca muito caiu gram queda, e Estor ficou em seu cavalo, que era muito acostumado de caer. E Meraugis, quando se viu em terra, ergeo-se tost[e] mui vergonhoso desta aventura e meteu ma~o a espada e guisou-se de se amostrar polo melhor que podesse, ca bem viu que aquel que o derribara que nom era mene~no. E quando Estor viu que se guisava de batalha assi a pee como estava, prezou-o mais que ante e esmou que [e]ra algu~u~ dos da Mesa Redonda. E por em quis saber ante quem era que i mais fizesse, e disse-lhe entom”

(278) “Entom lhe contou todo como fora.

– E como havia nome?, disse Estor.

E el lhe nomeou o seu. E tanto que Estor ouviu a Erec a ventura e andança que houve[r]a houve mui gram pesar, ca ele amava Erec de mui grande amor, como o conto vos devisou. Entom disse a Meraugis:

Vo’s buscades u~u~ homem que eu amo sobre todos lhos cavaleiros de minha linhagem. E pois que vo’s tanto amades como mi dizedes, eu som aquele que per ne~hu~a guisa nem per nenhu~a razom nom me combaterei com vosco se nom fosse mortal desamor. E por em vos perdoe esta batalha ca, se Deus quiser, nom farei i mais e me dou por vincido.

Entom deceu e tirou sa espada e disse:”

(279) “Entom filharom seu caminho e andaram assi como aventura os guisava gram tempo sem aventura achar que de contar seja.”

(280) “Pois que al nom pode seer, ante quero justar ca me ir assi com vergonha. Galvam estava sobre u~u~ cavalo grande e fremoso e mui boo. Mais por Erec, que nom tragia lança, duxerom-lha os do castelo u~a mui boa. Entom se leixou ir u~u~ ao outro e Galvam feriu Erec de toda força tam feramente que fez sa lança voar em peças, mais outro mal nom lhi fez.”

(281) “Entom lhe contou todo assi como o conto ha’ja’devisado.”

(282) “Entom tornarom os irma~os ambos e foram-se po’s Erec e [A]gravaim preguntou a Galvam:”

(283) “[A]quela noite jouve em casa de u~u~ cavaleiro que morava na foresta, que lhe fez muita honra porque viu que era cavaleiro andante. Na manha~a~ parteu-se e cavalgou todo aquel dia ataa hora de meo dia. E entom lhe veo que achou, cabo do cami~o, u~a fonte mui fremosa assi cercada d’arvores de todas as partes que nom ha’ homem que i entrasse que se temesse de caentura, ca era em Agosto.”

(284) “Entom se deitou sobola erva e começou a pensar mui feramente, e el pensando tornou-se de bruços. A cabo de u~u~ pouco achou-se tam mal treito que nom podia tirar a si pee nem ma~o nem ne[m]bro que houvesse, e perdeu a fala. E maravilhou-se que poderia seer, ca nom via preto di si homem nem molher que o en[c]antasse. Ao terceiro dia i aveo que aquel donzel, que havia nome Nabur, chegou a aquela fonte com gram fame e com gram. sede e com maior lazeira ca soia haver, e foi tam, lasso que a poucas

lhi fal[h]aria o coraçom. E da outra parte andava com gram pesar por seus homens, que nunca achar cuidava.”

(285) ‘Entom deceo-se de seu rocim que era ja´ tal que se nom podia mover; e sentou-se sobola fonte e começou a pensar mui f[e]ramente. E see[n]do assi pensando, aque-vos u~u~ demo vem que lhe pareceu em semelhança de homem sesudo e que pensa e que ha´ pesar e que e´ triste; e nom lhe fez semelhança que o conhecia mais de homem desconhecido.”

(286) “O donzel leixou entom(100) seu pensar, quando esto ouiu, e começou-o a catar, e viu-o mais fremoso per semelhar e disse-lhe:

– Amigo, quem sodes, que dizedes que perdestes vosso serviço? O demo respondeo assi como aquel que nunca disse verdade:”

(287) “O donzel respondeu entom:”

(288) “Entom se partiu o demom dele polo meter em maor cuidado e foi-se per outra carreira. E o donzel ficou na fonte mais cuidando que dante e mui desconfortado de fome e de lazeira, ca ja´ #III dias houvera que nom comera. E nom no cuitava tanto a fome como de que nunca cuidava a achar poblado e que as bestas, tanto que o achassem, o comeriam ali. Entom começou a chorar e a fazer u~u~ doo tam grande que nom ha´ homem que o visse que nom devesse ende a haver piedade. Entom ar tornou o demo a ele em tal semelhança como ante e disse-lhi:”

(289) “Aquela, que nom ousou em dizer contra o mandado de sa madre, cavalgou, pero que o nom havia em custume. E, pois entraram na carreira, o donzel foi-se per outra parte, ca nom per u os caçadores foram, e foi-se dereitamente aa fonte por se quitar do que prometera. E ele foicatando sa irma~a~ pola carreira e tanto houve gram sabor em ela e tanto lhe semelhou fremosa que lhi creceu voontade de a haver contra razom. Entom começou a pensar que seria mui mau e muito avol se nom comprisse sa voontade em tam fremosa donzel[a] e com quem nom havia rem de linhagem e de mais que a meteria em ma~o de tal que a levaria u per ventura a nunca visse.”

(290) “E entom lhi descobriu todo o feito como foi, assi como o conto ha´ ja´devisado. Enquanto a donzela pensava em esto que oi´ra, aque-vos vem seu padre que chegou i que andava caçando e perdera o [vea]do depo´s que ia e toda sa companha.”

(291) ‘Entom lhe contou toda aquela aventura como aveera e mostrou-lhe seu meestre e seu irma~o mortos.”

(292) “E Erec ouvio que Sagramor pedia justa e nom na ousou reçar, ca lho teriam por maldade. E entom se leixou correr u~u~ ao outro e derom-se os maiores golpes que poderom.”

(293) “E entom se leixou ir a el a espada em a ma~o e deu-lhe u~u~ tam gram golpe per cima do elmo que o elmo nem o alfmofre nom lhe guareceu que lhe nom fizesse sentir a espada no testo.”

(294) “E tanto que o viu nembrou-lhe o que prometera a Galvam e pensou se o cometeria logo se depois. Que vos direi? Toda via pre^s voontade de o cometer logo, como o demo lhe

conselhava sa maa andança, que i havia d’haver. Entom tornou cabeça ao cavalo e deu vozes:”

(295) ‘Entom se partiu del e cavalgou o mais toste que po^de e colheo-se polo rastro do cavalo e conheceo bem polo caminho, que viu cheo de sangue, que o cavaleiro que ante el ia era malamente chagado. E foi mui ledo desta aventura ca bem cuidou que nom era outro fora aquele que matara Ivam. E coitou-se d’andar e nom andou muito que alcaçou Erec que ia em pequeno passo, como aquel que havia mais mister de folgar ca de cavalgar.”

(296) “Tanto que vio Galvom Erec, logo o conheceo. E pero canto sabia que era leal cavaleiro e tam boo que nom podia crer em ninhu~a guisa que el matara Ivam. E começou entom a pensar que faria, se o cometeria logo, se o leixaria pera outra vez.”

(297) ‘Entom lhe disse em qual guisa:”

(298) ‘Entom lhi disse:”

(299) ‘Entom meteu ma~o a espada e disse outra vez:

– Dom Galvam, vo’s me cometestes a gram torto e a tal hora que me nom hei poder de defender. Deus ajude o dereito e assi o fara’ ele, esto sei eu bem. Mais ora conheço verdadeiramente que aqui e’ minha morte julgada em vingança do que eu fiz a minha irma~a~.

Entom se encomendou a Nosso Senhor Deus muito humildosamente. E Galvam. lhi foi dar u~a espadada per cima do elmo, a maior que po^de, assi que Erec foi do golpe estorgido e va~o, pero teve-se em seela. Mais isto foi muito adur ca tanto havia perdido do sangue que preto toda sa força ii era falida.”

(300) ‘Entom decerom ambos e liarom seus cavalos a duas a’rvores. E Estor foi a Erec e ficou os goelhos ante el e tolheu-lhe o elmo o mais manso que po^de. E Erec nom boliu se pouco nom, ca a morte o cuitava ja’ muito.”

(301) ‘Entom lhi contou todo como o matara. Quando Gariet, que era mui leal cavaleiro, ouviu estas novas, houve em gram pesar e disse:”

(302) “Pois houverom guisado como levassem Erec, desarmarom-no e deitarom-no nos a^medes o melhor e o mais aposto que poderom e foram-se a pee taa u~u~ castelo que era preto dali u lhes derom cavalos e o al todo que lhes falecia. E sabede que em tal guisa guisarom entom o corpo que o poderiam levar quam longe quisessem. Em tal guisa se quitarom do castelo e andarom tanto que chegarom a Camaalot u rei Artur era triste e com gram pesar e toda sua companha outrossi.”

(303) “E outrossi o julgarom todos los home~e~s que ii siam. El-rei havia gram pesar da morte destes #III mais, quando soube da morte de rei Bandemaguz e foi sabudo pola casa, houverom todos tam gram pesar que dous dias se fezerom que nunca foi na co^rte posta a mesa ante cavaleiros. E diziam todos ca este dano era grande e maldiziam Galvam poque se começara aquela demanda. Muito houveram gram pesar el-rei e todos dessa morte de rei Bandemaguz. Mais quando foi morto Erec Entom se começou o doo mais ca ante: por aquel chorou el-rei e os ricos-home~e~s e os cavaleiros e as donas e as donzelas e por aquel foi o doo tam grande em Camaalot que nom oi’ria i homem torvom se o fizesse.”

(304) “Entom começaram a contar ante el-rei e ante toda a co[^]rte, que era ja´ assu~ada, como Galvam cometera Erec pois que se combatera com dous cavaleiros e como o matara dizendo-lhi el que era Erec e pidindo-lhe mercee.”

(305) “Entom lhe perguntou de Meraugis quem era.”

(306) “Entom tornou-se a Meraugis e disse-lhe:”

(307) “E entom o levou aa Mesa Redonda aa seda de Erec e mostrou-lhe letras novas que diziam: ‘Aqui deve ser Meraugis de Porlegues’.”

(308) “E assi disserom todos os outros. Entom o foi assentar na seeda que fora de Erec; e entom se começou polo paaço a festa e a lidice assaz grande, mais nom tal como fora se nom houvessem o pesar que havia[m].”

(309) “Entom meteo as letras no seo, ca as nom quis leer ante tanto homem boo. E el-rei perguntou Claudim quem era e de qual terra e el lhi em disse toda a verdade. A el-rei prougue muito com el, ca muito o prezava de bondade e de cavalaria. E el-rei ar fez desarmar o cavaleiro das armas brancas e fez-lhe fazer muita honra. Pois ar tornou a Claudim e perguntou como se partira do regno de Gaunes. E el lhe em disse toda verdade, assim como o conto ha´ ja´ devisado.”

(310) “E el-rei se assentou e ela outrossi, e começaram a falar de su~u~. E achou-a el-rei tam sisuda e de tam boa palavra que marivilha e foi tam pagado que jouve com ela per força. E ela que era menina que ainda nom sabia de tal cousa começou a braadar mentre ele jazia com ela, mais nom lhe houve prol ca toda via fez el-rei o que quis. E fez entom em ela u~u~ filho. E depois que houve feito seu prazer e a quis levar consigo aque-vos u~u~ cavaleiro ja´ que d’idade que saio da foresta assi desarmado como rei Artur. E sabede que era padre da minina. Quando el achou sa filha assi chorosa, logo osmou em seu coração que lhe jouvera o cavaleiro com ela a força e deceo e meteu ma~o a espada”

(311) “Entom tirou a espada e talhou-lhe a cabeça ali u jazia a par de seu filho que houvera o dia dant[e] aquele. Entom começou a catar o menino que jazia envolto em pano de seda e disse-lhe:

– Conve´m que tu moiras ca, se te leixasse viver, tanto que fosses cavaleiro nom poderia ser que tu nom soubesses como te matei teu tio e ta madre. E tam gram deslealdade como esta nom pode ser que nom fosse sabuda e matar-m’-[i]as por em. Nom haveria i al.

Entom filhou o menino e levou-o a u~u~ monte esquivo u havia u~u~ lago. E leixou[-o] na riba da auga polo comerem bestas feras. Mas Nosso Senhor, a que nom esqueceu sa criatura, enviou entom ii aquela dona onde vos ja´ falei que o criou pois tanto taa que veo per ii Tristam e feze-o cavaleiro.”

(312) “E eles perguntarom entom o cavaleiro:”

(313) “Assi se partio o mandadeiro de Morgaim e tornou-se aa co[^]rte e contou a el-rei quanto lhe Morgaim. dissera. Entom soube el-rei certamente que aquel era seu filho, e entom o meteu na seeda da Ta´vola Redonda per outorgamento de todos, e outrossi fez a Claudim.”

(314) “Entom o tirou a u~a sa ca[^]mara em sa poridade e disse-lhe:”

(315) “E entom lhe contou todo, assi como a esto’ria o ha’ ja’ divisado. E pois lhe contou todo o seu, como fezera Tanas, disse-lhe:”

(316) “E entom ficou os geolhos ante seu padre e disse-lhe chorando:”

(317) “E Galaaz que se ia quanto mais asinha podia e bem cuidava que niu~u~ nom ia preto dele, cavalgou ata’ preto da noite e entom chegou a u~a foresta que havia nome Aacena.”

(318) “E entom contou a Tristam quanto Del ouvira dizer. E Tristam se sinou da marivilha que ende ouviu e disse que muito era gram dano de que nom era crista~o pois que tam boo cavaleiro era.”

(319) “Falando em estas cousas chegou-lhes a noite tam muito que sol nom viam per onde ir. Entom acharom u~a casa velha u morava [u~u~] montanheiro, ja’ tempo havia, e era ja’ quanta dela derribada. E Tristam disse:”

(320) “A esto chegou o cavaleiro da outra parte da casa e pensou ficar ja’ ii aquela noite. Entom deceu e leixou seu cavalo ir pacer. Entom disse Tristam a Galaaz:”

(321) “Pois o cavaleiro sobio em seu cavalo, partio-se dali a mui grande ir. Entom andou tanto que topou com Ebes o Nomeado, u~u~ cavaleiro da Mesa Redonda, arrizado e muito ardido. Quando o cavaleiro do escudo negro o vio, disse-lhe:”

(322) “Entom se armou e guisou seu cavalo e sobio em ele. E Galaaz ar fez outrossi e disse a Tristam:

– U queredes vo’s ir?

– Eu quero ir, disse el, depo’s o cavaleiro do escudo negro e queria, se vos prouguesse, que fo^ssedes i migo.

– Nom farei, disse el, esta vez, ca hei muito alhur de fazer. E entom se partirom.”

(323) “E entom se partirom ambos.”

(324) “E pero Tristam nom era tam mal treito como o outro cavaleiro, ca era de maior força e pola gram siira que em sii sintia, marivilhou-se sobejamente como o cavaleiro se podia tam muito contra el teer. E bem outrossi pensava o outro ca tantos home~e~s boos trouxera mal per seu corpo e vencera que se maravilhava quem poderia seer este com que se combatia, ca bem viia que, sem falha, que este era o melhor cavaleiro com que se nunca achara. Entom esmou em seu coração que este era o mui boo cavaleiro que havia a dar cima aas aventuras, ou Lancelot ou Tristam.”

(325) “Entom disse a Tristam:”

(326) “Entom se chegou Paramedes e ar disse:”

(327) “Tristam, quando isto ouvio, houve em tam gram pesar que bem quisera ser morto porque el nunca tam mortalmente desamara cavaleiro como este e nom se podia del vingar que nom fosse perjurado e desleal contra a Mesa Redonda. Era tal custume que todo cavaleiro

que ende companheiro fosse nom devia meter ma~o em cavaleiro pois que lhe sa espada desse ja' tanto de erro nom lhe haveria feito. E por este costume houve Tristam entom a leixar aquela batalha.”

(328) “Entom disse Tristam a Bliobleris:

– Vo’s me tolhestes aqui de me vingar do homem do mundo que peor queria. E por em vos digo que todo mal que vos viesse nom me pesaria em.

E Bliobleris respondeo:

– De vossa sanha me pesa, mais sabede que este cavaleiro fez tanto por mim que, se o eu leixasse morrer u o acorrer podesse, todo o mundo mo teria por mal.

Entom foi Tristam a seu cavalo e sobio em el e pois disse a Paramades:”

(329) “Entom se foi Tristam mui sanhudo e com gram pesar de que nom matara Paramades.”

(330) “Aquele noite jove ii Tristam e foi ii servido e honrado a seu prazer, ca os do castelo eram acostumados de servir o melhor que podessem os cavaleiros andantes porque seu senhor era cavaleiro andante. Mais este servirom ainda mais que outro serviriam pois que souberom que era Tristam onde corria mui gram nomeada per todo o regno de Logres. Em outro dia, pois ouvio missa, cavalgou e andou taa hora de meeo dia. Entom saio da foresta e achou u~u~ cavaleiro que era da Mesa Redonda, armado de todas armas. E havia nome Lambeguez.”

(331) “Par Deus, disse Lambeguez, ca passava per ante u~u~ castelo que hoje acharedes ante vo’s se per esta carreira fordes, e ha’ i gram gente assua~da em tendas e em tindilho~es, nom sei porque^. E, quando eu cheguei i, quis passar per ante as tendas. Entom veeo u~u~ cavaleiro contra mim armado de todas armas e demandou-me justa. E eu nom na quis recear porque e’ direito de todo cavaleiro nom recear justa d[e] u~u~ cavaleiro nem de dous. E derribei aquele. Depois ar veo outro boo cavaleiro que me derribou; e deu-me o cavalo per sa cortesia. E pois cavalguei, demandei-lhe batalha. E el me disse que batalha nom faria com homem derribado. Entom me parti dele.”

(332) “Entom se comendarom a Deus e partirom-se.”

(333) “Entom disse a u~u~ seu irma~o que estava desarmado:”

(334) “Entom o pre^s polo freo e dissilhe:

– Dom cavaleiro, ora sodes em meu poder; ja’ vosso orgulho nom vos valra’ que me nom digades o por que eu aqui viim. E vos levarei preso.

– Bem dissestes, dissil Tristam; e nom cuidades que desta prisom seja eu livre tanto que quiser?

E ele o teve todavia. E Tristam lhe disse:

– Sandice fazedes e, certas, se nom fosse[des] desarmado, compril-la-i’ades.

Entom o levou o cavaleiro contra as teendas. E Tristam se assanhou e dissil:

– Ou vo’s me leixaredes ou eu vos matarei. E assi sera’ ende a honta mia, porque sodes desarmado, e a dano vosso, porque sodes sandeu.

E el disse:

– Todo esto nom e’ rem que me dizedes, ca toda via iredes comigo.

– Ainda aqui nom veo, disse dom Tristam, quem me a forca ha’-de levar. E digo-vos que nom irei mais daqui.

Entom tirou a re’dea e ergueo a lanca e disse-lhe”

(335) “Entom veri’ades sair mais de C cavaleiros po’s Tristam. Eram ende os #XVIII mui bem armados e os outros desarmados fora d’escudos e de lanças. E quando Tristam vio que era o preito tam descomunal que se havia de defender contra todos nom foi em mui ledó. E pero tanto era de gram coração e de gram força que nunca houve pavor de rem que visse, ante volveo a cabeça ao cavalo contra eles, fero e ardido e de mal talant[e] e firio o primeiro que acalçou de guisa que o meteo em terra do cavalo. E pois o segundo e pois o terceiro e pois o quarto. Entom voou sa lança em peças e el meteu ma~o aa espada como aquel que sa morte queria vingar e meteu-se entre eles e derribou cavaleiros e matou cavalos e tanto fez per sa ma~o que nom ha’ homern que o visse que o nom tevesse por marivilha. E mais se defendera, mais u~u~ cavaleiro lhe matou o cavalo.”

(336) “Entom se leixou correr a todos a espada em a ma~o e firiu o primeiro que alcaçou que o meteu morto do cavalo em terra. E filhou o cavalo e levou-o a Tristam e disse-lhe:”

(337) “Entom sobiu sobre u~u~ cavalo e preso u~u~ escudo e u~a lança e tiinha sa espada cinta e firio o cavalo das esporas e saiu d’antre as tendas e viiu Galaaz que andava derribando seus cavaleiros assi ligeiramente como se nom andassem em sela e fazia em eles tam gram dano que nom ha’ homem que o visse que nom fosse espantado. E el-rei, pois lo catou u~u~ pouco, disse:

– Aiaa! no’s somos enganados de conheçença deste homem. Per Santa Maria, este e’ [o] mais ca boo cavaleiro que ha’ a dar cima aas aventuras do regno de Logres. Ora me nom teenho por desonrado de el desbaratar minha gente, ca a sa bondade d’armas outra bondade nom poderia durar.

Entom disse a seus home~e~s:

– Tornade-vos e leixade-os ir ca de os rete~er seria afam perdido.”

(338) “Entom se tornou a el-rei e disse-lhe:

– Rei Peles, ora te direi quem som e porque nom posso fazer meus encantamentos assi como fazia ante que este cavaleiro veesse.”

(339) “El-rei, que havia mui gram sabor de o conhecer pelo que ouvira dizer ao encantador, ficou os olhos em el. E tanto o catou que lhe semelhou que era Galaaz seu neto. E disse-lhe entom.”

(340) “Si, disse el, esta vez. Mais quando prouguer a Deus que a ventura me traga a Corberic com meus companheiros outros, entom nom darei rem por me conhecerem todos. E sabedes porque vos rogo desto? Se vossos ricos ho-mens me conhecessem nom me leixariam hoje daqui sair e esto nom queria eu em nem u~a guisa ca me quero logo ir.”

(341) “Entom se partiu Eliezer de seu padre e armou-se e sobiu em u~u~ mui boo cavalo e filhou u~u~ escudo, mais nom de sas armas polo nom conhecer seu padre ao partir das teendas.”

(342) “Entom se assanhou Eliezer e disse:”

(343) “Entom se leixou ir a ele e deu-lhe o maior golpe que po^de. E quando Galaaz viu que se havia a defender meteo ma~o a espada e disse:”

(344) “E entom se foi a seu padre e quando o seu padre viu atam mal chagado perguntou-lhe como lhe aveera. Eliezer lhe contou todo assi como o ja’ ouvistes.”

(345) “E entom preguntou ela a outra donzela:”

(345) “Entom dissí a donzela a Galaaz:”

(346) “Entom se foi aa camara u a dona jazia e acharom-na jazer ainda nas cadeas. E tanto que ela viu Galaaz, começou a dizer:”

(347) “Entom fez sacar as cadeas aa dona. E depois que se ela viu deitou-xe-lhe aos pees e beijou-lhos nom o querendo el, e chorou pela gram lidice que ende houve. De[^]s i foi-se aa igreja por dar graças a Nosso Senhor daquela gram mercee que lhe fezera.”

(348) “Mas tanto que se foram todos deitou-se em terra e depois nom tornou a aquel leito e o mais da noute jouve orando e pregando a Nosso Senhor que Deus lhe fizesse fazer taes obras que lhe prouguessem. Em outro dia manha~a~ foi ouvir missa de Santa Maria. De[^]s i pediu sas armas. E quando os do castelo virom que se queria ir rogarom-no muito que ficasse com eles. E el dissí que em niu~a guisa nom ficaria, ca havia alhur mais de fazer ca alii. Entom lhe derom eles sas armas e seu cavalo e haviam gram pesar porque nom ficava com eles. E depois que foi armado cavalgou e dissí aa donzela:”

(349) “Entom se leixou correr u~u~ ao outro e feriom-se assi que os escudos nem as lorigas nom lhes prestarom que as lanças nom metessem por si. Bliobleris foi mal chagado, mas era de tam gram coração que o nom sentia, e Taulat houve u~a gram lançada que o ferro pareceu da outra parte per o espinhaço e tanto que caeo foi morto.”

(350) “Entom enviou por seu padre e disse-lhe:”

(351) “Entom lho foi mostrar e o homem boo ficou os gíolhos ante ele e disse-lhe:

– Senhor, por Deus, ide acá dentro comigo ca vos havemos mui mester.

E ele o ergeu e disse que iria i de grado; e o homem bo~o~ o levou aa camara u jazia sua filha e mostrou-lha tam mal doente que nom podia mais. E ela, tanto que o vio, leixou-se-lhe caer aos pees e rogou-lhe chorando, por aquel Deus cujo servo ele era, que lhe desse u~u~ dom. E ele lho outorgou mui de boa mente. E ela lho graciou entom e disse-lhe:”

(352) “E el fez todolos outros sair da camara e espio-se entom e deu-lhe a estamemha e rogou-lhe por a fe´ que devia a Deus que o nom dissesse a ninguem. E ela lho outorgou. De[^]s i ficou soo e vestiu-a a carom ca se foi Galaaz pera os cavaleiros; mas de todo esto nom lhes disse nada, ca nom queria que lho soubesse niu~u~.”

(353) “Gradece[^]-o, disse ele, a aquele que vo-lo fez, ca eu nom vo-lo fiz, ca pecador som eu como outro homem. E rogo-vos por a fe´ que devedes a aquel que vos tam fermosa mercee fez que nom descobrades este feito mentre eu aqui for ca nom quero que estes cavaleiros que aqui som o saibam. Mas depois que eu me for, entom podedes dizer a mercee que vos Deus fez.”

(354) “Entom foi ferir Amati[m] o bo~o~ justador atam bravamente que lhe meteo o ferro da lança pelo braço e pelo corpo e meteo el e o cavalo em terra. E, ao tirar da lança, ficou el esmorido.”

(355) “Entom se ergeo que sol nom catou as chaga, tanto estava sanhudo e de mal talante. E eles, que sobiam ja´ em seus cavalos e que se queriam ir empo´s Galaaz, virom vi~ir contra si dous cavaleiros da Mesa Redonda: u~u~ havia nome Acorant[e] o Ligeiro e o outro Danubre o Corajoso. E eram ambos irma~os de padre e de madre e eram do linhagem de rei Bam. Quando aqueles #III irma~os virom vi~ir aqueles dous cavaleiros conhecerom-nos logo. Entom disserom entre si:

– Vedes aqui dos cavaleiros do linhagem de rei Bam que no´s tanto desamamos. Ora nos podemos vingar em estes do que nos fez Galaaz.

Ento[n]ces lhes derom vozes:

– Guardade-vos de no´s ca vos desafiamos.

Quando os dous irma~os esto ouvirom maravilharom-se, ca bem sabiam que eram da Mesa Redonda.”

(356) “Entom lhes disse Danubre:

– Senhores, porque nos cometeredes? Perjurados e desleaes seredes ende, ca no´s somos da Mesa Redonda como vo´s. E por em nom devedes a meter ma~o em no´s a niu~a guisa.

– Todo esso nom val rem, disserom eles, ca tanto nos errastes que vos nom podeades de no´s partir sem batalha.

– Pesa-me, disse Danubre, mais pois assi e´ no´s nos defenderemos a nosso poder.

Entom se leixarom ir u~u~s aos outros e Danubre deu u~a tam grande lançada a Amati[m] que o meteu morto em terra.”

(357) “E entom lhe deu u~u~ tam gram golpe que lhe meteo a espada ate´ os meolos e Danubre caeu chagado a morte. E Gamenor se po^s sobre ele e começou-lhe a desenlaçar o elmo por lhe talhar a cabeça; e Danubre, que bem vio que morreria e que havia vontade de vingar sa morte, quando vio que entendia Gamenor em tolher-le o elmo, foi-lhe ergendo [a] aba~a da loriga e meteo a espada per ele e el se estendeo com a coita da morte e caeu morto da outra parte. E quando Danubre o vio a par de si, disse:”

(358) “Entom decerom e entrarom em a nave e os outros os receberom o melhor que poderom. E tanto que forom dentro deu u~u~ vento tam forte aa nave que os alongou mui toste da terra e andarom assi ataa que aluzeceu.”

(359) “E entom começarom a chorar com plazer porque Deus os ajuntara assi de su~u~. E Galaaz tolheo logo de si seu elmo e sa espada mas nom a loriga. E quando vio a barca tam fremosa de dentro e de fora preguntou-os se sabiam donde tam fremosa barca viera. E Boorz disse que nom sabia i rem e Persival lhe disse o que delo sabia.”

(360) “E entom disse dom Persival:”

(361) “Muito falarom aquel dia das aventuras da demanda e dos boos cavaleiros que a elas andavam e das maravilhas que i aviam. E esto falado andarom per o mar ate´ hora de noa. E entom lhes semelhou que eram muito alongado do regno de Logres, ca sempre a nave correra a muito fero vento. E quando veo dereitamente a hora de noa, aportou entre duas penas em u~u~ lugar muito estranho e tam apartado que era maravilha. E quando eles i aportarom, virom outra nave entre outras penas u nom poderiam entrar pero quisessem se nom fossem per cima de toda a pena.

– Senhores, disse a donzela, em aquela nave e´ a aventura por que Deus todos tre^s nos ajuntou. Conve´m-nos sair desta e ir em aque la.

– De grado, disserom eles.

Entom saírom na pena e sacarom a donzela e liarom a barca que se nom podesse ir.”

(362) “E sabede que nom soube Galaaz leer as leteras. Mas aquele Senhor que muito fremoso milagre e muitas fremosas virtudes havia feitas por ele mostrou-lhe entom tam grande sinal d’amor que lhe fez logo saber caldeu. E leo as leteras que diziam assi — e sabede que diziam como se a nave falasse por si:”

(363) “Padre dos ceus, bento sejas tu, que te prouve de me mostrares tam fremosas maravilhas como estas som. E assi er disserom os outros. E entom disse a donzela:”

(364) “Entom tendeo Galaaz as ma~os contra o ceu e disse:

– Senhor Padre Jesu Cristo, se te praz outorga-me per ta piedade que a possa sacar.

Entom se sinou e sacou a espada tam ligeiramente da bainha como quis. E, depois que a tirou, ergeo-a e catou-a e achou-a tam fremosa e tam limpa como se a alimpasse a aquela hora. E depois que a catou bem prezou-a mais que espada que nunca visse.”

(365) “Entom sacou de seu seo u~a cousela de prata mui rica e mui bem lavrada e sacou dela u~a cinta com quantas correas i havia mester, as mais ricas e mais fremosas que nunca homem viu no regno de Logres. E eram obradas d’ouro e de pedras preciosas e de seda e dos cabelos da donzela.”

(366) “Entom tolheu aa espada a outra cinta que tinha e meteo-lhe aquela. De^s i disse a Galaaz.”

(367) “Entom descobrio seu rosto de u~u~ pano de seda de que o trazia cuberto e Persival a conheceo logo e foi tam ledado que nom poderia mais e foi-a abraçar. E os outros er foram ledos a maravilha.”

(368) “Entom saírom todos tre^s da nave e leixarom a donzela dentro e foram-se pola pena ataa el que sia entre duas a^rvores. E conhecerom que era homem, mas tanto era velho que cuidavam que nunca homem tanto podesse viver que chegasse a aquela vilhice. E el se quis erguer contra eles mas nom po^de. E Galaaz lhe disse:

– Donde e^s tu? Eu te rogo que nos digas a verdade de ta fazenda e de ta idade e que aventura te adusse aqui e em qual guisa vives e se ha^ muito que aqui e^s. E el disse entom com febre voz e mui baixa como aquel que sobejamente era de gram velhice:”

(369) “Entom disserom os outros que dizia Galaaz gram dereito e, ‘se a Nosso Senhor praz que el seja salvo, ele o salvara^; e se lhe praz de seer perdido nom havemos no^s i que adubar ca nom e^ de nossa lei’.

Entom o leixarom assi seer antre ambas as [a^rvores] e tornarom-se a sua nave. E, depois que foram dentro, deu-lhes o vento que os alongou da pena mui longe per o mar. E comendarom-se a Deus e fez cada u~u~ sa oraçom qual sabia. De^s i contarom aa donzela a aventura que acharom na pena e ela se sinou da maravilha que ende houve e disse que nunca ouvira aventura de tam gram maravilha.”

(370) “Entom começaram a demandar pousada pelo castelo ca estar queriam tanto i taa que houvessem cavalos. E u~u~ homem veio a eles e disse-lhes:

– Senhores, vo^s vos trabalhades em va~o ca nom ha^ homem tam atrevido na vila que vos ouse albergar. A ir vos convém ao alcaçar e ali vos albergaram em algu~a guisa.

E quando eles esto ouvirom, foram-se la´ e acharom i gram co^rte de cavaleiros e de donas e de donzelas e d’outra gente. E quando cuidarom a achar quem os recebesse bem, como era custume em aquel tempo de cavaleiros andantes seer recebidos em lugares estranhos, entom virom vi~ir contra si tre^s cavaleiros armados que semelhavam bravos e feros e eram grandes de corpo. E sabede que eram todos tre^s irma~os.”

(371) “Entom foi a u~a espada que estava pendurada em u~u~ esteo e leixou-se ir a Persival por lhe dar pela cabeça que tinha desarmada fora d’almofre. Mas Boorz, que muito amava a Persival, nom lho quis sofrer. E deu-lhe u~u~ tam grande golpe per meo da cabeça que o fendeo atee [a] cinta e caeu logo morto em meio do paaço. E, quando os outros dous irma~os virom este golpe, nom ousarom i mais estar porque estavam desarmados e tornatom-se aos outros e derom vozes:

– Armas! Armas!

Entom se armarom eles e todolos outros e fizeram soar u~u~ corno por se assu~arem todos os da vila ao paaço.”

(372) “E eles disserom que assi o fariam. Entom foram a u~a ca^mera u estavam as armas dos do castelo. E depois tomarom elmos e escudos, os melhores que acharom e que souberom escolher, tornarom-se ao paaço e acharom que os do castelo começarom ja´ a batalha contra Galaaz e que eram ja´ i mais de C armados.”

(373) “Entom foram buscando de u~a parte e da outra e chegarom a u~a camara que estava apartada e perto de u~a horta. Entom ouvirom u~u~ homem que fazia seu gram doo em guisa que semelhava homem que havia mui gram coita. E Galaaz esteve e disse aos outros:”

(374) “Entom entrarom na camera e acharom o conde jazer em grandes adovas; e jazia mal treito a morte. E sabede que nom soube Galaaz sa fazenda per homem do mundo mas per vontade de Nosso Senhor.”

(375) “Entom se foram ao irmitam e disserom-lhe o mandado do conde e disserom-lhe todo o feito do castelo.”

(376) “Entom se veo com eles pera o conde. E quando o vio Galaaz ficou os giolhos ante ele e disse-lhe:”

(377) “E entom os fez erguer dante si.”

(378) “Heire manha~a~ aveo que o conde que aqui jaz me enviou dizer que viesse a ele e trouxesse o Corpus Domini. E eu o fiz de grado ca o amava muito. E quando entrei aqui fizeram-me tanto escarnho e pesar que se fosse entre paga~os ou antre hereges nom me fariam ende tanto. E eu o sofri mui de grado por honra daquele por cuja desonra mo a mim faziam. E depois que cheguei ao conde e se menfestou e recebeo o Corpus Domini entom lhe disse o que me fizeram. E el me disse:”

(379) “Entom se chegou o irmitam ao conde Arnalt. E el lhe disse:

– Senhor, bem sejades viindo. Eu enviei por vo’s por vos dizer u~a cousa que me esqueceu.

Entom se fizeram os outros afora e o conde lhe disse:”

(380) “E entom lhe caeo a cabeça e jouve tam gram peça que os outros cuidarom que era morto. E a cabo de u~a peça disse:”

(381) “Entom se foram depo’s o cervo e entraram em u~u~ vale e virom i entre uas moutas u~a ermida pequena u morava u~u~ homem boo mui velho, de santa vida e que havia muito que ja’ i fezera serviço a Nosso Senhor.”

(382) “Quando eles esta voz ouvirom caerom em terra estorgidos, ca a voz foi tam grande que lhes semelhou que toda a capela caera e que a voz fora ouvida per todo o mundo. E depois que tornarom em seu acordo virom que o homem boo dissera ja’ missa. Entom foram falar com ele e rogarom-lhe por Deus que lhes dissesse a sinificança do que virom.”

(383) “Entom a pre^s per o freo e disse:”

(384) “Entom se leixarom correr os u~u~s aos outros e aveo assi que os #III derribarom aos outros todos de justa ante que as lanças lhes quebrassem”

(385) “Entom se começou a peleja entre eles. E os do castelo eram ja’ bem #LX ca todavia creciam.”

(386) “E tanto se teverom que a noite chegou escura, que se houverom per força de partir. E sabede que dos do castelo jazim no campo bem C, que mortos que chagados. Entom foi o velho cavaleiro aos #III e disse-lhes:”

(387) “Entom se derom tre’guas u~u~s aos outros e entraram de su~u~ no castelo, e nunca vistes maior lidice que houverom quando os houverom por ho’spedes.”

(388) “Quando no’s esto ouvimos, posemos logo tal costume que toda donzela que per aqui passasse nos desse u~a escudela de sangue de seu braço e posemos guardas aas portas por teerem quantas per aqui passassem por haver delas o sangue ta’ que acha’ssemos i aquela per que nossa senhora ha’-de seer guarida. Entom(240) se partiria o costume. Ora ouvistes como esto foi posto e o que no’s vos demandamos. Ora fazed e i o que vos prouver.”

(390) “Entom disse a donzela a Galaaz e a Boorz e a seu irma~o em sua poridade:”

(391) “E eles lho outorgarom a mui gram pesar e gram força. E, de^s i, entom chamou a donzela os outros cavaleiros e disse-lhes:”

(392) “E eles foram logo por ela. E quando os #III cavaleiros a virom, maravilharom-se muito, ca havia o rosto tam desfeito e era tam cuitada que a donzela disse que muito era gram maravilha como podia viver. E a dona disse aa donzela que lhe desse o que lhe prometera e ela disse que o faria de grado. Entom fez aduzer a escudela de prata. De^s i ferirrom-na no braço destro de u~u~ ferro qual conve’m a aquel mester e o sangue começou a sair e ela se sinou e comendou-se a Nosso Senhor.”

(393) “Entom se partirom. Boorz se foi depo’s o cavaleiro polo livrar daquel que ia apo’s ele.”

(394) “Entom se abraçarom e chorarom muito quando se houverom a partir ca muito se amavam de coração e bem pareceo a sua morte, ca pouco viveo o u~u~ depo’s o outro.”

(395) “Entom se aconselhou com Aldre[t] que poderia i fazer que nom havia no mundo homem que ele tam mortalmente desamasse como rei Artur. E ir-lhe-ia de grado a fazer mal atal sazom se o cuidasse acabar. E Aldret que era cheo de nemiga disse-lhe:”

(396) “Entom começou el-rei a pensar e, depois que pensou gram peça, disse:

– Ai! casa de Camaalot! Como tu eras temida e dultada enquanto os bo~os cavaleiros da Mesa Redonda i eram! E ora parece ca aquestes que me esta guerra movem adur o provariam se soubessem que eles aqui eram.

Entom se ergeo u~u~ cavaleiro de Irlanda que era mui boo cavaleiro d’armas e muito ardido e era irma~o de u~u~ dos da Mesa Redonda que havia nome Dinadas de Garlot e disse a rei Artur:”

(397) “Quando os vassalos de rei Artur virom seu senhor em terra houverom ende tam grande pesar que meterom todo em aventura. Entom viri’ades os boos cavaleiros! Entom viri’ades os atrevidos! Entom viri’ades os leaes! Entom veri’ades como lhe amostravam o verdadeiro amor que lhe haviam, ca ali u jazia em terra tam maltreito que se nom podia erguer se meterom eles per entre os seus imigos ata’ que chegarom per força a ele.”

(398) “Entom mandarom armar sas tendas e seus tendilho~es darredor da cidade e deisserom que ja mais nom se levantariam dende ataa que a houvessem conquistada.”

(399) “Entom catou Galaaz po’s si e, quando vio Artur que nom conhecia e que justa lhe demandava, volveo o cavalo a ele e feri-o tam bravamente que meteo el e o cavalo em terra; e el foi ende mui britado ca a queda foi mui grande.”

(400) “Entom se leixou ir a ele e deu-lhe u~u~ tam grande golpe per cima do elmo que se nom po^de teer em sela e houve d’ir a terra tam estorgido que nom soube se era noite se dia. E Galaaz meteo sa espada em sa bainha e filhou sa lança e começou-se de ir.”

(401) “Palamades filhou entam o cavalo d’Artur o Pequeno e adusse-lho e disse-lhe:”

(402) “Certas, disse ele, eu ouvi dizer que rei Artur era cercado na cidade de Camalot; e cercou-o i rei Mars e os Sanso~es. E eu o amo tanto e tanto o preço que o quero ir ajudar com meu padre. E eu sei bem que este cavaleiro vai i por destruir os Sanso~es e acorrer a rei Artur. E se vo’s aquel dia que ele i chegar estiverdes ante a cidade de Camaalot, nom me terredes entom por mentiroso do que vos disse de sa bondade, ca eu sei bem que ele soo querra’ cometer todolos da hoste. E eu sei que i fara’ as maiores maravilhas e as maiores bondades d’armas que nunca corpo de niu~u~ cavaleiro fez.”

(403) “Entom ferio o cavalo das esporas e baixou a lança. E Guinglaim, que o viu viir, disse-lhe:

– Tornade-vos, cavaleiro; eu vos defendo a ponte.

E Artur o Pequeno lhe respondeo:

– Ainda eu nom vejo por que a leixe.

Entom leixou correr o cavalo a ele e deu-lhe tam gram lançada que derribou el e o cavalo na a’gua. E, sem falha, fora morto ca era [a] a’gua fonda; mas filhou-se a u~u~ ramo e houve depois ajuda de gente.”

(404) “Outro dia se partirom dali os cavaleiros e andarom tanto que chegarom a u~a abadia u jazia Simeu, o padre de Mois, no fogo na claustra da capela u jouvera ja’ naquela coita de^s

tempo de Joseph Abarimatia até entom, assim como a história o há já devisado. Quando os cavaleiros passavam per ante a abadia, saiu u~u~ frade a eles que lhe disse:”

(405) “Entom se foram a[a] abadia e decerom. E Paramades ficou no curral ca nom ousou entrar na igreja porque nom era crista~o.”

(406) “Entom se sinou e entrou na cova e fez sa oração a Nosso Senhor que Deus lhe mostrasse ende a verdade.

Enquanto el fazia sua oração aveo que o fogo morreo e saio ende u~u~ fumo que nom virom rem mentre ele durou. E entom lhe disse u~a voz:

– Ai, Galaaz, sergente de Jesu Cristo, verdadeiro cavaleiro e verdadeiramente homem bo~o~! Beento seja Deus, que te aqui adusse. Ta santidade e ta verdadeira vida me livrou da gram coita u eu vivi mais de tempo que tu poderias cuidar. E per teu rogo hei o corpo e a alma salva que era perto de seer perdida por meu pecado.

– Muito me praz, disse Galaaz, porque e’s salvo pois prouve ao Salvador do mundo. Mas ora me di a verdade de toda ta fazenda e como te aveo que foste metido em tam gram coita e em tram grande marteiro.

E a voz lhe começou entom a contar toda a verdade de Simeu e de Moises, assim como a história há já devisado.”

(407) “Entom se calou a voz e o fumo se partio assi que bem o poderiam veer pela cova. E Galaaz chamou os outros e disse-lhes:

– Vinde e ergamos esta pedra e veremos que há sob ela.

E eles decerom juso e el filhou a pedra e ergueo-a alto e vio de juso u~u~ corpo tam queimado e tam marteirado de fogo que nom há [h]omem que o visse que nom devesse a haver dele doo. E o frade disse a Galaaz:

– Ora podedes veer o corpo de Simeu que tam longamente soffeo tal marteiro.

– Qualquer marteiro, disse Galaaz, que soffesse, muito lhe aveo bem pois que achou mercee de seu erro.

Entom tomou a pedra a seu logar e, depois que cobrio o corpo, saiom-se da cova el e os outros.”

(408) “Entom cavalgarom e foram-se po’s ele e acalçarom-no e andarom de su~u~ até hora de noa e chegarom a u~a fonte que nacia a pee de u~a árvore que há nome sagramor.”

(409) “Eu som u~u~ cavaleiro pecador e mal aventurado e per meu pecado, sem falha, me aveo esta morte. E hei nome Arciel. Som companheiro da Mesa Redonda e aveo-me hoje, por minha maa ventura, que eu e meu irma~o Sanades achamos u~a donzela. E eu a quis haver e el outrossi. E combatemos-nos por em ambos como enmigos e aa cima matei-o eu e talhei-lhe a cabeça e el me fez esta chaga mortal, pero nom cuidei que era chagado a morte quando me del parti. E depois que o matei adusse até aqui a donzela e, depois que vi que era chagado a morte e que nom podia mais ir, deci a esta fonte e disse aa donzela: “Pois eu matei meu irma~o e eu som morto, nom quero que vo’s vivades nem que outros cavaleiros se matem por vo’s”. Entom meti ma~o aa espada e quise-lhe talhar a cabeça, mas ela filhou a fugir o mais que po^de e eu fiquei, que nom pude ir apo’s ela.”

(410) “Aquel dia ficarom ali os #III cavaleiros por soterrarem Arciel. Em outro dia colherom-se a seu caminho e andarom. tanto que chegarom a seis léguas de Camaalot. E eles iam pelo gram caminho da foresta e iam falando de muitas cousas. Entom lhes aveo que acharom u~u~ cavaleiro de rei Mars que ia per meo da fresta e ia em companhia de #III

cavaleiros sanso~es. E eram mui bem armados. Artur o Pequeno esteve, tanto que os viu, e disse aos outros:”

(411) ‘Entom lhes derom vozes que se guardassem. E Artur o Pequeno ferio o cavalo das esporas e aguilhou ante os outros e foi dar ao primeiro tal lançada que o meteo morto.”

(412) “E entom se foi pera rei Mars.”

(413) “Senhor, ide-os ferir, ca no’s nom vos faleceremos atee morte. E el aguilhou entam e leixou-se ir ali u vio a maior pressa dos cavaleiros de rei Mars e ferio o primeiro que meteu el e o cavalo em terra.”

(414) “Rei Mars, eu te queria servir e tu me deste ende mau galardam e eu te farei outro tal. Entom se volveo contra ele e feri-o entre seus homens tam bravamente que o po^s do cavalo em terra; mas outro [m]al nom lhe fez polas armas que eram mui boas fora tanto que foi el-rei estorgido da queda. Quando os cavaleiros de rei Mars virom seu senhor em terra nom houve i tal que nom fosse espantado. E entom aguilharom mais de #X a Paramades e matarom-lhe o cavalo e chagaram-no a el de muitas chagas. E matarom-no entom ca se nom podia defender a pee; mas Galaaz, que o preçava muito e sa cavalaria, leixou-se correr a todos por livrar a ele e meteu ma~o aa espada da estranha cinta e [come]çou a dar tam grandes golpes que derribava e fazia dano per u ia, tam fero que nom havia i tam ardido que se nom espantasse das maravilhas que lhe viam fazer.”

(415) “Assi dizia Artur o Pequeno, tam espantado das maravilhas que vira que nom podia cuidar que dez os melhores cavaleiros do mundo podessem fazer o que el fazia. E Galaaz, que nom quedava nem cansava, tragia tam mal os de Sansonha e os de Cornualha aa espada talhador que eles bem enten[de]rom que ali nom lhe podiam guarecer. E por em se colherom a sas tendas o mais sesudamente que poderom mas seu siso nom lhes houve entom mester ca, pois os homens de rei Artur virom que se iam assi, leixarom-se ir a eles e tendas nem tendilho~es nem al nom nos poderom guarecer. Entom se começou a morte tam grande que foram ali mais de #X mil mortos sem os tolheitos e os chagados que nom podiam haver conto. Ca, sem falha, muito era grande o poboo que sobre a cidade jazia. Em tal guisa foram desbaratados e mortos ricos homens e cavaleiros e gente de Sansonha e de Cornualha. E rei Carados disse aos seus:”

(416) “Entom perguntou quem fora o cavaleiro que aquelas maravilhas fezera.”

(417) “Muito houve rei Artur gram pesar do que rei Mars assi escapou. Da outra parte era mui ledado do gram bem que lhe Deus fezera. E começou entom per Camaalot a festa tam grande e a lidice, como se Jesu Cristo decesse entre eles. E el-rei ar perguntou:”

(418) “Muito foi i rogado Paramades e de muitos que fosse crista~o, mais nom quis, ante se colheu a carreira e disse que, de^s ora, ar queria começar a demanda da Bescha Ladrador e que ja mais nom na leixaria se por morte nom ou per companhia onde se pagasse, ata´ que lhi desse cima. Entom se partiu de seu padre e d[e] Artur o Pequeno por entrar soo em sa demanda, assi como soi´a.”

(419) ‘Entom o levarom a u~a ca^mara u jazia Galaa[z] mui cansado de grande afam que aquel dia houvera. E quando foram dentro ergue^se Galaaz a ele, ca bem conoceu que era cavaleiro, e assentou-o a cabo de si.”

(420) “Esto disse o homem bo~o~ a Galaaz u jazia dormindo: mas nom despertou por em, ante dormiu ate´ a luz. Entom se despertou e comendou-se a Jesu Cristo e assinou-se e ergueo-se e fez sas oraço~es e sas prezes. Dis i fo^-se a Faram por veer se era verdade o que ouvira em sonhos e quise-o despertar; mas esto nom po^de seer, ca era morto ja´ gram peça havia. E disse com gram pesar:

– Ai Deus, camanha traiçom e camanha aleivosia esta foi! Ai, rei Mars, quantas maas obras ha´s começadas!

Entom foi a sas armas e armou-se soo o melhor que po^de. De^s i abriu as portas e viu que era ja´ gram dia. E tornou a Faram e achou-o amarelo e negro e tam inchado que era maravilha. E disse:

– Ai, Deus, como ha´ feito gram mal quem tal morte vos fez morrer!

Entom foi aa ca^mara de rei Mars e achou que se levara ja´ el e seus cavaleiros e que se queriam armar. E Galaaz, que nom conhecia rei Mars, disse-lhes:”

(421) “Entom feriu ende u~u~ da espada travessa de tam gram ferida que o fez caer em terra atam estrogido que bem cuidou a seer morto. E Galaaz lhis ar disse outra vez:”

(422) “Entom ergueo a espada e fez sembrante que lhe quer[i]a talhar a cabeça. E rei Mars, que verdadeiramente coidou seer morto, ficou os geolhos ante el e juntou as ma~os contra el e disse-lhe:”

(423) “Entom enviou Galaaz polos frades; e pois que foram i todos ajuntados, disse-lhis:”

(424) “Entom disse Galaaz:”

(425) “Entom lhe deu seu elmo e seu escudo e sa lança e foram falando de muitas cousas. E Galaaz lhi preguntou unde era.

– Senhor, disse el, eu som de Gauna e fui filho de Froilha, u~u~ pri´ncipe de Lamanha que ti-ia Gaula da parte dos Roma~os e matou rei Artur ante a cidade de Paris, quando o i cercou. Entom(293) naci eu e foi em aquela terra ata´ ora(361); e em outro dia por P[a]sca houve sabor de vi~ir acá´ porque esta terra e´ mais nomeada de cavalaria ca outra, e pensei que serviria aqui algu~u~ homem bo~o~ que me fizesse cavaleiro. E pero tam alta ordem como cavalaria nom na queria filhar se nam per ma~o de homem bo~o~.

E Galaaz se calou entom.

Aquele dia cavalgarom ambos ata´ hora de ve´speras. Entom chagarom ambos a u~u~ castelo que estava em u~u~ cha~o mui fremoso e mui rico.”

(426) “Entom deitou em terra o escudo e a lança que ti~ia e disse com gram sanha:

– Dom cavaleiro, ora vos servide como poderdes ca, si Deus me ajude, ja´ mais tam mau cavaleiro nom servirei.

– Entom aguisou e parti-se dali dele e deu vozes a [A]gravaim:

– Senhor cavaleiro, tornade-vos e nom dedes rem por cometer este mau cavaleiro, ca se conheceo ca vos nom ousaria atender a justa.

E Agravaim esteve e disse:

– Pois que el leixa a justar por covardice eu nom no cometerei em nem u~a guisa.

Entom se tornou e disse a seus irma~os o que lhi aveera; e eles se rerom antre si e disserom:

– Atendamo-lo e saberemos quem e´.

Entom estiverom e atenderom ata´ que chegou Galaaz a eles. E salvou-os e eles ele, e perguntarom-no u queria albergar.”

(427) “Entom chegaram aa antrada do castelo e, u quiserom entrar, virom de dentro sair #III cavaleiros armados que lhis disserom:”

(428) “Quero, disse Galaaz, ca eu cuido que desta justa nom verra´ bem a mim nem a vo´s. E o cavaleiro leixou a lança e começou a soreir, ca bem cuidou que leixava a justa por covardece. E entom começaram a escarnecer e a rei[r]-se dele os #III irma~os e disserom que, sem falha, aquele era o mais covardo e o peor cavaleiro que nunca veer cuidavam. E entom entraram no castelo e a[a] entrada forom perguntados por seus nomes.”

(429) “Entom preguntaram eles a Galaaz:

- Senhor cavaleiro, a qual parte queredes ir?
- Nom sei, disse Galaaz, fora que eu queria ir ao reino de Terra Fora~ia.
- E no´s outross[i], disserom eles, ca bem sabemos que em essa terra e´ o Rei Tolheito.
- Ora vamos de u~u~, disserom eles, ata´ que aventura nos parta.
- Vamos, disse Galaaz.

Entom se meterom a[a] carreira todos #III e foram-se ao gram caminho e andarom tanto que chegarom a u~a pequena foresta; e nom andarom muito per ela que o cami~o per que iam eles partiu em #III carreiros.”

(430) “Enesto falando, cavalgarom os #III irma~os ata´ hora de terça. E entom lhis aveo que toparom com Galvam e com Kea, o Moordomo, e com Brandeliz. Aqueles #III cavaleiros se iam quanto podiam pera Camaalot, ca ouvirom dizer que rei Artur era cercado;”

(431) “Entom se tornarom todos #VI compan[h]eiros. E Guerrees perguntou a Galvam:

- Senhor, sabedes novas de Gaeriet?
- Nom, disse el; bem ha´ meo ano que o nom vi. Mas oi´ dele muitas vezes dezer novas.

E Keia disse entom:

- Nom ha´ #II meses que o eu vi sa~o e alegre ante a Torre das Donzelas e perguntou-me por novas de Galaaz e eu nom lhi soube en rem dizer ca poucas vezes o vi enesta demanda.”

(432) “E entom lhis começou a contar quanto virom de Galaaz, o mau. E jurava ca nunca tam mau cavaleiro trouxera armas.”

(433) “Aquel dia cavalgarom todos #VI ata´ hora de noa. E veo-lhis entom que viram ante si ir Galaaz. E quando os primeiros #III o virom, disserom aos outros #III:”

(434) “Entom se leixou Mordre[t] ir a Galaaz e Galaaz o po^s em terra per cima do alca´far do cavalo. Depois derribou Guerrees e, de^s i, Agravaim.

Quando Galvam viu esto houve em tam gram pavor que nom soube que fizesse fora que disse:

- Santa Maria, que e´ esto que vejo?

Entom ar disse:

- Mais quero seer dirribado ou morto ca nom fazer meu poder em vingar meus companheiros. Galaaz se ia ja´, ca nom havia sabor de justar, e Galvam lhi deu vozes:

- Tornade, cavaleiro, ca a justar vos convé´m.

Quando Galaaz ouíu que havia de justar, querendo ou nom, tornou e disse:

- Santa Maria! Que cuidam estes cavaleiros a fazer, que me nom leixam ir per meu caminho em paz? Eu nunca lhis arrei e cometem-me donado.

Entom volveu a Galvam e fez-lhi outrossi como fezera aos outros e ainda peor, ca lhi fez na coixa seestra u~a gram chaga e dirribou[-o] tam bravamente que el cuidou em pera sempre seer tolheito.”

(435) “Entom cavalgarom todos #VI assi como poderom e foram-se a grande ir depo’s Galaaz assi que o acalçaram. E pidirom-lhi mercee de que o cometerom sem raçom. Mas bem sabede que se teverom por mal presos os #III irma~os de quanto dele disserom.”

(436) “Quando Galvam esto ouviu, nom soube que responder, ca bem soube que Estor dizia a verdade, e foi muito espantado ca viu que Estor era bo~o~ cavaleiro e viu Galaaz e Meraugis, que eram da sa parte, e viu-se mal chagado e viu Estor sa~o. Todas estas cousas o faziam espantar e nom era maravilha. E Meraugis lhi dis se entom.”

(437) “Entom se tomou a Galaaz e disse-lhi:

– Senhor, leixade a companha deste desleal cavaleiro, ca nulho homem nom poderia cab’el estar que nom empeiorasse.

– Dom Estor, disse Galaaz, nom digades esto. Se dom Galvam errou contra algu~u~ de seus companheiros per mal talam. ou per desconocença, guardar-se-a’ outra vez melhor. Certas, nunca eu oi’ tanto mal dele dizer como vo’s dizedes. E por em nom sei que i possa creer.

E entom disse Meraugis:”

(438) “Entom se partirom dali Galaaz e Estor e Meraugis; e os outros se ar foram da outra parte.

– Dom Estor, disse Galaaz, a qual lugar queredes ir?

– Senhor, disse el, imos a Camalot, ca nos disserom que era i rei Artur cercado.

– Tornade-vos, disse Galaaz, ca desto vos direi eu boas novas.

Entom lhis contou quanto em vira. E quando eles ouirom que rei Mars e os de Sans[onh]a eram desbaratados, tenderom sas ma~os contra o ce’u e agradecerom-no muito a Nosso Senhor. Entom preguntaron a Galaaz:”

(439) “Entom se foram polo gram caminho e andarom #VIII dias que nom acharom aventuras. E sabede que em naqueles #VIII dias se alongarom muito de Camaalot ca dormiam pouco e filhavam grandes jornadas e cambiavam a miu’de de bestas. Aos #V dias lhis aveo que chegarom a u~u~ castelo que havia nome Castel Felom.”

(440) “Entom se partirom dela e foram-se a[a] entrada da porta.”

(441) “Entom fez fazer no cha~o, ao pee deste castelo sobre u~u~ padrom de ma’rmor mui ricamente obrado, letras talhadas que diziam:”

(442) “Quando os #III cavaleiros, que nom virom o padrom, que nom foram per aquela carreira u ele estava, subirom aa montanha e chegarom aa porta nom acharom quem lhis vedasse a entrada; mas tanto que entrarom leixou-se caer u~a porta colgadiça de ferro. E deu tam gram so~o~ como se todo o castelo caesse. E eles catarom entom po’s si e disserom:

– Maa gente mora em este castelo. Ja’cuidam que nos teem presos.

– Nom vos espan[t]edes, disse Galaaz, ca Nosso Senhor nos pora’em fora a nossa honra.

Entom se foram pola gram rua do castelo diretamente ao alca’çar; e enquanto passavam de rua em rua ouvirom falar a todos a linguagem paga~a~.”

(443) “Pois aquela tempestade e aquel mal tempo durou, de^s hora de prima ata´ hora de terça, aveo entom u~a tam gram maravilha que bem deve seer metuda em conto.”

(444) “E entom lhi deu sa espada e disse-lhi:”

(445) “Entom foram ala´ e acharom i em u~u~ paaço bem #CCC donzelas que jaziam i esmoricidas com pavor do forte tempo que fezera. E acordaram-nas todas e disseram-lhis que nom houvessem pavor ca o mau tempo era partido e elas eram livres. E de^s i disserom-lhis eles quem eram e porque veeram ali. E de^s i foram-se ao outro paaço e acharom i bem #CC donzelas, delas vivas e delas esmoricidas e delas mortas e acordaram as u~as e ar confortaram-nas como as outras.”

(446) “Entom enviou el-rei as donzelas cada u~a pera sa terra tam bem guisadas como cada u~a disse. As outras, sem falha, quiseram ficar com a rai~a, foram muito servidas e muito honradas por amor de Galaaz e casadas quando lhis prougue. El-rei partiu-se entom de Camaalot com gram gente e foi-se a Castel Felom.”

(447) “Entom po^s a cartaa u a achara e foi-se ao bordo da barca e ficou os geolhos e fez sa oraçom a Nosso Senhor que ante que a Demanda se acabasse lhi amostrasse seu filho Galaaz e que o conhecesse e que falasse com ele e que houvesse algu~u~ prazer com ele. E ele fazendo esta oraçom catou e viu que a nave aportou cabo de u~a pena e ao pee da pena havia u~a capela pequena. Aa entrada da capela siia u~u~ homem velho todo ca~o e tremendo com vilhice. E quando Lancelot chegou a el salvou-o.”

(448) “E ele lhe contou entom totalas aventuras per que passara de^s que se menfestara do pecado da rai~a Genevra.”

(449) “Entom filharom eles Tristam e levarom-no a u~u~ leito e espiram-no e acharom-lhi as chagas todas renovadas. E pesou-lhis em muito e estancarom-lhi o sangue mais toste que poderom.”

(450) “Ai, astroso, morto som! Todo hei perdido pois perdi mia senhor. Ai, Ventura, maldita cousa e desleal, como me foste avessa a esta saçom! Tu mi mataste e confundisti! Destas novas que Tristam ouiu entom o pre^s u~a tam grande enfermidade que jouve ende enfermo u~u~ meo ano e mais, assi que nom po^de cavalgar nem sair dali.”

(451) “Entom tenderom os braços e abraçaram-se e fezerom a maior ledice que nunca homem viu. E Galaaz tolheu seu elmo e seu escudo e pose-o na barca e foi tam ledado de que os juntara Deus de su~u~ que nom poderia mais seer. E chorarom ambos com ledice. E esto era ja´ tam preto do dia que o padre conoceu o filho e o filho o padre.”

(452) “Gram tempo foram Lançalot e Galaaz de su~u~ na barca, cada u~u~ fazendo serviço a Nosso Senhor de coraçom. Muitas vezes aportarom em insoas estranha u nom havia se nam veados e u acharom muitas aventuras a que derom cima, que per sa bondade de cavalaria, que per graça de Santo Espi´rito que os ajudava em todos logares, E daquelas aventuras que entom acharom nom conta a esto´ria do Santo Graal rem”

(453) “Entom começaram ambos a chorar mui de coraçom. E pois Galaaz s[a]iu da barca e que presara ja´ sas armas e que cavalgara ja´, disse u~a voz:”

(454) “Entom se foram contra o escudo e acharom Galaaz que se queria ja´ colher ao cavalo polos ir ferir, ca bem cuidava que eram dos do castelo, ca os nom conocia polas armas que haviam cambadas. Tanto que chegarom a ele salvarom-no e ele os preguntou entom quem eram e eles se nomearom e decerom logo. E Galaaz tolheu seu elmo e eles os seus e receberam-se o melhor do mundo.”

(455) “Entom o fez erguer e disse-lhi:”

(456) “Entom se leixou correr Boorz aos #III cavaleiros e disse-lhis:”

(457) “Entom se partiu dos cavaleiros e tornou-se aos outros seus. E eles sairom a recebe^lo e disserom:”

(458) “Assi disse o conde, mas al pensava, ca dizia ca el havia pavor que rei Artur enviase Boorz e os outros #II cavaleiros por começo de guerra. E chamou entom em puridade u~u~ donzel que era seu parentemuito bo~o~ e mui vivo, e disse-lhi:”

(459) “E entom xe-lhis espediu.

– E u ira´s albergar? disserom eles, pois e´ tam tarde!

– Nem mim chal, disse el, du quer que vaa, tanto que aprendesse novas do que demand.

Entom se partiu deles e tornou-se ao castelo e ficarom os cavaleiros que de tal cousa nom se catarom.”

(460) “Entom se foi deitar em u~a ca^mara soo, ca nom quis que lhi nem u~u~ tivesse companhia. E começou a pensar mui feramente, como aquele que nom sabia que fizesse em tal feito, ca ele ouira dizer tam grandes maravilhas de Galaaz que sabia verdadeiramente que nom havia nem u~a gente no mundo per que podesse seer desbaratado que per bondade de sa cavalaria que polos Il bo~o~s cavaleiros que eram com ele.”

(461) “Entom se partiu u~u~ do outro mui bem armados a sa vontade. Galaaz se foi buscando as aventuras do reino de Logres, ca assi havia a fazer. Ao terceiro dia lhi aveo que achou em u~u~ vale Samaliel chagado mui mal de muitas chagas e seu cavalo tam cansado que a poucas caia.”

(462) “Entom se partirom u~u~ d’outro.”

(463) “E el nom respondeu a rem que ela disse. Ao sera~o lhi aveo que chegou a u~a casa u Keia o Mordomo albergava. E quando K[e]ia lhi viu duas espadas maravilhou-se, ca nom era de costume entom de nem u~u~ cavaleiro trager #II espadas em no reino de Logres se nom fosse por promete^lo ou por jura^lo. E se algu~u~ fosse tam ousado que trouxesse#II espadas de costume nom poderia rechar #II cavaleiros que a batalha o chamassem.”

(464) “E el respondeo entom:

– Senhor, eu som u~u~ cavaleiro estrainho que tam pouco vivi no reino de Logres que ainda nom som de nem u~a nomeada nem nem u~u~ nom me deve em culpar, ca muito ha´ pouco que foi cavaleiro.

– Pois como, disse Keia, sodes tam ousado de trager #II espadas? Nom sabedes o costume das #II espadas trager?

– Nom, disse el, mais devisadi-mi-o, si Deus vos ajude.

E Keia lho divisou entom, assi como o conto ha´ ja´divisado.”

(465) “Entom perguntou a Keia:”

(466) “Entom deu vozes Giflet a Samaliel:

– Senhor cavaleiro, a justar vos conve´m. Guardade-vos de mim.

E quando Samaliel viu que se nom podia partir per al, leixou-se ir quanto o cavalo o po^de levar e feriu-o atam vivamente que o escudo ne[m] loriga nom lhi prestou que lhi nom fizesse u~a gram chaga, mas pero nom mortal; e meteu-o em terra e, ao tirar da lana, deu Giflet u~a voz muito doorida ca muito se sentiu mal treito.

Quando Gaeriet viu esto, disse com pesar:

– Giflet, em f[ol] preito vos m[e]t[e]stes; eu cuido que nom saiamos ende a honra, mas como quer que me ende avenha, provarei se vos poderei vingar.

Entom se leixou ir a Samaliel e disse-lhi:”

(467) “E entom começou a pensa[r] se o mataria ou se o leixaria. E disse em seu coraçom:

– El me matou o padre e, se eu sa morte nom vingo, poi-lo hei guisado, todo o mundo me em te~eria por mau; e d’outra parte, se eu rei Artur matar que e´ o melhor rei do mundo e que sempre melhor e mais honradamente manteve cavalaria ca outro rei, esto seera´ a maior mala ventura e o maior pecado que nunca aveo em terra.

Assi pensava Samaliel em estas cousas u ti~ia a espada nua ena ma~o e queria vingar morte de seu padre. Mas nom po^de ca esto o partiu em que sabia que tam grande dano nom poderia vi~ir ao mundo por morte de u~u~ homem. Entom chamou o escudeiro e disse-lhi:”

(468) “Entom filhou a espada que el-rei tragia e leixou a sua e, de^s i, subiu em seu cavalo e foi sa via.”

(469) “Entom lhi contou todo quanto vira e ouira a Samaliel.”

(470) “vaso que ali esta´ coberto, por que tantas grandes maravilhas aveerom no reino de Logres!

Entom catou de todas partes se poderia veer algue´m que o destrovasse d’entrar ala´, ca ele queria ir ate´ a santa mesa e descobri[r] o Santo Vasso por veer que i havia.

Entom ouviu u~a voz que lhi disse:”

(471) “Entom o fez levar a u~a ca^mara e espi-lo. E sabe^ que eles, quando lhi acharom a estamen[h]a vistida, que se maravilharom muito porque sabiam a mui viçosa vida de Lançalot e nom podiam cuidar que trouxesse tam a´spera vistidura. E, depois que o espiram, deitarom-no em u~a ca^mara, longe de gente, e feze-o el-rei guardar mui bem. E el i ficou porque esmou que logo morresse.”

(472) “Entom lhi lembrou da ca^mara u fora e u vira o Santo Graal e do que lhi dissera a voz. E el-rei lhi disse:

– Como vos sentides?

– Eu me sentiria bem e bem me averia se sempre morasse no prazer que vi. Mas pesa-mi que me tolherom em.

– E cuidades guarecer? disse el-rei.

– Guarido som, disse el, ca nom sento nem u~u~ mal.

Entom se fez vistir, mas pesou-lhi muito da estamen[h]a que lhi filharom e, com vergonça nom na ousou pidir.”

(473) “Entom chamou u~u~ dos seus cavaleiros e disse-lhi:”

(474) “Entom tornou chorando muito e foi-se pelas ruas do castelo com tam gram pesar que bem quisera seer morto. E o cavaleiro se tornou a rei Peles e disse-lhi que o cavaleiro se ia. E pois disse-lhi que era Estor de Mares.”

(475) “Entom cavalgarom os mais e acalçarom Estor fora do castelo e disserom-lhi o que el-rei enviava dizer. E ele disse que nom tornaria em nem u~a guisa.”

(476) “Entom se partiu deles e foi-se quanto o cavalo o po^de levar, e mal dizendo a hora em que fora nado e em que for a cavaleiro e em que troux[e]ra armas. Ca sua linhagem, em que havia os melhores cavaleiros do mundo, ja mais nom haverá m honra per ele, mais desonra e viltança.”

(477) “Entom se partirom. Estor se foi pera u lhi ensinou Gaeriet e Gaeriet se foi depo’s seu irma~o. E, pois lo acalçou, cometerom d’andar contra Corberic. E nom andarom muito que virom o castelo.”

(478) “Entom entrarom no castelo e foram-se ao alcaçar. E quando chegarom ao Paaço Aventuroso, nom poderom entrar, ca acharom as portas e totalas freestas çarradas. Quando Gaeriet viu esto logo soube polo que lhi dissera Estor que nom poderia entrar e houve tam gram pesar que bem quisera seer morto.”

(479) “Entom disse Galvam a Gaeriet:

– Irma~o, tornemos-nos, ca nom estaria eu aqui mais, pois dentro nom posso entrar. E assi ar disse Gaeriet. Entom se tornarom. E a donzela perguntou a Gaeriet como havia nome. E el disse:

– Eu bem sei que me preguntades por meu escarnho, pero direi vo-lo. Eu hei nome Gaeriet. Entom se foi despo’s seu irma~o. E u iam pela rua, achavam muitos e muitas que se riam e faziam escarn[h]o deles porque se tornavam tam toste do Paaço Aventuroso. E pois Galvam sai’u do castelo, começou a mal dizer o castelo e quantos dentro moravam e disse que o ferisse tal corisco que o derribasse em fundo dos avissos.”

(480) “Entom se foi Galvam a sa parte e Gaeriet entrou no castelo e foi-se pera u Estor o atendia. E quando o Estor viu, recebeu[-o] muito bem e perguntou-lhi como lhi fora em Corberic. E ele lho contou todo.”

(481) “Em no outro dia mui manha~a~ partirom-se e Gaeriet quisera falar de paz entre Estor e Galvam mas nom ousou entom. Aquele dia, a hora de meio dia, lhis aveo que chegarom a u~a foresta e virom sair d’u~u~ vale a Bescha Ladrador. E vi~iam depo’s ela bem #LX ca~es, que sabujos, que ala~os, que muito bo~o~s galgos; e vi~iam tam feramente ladrando po’s ela que todo o vale em retinia.”

(482) “Entom se leixarom a si ir quanto os cavalos os poderom levar e ferirrom-se tam bravamente que nom houve i tal que nom fosse mui mal chagado. Mas daquel golpe caeu Estor e o cavalo sobre el, e Gaeriet se leixou ir a Palamades e ar fez-lhi outrossi como a Estor ou ainda peor. E quando Lançalot viu estes #II colbes, disse em seu coração:”

(483) “Entom deu vozes ao cavaleiro:”

(484) ‘Entom se leixou correr u~u~ ao outro e feriram-se tam bravamente que escudo nem loriga nom lhis prestou que nom sentissem os ferros nos corpos e, se as lanças nom quebrassem, poderiam ambos seer mortos. E poserom-se ambos os cavalos sobre os corpos; mas ambos eram de gram bondade e de gram coração e ergueram-se mui vivamente.’

(485) ‘Entom se leixarom. correr a si e feriram-se de toda sa força. E Galvam, que nom era da bondade de Palamades, voou em terra mui mal chagado e Palamades passou per ele que sol nom catou mais. E, pero era chagado, foi-se depo’s sa bescha assi como se fosse sa~o.’

(486) ‘Entom o preguntou per u se ia o cavaleiro e Galvam lhi mostrou per u se fo^ra. E Galaaz disse:

– Ele me fez perder u~u~ cavaleiro que amava muito e eu cuido que se achara’ ende mal.

Entom se foi quanto po^de e achou Palamades ante u~a fonte u decera por liar sas chagas. E quando viu que se vi~ia Galaaz tam toste, logo esmou que nom vi~ia por seu bem;”.

(487) “Palamades bem no ouvia mas nom lhi respondeu a rem, ante se ia per sa carreira. Entom foi Galvam mui san[h]udo, ca lhi semelhou que o fazia por algum mal, e [saiu-]lhi diante e pressou[-o] ao freo e disse-lhi:”

(488) “Entom foram ambos muito san[h]udos e com gram pesar leixaram-se correr a si e Palamades feriu Galvam em guisa que meteu el e o cavalo em terra; e foi a ele e filhou-lhi a lança pola sua que lhi quebrara em el, ca sem lança nom queria ir u ia. De^s i fo^se, que nom [o] catou chus. E Galvam ergue^se e sobiu em seu cavalo e fo^se po’s ele e disse que ante queria seer morto ca lhi nom fazer algu~u~ escarnho. E quando chegou a ele disse-lhi:”

(489) “Palamades nom respondeu a rem que lhi Galvam dissesse. E entom se partirom e Galvam [nom] andou muito que achou Gaeriet, seu irma~o, e a lidiça foi mui grande entre eles e Galvam contou a Gaeriet quanto lhi ave~era com Palamades.”

(490) “Si falarom os #II irma~os. E Palamades, quando se partiu de Galvam, andou tanto que chegou ante hora de terça aa fonte u a batalha fora posta, mas nom achou i ningu~u~ e deceu e tolheu seu escudo e sa lança e seu elmo por folgar ao vento. E, pois folgou u~a peça e ar laçou seu elmo, catou contra o gram caminho e viu vi~ir Galaaz. Quando Palamades o viu nom foi mui seguro ca sabia que era o melhor cavaleiro do mundo. Entom sobiu em seu cavalo e atendeu ata’ que chegou Galaaz, que lhi disse:”

(491) ‘Entom se leixou u~u~ correr ao outro e feriram-se de toda sa força. Mas Palamades voou em terra mui mal chagado e, tanto que o Galaaz viu em terra, deceu e levou seu cavalo a u~a a’rvor e meteu ma~o a espada e fo^se a gram ir contra Palamades que se erguera ja’ e tirara sa espada.’

(492) “Quando Galaaz viu e conoceu que ja’ nom havia poder de xe lhi defender, houve dele piedade pola bo~a cavalaria que em ele sabia e pola mui gram bondade d’armas. Entom pensou que, se o podesse fazer crista~o, gram ledice lhi seria e gram bo~a ventura. Entom foi a ele e filhou[-o] polo elmo e tirou[-o] tam de rijo que lho levou da cabeça e deu-lhi tal caeda que foi todo estorgido. E Galaaz se po^s sobr’ele e disse-lhi:”

(493) ‘Entom disse:

– Palamades, vo’s veedes que sodes morto, se eu quero.”

(494) “Assi se partiu o desamor d’antre ambos e ambos outorgarom de teerem o que prometeram. E Galaaz se ergueu entom e perguntou a Palamades se poderia cavalgar.”

(495) “– Vo’s nom podeades dereitamente seer companheiro da demanda do Santo Graal se ante nom fordes companheiro da Ta’vola Redonda. E por em vos louvaria eu que vo’s fo^ssedes a Camaalot e veeri’ades que preço manteem em esta demanda dos cavaleiros da Ta’vola Rendonda onde as seedas som vazias. E bem cuido que, se vo’s i fo^ssedes, Nosso Senhor vos faria tam grande horra que haveri’ades u~a das seedas. Entom poderi’ades entrar seguramente na demanda.

– Pois louvades-me vo’s que eu assi faza? disse Palamades.

– Si, disse Galaaz.

– E eu faze^lo quero, disse Palamades.

Entom s’abraçarom e partirom-se.”

(496) “Que direi? Palamades chegou a Camaalot e sabiam ja’ que era crista~o e a maravilha que lhi avera; e, tanto que i chegou, assaz achou quem lhi fizesse honra e amor ca muito prezavam todos e todas sa cavalaria e sa cortisia. Entom lh’er aveo outra maravilha ca, u siia aa mesa antre os cavaleiros que nom eram da Ta’vora Redonda, veo u~u~ cavaleiro a e~ei que lhi disse:”

(497) “Eu vo-lo direi, disse Galaaz. Se vos com ele combaterdes eu vos sei por tal cavaleiro que sei que o vencerees. E se se partir de vo’s tam mal treito e tam mal chagado que vo’s nom poderedes creer em nem u~a guisa que da[qui] a mui gram sazom podesse filhar armas, entom o veeredes tornar a vo’s mais sa~o e mais folgado ca o achastes no começo; em tal guisa cobra el sa força per muitas vezes que aa cima vencer-[v]os-a’.”

(498) “Entom volveu a cabeça do cavalo a ele. Quando o cavaleiro viu esto, disse:

– Leixade, cavaleiro, ca nom justaremos aqui; mas vaamos aqui a u~u~ logar que e’ mais guisado pera justa de cavaleiros ca este.

Entom se foram pera u~u~ prado pequeno que era em cabo d’u~a foresta muito espessa.”

(499) “Entom deceu e liou seu cavalo a u~a a’rvor e meteu ma~o aa espada e fo^lhi dar u~u~colpe per cima do elmo, o maior que po^de, e dis i outro. Mas o cavaleiro era de tam gram força que se defendia bem a maravilha. Mas, ante que falecesse o primeiro começo da batalha, foi mal treito que das chagas que do sangui adur podia ja’ estar.”

(500) “Entom lhi tolheu o elmo da cabeça e deitou-lho alonge e fez sembrante de lhi talhar a cabeça. E o cavaleiro, com pavor de morte, pidiu-lhi mercee que o nom matasse e que se lhi outorgaria por vençudo.”

(501) “Entom se ergueu Atamas e filhou Palamades pola ma~o e levou-o a[a] fonte que nacia ao pee d’u~a a’rvor que havia nome saquimor e o cavaleiro bebeu daquela a’gua e Palamades outrossi e foram ambos sa~os e tam folgados como dante. Entom viu Palamades que lhi dizia Atamas verdade.”

(502) “Entom perguntou Atamas:”

(503) “E ele se calou ca nom quiria que Atamas o conocesse.

Entom disse Palamades a Atamas:”

(504) “Entom se foram aa torre e assaz acharom quem lhis fazer honra e amor, ca assi o havia mandado Atamas.

– Ora, disserom eles, se ha´ i algu~u~s presos, fazede-os vi~ir.

– Aqui ha´, disse el, #VIII da Ta´vora Redonda que eu quisera matar em prisom. E tam maa prisom lhis dei por erro que me fezerom que bem cuidio que nunca possam cobrar sa for¸a.

– Se i ha´, disse Palamades, fazede-os vi~ir e no´s poeremos conselho enesso.

Entom enviou Atamas por eles e adusseram-nos tam mal treitos que adur os podiam conocer. E sabede que haviam mui gram nomeada: u~u~ era Galvam e outro era Gaeriet outro era Bliobleris e outro Sagramor.”

(505) “Tanto m[o]rarom Galaaz e Palamades na torre ata´ que os #VIII cavaleiros poderom guarecer e entom se partirom todos #VI da torre mui bem aguisados, e Atamas lhis deu quanto houverom mester. E andarom dous dias de su~u~ e partirom-se todos a sa parte e cada u~u~ filhou sa carreira.”

(506) “E ele lhi disse que lhi prazia. Entom decerom ambos os cavaleiros por folgarem e tolherom ja´ quanto sas armas por s’alivarem delas. Entom disse a donzela ao escudeiro:”

(507) “Entom se assinou e encomendou-se a Nosso Senhor e disse:”

(508) “Entom se foi depo´s ela, mas nom andou muito que viu vi~ir dous cavaleiros: u~u~ era Palamades e o outro Persival.”

(509) “Entom se prometerom que nunca se partissem daquela demanda mentre a podessem manteer.”

(510) “Pois partirom-se do escudeiro, foram-se per u lhis el ensinou. E nom andarom muito que entrarom a u~u~ vale mui fundo e e[m] meo daquel vale havia u~u~ lago pequeno e mui fundo. Em aquele lago estava a besta que chegara entom mui lassa e mui cansada e entrara na a´gua por beber, ca havia gram sede. Ena riba estavam os galgos e cercarom o lago de totalas partes e ladravam de guisa que os cavaleiros que andavam depo´-la besta ouvirom os ladridos.”

(511) “Entom se foram quanto poderom. E, quando chegarom ao lago, virom a besta dentro, mas nom estava tam longe da riba que a nom podessem firir a seu prazer da lan¸a, lan¸ando-lha.”

(512) “E Galaaz respondeu entom:

– Nosso Senhor nom cate aos nossos pecados, mas aas nossas vontades.

Entom cavalgarom ata´ que entrarom no castelo; e, u iam polas ruas, diziam os da vila:”

(513) “Entom se come¸arom a preguntar u~u~s aos outros por novas da demanda. E eles si disserom o que em sabiam e quem entom i fosse bem podiria ouvir contar muitas novas e muitas fremosas maravilhas e muitas fremosas aventuras. Os cavaleiros falando esto, veo a eles u~u~ homem velho que lhis disse:”

(514) “Mas quando o el tomou, o bacio, viu que a lan¸a se foi contra o ce´u e assi se sumiu que el nem outrem nunca a pois viu na Gram Bretanha. E pois o filhou, nom viu dentro rem pero bem cuidava que havia i muito sangui como vira as gotas muito ameu´de caer. E disse

entom:"

(515) “Quando Galaaz ouviu o que el-rei dizia, logo soube que aquel era rei Peleam de cujo mal todo o mundo havia doo. Entom se foi dereitament’a el, seu bacio nas ma~os, e el-rei juntou as ma~os contra o bacio e descobriu sa[s] coixas e disse:”

(516) “E outrossi dissí cada u~u~. Entom er ficaram os geolhos ante a ta’voa e estiverom em prezes e em oraço~es ata’ mea noite tam ledos que de sa ledice nom vos poderia homem mortal dizer. A[a] hora da mea noite, pois os cavaleiros rogarom a Nosso Senhor que os guiasse a sau’de das sas almas, disse-lhis u~a voz:”

(517) “Entom se saírom da ca^mara e foram-se ao Paaço Aventuroso e abraçaram-se e espidirom-se chorando porque nom sabiam quando se viria[m]. E disserom a Galaaz:”

(518) “E eles disserom que assi o friam. E entom se armarom e aveo assi que achou cada u~u~ seu cavalo no curral. E pois Galaaz cavalgou e que tiinha sa lança e seu escudo, foi Palamades a ele, que havia gram pesar daquele partimento, e abraçou-lhi a perna armada e começou-lhi a beijar o pee e a chorar mui fortemente e disse-lhi:”

(519) “Vo’s me nom esqueceredes nem eu nom vos esqueça. Entom se partirom todos e saírom-se de Corberic e nom acharom homem que rem lhis dissesse. Galaaz se foi per u~a carreira e Boorz per outra e Palamades e Persival per outra. E nom andarom muito que ventura os ar assu~ou.”

(520) “Entom se foi Estor a Palamades e disse-lhi:

– Senhor cavaleiro, veedes aqui u~u~ cavaleiro estranho que vos demanda aa batalha das espadas. Guardade-vos del e creede-me.

– E quem e’? disse Palamades.

– Esto nom podedes vo’s ora saber, disse Estor.

– E como me chama aa batalha, disse Palamades, ca nunca lhi [e]rrei?

– Semelha-me que assi e’, disse Estor.

Entom se colheu a seu cavalo Pa[la]mades e filhou sas armas.”

(521) “E Palamades lhi perdoou. Entom decerom ambos e Estor outrossi a que prougue quando a batalha foi partida. E, pois s’assentaron por falar das sas aventuras, Lançalot perguntou a Palamades:

– Como vos sentides da batalha?

– Desta batalha mui mal, disse el, pero guarecerei. Mas pero bem vos digo que me errastes mui mal, que som vosso irma~o da Ta’vola Redonda, por que nom deve^r[a]des em mim ma~o meter em nem u~a guisa.

Entom lhi contou como houvera a seeda da Ta’vola Redonda.

– Bem vejo, disse Lançalot, que vos errei, mas rogo-vos que me perdoedes.

E ele lhe perdoou mui de grado.”

(522) “Entom lhi começou a contar como forom os #XII companheiros em casa de rei Pescador e a fremosa aventura que lhis aveo i, de como se pois partirom.”

(523) “Entom de^ voz a Palamades:

– Guardade-vos de mim, ca vos desfio.

E outrossi ar disse Galvam.

Quando ele viu vi-ir ambolos irma~os, conoce^~os e nom soube que fizesse ca bem sabia que eram da Ta'vola Redonda e, se eneles metesse ma~o, seeria perjurado e desleal.

Entom(434) disse [a] Agravaim:”

(524) “Entom meteu ma~o a sa e[s]pada e disse:”

(525) “Enton lh’ergueu a abaa da loriga e meteu a espada per ele. E Palamades, que se sentiu chagado, deu u~a voz mui doorida e disse:

– Ai, Senhor Padre Jesu Cristo! Have-mi mercee a alma.

Entom se estendeu com mui gram coita de morte que em si sentiu. E quando esto viu Galvam, subiu em seu cavalo e disse a Agravaim:”

(526) “Entom se foram e leixarom Palamades como vos eu digo e Galvam foi em mui ledó. Mas Agravaim, porque [o] ti~ia por bo~o~, pesou-lhi. E nom se alongarom em muito que chegou Lançalot e Estor e acharom Palamades jazer de rosto sobre seu escudo.”

(527) “Entom se calou u~a grande peça e depois disse:

– Ai, morte! Se tu atendesse[s] u~u~ pouco, poderia eu seer homem bo~o~ a Deus e ao mundo.

Depois juntou sas ma~os contra o cé’u e ar disse:

– Ai, Jesu Cristo, padre e senhor de piedade, nas tuas ma~os comendo eu a mia alma e o meu espí rito.

Entom po^s as ma~os em cruz sobre seu peito e logo foi morto. E Lançalot e Estor fizeram seu doo grande todo [o] dia e toda a noite que nom comerom nem beberom nem fizeram al senom doo.”

(528) “Entom se leixou caer sobr’el e começou-lhi a beijar a boca, que ti~ia chea de sangue e de poo. E quando os irma~os virom esto conocerom que era Esclabor e começaram com ele a fazer seu doo tamanho como d’ante.”

(529) “Entom se partiu da abadia e levou consigo u~u~ escudeiro e albergou aquele dia ant[r]e u~as penas em montanha a u~a le’gua dali.”

(530) “E o escudeiro foi espantado quando esto viu e dissi com pesar que aquela message[m] faria el. Entom filhou o sangui e foi-se a[a] abadia e fez todo assi como el mandou.”

(531) “E quando el viu Galaaz foi mui ledó, e recebeu el mui bem e os outros. E, porque era tarde, ficarom [com] ele e pois comerom daquele manjar que o homem bo~o~ ti~ia. E Galaaz lhi disse entom:”

(532) “E ela houve gram pavor e vergonha da sa ameaça e calou-se toda tolheita e sandia. Mas pero seu irma~o a meaçou, nom no amav[a] ela meos que ante, mas muito mais. Que vos direi? Ela provou totalas maravilhas que po^de assi per clerizia como per al, se o podiria haver, mas nom po^de. E disse entom: .

– Mais val que me mate ca viver enesta coita.

Entom filhou u~u~ cuitelo que ti~ia em sa arca e partiu-se de sas donas e das sas donzelas e foi-se a u~a horta de seu padre, a u~a fonte que i havia, e ali se queria matar por sair da sa coita.”

(533) “Eu vo-lo ensinarei, disse el. Enviade por vosso irma~o que venha com vosco falar a u~a ca^mara. E, pois fordes i, çarrade a porta e entom lhi deman[da]de o que quiserdes. E el nom no querra´ fazer. E vo´s travade em ele e teede-o bem e ele se assanhara´ logo assi que vos fara´ nojo mas nom grande.”

(534) “Bem assi como o demo disse assi o fez ela ca enviou por el. E u lhi ela quis falar naquelo deu-lhi el u~a palmada tal que todo o rosto foi coberto de sangui e o peito. Entom ela começou dar vozes:”

(535) “Quando el-rei esto soube logo entendeu que era verdade o que seu filho dissera aa sa morte e coitou sa filha de guisa que lhi houve a dizer a verdade toda e sa fazenda, em qual guisa fizera matar seu irma~o a torto, e como o demo jouve com ela nom no conoscendo e depois que o ar conheceu. Entom a mandou el-rei filhar e feze-a morrer de peor morte ca seu irma~o.”

(536) “Entom disse ao homem:

– Ora podedes dizer a vosso senhor que manha~a~, hora de prima, m’achara´ guisado da batalha ante esta torre per tal preito qual me vo´s dissestes.

Entom se tornou o homem a seu senhor.”

(537) “Aquela hora que no´s vimos u~a parte das maravilhas do Santo Graal que nos Deus mostrou per sa piedade, vi eu u~as cousas maravilhosas, ascondudas, que nom som mostradas a todo homem. E vi taes cousas que língoa nom podiria contar nem coraçom esmar. E meucoraçom foi em tam gram ledice e em tam gram sabor que, se entom morresse, nunca homem morrera em tam gram sabor de mim, ca eu vi tam gram companha d’angeos e tantas cousas espiritaes que, se entom morresse, fora logo aa perdura´vel vida dos gloriosos m[a]rti]res e dos verdadeiros amigos de Nosso Senhor. E por esto fazia eu o rogo que vo´s ouvistes. E pero ainda i ando em tal sazom que [moira] veendo as maravilhas do Santo Graal”

(538) “Em tal guisa como vos eu digo perderom os d’Inglaterra o Santo Graal que houveram muias vezes muito bem per ele e foram muitas vezes avondados per ele e que, mentre el foi no reino de Logres, nunca houve fame na terra. Mais, tanto que se em partiu, começou tal fame que d[u]rou tre^s anos e foi tam grande que morreu muito poboo e foi de tam gram coita que a poucas que se nom comiam os homens u~u~s ao[s] outros. E entom se acordarom eles do Santo Graal e disserom que haviam feita muita gram perda e que lhis aveera per seu pecado e per sa maa aventura.”

(539) “Gram tempo andarom os tre^s cavaleiros polo mar e u~u~ dia aveo que foi Galaaz ao bordo da nave por saber se veeria terra. E catou e viu a cidade de Sarraz e mostrou-a aos outros e houverom gram prazer sobejo, ca muito havia gram tempo que nom viram terra de nem u~a parte. Entom ouvirom u~a voz que lhis disse:”

(540) “Entom correu aa ta´voa e filhou-a da parte unde a ti~ia Galaaz e quando entrou na cidade disse a cantos achou o fremoso milagre que Nosso Senhor lhi fizera. E quando entrarom no paaço poserom a ta´voa ante a rica cadeira que Nosso Senhor fizera pera Josefes e logo correrom todolos da cidade a ver o homem que fora tolheito e era ja´ sa~o.”

(541) “E atendeu tanto que os viu desarmados e mandou-[o]s entam filhar e deita´-los em prisom e teve-os i u~u~ ano. Mas nom escaecerom a Nosso Senhor ca logo meteu dentro o

Graal com eles per que foram avondados de quanto mester houverom enquanto foram na prisom.”

(542) “Entom se tornou ante a ta’voa e ficou seus geolhos. E nom esteve i se pouco nom quando caeu em terra e a alma se lhi s[a]iu do corpo e levarom-na os angeos fazendo gram ledice e beenzendo Nosso Senhor.”

(543) “U~u~ ano e dous meses viveu Persival na ermida. Entom passou deste segre e feze-o Boorz soterrar no Paaço Espirital com sa irma~a~ e a par de Galaaz. Quando viu Boorz que havia perdido Galaaz e Persival e que era em tam longa terra e tam estranha como seer em terra de Babilo’nia, houve tam gram pesar que se nom soube conselhar. E partiu-se”

(544) “Entom se saiu da ca^mara e Gaeriet com ele, ambos com muito gram pesar, e disserom que em mal ponto fora esta para’vola começada ca se o el-rei sabe e se filha com Lançalot, o reino de Logres seera’ per i destruido, que al nom pode seer.”

(545) “Entom lhe contou no que falavam e disse-lhi que era verdade. El-rei ouira ja’ algu~a vez dizer que Lançalot amava a rai~a, mais nom no podia creer, tanto [a] amava sobejamente. Unde vezes i houve que respondia assi aos que lho diziam.”

(546) “Esto disse el-rei de Lançalot, que nom podia creer que era verdade. Mas aquela hora que os sobrinhos lhi foram enquisas, houve ende pesar que e’ sobre todos pesares, ca ele amava a rai~a tam desmisuradamente que nom podia mais. Entom começou a pensar e esteve assi gram peça que nom falou rem. E Morderet lhi disse:”

(547) “E eles lho prometeram que o fariam assi, e el-rei lhis prometeu que faria i tal justiça que sempre el e sua linhagem fossem honrados. Entom se saiom da ca^mara e foram-se ao paaço. Mas bem parecia el-rei que andava sanhudo.”

(548) “E foi-se pera sa ca^mara e deitou-se em seu leito tam triste e tam coitado que nom soube que fezesse, ca bem sabia que se Lançalot fosse preso ou morto em este preito que nunca tam gram mal aveera per morte d’u~u~ cavaleiro no mundo. Pero ante queria que morresse i ca sa desonra nom seer vingada. Entom enviou por seus sobrinhos e disse-lhis:”

(549) “Entom se saiu d’ant’el e disse:”

(550) “Entom se saiom da ca^mara e foram-se aa pousada de Gaeriet. E indo pola vila acharom Lançalot e Boorz e Lionel e Estor e Blio[b]leris com gram companha~ de cavaleiros. E receberom-se mui bem e com gram ledice e Gaeriet disse entom a Lançalot:

– Eu vos rogo que esta noite jaçades em mia pousada e sabede que vo-lo digo por vossa prol. E ele o outorgou. Entom se tornou Lançalot com ele e foram-se aa pousada e desarmarom-se. Dis i, foram-se ao sera~o pera el-rei. E eles sendo aas mesas disse el-rei a todos cavaleiros que manha~a~ queria ir aa caça.”

(551) “Entom se forom depo’s el-rei e ele ficou.”

(552) “Entom se ergueu do leito.

– Ai, Senhora, disse el, ha’ aqui loriga algu~a?

– Certas, diss’ela, nom, ca praz a Deus que moiramos ambos. Pero, se prouguesse a Deus que escapa’ssedes daqui sa~o, nom ha’ i tal que me ousasse matar sabendo que vo’s e’rades vivo. Mas eu cuido que nosso pecado nos confunde.

Entom veeo Lançalot aa porta e deu vozes aos que fora estavam:

– Maus cavaleiros e covardos, atendede u~u~ pouco, ca cedo haveredes a porta aberta e veerei cal sera’o ardido que entrara’ primeiro.

Entom abriu a porta e disse:”

(553) “Entom tirou Lançalot o cavaleiro que matara a si e çarrou a porta por nom entrarem os outros e desarmarom-no e pois armou-se daquelas armas o melhor que po^de e disse aa rai~a:”

(554) “Entom abriu as portas Lançalot e disse que nom queria mais jazer em prisom. E firiu o primeiro d’u~u~ tam gram colpe que caeu em terra esmorido. E os outros que esto virom fastarom-se afora e nom houve i tal que lh’a carreira nom leixasse.”

(555) “Entom filhou Lançalot u~u~ seu donzel e enviou-o a Camalot por saber novas da rai~a. O donzel se partiu deles e cavalgou em seu rocim e foi-se ao paaço.”

(556) “Entom se foram armar bem #XXX cavaleiros e nom de seu grado mas porque os mandou el-rei e foram-se aa pousada de Lançalot mas nom no acharom e nom houve i tal que nom fosse em mui ledio. Ca, bem sabiam, achariam em el mortal defensam. Entom se tornarom a el-rei e disserom-lho e el-rei disse ca lhi pesava ende mas, pois se nom podia vingar em Lançalot, vingar-si-ia da rai~a. El-rei Hiom lhi disse:”

(557) “Entom leixarom i de falar. E el-rei houve tam gram pesar que todo aquel dia nom comeu nem bebeu nem quis que a ra~ia fosse ante el.”

(558) “Entom se foi a el-rei e disse-lhi:

– Senhor, eu vos leixo quanto de vo’s tenho e ja mais, mentre viva, nom vos servirei. El-rei nom tornou a rem que lhi dissesse, ca muito ti~ia em al o coraçom. E Galvam se partiu entom dele e foi-se a sa pouada fazendo o maior doo do mundo. E el-rei mandou fazer mui gram fogo fora da vila no campo. E os doos e os choros foram tantos e tam grandes pola vila como se a rai~a fosse madre de todos.”

(559) “E el-rei o mandou e Gaeriet[t] disse que o nom faria; pero tanto o ameaçou el-rei que disse que iria. Entom se armou el e todolos outros que escolheu Agravaim e Agravaim se armou outrossi. E pois foram armados e que sairom da vila, disse Gaeriet a Agravaim:”

(560) “Entom cavalgarom e contarom-se e acharom-se #XXXIII e foram mui bem armados o mais que poderom contra u virom o fogo. E quando as gentes que estavam no campo os virom vi~ir, derom vozes aos que guardavam a rai~a:”

(561) “Entom se leixou ir a Meliaduz o Negro que se trabalhava muito de ajudar Lançalot e de vingar a honra da rai~a, e deu-lhi u~a tal lançada que deu com el e com o cavalo no fogo; e de^s i meteu ma~o a a espada e firiu outro d’u~u~ tal colpe que o meteu morto aos pees de dom Lançalot. E quando este, que muito teenha mentes em Gaeriet, viu que lhis faziam tal dano, disse em seu coraçom, se muito durasse que muito lhis empeceria. E por em valiria mais de o matarem se podessem pero que era o cavaleiro da corte que os da linhagem de rei Bam

mais amavam. Entom lhi foi dar u~a tam grande espadada que lhi deitou o elmo da cabeça em terra. E quando el sentiu a cabeça descuberta, foi todo espantado.”

(562) “E ela [o] outorgou. Entom a poserom em u~u~ cavalo onde havia i assaz sem senhores. De^s i foram-se aa foresta u a virom mais espessa. E contarom sa companha e acharom meos #III e preguntaron-se que fora deles.”

(563) “Em outro dia partiu-se do conde Dangis que lhi deu #XL cavaleiros e fez-lhi jurar que o ajudasse como ajudariam el. Entom se partirom del e andarom tanto que chegarom ao castelo da Joiosa Guarda. E quando os do castelo souberom que Lançalot vi~ia, sairom fora e recebe^lo, fazendo tam gram ledice e tam gram festa como se fosse Deus.”

(564) “Entom fez armar cavaleiros, sergentes e todos aqueles que com ele estavam. E cavalgarom o mais toste que poderom e foram-se aa furesta e catarom de u~a parte e da outra. Mas aveo-lhis assi que o nom acharom. Entom mandou el-rei que se partissem per muitas partes, se os podiriam achar.”

(565) “E quando el viu aquel que tanto amava, nom se acostou doo que dos outros houvesse a doo deste. Entom foi a el e abraçou-o e caeu esmori^do sobr^el, que os que estavam no lugar cuidavam que era morto. E pois jouve assi, que andarom u~a m[e]a le^goa, acordou e disse:”

(566) “Entom foi pera eles e leixou-se caer sobre eles e abraçou-os e beijou-os sangoentados, assi como eram. E esmoreceu sobr^eles muito ameu^di. Assi que os altos homens que i eram cuidaron que lhis morresse antre os irma~os.”

(567) “Er enviarei aos que mais longe som que de mim teem terra; e pois for nosso poder todo juntado, e pode seer daqui a #XV dias, moveremos entom. E porque eu quero que vos nom afastedes afora, quero que mi façades todos menagem e me juredes que manteeredes comigo esta guerra com todo vosso poder ata^ que nossa desonra seja vingada.”

(568) “El-rei assi outorgou em esto e dissi que era bem e chamou seus ricos homens e mandou-lhis, polo juramento e pola menagem que lhis feita haviam, que escolhessem os melhores cavaleiros de bondade e de bo~as manhas que achassem e que os nom leixassem por pobreza nem por nom seerem de gram linhagem e que os metesse na Ta^vola Redonda. Entom se sairom a[a] parte acima do paaço e souberom primeiramente quantos eram os que falecerom.”

(569) “Entom se tornou aa donzela e disse-lhi:

– Donzela, dizede a vosso senhor que, de quanto me mandou dizer, nom farei nada. Nem ja mais, mentre viva, nom havera^ paz com migo.”

(570) “A donzela se partiu entom del-rei e foi-se a seu senhor e contou-lhi quanto lhi disse el-rei. E el houve gram pesar.”

(571) “Entom se foram firir ambolos cavaleiros e durou a batalha mui gram peça. Mas aa cima foi Galvam tam mal firido que nom po^de mais fazer; e matar[a]-o entam Lançalot se nom fosse por amor del-rei e todos ricos homens do reino de Logres.”

(572) “Digo-vos que, pois se partiu rei Artur do reino de Logres sobre Lançalot comendou sem falha sa terra e sa molher e sas gentes que ficavam a seu sobrinho Mordaret e fez-lhi jurar

sobre os Santos Evangelhos que fizessem por Morderet tanto como por seu corpo. Quando Mordaret viu que a terra era em seu poder logo pensou que faria de guisa que seu tio nom houvesse a que tornar a ela. E ele amava a rai~a que nunca a Lançalot amou mais. E fez entom fazer u~as letras falsas que fez aduzer como de carreira u sia ante os homens bo~o~s de Logres que fizessem Morderet rei e lhi dessem a rai~a por molher. Os de Logres, que verdadeiramente cuidavam que era assi como as letras diziam, fizeram Morderet rei.”

(573) “Morderet fez entom armar toda sa gente e partiu-se de Logres u ti~ia a rai~a cercada. E tanto que s’el partiu meteu-se a rai~a em u~u~ mosteiro de donas. E pensou que, se Morderet vencesse, que nom seeria tam mau que a dali tirasse e, se Morderet fosse vençudo, iria-se pera seu senhor.”

(574) “Entom deceu e foi-se a el-rei e pose-o em seu cavalo. E el-rei era ainda tam estorgido do golpe que adur se podia teer. E pero tanto foi acordado e viu Morderet jazer em terra, disse:

– Mordaret, mau ponto te eu fiz. Tu confundisti mim e o reino de Logres e tu e’s por em morto. Maldita seja a hora em que tu naceste!

E aquela hora que el-rei esto disse era ja’ a batalha acabada. Ca de #LX mil que aquel dia foram i assu~ados nom ficaram i fora #LX que nom foram mortos. E Bliobleris que fezera tam bem d’armas que nem u~u~ o nom fezera melhor, pois po^s el-rei em seu cavalo, deceu a Morderet veendo-o quantos i estavam e liou-oo a[a] coa de seu cavalo e começou-o arrear per meo da batalha. Entom o trouxe assi que foi todo espedaçado.”

(575) “E entraram na capela e el-rei ficou os geolhos em terra, ante o altar. E Lucam, que estava a sas espadoas outrossi em geolhos, nom esteve i muito que viu o estrado em derredor del-rei cheo de sangui. Entom entendeu primeiramente que el-rei era chagado a morte e que nom podia ende escapar e nom se po^de te~er que nom disse chorando:”

(576) “Entom se leixou caer sobi~nho. E el era grande e pesado e estava armado. E aveo assi, quando caeu, que tolheu antre si e a terra Lucam, que era ja’ desarmado. E estende^-se sobr’el tam di rijo que o apertou tam muito so^ si, nom per sanha que lh’houverse mas pola gram coita que sentia, que o britou em guisa que logo foi morto.”

(577) “Entom cavalgarom. e partirom-se da capela e foram diretamente ao mar. Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Giflet e torna a Bliobleris e ao arcibispo.”

(578) “Entom chamou Giflet e disse-lhi:

– Filhade esta espada e ide ali suso a aque[l]e outeiro e acharedes i u~u~lago. E deitade-a i, ca nom quero que os maus que depois no’s reinara~m hajam tal espada.

– Senhor, disse el, eu o farei, vosso mandado; mas ante eu quiria, se vos prougesse, que ma de’ssedes.

– Nom no farei, diss’el, ca nom seera’ em vo’s empregada a mia vontade ca nom havedes muito a viver.

Entom tomou Giflet a espada e foi-se ao outeiro e achou o lago. E tirou a espada da bai~a e catou-a e viu-a tam bo~a e tam rica que lhi semelhou que seeria dano sobejo de a deitar no lago. E que melhor era de deitar a sua e filhar aquela pera si e que disse[sse] al-rei que a deitara no lago. Entom tomou a sua e deitou-a no lago e escondeu a del-rei nas ervas e tornou-se a el-rei e disse que a deitara no lago.

– Pois que viste entom? disse el-rei.

– Senhor, nom vi rem.

– Ai, disse el-rei, muita coita me da's. Torna ala' e deita-a i. Ca ainda [a] i nom deitaste. E el tornou ala' e filhou a espada e catou-a e fez seu doo e disse que seria gram dano se assi fosse perduda. E pensou que deitaria i a bainha e teeria a espada, ca ainda poderia te~er prol a el ou a outrem. E filhou a bai~a e deitou-a no lago e tornou a el-rei e disse que deitara i a espada, E el-rei lhe er preguntou que vira:

– Senhor, disse el, nom vi rem. E que havia a veer?

– Que havias a veer? disse el-rei. Nom a deitaste ainda i. Porque me fazes tanto mal? Vai e deita-a i. Entom veera's o que ende averra' ca, sem gram maravilha ela nom pode seer perduda.

Quando el viu que de fazer lh'era, tornou ao lago e filhou a espada e disse:

– Ai, espada bo~a e rica, como e' gram dano que algu~u~ homem bo~o~ nom te [t]olhe na ma~o!

Entom a lançou o mais que po^de e, quando chegou preto da a'gua, viu u~a ma~o sair do lago que parecia ate's o co^vodo mas do corpo nom viu nada."

(579) "Entom veerom-lhi as la'grimas aos olhos e pensou gram peça e disse:"

(580) "E el respondeu entom:

– Senhor, tanto e' mais meu pesar.

Entom foi a seu cavalo e cavalgou e disse chorando a atam grande afam como aquel que bem semelhava que o coraçom se lhi queria partir:

– Senhor, comendo-vos a Deus.

– Deus seja com vosco, disse el-rei.

E partiu-se Giflet dele. Entom começou aa chover muito e a fazer mau tempo. E foi-se Giflet contra u~u~ outeiro quanto mais po^de ca pensou que no outeiro soubesse que veeria pera u rei Artur iria. E o outeiro era do mar mea le'gua pequena."

(581) "E andava antr'elas Morgaim a encantador, irma~[a~] de rei Artur, que foi a el-rei com todas aquelas donas que tragia e rogou-o entom muito que per seu rogo houve el-rei d'entrar na barca. E, pois foi dentro, fez meter i seu cavalo e todas sas armas;"

(582) "Em outro dia, quando o sol era ja' levado, cavalgou Giflet mui coitado e com gram pesar e partiu-se dali e cavalgou tanto que chegou a u~u~ mato pequeno. E morava i u~u~ ermitam que era mui seu conoçudo e foi a el e morou i com el dous dias porque se sentia mal treito. E contou-lhi entom o que vira de rei Artur quando o vira entrar no mar com as donas."

(583) "Certas, disse o homem bo~o~, eu o creio assi, ca'muito ha' pouco que tragiam aqui donas em u~u~ leito o corpo du~u~ cavaleiro. E faziam doo mui grande a maravilha, e quando as perguntei quem era aquel por que tal doo faziam, elas mi disseram que era rei Artur; e metemo-lo entom em este moimento. Dis i forom-se ela[s] contra o mar e nom er tornarom."

(584) "E Giflet esmou entom que aquelas eram as donas a que vira meter rei Artur na barca. E pero disse em seu coraçom que toda via queria saber verdadeiramente se era aquel rei Artur que no moimento jazia."

(585) "Entom foi Giflet ao moimento estando o homem bo~o~ deante. Entom fez que ergueu a campa~a~ e quando catou dentro nom viu rem fora o elmo de rei Artur, aquel meesmo que trouxera na doorosa batalha. Quando el viu que o corpo del-rei nom era ali mostrou ao homem bo~o~ o moimento vazio e disse-lhi:"

(586) “*Entom* rogou ao homem bo~o~, que o recebeu em sa companha. Assi como vos digo ficou Giflet com aquel homem bo~o~ e servi Deus na Capela Veira. E fez i mui bo~a vida e santa. Mas [nom] foi longamente ca´ nom viveu depois que se partiu de rei Artur mais de tre^s meses.”

(587) “*Entom* se leixou correr rei Boorz a Meliam e foi-lhi dar u~a espadada como aquel que muito gram colpe havia ja´dado que lhi talhou o elmo e o almofre e o fendeu atee as espa´doas e tirou assi a espada e caeu Miliam em terra morto. E quando o vi~iu em terra disse:

– Ai, traedor! Que mal hoje eu cobro o dano que mi tu fezeste! Certas, tu meteste em meu coraçom tam gram doo que ja mais em nom saira´.

Entom se leixou correr aos outros, u via a maior pressa, a matar e a dirribarquato podia, assi que nom ha´ homem no mundo que se nom maravilhasse das maravilhas que faziam os cavaleiros de Gaunes.”

(588) “E o outro catou po´s si e, quando conoceu que era Lançalot e que assi o ameaçava, houve gram pavor, ca sabia bem verdadeiramente que era [o] melhor cavaleiro do mundo e ele bem viu que era morto se o aquel acalçasse. E começou-se d’ir quanto o cavalo o podia levar contra u~a montanha. E ele andava em mui bo~o~ cavalo e Lançalot outrossi. Assi que bem correrom duas le´guas. *Entom* cansou o cavalo do duc assi que de cansaço caeu morto so^ ele. E Lançalot, que preto ia, quando o viu em terra, foi a ele assi como estava, a cavalo, e deu-lhi u~a espadada per cima do elmo que o fendeu ate´s os dentes. De^s i nom no catou chus e começou-se a ir quanto po^de ca de canto se cuidava mais a ch[e]gar aa companha, tanto se alongava dela mais.”

(589) “Tanto andou Lançalot assi desviado que chegou a u~u~ vale mui fundo. *Entom* achou i u~u~ escudeiro que vi~ia contra Ginzestre e preguntou-lhi unde vi~ia. E ele lhi disse que vi~ia do campo u fora a doorosa batalha.”

(590) “*Entom* começou a chorar mui feramente. E o escudeiro lhi disse:”

(591) “*Entom* mandou a metade da gente com o corpo de rei Lionele e a outra metade ficou.”

(592) “*Entom* fez ante si vi~ir toda sa companha e feze-os jurar que fezessem todos seu mandado. E pois jurarom, disse-lhis:”

(593) “*Entom* rogou ao irmitam, por Deus, que o levasse onde esta´ seu irma~o e que queria i servir a Deus como el. *Entom* se partirom e levou[-o] aa ermida u seu irma~o era e os outros que vos disse. Tanto que os irma~os se virom chora[ro]m com ledice ca muito se amavam.”

(594) “E eles lho prometerom, que assi o fariam. #VIII dias depo´s este rogo viveu Lançalot e ao quinto dia çassou. Mas aaquela hora que ele passou nom estava com el o arcibispo nem Bliobleris ante dormiam fora so^ u~u~ olmo. E aveo *entom* que Bliobleris s’espertou primeiro e viu o arcibispo jazer cabo de si dormindo. E em dormindo riia e fazia o maior semblante de ledice que vo´s nunca vistes.”

(595) “*Entom* guisarom u~u~s a^medes e deitarom i o corpo de Lançalot. E filhou u~u~ d’u~a parte e outro da outra e pertirom-se da ermida e andarom tanto per sas jornadas que chegarom aa Joiosa Guarda. Mas sabede que esto foi grande afam e gram trabalho.”

(596) “Entom se desarmou e leixou todas sas armas em meo do caminho e fi-se com eles. Quando os outros #III esto virom houverom em gram prazer e agradecerom-no a Nosso Senhor. Dis i começarom andar de su~u~ ata´ que chegarom a sa irmida.”

(597) “Assi que as novas da morte de Lançalot foram sabudas per toda a Gram Bretanha e per Gaula e per Gaunes e per Benoic e pola Pequena Bretanha e per Escócia e per Irlanda e per Cornualha, rei Mars era ainda vivo e era tam velho que aquele tempo nom havia rei no mundo de tam gram idade. E cavalg[ava] ainda esforçadamente e ti~ia tam bem sa terra que nom dultava vizinho que houvesse. Mas de tanto era seu linhagem abaixado que Tristam seu sobrinho era morto. Mas nom havia end’el gram pesar. Mais da morte da rai~a Iseu andava ele mui triste, tam sobejamente a amava muito. Mas da morte de seu sobrinho nom era em triste mas mui ledo. Quando el ouviu falar da morte de Lançalot foi em mui ledo e disse entom:”

(598) “Entom assu~ou quanta gente po^de haver e passou o mar aa Gram Bretanha. E pois saiom das naves e sacarom o que haviam de sacar, disse rei Mars:

– Ora som na terra em que recibi mais desonra e dano que lugar u nunca fosse. Ora quero que nunca me tenham por rei se me nom vingo.

Entom mandou fazer aos seus u~a crueza que nunca rei crista~o fez: que nunca achassem homem nem molher que o nom matassem.”

(599) “Entom fez perçar o moimento que era tam rico e tam fremoso que todo o haver de Cornualha nom seeria seu preço. E feze-o deitar fora do castelo em u~u~ lago onde nem u~u~ o podesse sacar. E filhou o corpo de Lançalot, que ainda era inteiro, e mandou fazer u~u~ gram fogo e mandou-o deitar em ele e os ossos de Gale[o]t e leixou-os i arder ata´ que foram tornados em ciinza.”

(600) “Entom filhou u~u~ dos #IIII cavaleiros e disse-lhi:

– Levade-me ala´.

E ele disse que o faria. Entom se partiu e~rei da sa companhia todo armado e nom quis que o nengu~u~ soubesse fora aquele que o [guiava].”

(601) “Entom meteu ma~o a espada e, quando o arcbispo viu que os quiria matar meteu-se antre o golpe e deu-lhi e~rei per cima da cabeça tam gram colpe que o meteu morto.

Quando Paulas viu esto ergueu-se com gram pesar e disse:

– Ai, rei Mars, bravo e desleal! Tu fezeste a maior traiçom que nunca rei fez. Mas tu te achara´s ende mal, se eu posso.

Entom meteu Paulas ma~o a espada e leixou-se ir a rei Mars e feriu[-o] tam esquivamente como aquel que era de gram força que lhi nom valeu elmo nem almofre que o nom fendeu todo ate´s os dentes e o corpo caeu em terra.”

7.4.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

(1) “E~rei tanto que viu na seeda prigosa o cavaleiro de que Merlim e todolos outros profetas falarom na Gram [Bretanha] entam bem soube ele que aquele era o cavaleiro per que seriam acabadas as aventuras do Regno de Logres, e foi com ele tam alegre e ledo, que beenzeo Deus e disse:”

(2) “Ele filhou a espada e sacou-a da bainha, e achou-a entam mui fremosa.”

(3) “vierom escudeiros de u~a parte e da outra que o desarmarom, ele e aqueles que com ele viinham do torneio. Entam foi mui grande alegria no paaço. E o senhor do castelo leixou-os”

(4) “E esto disse el porque cuidava que era Boorz. Entam entendeu Queia que o nom conhocia.”

(5) “E aquel que siia na cadeira, que veera com gram claridade, foi-se em ela, e ficou a capela escura como ante. como vos eu conto, Elaim, que todo vira, foi logo guarido e sa~o de todas suas chagas e de todas suas feridas. Entam entendeo que aquelas cousas eram esperituaes e santas, e guardeceo muito a Deus o bem que lhe fezera e que lhe sofrera de aquelo veer e que houve tal mercee que o guareceu per tal virtude.”

(6) “E, quando se abaixava a beber e lhe [a] a´gua fugia, esto quer mostrar que ficara´os geolhos ante o Santo Vaso por veer algu~a cousa das puridades que i sam. Entam se lhe escondera´ o Santo Graal, ca perdera´ o lume dos olhos porque os deitou a veer os lixos terreaes.”

(7) “Certas, Senhor, vo´s corregestes tanto em mim per esto que me dissestes, que eu cuido per i mais valer todolos dias da minha vida; e bem cuido e conheço que me dissestes verdade. E creio bem que todo homem que em esta demanda entrar que fãeça em serviço de Nosso Senhor, se bem menfestado nom for, que recebera´ i onta. E eu som aquel que, de^s aqui em diante, nom entrarei i se me ante nom confessar o melhor que poder e que receba meu Salvador. E depois que houver feito assi, e que houver em minha campanha tam alto guiador como o Salvador do mundo, entam poderei seguramente cavalgar e buscar a todalas partes as aventuras do Santo Graal.”

(8) “Nom no matedes, mas levemo-lo a nosso padre e, se o acharmos vivo, prenderemos entam del qual vingança nos demandar.”

(9) “Amigo, novas te trago mui maravilhosas. Teu irma~o jaz em na pena e na ardua do purgato´rio, e jara´ ainda i tre^s anos, ante que cime sua pendença; mas nom vai assi me, mercee Deus, ca tam taste que me parti deste mundo, logo se me a alma foi pera a lidice do paraíso, que ja mais nom falecera´. Ora guarda bem o que fara´s, ca tu te partira´s deste mundo daqui a dezassete dias; e entam havera´s o que mereceste. E eu nom posso ja mais estar aqui, ca ve^s aqui Persival o bem aventurado e o gl[or]ioso, que te vem aqui buscar ora e veer.”

(10) “– Ai, cativo! Escarnido som e enganado de tal vida que fiz tam longamente. Mal empreguei meu trabalho. Ja mais nom me trabalharei de servir Deus, pois vejo que o gualardom e´ tal.

Entam foi tam tolheito e tam sanhudo que pensava de me matar com minhas ma~os e filhei logo esta corda e deitei-a na minha garganta, assi como veedes e pensei que me penduraria naquela trave que vo´s ali veedes, assi que pensaria todas minhas coitas em u~u~ golpe.”

(11) “Assi repousaremos-nos nem folgaremos que nom vingemos esta desonra; e aquel que no-la fez nom e´ ainda longe. Ja´ Deus nom me ajude se me eu i outorgo, ante irei po´s ele e, quando for noite escura, unde me anoutecer ai´ ficarei e entom nom me poera´ ne~hu~u~ culpa.”

(12) “Entom, disse el, eu vo-lo dou ca, sobre tal conjuramento, nom no duvidaria eu a vo’s nem a outrem.”

(13) “Senhor cavaleiro, eu nom sei quanto vo’s sodes, mas tanto vos vejo bem manteer contra tam bo~o~ cavaleiro como dom Galvam que, assi Deus me ajude, eu vos prezo muito. E pola bondade que vos eu vejo, semelha-me que siria gram dano de seerdes tolheito ou morto enesta batalha. E nesto nom podedes vo’s falecer se longamente a manteverdes ca, se vo’s matardes dom Galvam – o que nom pode seer tam ligeiramente ca, eu bem cuido que e’ melhor cavaleiro ca vo’s – entom convinria que vos combate^sseis com migo, que som tam folgado que me nom podiri^ades durar ne~hu~a cousa que vos logo nom matasse.”

(14) “Senhor cavaleiro, eu som natural d’Atenas, u~a cidade de Gre’cia, e som filha de rei e d[e] rainha. E pola beldade que o emperador de Roma ouviu dezer que havia em mim, enviou dezer a meu padre que me lhe enviasse e que me filharia por molher. E meu padre, que se tinria por bem aventurado, fez guisar u~a nave e mete^me dentro com gram companhia de cavaleiros e de donas e de donzelas. E, depois que fomos no mar, crece^nos tam mau tempo e tam gram tormenta que nos durou #XV dias, assi que nom houve i tam esforçado que nom houvesse maior esperança de morte ca de vida. E depois passou o mau tempo e aporta^mos e acha^mo-nos na Gram Bretanha. Pesou-nos entom mu~i muito e fomos muito tristes e fizemos armar este tendilham assi como vedes por folgarmos da tormenta que houvemos no mar. Outro dia, pola manha~a~, aveo que a nossa companhia entrou em um batel da nave por andarem folgando e trebelhando per esse mar. E, tanto que i entraram”

(15) “Esto que disse Gaariet entendeu mu~i bem Mordret; e, se nom fosse que dultava Galvam, matara-o logo, como aquel que era u~u~ dos desleaes cavaleiros que entom no mundo houvesse. Gaeriet houve tam gram ledice com seu irma~o Galvam que disse que nom sentia mal ne~hu~u~ que houvesse. Mais nom era assi, e pero a gram ledice que havia lhe fazia algu~u~ tanto esquecer a coita das suas feridas.”

(16) “Senhor cavaleiro, pois que assi queredes que me combata vosco empero me nom era mester, ora vos rogo por cortisia que me leixedes filhar meu escudo, que jaz ante vo’s, e haveredes entom maior honra de me cometerdes.”

(17) “Ele catou a donzela e tanto a teve em olho que bem conoeceu que era aquela que o levou aa i’nsoa da irma~a~ de Persival; e, porque o aguiou ala’ lhe pormeteo o primeiro do~o~ que lhe pedisse. Entom nom se po^de encobrir contra ela, ca teve que erraria, e disse:”

(18) “Eu som u~u~ homem de estranha terra, mui triste de conselho e da vida. E, se eu podesse em esta terra achar conselho em que me fiasse teeria-me por rico e por vezibo~o~, ca eu haveria entom quanto meu coraçom deseja e seeria quite de toda coita e de toda tristeza.”

(19) “E em esto se acordou que o leixara aquela hora, ca nom achava entam razom boa. E pero, se podesse saber em algu~a guisa que ele matara Ivam, todo o mundo o nom guardaria que o nom vingasse. E tanto que a el chegou salvou[-o] mui bem e muito aposto. E Erec o ar salvou, que o nom conhecia ainda, e perguntou-lhe quem era.”

(20) “Vo’s sejades os bem viindos ca de vossa viinda som mui ledo e muito me praz que estaredes aa minha morte ca vo’s sodes os #II home~e~s do mundo em que me eu mais fiava. E pero ante que moira rogo-vos, assi como [a] amigos e a companheiros, que levedes meu

corpo a casa del-rei Artur e dade-o em presente aa Mesa Redonda onde Nosso Senhor me fez companheiro, assi como vo's sabedes. E pois me poserdes em na seeda el-rei fara' entom de mim o que quiser. Mais toda via nom leixedes em niu~a guisa que nom contedes em na co^rte a deslealdade que fez Galvam. contra mim.”

(21) “Ca, em aquela sazom que eles i chegarom, eram todolos de Camaalot tristes e com gram pesar que nunca haviam lidice nem entendiam se nom em chorar e em doo fazer. E quem entom fosse i e visse o gram doo que as donas faziam, aquelas que atendiam seus amigos que foram na demanda, muito haveria duro coraçom e bravo”

(22) “Rei Artur, sem falha, que tanto amava os da Mesa Redonda como se fossem seus filhos, havia gram pesar porque se partiram dele. E por esto havia tam de coraçom por saber como lhes ia que ia cada dia, ante que comesse, veer as seedas da Mesa Redonda. E catava-as e, quando i achava o nome que i ser devia, sabia bem entom que aquel era vivo que era senhor daquela seeda. E, quando i nom achava letras, sabia que era morto. E, sem falha, a Mesa Redonda era tam maravilhosa que em aquel lugar quer que ante nengu~u~ morresse, fosse preto fosse longe, logo as letras em morriam. E esto foi provado per morte de mu~i boos cavaleiros.”

(23) “Quando aqueles que estavam a ouvir este conto entenderom que aquel era Erec, filho de rei Lac e que de tam longas terras se fezera levar, começou-se entom o doo tam grande e tam fero como se todos seus amigos tevessem mortos ante si. E Meraugis, que havia em tam gram pesar que nom podia maior, disse-lhes:”

(24) “Nom? disse el. Par Deus, si e'. Querede-lo provar? Mandade-o alongar daqui e entom veredes que vos digo verdade.”

(25) “Eu cuido, disse ela, que vo's sodes tal; e provade-o ca per esta espada o poderedes conhecer. E se vo's podedes saca'-la da bainha sem dano, entom podedes seer seguro que vo's sodes aquel de que vos falo.”

(26) “Ora nom vos cal ende, disse Paramades, ca, se Deus vos leva a Camaalot, entom o poderedes preçar e louvarmais que ora.”

(27) “E quando el ouvio aquelas novas houve tam gram pesar que bem quisera seer morto aquela hora. Ca bem viu entam que nom podia haver cima seu amor se nom fosse u ela era.”

(28) “Esto nom pode seer. Nom me podedes aqui fazer força desta batalha ca, pois vo's sodes sa~o e eu chagado, vo's nom podedes tanto cuitar este reto que eu nom haja prazo de #XL dias. E entom, sem falha, pois for o dia da batalha posto e vos eu i nom for, mi podedes cometer, quer armado quer desarmado, quer sa~o quer doente, no primeiro lugar u me achardes. E assi nom poderi'ades em mim fazer cousa em que vos travassem.”

(29) “E fazerom-no logo desarmar. E os #II cavaleiros que foram dirribados cavalgarom ambos no cavalo de u~u~ e foram-se a seu castelo e disserom a seu senhor o que Boorz lhis fez e disse. Quando ele ouviu falar de Boorz nom foi entom seguro como ante, ca bem ouira dizer a muitos cavaleiros que Boorz de Gaunes era u~u~ dos bo~o~s cavaleiros do mundo e nom soube que fezesse.”

(30) “Senhor, disse Gaeriet, vaamos buscar aventuras como ante fazi´amos e andemos u~u~ano ou dous. E quando soubermos que peça de nossos companheiros som na corte, entom podemos ir sem culpa.”

(31) “Entom se confortou muito Estor, pois viu que seu irma~o o tam bem confortava.”

(32) “E vo´s dade vozes e todolos outros cavaleiros chegar-se-am i. Entom poderedes dizer que vos aforçou e el-rei o fara´ prender e fazer dele justiça e assi seeredes vo´s vingada.”

7.4.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS INJUNTIVAS

(1) “Irma~o Persival, eu moiro por sau´de desta dona. Rogo-vos que me nom soterredes, mas tanto que for morta levade-me ao porto do mar que daqui achardes mais perto e metede-me em u~a barqueta e leixade-me ir assi comoaventura me queira guiar. E eu vos digo verdadeiramente que ja´ tam toste nom iredes aa cidade de Sarraz, u havedes d´ir depo´s o Santo Graal, que me vo´s a pee da torre nom achedes. Entom fazede tanto por mim e por vossa honra: fazede-me soterrar no paaço [C]elestial.”

(2) “Senhor, pois assi e´, vaamos-nos aaquela furesta e ascondamos-nos i. E, quando a rai~a for julgada a morte, saca´-la-am fora da vila pera queimarem-na. Entom sairemos no´s e livra´-la-emos e leva´-[la]-emos a Benoic ou a Gaunes. E dis i nom temeremos assi el-rei.”

7.5 OCORRÊNCIAS DE agora NO TEATRO DE “O JUDEU”

7.5.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DESCRITIVAS

(1) “Fagundes: Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados e um tanto fétidos; descanse, senhor, que Dona Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio, e das carícias do noivo.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(2) “Dom Tibúrcio: Agora, senhor, eu sou um rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloqüência? Não me respondeis?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(3) “Dom Lancerote: Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que vosso primo Dom Tibúrcio, filho de meu irmão D, Tifônio e de dona Pantaleoa Redoldan, a qual também era irmã de vosso pai, e meu irmão D. Blianis, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimônia, que pra mais é o seu primor.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(4) “Dom Tibúrcio: Sevadilha, agora que estamos sós, quero te pedir um conselho.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(5) “Dom Lancerote: Isto agora é mais comprido.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(6) “Dom Gilvaz: Ora, já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com Dona Clóris.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(7) “Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(8) “*Sancho*. Calai-vos lá, tola; não embarceis o pavio da história. Tenho três filhos, cujos nomes me não lembram por ora. Item, que sou senhor e possuidor de muitos bens móvitos e de raiz, e outros sem raiz: os móvitos* vêm a ser duas bassouras** do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e uma rótula já furada.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(9) “*Sancho*. Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortúnios, pois mal de muitos consolo é. Até aqui, cuidava que só eu era desgraçado, em ser escudeiro de cavaleiro andante; mas já vejo que vossa mercê nasceu debaixo da minha estrela.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(10) “*Sancho*. Por tua culpa, bêbado, não desencantei as minas e a ilha encantada. Ai que estou mui cansado de voar! Diga-me, Senhor, aonde está a mina, que achámos? Tudo foram voos; por isso, agora tudo são penas. Diga-me vossa mercê que me meta eu noutra cova! Para aqui!” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(11) “*D. Quixote*. Algum dia tive esse apelido, mas, agora, depois que matei um leão, me chamo o Cavaleiro dos Leões.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

7.5.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) Dom Fuas: Pois descanse, que elas aqui estiveram, e agora foram para casa. (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(2) “Que mais tenho que esperara?
Vou-me agora regalar,
Levar boa vida, comer, e beber.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(3) “Semicúpio: Agora vou a isso.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(4) “Semicúpio: Dá cá as pulseiras. Ah, perra, que agora te agarrei! Tu estás marasmódica, e impiamática. Ah, senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre podre, é necessário que esta rapariga tome uns semicúpios.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(5) “*Carrasco*. Honrado aavaleiro, bem parece que tendes generoso ânimo, e assim vos agradeço essa oferta; mas sabereis que a mim por ora me não ofendem inimigos, senão uma inimiga, cujo rigor me tem morto e me faz andar renovando a cavalaria andante, só por ver se posso aplacar o seu desdém, oferecendo-lhe a cabeça de um gigante.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(6) “*D. Quixote*. Por mulher, e por ser dama de um tão valente cavaleiro, me toca desencantá-la. Aonde está?
Montesinos. Agora o vereis.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(7) “*Meirinho*. Senhor, este taverneiro foi agora apanhado neste instante deitando água em uma pipa de vinho; que se lhe há-de fazer?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(8) “*Carrasco*. Eu sou Sansão Carrasco, a quem vencestes já uma vez; Agora quiseram os astros que eu vos vencesse, para que vos recolhais em paz para a vossa casa, que assim mo pediu vossa sobrinha e vossa ama.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

7.5.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

(1) “DONA CLORIS.- Isso já parece teima.
DOM GILVAZ.- Isto é querer-vos.
DONA NIZE.- Isso é porfia
DOM FUAS.- É adorar-vos.
SEVADILHA.- Isto é empurração.
SIMICÚPIO.- Agora, isto é bichancrear, pouco mais ou menos.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(2) “Dom Fuas: D. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Semicúpio é tão destro na matéria. Dom Gilvaz: por ora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau, que vós também navegareis no mar de Cupido.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(3) “SEVADILHA.- (Para SIMICÚPIO.) Ora basta já de porfia, senão vou revirando(As *Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(4) “Dom Fuas: Ora, pois, em alvíssaras desta boa nova quero me diga como se chama...” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(5) “Dom Tibúrcio: Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permiti, que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por delo.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(6) “Semicúpio: ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está ai? Fale, quando não despeça-se desta vida que o mando para a outra.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(7) “Semicúpio: Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de Dona Clóris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasalhada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei à mão tente.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(8) “Semicúpio: Senhor Dom Gil, agora é tempo de subir também pois estamos em era de atrepar; não perca a ocasião.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(9) “Digam-te os meus suspiros cento a cento.
Soleta-o nos meus olhos pranto a pranto.
O quem pudera agora encarecer-te” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(10) “Dom Lancerote: Ora, meus senhores, vossas mercês me vivam muitos anos pela honra que me fizeram.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(11) “Dom Tibúrcio: Ora, com licença, meus senhores, que me vou pro em fresco.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(12) “Dona Clóris: Que se expusesse D Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora, o certo é que não há mais extremoso amante; porém os sumos de Alecrim tem a mesma virtude que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará a caixa? Esta suponho que é. Já meu bem podes sair sem susto.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(13) “Dom Fuas: Já agora por capricho, apesar das suas aleivosias, hei de dar a vida por minha dama.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(14) “Dom Lancerote: Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(15) “Dom Lancerote: Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho! Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(16) “Semicúpio: Agora é boa ocasião de ir-me; porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vai o primeiro. (dá).” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(17) “Dom Fuas: Não queres que me esconda aí? Agora, por isso mesmo.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(18) “Dom Fuas: São zelos de uma causa sem loucura. E senão diga-me Senhora Dona Clóris, por vida do Senhor seu Alecrim, não é para ter zelos ver repetidas vezes a um sujeito procurar a Dona Nize com tão repetidos extremos, que uma coisa é vê-lo e outra dizê-lo; e suponho o tem agora escondido naquela alcova de donde me desvia para esconder-me?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(19) “Dona Clóris: Já agora por capricho hei de ver quem aí está. Vossa mercê é, Senhor Dom Gilvaz? Que é isso? Quer enxertar o meu alecrim com a Manjerona de Dona Nize.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(20) “Dona Nize: Ora, agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário: é muita verdade; escondi a D. Gil, por que lhe quero bem; pois que temos?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(21) “Dom Lancerote: Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo que por isso dilatáveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções e regateando o dote.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(22) “Dom Tibúrcio: Ora basta, que diga eu que não conheço tais mulheres.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(23) “Ambas: Que? Agora casar? Aqui para trás.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(24) “Semicúpio: Ora, vá de seu vagar, que esta pendência não é de cerimônia Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos que brigar com loucos é ser mais louco.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(25) “Dom Lancerote: Como estais agora, meu sobrinho?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(26) “Semicúpio: Ora, acabe com isso, eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulava isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos, e se fosse varão, umas limas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há de fazer.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(27) “Semicúpio: Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo(se é que o é, que isto não pertence à Medicina) teve uma colórica procedida de paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto;” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(28) “Dona Nize: Ora Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de várias queixas que padecemos.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(29) “Semicúpio: Inda mais essa? Ora digam.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(30) “Semicúpio: Agora já poderei descer afoitamente.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(31) “Semicúpio: Ora, senhor, ate-me muito embora mas não me aperte por isso.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(32) “Semicúpio: Ora, criado Senhor Semicúpio: já sabemos que isto é meio caminho andado para a forca; mas é bem feito, que isto a mim me suceda.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(33) “Fagundes: Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a salada de ramos para cearmos; já temperei as gaitas para o galego; já assei o fricassé; já cozi um guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(34) “Fagundes: Qual! Eu sou muito melindrosa e pusilânime; não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deus, e à ventura.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(35) “Semicúpio: Lá vem a Sevadilha: ora, o certo é que donde a galinha tem os ovos aí se lhe vão os olhos.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(36) “Semicúpio: Hoje todos hão de mamar o chasco, que a ninguém me hei de dar a conhecer. Ora, meu senhor, como foi este caso?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(37) “Dom Lancerote: Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai, que ele aqui está! Não o disse eu?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(38) “D. Quixote. Ora, sô* Mestre, você bem sabe que é obrigação dos de seu ofício, enquanto fazem a barba, dizerem as novidades que há pela cidade. Que se fala dos Príncipes da Itália, e do governo político do Orbe? Que, como estive doente e tantos tempos de cama por causa das minhas cavalarias andantes, não tenho sabido nada.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(39) “D. *Quixote*. Ora adeus, ó pátria amada.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(40) “*Tabelião*. Vamos ao testamento, que tenho que ir dar de beber às minhas bestas. *Sancho*. Ora vá lá fazendo a cabeça do testamento, que isso pertence aos tabeliães.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(41) “*Sancho*. Homem, você não pode tirar uma cabeleira a uma pessoa da cabeça, sem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farei isso. Digo primeiramente ...” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(42) “Item uma formosa teia de aranhas, duas colheres de tartaruga bastarda, um bispote e o mais trém da cozinha. Ora vamos agora aos bens de raiz: Declaro que tenho umas casas na minha vestia” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(43) “*Sancho*. E que tem ninguém que ele valha, ou não valha? Olhem que está galante! De quem é o testamento? Não é meu? Pois posso fazer dele o que quiser. Mulher, guardai bem este papel; vede que não o percais, que pode servir para mechas. Ora adeus, mulher; dai-me um abraço.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(44) “*Sancho*. Ora o caso está galante, por vida minha! Donde* hei-de achar a tal Dulcineia dos demónios? Á força quer D. Quixote que haja tal mulher no Mundo!” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(45) “*Sancho*. Ai, miserável Sancho, aonde estás metido! Melhor me fora estar na minha aldeia, que não vir agora ver estes gigantes Engolias**” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(46) “D. *Quixote*. Ora sempre as cousas se devem primeiro especular, antes que se façam. Se não vos declarais, hoje aqui todos ficaríeis mortos, cuidando que éreis gigantes ou encantadores.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(47) “D. *Quixote*. Sancho, acode, que vencemos. *Sancho*. Agora, sim. Corte-lhe vossa mercê logo a cabeça, pelo que *potest sucedere***. *Sancho*. Adeus, pobre Sancho Pança! Bem aviados estamos: quer Agora também brigar com leões! (À parte)” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*).

(48) “D. *Quixote*. Anda, Sancho, que, se agora não achamos a ilha para seres governador, nunca a acharemos. Vem, que serás bem premiado, pois aqui nesta cova há muito ouro, e isto são minas encantadas.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(49) “*Sancho*. Ora graças a Deus, que vou a enterrar em vida. Bem fiz eu em fazer o meu testamento. Ai, Senhor, que aí vem uma legião de gigantes! Misericórdia, meu Deus! Xó, diabo! À que del-Rei, que estou com as gralhas na alma!” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(50) “*Sancho*. E que diz vossa mercê agora destas colunas e destes jaspes coríntios? Senhor, nós estamos no Inferno a bom livrar. Os cabelos se me arrepiam. Ai, Senhor, não sei que suor frio me vai dando! Eu me mijo por mim.

D. Quixote. Agora verás, ó nobre escudeiro Sancho Pança, as prerrogativas de um cavaleiro andante. Dize-me: ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda ou grifa dizer que algum cavaleiro, o mais intrépido, fizesse acção tão sobrenaturalmente heróica, como a que com os teus olhos estás vendo?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(51) “*Sancho*. Em Purgatório está quem lida com vossa mercê. É boa graça! Com que, parece-lhe a vossa mercê que isto é Inferno? *Ora* o certo é que está pouco visto em matérias de Inferno.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(52) “*D. Quixote. Ora*, Sancho amigo, tem valor, que *agora* quero tratar do desencanto do Senhor Montesinos, que para esse fim fui aqui trazido.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(53) “*Agora* em cânticos louvar procura o braço ingente de um glorioso, feliz, ditoso libertador.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(54) “*Sancho*. Ai que rica cousa! *Agora* sim; voemos, Senhor, até cair de uma bala.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(55) “*D. Quixote*. E, se bem reparo *agora* nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcineia; porque sem dúvida Sancho às vezes o vejo com o rosto mais afeminado, que quase me persuado está Dulcineia transformada nele.”

(56) “*D. Quixote*. Não sei como *agora* fale, se como a Sancho, se como a Dulcineia! Vá como quer que for. Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil e sórdida pessoa a sem igual Dulcineia. Vê tu, Sancho amigo, se há maior desaforo, se há maior insolência destes feiticeiros, que emascarar o semblante puro e rubicundo de Dulcineia com a máscara horrenda de tua torpe cara.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(57) “*Sancho*. Basta que conheceu vossa mercê pela simonetria do rosto*! Pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da Senhora Dulcineia? *Ora* eu até aqui não cuidei que vossa mercê era tão louco! Cuido que nem na Vida de vossa mercê** se conta semelhante desventura.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(58) “*D. Quixote*. Sancho, nesse mesmo dengue *agora* confirmo mais que és Dulcineia.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(59) “*Ora*, pois, já que quer que eu seja Dulcineia, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. Quixote. Tu me queres dar couces? *Agora* vejo que não és Dulcineia; pois Dulcineia, tão formosa e tão discreta nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me ofereces com a tua grossaria.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(60) “*D. Quixote*. Senhor Apolo, eu tomo sobre mim o seu desagravo, e já desde *agora* se pode assentar” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(61) ‘*Sancho*. Senhor meu amo, eu cuido que estou sonhando. Que vossa mercê entre no Parnaso, não é muito, porque é louco; porém eu, que, sendo um ignorante, também cá esteja, é o que mais me admira; e daqui venho agora a concluir que não há tolo que não entre hoje no Parnaso.’ (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(62) “*Sancho*. Em três vidas, Senhor? Ora não há prazo, que não chegue! E para melhor agradecimento, e em aplauso desta vitória, já que sou poeta, pois estou no Parnaso, quero cantar o triunfo. Toquem as senhoras Musas e o Pégaso faça o compasso.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(63) “*Sancho*. Ora com termos andado tanto, ainda não encontramos nenhuma ilha para eu governar?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*) (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(64) “*Sancho*. Só eu caí no que era caça. Digo, Senhora, que o cair aos pés de vossa magnífica e excelencial Altura* foi porque caí do meu burro, com a pressa de ir pegar no estribo a meu amo; mas vejo agora que, se um burro me derruba, uma jumenta me levanta.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(65) “*Dulcineia*. Estás mudo? Não me respondes, D. Quixote? Ora, já que o teu amor te não move, movam-te as minhas lágrimas, misturadas com o terno de minhas vozes.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(66) “*Sancho*. São mãos perdidas. Agora sim, que, se vossa mercê brigar com trezentos gigantes, digo que fará muito bem, porque a ocasião veio a pedir de boca, e a Senhora Dulcineia é comezinha.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(67) “*D. Quixote*. Oh, que dor! Agora lhe deu o encantado acidente na boca, para não falar.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(68) “*Fidalga*. Ora, Sancho Pança, na verdade que fizeste uma acção a mais louvável, que se pode considerar digna de se estampar em cortiça com letras de alvaiade**. Logo, logo vos mando ser governador desta ilha; ide, que espero de vós me façais bons serviços, pois sois homem de esperanças.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(69) “*Mutação de sala de azulejos*. Saem várias danças, um Meirinho, um Escrivão, e dizem: Viva o nosso Governador Sancho Pança!

Sancho. Enfim, não há cousa nesta vida que se não vença com trabalho! É possível que me veja eu feito governador! De verdade, parece-me que estou sonhando! Ora o certo é que não há cousa como ser escudeiro de um cavaleiro andante! Ah, sô Meirinho, endireite essa vara, e não ma troça* à justiça: saiba Deus e todo o Mundo que me quero pôr recto com a sua espada.

Meirinho. Ora, já que vossa mercê falou em espada e justiça, digame: porque pintaram a Justiça com os olhos tapados, espada na mão e balança na outra, pois ando com esta dúvida, e ninguém ma pode dissolver, e só vossa mercê ma há-de explicar, como sábio em tudo?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(70) “*Meirinho*. Já entendo o enigma. Posso agora mandar vir os feitos para a audiência?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(71) “*Meirinho*. Com que vossa mercê se está fazendo de novas?! Vossa mercê não conhece que este é o seu burro, ou o ruço por alcunha? Isto é mal permitido, que talvez o burro, fiado em vossa mercê, ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua justiça. (*À parte*).” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(72) “*Sancho*. Bem folgo que vejais a minha inteireza; pois com ser o burro meu e tendo-lhe tanto amor, não foi este bastante para deixar de fazer justiça. Agora quero escrever uma carta a minha mulher. Ó escrivão, escrevei lá. Ponde em cima a cruz dos quatro caminhos, e uma alâmpada acesa.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(73) “*Meirinho*. Sim, Senhor. Ora basta já de despacho; não queremos que vossa mercê se esfâlfe; nem tudo se há-de levar ao cabo. Venha vossa mercê jantar” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(74) “*Sancho*. Ainda esta é pior! Ora digo-vos que sois um asno. O comer muito é proveitoso para a barriga, porque se enche; pois, conforme a melhor filosofia, *non datur vacuum in rerum natura**; e assim hei-de comer.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(75) “*Cirurgião*. Não, com licença de vossa mercê, Senhor Doutor, também agora não é lícito que o Senhor Governador coma assado, que lhe pode ferir a garganta, pelo torrado do forno e pela acrimônia do molho.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(76) “*Sancho*. Ora está bem. Vamos comendo estas perdizes.
Médico. Tá, tá! Perdizes por nenhum caso; são perniciosas à vida do homem.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(77) “*Sancho*. Visto isso, também estou inabilitado para comer vaca?

Médico. Por ora, sim.

Sancho. Que por ora, se eu por instantes me estou desmaiando com fraqueza? Deixem-me comer aquele prato que ali está, que morro com fome.

Médico. Senhor, está louco? Quer comer pratos? Não vê que é de estanho e que lhe pode fazer uma grande obstrução na barriga?

Cirurgião. Ui, Senhor, estanho não é bom para o estômago; nem derretido, quanto mais cru!

Sancho. Ora isto é já pouca vergonha: hei-de comer o que eu quiser; pois sou Governador em chefe com mero misto império nesta ilha e seus arredores.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(78) “*Sancho*. Agora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Teresa; isso eram canas! Dei-lhe uma vez um descante, que fazia bailar as tripecinhas. O demo da rapariga era esquiva, como não sei quê. Uma vez, pedi-lhe que me deixasse beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria e gentileza, que lho beijei, cuidando que era a mão. Cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar um homem com as vozes do meu canto a dar co corpo à sola.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(79) “*Meirinho*. Ora isto é já pouca vergonha; lá vai a porta dentro.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(80) “Sancho. Isso estava eu para dizer agora, e tirou-me da boca o que eu já tinha entre os dentes.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(81) “Carrasco. Agora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darei quanto possuo, se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura que tem empreendido. Eu te prometo que tu fiques desenganado e por estes par de anos não montarás a cavalo. Oh, se quisera a ventura que agora o encontrasse! Mas, se me não engana a vista, lá vejo vir um cavaleiro. Ele é sem dúvida; apressar-me quero.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(82) “Sancho. Ora, Senhores, acabou-se a valentia de D. Quixote, graças a Deus! Tirei bom fruto dele! Bem me disse a minha filha ao despedirme! Com que agora, dando fim a esta verdadeira História, irei cantando:” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

7.5.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS

(1) “Dom Fuas: Vi muito bem, que são as sobrinhas de Dom Lancerote.

Fagundes: Essas mesmas são: ora diga-me, aonde as viu?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(2) “Fagundes: Digo que bem escusados eram estes sustos: ora, digam-me, senhoras, se seu tio viesse, e as não achasse em casa, que seria de mim?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(3) “Semicúpio: Ora demos princípio à tramóia. (à parte). Ai, senhores, quem me acode?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(4) “Fagundes: Ora deixem-no comigo.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(5) “Semicúpio: Eis aqui o malmequer: ora vamos a isso; que se há flores que são desengano da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem-me-quer.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(6) “Dom Gilvaz: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora Dona Clóris: ora faça-me o favor de a ir chamar.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(7) “Fagundes: Ora, Deus lhe dê saúde; olhe, ela pesa pouco, e vai aqui para casa de Lancerote.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(8) “Dom Gilvaz: Ora, vamos a isso: ai, Clóris, quanto me custas!” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(9) “Sevadilha: Ora vá-se com a fortuna.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(10) “Dona Nize: E não foi o pior o ficarmos às escuras que assim terão todos medo de vir aqui: ora, abre a caixa e dize a Dom Fuas que saia.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

(11) “Dom Fuas: Senhora Dona Nize, para que são esses fingimentos? Peleje agora com Fagundes, para se mostrar inocente.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

- (12) “Semicúpio: Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro dela. Ora, filha, tiram-me daqui, tu não ouves?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (13) “Sevadilha: Ora, Deus o ajude com tanto espirrar” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (14) “Sevadilha: Ora, faça-me esse favor, e adeus.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (15) “Dom Fuas: Ora diga-me, pois Dona Nize...” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (16) “vou a isso: ora, diga-me, que lhe dói?” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (17) “Dom Lancerote: Não cuide que a Manjerona e alecrim tinham tais virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (18) “Sevadilha: Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora que dó pode haver de matar um animal? Verão como eu faço isto brincando.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (19) “Semicúpio: Que fará, se souberas, que estou todo coberto de penas vivas? Ora, anda Sevadilha, tira-me de mais penas.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (20) “Sevadilha: Ora vamos.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (21) “Fagundes: Já acabaram de cantar? Pois agora entrem a chorar.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (22) “Dom Lancerote: Ora, senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dois, que eu não meti, talvez que ache o que eu encerrei.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (23) “Dom Gilvaz: (à parte). Ai, que é Semicúpio! Agora repar, já estou sem susto.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (24) “Semicúpio: Rapaziadas. Ora, ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, honestè vivere.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)
- (25) “*Barbeiro*. Quando eu cuidava que vossa mercê estava de todo são desta loucura, ainda o vejo tão enfermo dela! Ora, Senhor, deixe esta teima. Quem lhe meteu em cabeça que havia no Mundo cavaleiros andantes? E, quando isso assim fora, vossa mercê porventura tinha barbas para o ser?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)
- (26) “*Teresa*. Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus sujos braços? Ora deixai-vos ficar.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)
- (27) “*Sancho*. Isso basta e sobeja. Ora sente-se; aí tem papel selado, que já me serviu em várias necessidades. É bom papel: tudo o que se escreve de uma banda, se pode ler da outra com muita facilidade. Ora ponha uma perna sobre a outra; escreva à sua vontade. *Tabelião*. De qualquer sorte estou bem, para servir a vossa mercê.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(28) “Passemos agora ao meu gado. Em primeiro lugar, tenho um burro, que lhe chamam o ruço por alcunha; tenho mais duas cadelas paridas.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(29) “*Tabelião*. Ora assine-se vossa mercê aqui atrás.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(30) “*Sancho*. Ora vá, que eu começo.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(31) “*D. Quixote*. Com que, vossa mercê é cavaleiro andante? Ora ajuntese comigo, e falemos na matéria, que, como professor dela, estimo muito estas práticas.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(32) “*D. Quixote*. Vai selar o rocinante, que temos que brigar esta manhã com aquele cavaleiro do bosque. Anda, Sancho; vai depressa.
Sancho. Estou dormindo, que é o mesmo que estar ninando. Ora salve Deus a vossa mercê. Ah, Senhor, eu devo de ter muita cólera na barriga.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(33) “*Sancho*. Ora, Senhor, cuide vossa mercê noutra cousa; brigar logo de manhã é asneira.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(34) “*Sancho*. Porque sou animal, por isso me espanto. Ora venha cá: Quem se não há-de espantar de ouvir dizer a vossa mercê que está no Inferno assim à chucha calada, e eu também, sem me doer pé nem mão, graças a Deus?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(35) “*D. Quixote*. Ora anda comigo; não te agastes, que sem dúvida serás premiado.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(36) “*D. Quixote*. Ora, meu Sancho, dize-me aqui em segredo se és Dulcineia, que eu te prometo um prémio!” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(37) “*Sancho*. Ora leve o Diabo o dengue! Que queira vossa mercê que à força seja eu Dulcineia ensanchada, ou Sancho endulcinado!”

(38) “*D. Quixote*. Tu tens a culpa. Quem te manda seres fraco? Ora tem paciência, sofre, que a ilha algum dia aparecerá. Mas espera. Não vês nas margens do rio um barco atado, sem velas, nem remos?” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(39) “*Sancho*. Ai, que me afogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(40) “*Fidalga*. Senhor, deixemos por ora lisonjas; pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis é nascido mais de vosso capricho, que do meu merecimento; mas, se me não engano, lá vejo vir dous cavaleiros.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(41) ‘Sancho. Ora graças a Deus, que estamos entre animais. Diga vossa mercê agora que isto também é encanto; e que aquela mocetona que ali está, e mais aquele rufião, que são gigantes.’ (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(42) “Sancho. Até aqui, ao que parece, o vosso requerimento é de justiça. Ora andai; disse de vossa justiça em três dias.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(43) “Mulher. Senhor, foi o caso: Eu sou uma moça donzela e solteira. Fui pecadora, caí na tentação do Diabo: um magano... Já vossa mercê me entende! E agora, diz que não quer casar comigo.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(44) “Médico. Ora, Senhor Governador, deixe vossa mercê isso, pois não falta comer em que vossa mercê se possa fartar. Coma esse prato de assado.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(45) “Sancho. Ora, Senhores, deixem-me já por caridade comer aquele prato de vaca, para consolação desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu amo que *vacare culpa magnum est solatium****.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(46) “Escrivão. Ora vamos, que ao depois, sem que o médico nem o cirurgião saibam, lhe daremos bem que comer.

Sancho. Vede lá o que dizeis!

Escrivão. Tenho dito e fie-se em mim.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(47) “Sancho. Ora vamos rondar; mas esperai; e, se acharmos alguns marujos que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

(48) “Meirinho. Ora ouça, que estou batendo.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

7.6 OCORRÊNCIAS DE então NO TEATRO DE “O JUDEU”

7.6.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS

(1) “D. Quixote. Sô Mestre, trate do seu estojo, e das suas navalhas e não se meta a querer investigar os recônditos arcanos dos cavaleiros andantes. Se você lera as antigas Histórias de Palmerim de Oliva, Roldão, Amadis de Gaula e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas, soubera então o que val*** um cavaleiro andante.” (Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança)

7.6.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS

(1) “Dom Gilvaz: Que? Morreu o velho!

Sevadilha: Isso então seria fortuna.” (As Guerras do Alecrim e da Manjerona)

(2) “Semicúpio: Então, visto isso, venceu o Malmequer pois ele dói o meio entre o princípio da Manjerona, e o fim do Alecrim.” (As Guerras do Alecrim e da Manjerona)

(3) “*Sancho*. Os meus serviços com quaisquer trinta réis se pagam; até aí posso eu; se vossa mercê me não dá para mais, então irei buscar minha vida. E esses meus serviços só na boca de vossa mercê não é bem que fiquem. Dê-me alguma clareza ou obrigação, por onde o possa obrigar, quando me falte.” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

(4) “*Sancho*. É a mais excelente do Mundo. É mui grande: tem sete palmos de comprido e dous de largo; tem muita árvore de espinho. O que me gabam mais é um passeio que tem, de ortigas, que dizem é uma maravilha. Sobretudo tem ao pé dos muros um canteiro de boninas, que cheiram, que tresandam. Tem muito lega-cachorro* e é tão sadia, que todos os anos tem um ramo de peste. Não, quanto a eu ir bem acomodado, nisso não se fala. Tomara-me eu já nessas limpezas, e então, se Deus quiser, casarei a minha Sanchica com um fedalgo” (*Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*)

7.6.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS

(1) “Dom Gilvaz: Semicúpio, já o pior é passado: acabemos de deitar esta nau ao mar, que então teremos enchentes.” (*As Guerras do Alecrim e da Manjerona*)

7.7 OCORRÊNCIAS DE agora EM A VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES

7.7.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS

(1) “Porque sendo memórias de muita glória para o Santo o rico edifício da sepultura, a sumptuosidade das festas, o amor e contendas por conservação de suas relíquias, e sendo as mesmas de grande nome pera Vossas Mercês e não menos importantes os títulos que possuem de antiguidade e nobreza, de honras e privilégios dos Reis, contudo, enquanto não subiam ao ponto que Vossas Mercês agora lhe souberam dar, eram uas memórias quase da mesma estofa que as pirâmides dos egípcios”

(2) “Foi fácil de persuadir o valeroso cavaleiro. Entra no rio, lança sua gente em terra, fortifica-se da parte ocidental, por todo aquele teso, onde agora é o convento d S. Francisco, até sobre o mar.”

(3) “A descrição representa sítio levantado e senhoril sobre o mar de Espanha, e que não tocava no rio, como agora, pois dele nenhuma menção faz”

(4) “Sepultada e adormecida esteve em suas ruínas Viana, até o tempo d’el-Rei Afonso III de Portugal, que comumente chamamos Conde de Bolonha, o qual, no ano do Senhor de mil e duzentos e sessenta e seis, a trouxe do monte ao baixo e ao longo do rio, onde agora está, sítio que então havia nome Átrio, que logo ficou apagado e trocado no antigo de Viana”

7.7.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS

(1) “E como tal desd’agora peço a Vossa Paternidade e, em seu nome, a todos os Padres Provinciais seus sucessores que, quando, visitando esta Província, chegarem a esses conventos lá vizinhos aonde me desterram, façam conta que têm outro um pouco mais

adiante, onde eu estiver, pera o visitarem em todo rigor e pera me avisarem e reprenderem de minhas faltas.”

(2) “E havendo dous anos que ando com as mãos na obra, venho agora de seu mandado presenteá-la a Vossas Mercês”

(3) “Até’gora vimos a inteireza combatida da cobiça e ambição, e não fazia pouco em se defender. Agora entra em novas fadigas.”

(4) “Lembrava-lhe que buscava a Religião pêra fugir ocasiões de perigo d’alma; e via que a mesma Religião a que o vinha agora a precipitar nelas”

(5) “O tratamento de sua pessoa e mesa, que agora diremos, não principiou em Braga: continuou em Braga o que tinha na Religião. O que não espanta é que não afrouxou nunca um ponto do rigor com que entrou.”

7.7.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

(1) “protesto diante de Vossa Paternidade e de todos estes padres que nisto seguirei o de que sou notado entre eles, de ser com demasia arrimado a meu parecer, que em nenhum tempo mudarei o estilo de vida que até’gora segui e nela aprendi”

(2) “Atrás fica dito como, tirado o pouco que despendia com sua casa e o que montavam os salários dos oficiais de justiça, tudo o mais se entesourava nas mãos dos pobres, que era o mesmo que passá-lo ao Céu por elas, como o dizia a Daciano o glorioso mártir S. Lourenço, em cujo dia isto vamos escrevendo. Agora é lugar de dizermos a ordem com que o fazia.”

7.7.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS INJUNTIVAS

(1) “Comparemos agora esta doutrina com essoutras rezões, ponhamo-la com elas em balança, vê-las-emos ir por esses ares e desaparecer como fantásticas e sofisticas e sem nenhum peso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o ouro, e com a prata, e com as mais valias da terra, quando cantamos dele que, pêra confundir essas forças e mostra quão pouco montam em sua presença, buscou e escolheu cousas mui fracas com que as desbarata.”

7.8 OCORRÊNCIAS DE então EM A VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES

7.8.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DESCRITIVAS

(1) “Aos padres mais graves da Província foi em especial aceita a eleição, entre os quais o Mestre Fr. Luís de Granada, que então era Provinzial, foi o que mais a festejou que, como tão espiritual, havia que quadrava bem com ua casa, que por todas as idades fora observantíssima, o governo de quem era espelho da observância”

(2) “Diziam contra o eleito que era moço, sendo de quarenta e quatro anos vividos de estreita observância; que lhe faltava experiência, sendo a juízo de todos um dos mais famosos letrados que então se sabia”

(3) “Este exercício tinha até junto das onze e então se agasalhava entre as pobres mantas”

(4) “Por outra parte foi logo tomando estreitas informações, de pessoas de virtude e consciência, da vida e costume de todos e como procedia cada um em sua obrigação. E por então não lhe pareceu que era bem alterar em nada o estado em que achava as cousas”

(5) “E é de notar que, provida a porta de nova guarda, e novo pano, logo proveu com ele outro pobre que se lhe pôs diante, necessitando de roupa. E desde então ficou pêra sempre desarmada”

(6) “Eram vereadores Afonso de Barros Rego, que então servia de Juíz, e o Doutor António da Rocha, e Francisco da Rocha Barbosa”

(7) “e a Viana o de melhor cidade que na mesma província tinham, que era Viana, situada alterosamente sobre o rio Ródano, como então ficou Viana sobre o Lima”

(8) “Sepultada e adormecida esteve em suas ruínas Viana, até o tempo d’el-Rei Afonso III de Portugal, que comumente chamamos Conde de Bolonha, o qual, no ano do Senhor de mil e duzentos e sessenta e seis, a trouxe do monte ao baixo e ao longo do rio, onde agora está, sítio que então havia nome Átrio, que logo ficou apagado e trocado no antigo de Viana”

7.8.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “O seu jejum era mais estreito, a sua disciplina mais rigorosa e, se tinha lugar, mais prolongada, o silêncio, inviolável. Sempre furtava ao sono, ou pera dar aos livros de devoção, ou pera ser o primeiro no oratório. E desde então começou o que depois usou por toda a vida, que era ter ua escudela de água à cabeceira, pera se servir dela contra a força do sono.

(2) “E na verdade não se enganava, porque acontecia virem ao convento amiúde os príncipes que então havia no Reino, e mais particularmente o Cardeal D. Henrique e o Ifante D. Luís, polo gosto que tinham de comunicar com o prior e, como sabiam a vida que ali se fazia”

(3) “Como convaleceu, fizeram-se as diligências ordinárias pera se mandarem pedir as ; letras da confirmação a Roma, então soube que se carregavam sete mil cruzados de pensão e não faltou quem estranhou sofrer ele cortar-se-lhe tamanha parte da renda”

(4) “Rezava suas horas pola manhã cedo e sempre só, senão era quando, nesse dia, havia de pregar, porque então se ajudava de um capelão.”

(5) “Levantou os olhos ao céu e dando um grande gemido, arrancado do íntimo das entranhas, que logo os olhos seguiram com lágrimas, prostrou-se todo por terra; o Provincial então, primeiro que tudo, o absolveu do priorado de Benfica”

(6) “o bom julgador, pera proceder acertadamente, havia de imitar o bom cirurgião, que, antes de chegar a obrar com a navalha ou cautério contra o membro que se vai corrompendo, primeiro corre e aplica todos os remédios que a arte ensina, pera o reduzir a estado de saúde e, quando nada aproveita, então, vencido da força do mal, corta, então queima e no que lhe custa de sentimento chegar a essa crueldade mostra que é gênero de piedade o vir a ser cruel”

(7) “Então caía na conta de quanta rezão tevera nas forças e repugâncias e extremos que fizera para escusar tamanha carga, quando o buscavam pera ela;”

7.8.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS

(1) “da razão não fez caso porque, como não estimava fazenda, se menos renda lhe deixaram, tão-pouco reparara nisso. Antes, se em tal duvidara, então pudera ser notado de cobiça, vício a sua natureza tão contrário que, podendo satisfazer-se da contia das pensões na hora que entrou em Braga, como fazer sobir os arrendamentos e crescer a renda, nem então, nem em vinte e três anos que foi prelado”

(2) “Tornou-se logo pera o seu remanso amado da cela a Benfica, que então lhe parecia muito melhor assombrada, como o sintido que tinha de não cedo a havia de perder”

(3) “Que o pai que de verdade ama o filho, quando mais asperamente usa com ele da vara, quantos golpes lhe dá em ódio da culpa por que lhos dá, tantos recebe nas mínimas dos seus olhos, pólo amor que lhe tem; assi, o ministro então seria qual convem se, quando castigasse o culpado, como manda a lei, lhe ficasse doendo a mão como o pai.”

(4) “Com a entrada do ano novo determinou começar a visitar o arcebispado. Diziam-lhe os cônegos e os desembargadores que era o tempo do inverno mui áspero naquelas partes, de muitas neves e frios intoleráveis, que lhe poderiam fazer dano irreparável na saúde; a isto respondia que o bom pastor não deixava de estar com suas ovelhas por medo de chuvas, nem frios, nem calmas, nem tempestades, porque antes então têm elas mais necessidades de sua companhia e mal cumpriria ele com o ofício se, havendo dous anos que seu antecessor era falecido, e sendo provável haver necessidades nas ovelhas de Cristo, deixasse de lhes acudir por respeitos particulares de sua saúde ou de seu bom ou mau tratamento.”

(5) “Quando acontecia de não achar prova bastante pera usar deste meio, mandava-os vir diante de si um por um, e perguntava-lhes quando havia que estavam emendados, servia-se da resposta por confissão, pera os repreender asperamente de palavras, por então, e pera os evitar ao diante, quando houvesse fama que tornavam ao pecado; e não havia outra condenação”

(6) “Resolvo-me, Padres Reverendíssimos, que, se as rendas desta minha igreja foram de tal qualidade que as pudéramos estirar quanto se pode estender a vontade, inda então houvera de cuidar muito no modo de as repartir”

7.9 OCORRÊNCIAS DE agora EM A MULHER SEM PECADO

7.9.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS

(1) “OLEGÁRIO - Você olha para mim com um olhar de mártir! Pois bem. Agora mesmo, neste minuto, você pode estar-se lembrando de um amigo, de um conhecido ou desconhecido. Até de um transeunte. Pode estar desejava uma aventura na vida. A vida da mulher honesta é tão vazia! E eu sei disso! Sei!”

(2) “OLEGÁRIO (noutro tom) - Admitamos que não houve nada - até agora Mas... e a sua imaginação?”

(3) “UMBERTO - Achei que devia dizer ao senhor! Um manco que a gente encontra sempre, na Colombo, aparecendo agora, aqui, na esquina!”

(4) “JOEL - Quer dizer, predestinado porque a sua primeira mulher não Ihe foi fiel. E agora a segunda também não é fiel... Disse também que D. Lídia...”

(5) “OLEGÁRIO (aproximando-se com a cadeira) – Agora sou eu que digo: você é que está diferente!”

(6) “OLEGÁRIO (sardônico) - Indignidade! (com sombria exasperação) Você está mais bonita do que nunca. Você não podia ser tão bonita. Chega a ser... indecente. Agora é que você é, de fato, mulher.”

(7) “OLEGÁRIO (numa espécie de monólogo) - O banho de Lídia é agora demorado como nunca... No banheiro, eu sei, tenho certeza de que o próprio corpo a impressiona. O corpo nu, espantosamente nu.”

(8) “Agora é Olegário.”

7.8.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS NARRATIVAS

(1) “OLEGÁRIO (encarando Umberto) - Ainda agora você me falou, sem que, nem pra que, no homem coxo. Você está-me querendo fazer de idiota?”

(2) “OLEGÁRIO (com mau humor) - É. Não quis. Não quis agora, nem antes. Você precisa dar um jeito nisso.”

(3) “OLEEÁRIO – Agora vou-lhe fazer uma pergunta à queima-roupa, Você me responde – terá coragem?”

(4) “LÍDIA - Eu provoquei você? Está completamente doido!
UMBERTO - Doido! Diz isso agora, mas antes...”

(5) “Agora que sabe quem sou eu.”

(6) “LÍDIA (atônita) - Compreendi agora! (com desesperada ironia) Você acha que um substituto é indispensável?”

(7) “OLEGÁRIO (triumfante) - Calção de banho, eu não disse! Você é que acrescentou agora o detalhe, completou a figura. (com desesperada ironia) Em todo caso, o calção é uma homenagem - significa a folha de parreira masculina. (com violência) Viu? A sua imaginação?”

(8) “OLEGÁRIO (explodindo) - E pare com esse negócio de me chamar Olegário. Antigamente, a senhora só me chamava de "Dr. Olegário". Agora, não.”

(9) “OLEGÁRIO - Olha. Aquela história de espiar o que D. Lídia fazia - aquilo que eu mandei – foi brincadeira. Mas já sabe. Não conte nada a ninguém. Nunca.
UMBERTO - Claro. De mim, ninguém saberá nada. Deus me livre. E agora vou falar com D. Lídia. Adeus... Eu tinha outra coisa para dizer ao senhor.”

7.8.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS

- (1) “LÍDIA (admirada) - Eu? Mas que jeito você quer que eu dê?
OLEGÁRIO (de mau humor) - Que jeito, ora!... Você podia interessar-se mais - que diabo! Mas não. Larga tudo na mão da criada.”
- (2) “LÉDIA (cojten`o-se) - Você agora se aborrece com as mínimas coisas! Ah, meu Deus!”
- (3) “OLEGÁRIO (incisivo) - Satisfações a você, sim! "Parto amanhã." O que é que você tem com isso?
LÍDIA (nervosa) – Ora, Olegário, ora! (outro tom) Sou a única parente que ele tem no Rio! Eu, mãe, Maurício e você.”
- (4) “OLEGÁRIO - Mas essa mulher não pára de descer e subir essa escada! Será possível?
LÍDIA – Ora, Olegário! Ela está fazendo o serviço dela!
OLEGÁRIO - Está bem. (outro tom) Você é mulher de um paraplégico.
LÍDIA (numa explosão) - Você não devia falar tanto na sua paralisia! Isso é quase - quase uma chantagem! Você me lança no rosto, todos os dias, essa paralisia! E eu não posso reagir!
OLEGÁRIO (admirado) - Como não pode reagir? Reaja, ora essa!”
- (5) “OLEGÁRIO (concentrando-se) - Apelido? E que apelido era esse?
JOEL (depois de uma pausa, baixo) - V-8.
OLEGÁRIO (surpreso) - V-8, por quê? Que negócio é esse de V-8?
JOEL - Foi o que Sampaio disse. Que todo mundo chamava D. Lídia assim, no Grajaú.
OLEGÁRIO (abalado) - V-8? (pausa) Mas por que V-8, ora essa?
JOEL - Chamavam D. Lídia de V-8 porque - diz o Sampaio - namorava. Era muito namoradaira.”
- (6) “OLEGÁRIO (sombrio, voltando-se para Joel) – Agora uma coisa, Joel. Eu quero avisar a você o seguinte: tudo o que dizem de minha mulher é uma infâmia. Minha mulher é honestíssima - está ouvindo?
JOEL - Estou. Eu sei, doutor.”
- (7) “OLEGÁRIO (explodindo, agressivo) - E D. Lídia o quê?... (impulsiona a cadeira para junto de Joel, que recua alarmado) Lídia o quê?... (silêncio) Você chegou cheio de dedos - com mil e uma reticências - e agora diz as coisas espontaneamente! Quem mandou você dizer isso? Falar na minha primeira mulher?”
- (8) “OLEGÁRIO (com amargura) - Logo que eu fiquei doente, você não saía de junto de mim o dia todo. Andava triste, não usava batom. Agora... (amargo) Pinta-se. Vai à Colombo. Todos os dias sai. Você me visita apenas. Só vem quando chamo.
LÍDIA (nervosa) – Ora, Olegário, que é isso?”
- (9) “OLEGÁRIO (vago) - Foi uma coisa de momento. Nem sei como foi.
LÍDIA (amargurada) - E agora, está satisfeito?”
- (10) “OLEGÁRIO (admirado) - Você queria que eu conversasse sobre o quê?
LÍDIA – Ora, meu filho! Tem tantos assuntos!”
- (11) “você é que está diferente! Nunca se queixou antes! (amargo) Mas agora!”

(12) “LÍDIA (veemente) - Você não me provocou? Agora, meu filho, vá ouvindo!”

(13) “OLEGÁRIO (cortante) - Porque eu respeitava você!

LÍDIA – Ora!

OLEGÁRIO - Você era esposa, e não amante! E eu não podia, compreendeu? Para a esposa, existe um limite!”

(14) “OLEGÁRIO - Mas não faz mal. Eu não me queixo. Até gosto, acho tudo ótimo, magnífico. E se me queixei foi antes. Agora, não. No momento, eu estou com uma disposição fantástica.”

(15) “MAURÍCIO (levanta-se) - Assim não. Eu vario muito. Não gosto de uma mulher só. Agora, se me casar, pode ser.”

(16) “OLEGÁRIO (ri, sórdido) - Uma mulher com cinta não me inspira desejo nenhum. Percebeu? Nenhum. (exasperado) Você tem medo. Medo de mim. Olha. Agora que eu sei que nunca, que não conhecesse nenhuma mulher, eu desejaria, juro, que tu tivesses morrido antes do primeiro desejo... (agarra-se ao outro, em desespero, numa espécie de súplica mortal) Ninguém é fiel a ninguém. Cada mulher esconde uma infidelidade passada, presente ou futura.”

(17) “OLEGÁRIO - Não há dúvida, não há dúvida... Quer dizer que essa pessoa não te impressionou, nem... Umberto, ainda agora eu quis te despedir, mas . . .”

(18) “UMBERTO – Com licença.

MAURÍCIO - Quer que chame Lídia, agora?”

(19) “VOZ INTERIOR (microfone) - E se eu enlouquecesse agora?

MAURÍCIO - Mas você não pensa que é mesmo a sua primeira esposa que fala com você?”

(20) “OLEGÁRIO (espantado) Ali. Está ali agora. (noutro tom) Também vejo homens descendo e Lídia, no alto da escada, dando adeus, de combinação. Ouço ela dizer: ‘Mon cherri, mon cherri’... “

(21) “OLEGÁRIO ,(sardônico) - Por que esta conspiração universal contra o rapaz?

LÍDIA - Mas como? Afinal, mamãe viu!

OLEGÁRIO - O quê?

LÍDIA – Ora, meu filho!

OLEGÁRIO - Bem. Já que vocês insistem, vou dar minha opinião, a respeito. É a seguinte: Sua mãe devia cuidar dos próprios pecados e deixar os dos outros.”

(22) “OLEGÁRIO - Sabes o que faria, se pudesse? Presta atenção que vale a pena. Arranjaria um quarto, do qual não se pudesse sair, nunca. Um quarto para nós três. Eu, você e "ele". Olhando um para o outro, até o fim da eternidade. (ri e corta a gargalhada. Fala com sofrimento) Agora você fica.”

(23) “LÍDIA - Deixa eu passar ou eu grito agora mesmo!”

(24) “UMBERTO - Quer, sim. Quer agora mais do que nunca.”

(25) “UMBERTO (baixo) - Gosta de mim?
LÍDIA (baixo e maravilhada) - Não sei, não sei!
UMBERTO – Agora um beijo, sem resistir.”

(26) “UMBERTO - Inézia! E aposto que vai dizer ao Drr. Olegário! (ri) Mas não há perigo. Ele pensa que eu - sabe como é? (grave, de novo, e insultante) Por que você não aproveitou agora? Diga? Cínica! (aperta entre as mãos o rosto de Lídia) Como é bom te chamar de cínica! (baixa a voz. Acariciante, trincando as palavras) Deixa eu te dizer um nome feio, baixinho, no ouvido? Um insulto?”

(27) “LÍDIA (brevíssima hesitação) - Na boca, sim. (frívola) Por que não?
OLEGÁRIO – Ora, por quê! Por que sim! E por que não seria na boca?
LÍDIA - Por nada. Achei interessante.
OLEGÁRIO (sardônico) - Realmente. Muito interessante.
LÍDIA (com irritação) – Ora, Olegário!”

(28) “OLEGÁRIO (ri, ignobilmente) - Quem sabe se eu já não fui "substituído"? (incisivo) Por que é que você tirou a cinta hoje?
LÍDIA - Quis tirar, ora! Tem alguma coisa de mais?”

(29) “UMBERTO - Fui eu, sim, Dr. Olegário. Fui eu e botei no prego para comprar um terno:
OLEGÁRIO - E por que vem-me dizer isso agora? Para quê?”

(30) “OLEGÁRIO - Foi uma experiência... Uma experiência que eu fiz com Lídia... Precisava saber, ter uma certeza absoluta, mortal... Agora sei, agora tenho a certeza... Há, no mundo, uma mulher fiel... É a minha... E perdão, Maurício... Chama a tua mãe... Ela que me perdoe também... Vou me ajoelhar diante de Lídia... (exaltado) Milhões de homens são traídos... Poucos maridos podem dizer: "Minha mulher"... eu posso dizer - minha! (riso soluçante) Minha mulher (corta o riso, senta-se na cadeira)”

7.9.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS

(1) “LÍDIA (descendo a escada) - O homem já saiu, Olegário? Vou buscar a comida de sua mãe. Tomara que ela coma agora.”

(2) “OLEGÁRIO - Vou despedir esse cachorro. Botá-lo para fora daqui a pontapé.
D. MÁRCIA – Ora veja!”

(3) “OLEGÁRIO – Ora veja!”

(4) “OLEGÁRIO – Agora me mate, me estrangule, ande!”

7.10 OCORRÊNCIAS DE então EM A MULHER SEM PECADO

7.10.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS

(1) “MULHER (apaixonando-se) - Um homem que passa todo o tempo fechado num quarto, acaba pensando em mulheres, muitas mulheres; ou, então(37), pensando numa única mulher. Ele está num quarto pegado ao de Lídia, Olegário!”

7.10.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “OLEGÁRIO (cruel) - Responderia: ‘Não. Já fui infiel em pensamento.’ Então eu perguntaria: ‘Mas com quem?’ E você: ‘Com um rapaz’”

(2) “OLEGÁRIO - Preste atenção: você conhece uma mulher. Convive com esta mulher. Ela usa cinta. Um dia, você nota que ela está sem cinta. Ou porque faz calor, a transpiração é horrível e a cinta a incomoda. Ela tira, então. Você sente o corpo da mulher diferente sem a cinta? A gente deseja mais a mulher sem cinta ou é a mesma coisa?”

(3) “UMBERTO - Bem. O senhor disse que viram... Então, entrou... E claro! Se viram, entrou...”

7.10.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

(1) “OLEGÁRIO - Inézia! Inézia!

INÉZIA (a criada, entrando) - Pronto, doutor.

OLEGÁRIO (parando a cadeira no meio do palco) – Então? O que há?

INÉZIA - Nada, doutor, nada de novo. Quer dizer...”

(2) “INÉZIA - Está na hora da comida de D. Aninha.

OLEGÁRIO (distraindo com o telegrama, custa a falar) Está? (noutro tom) Então dê e... Chame Umberto.”

(3) “(Inézia vai dar comida à D. Aninha. Olegário acompanha com os olhos a menina que passa. Umberto olha, displicente, um detalhe qualquer do mobiliário.)

OLEGÁRIO – Então, como foi? Sentou-se com D. Bárbara e D. Sandra.

UMBERTO (displicente) - É só?

OLEGÁRIO (ríspido) - Que só, o quê? O que é que houve na Colombo? Quero saber tudo!

UMBERTO - Eu fiz como o senhor disse: fiquei vendo se ela olhava para fora.

OLEGÁRIO (com atenção concentrada) - E então?”

(4) “OLEGÁRIO (aprensivo) - D. Lídia olha para ele?

UMBERTO (sintético) - Não.

OLEGÁRIO (noutro tom, com certo alívio) - Ele olha para D. Lídia?

UMBERTO - Não.

OLEGÁRIO (espantado) – Então o que é que tem de notável esse camarada?

UMBERTO (confidencial) - Eu acho que ele não regula bem. Fica andando de um lado para outro, o tempo todo, e não sai disso. Mancando.”

(5) “INÉZIA (com resignação) - Vou esperar, doutor. (num lamento) Mais do que eu faço!... (Inézia volta para junto de D. Aninha.)

OLEGÁRIO (impaciente) - Até perdi o fio da história! (lembrando-se) Então D. Lídia olhou para o senhor? Você está querendo insinuar alguma coisa, seu...

UMBERTO (escandalizado) - Nada, doutor! Que o quê!”

(6) “UMBERTO (entre misterioso e sardônico) - O senhor acha então que eu não sou... chofer? (noutro tom) Quer ver a minha carteira profissional?”

(7) “OLEGÁRIO (noutro tom) – Então o tal coxo é velho?
 UMBERTO - É, doutor.”

(8) “LÍDIA (com veemência) - Você pensa então que se ela não fosse sua mãe eu estaria sempre em cima? (noutro tom, suplicante) Eu já disse a você, não disse, que às vezes não posso, fico nervosa? (com angústia) Ah, Olegário! Tratar uma pessoa que não compreende, que passa todo tempo enrolando um paninho... (exasperação) Aquele pano que ela enrola, aquele pano!..”

(9) “LÍDIA (com angústia) - Pelo menos, Olegário, pelo menos diga o que quer que eu faça. Sua mãe não quer comer: o que eu devo fazer? Diga!
 OLEGÁRIO (depois de uma pausa) - Está be . Vamos esperar então. Daqui a pouco você tenta outra vez.”

(10) “LÍDIA (nervosa e revoltada) - Você está, loíko, Olegário, doido! Então, até isso!
 OLEGÁRIO(repetindo)- "Minha vida não tem mistérios"! Que é então o seu passado, sendo um mistério?”

(11) “OLEGÁRIO (encarando-a com raiva) - Eu queria encostar você na parede - ouviu?
 LÍDIA (contendo-se) - Estou ouvindo...
 OLEGÁRIO (continuando) - Mas de maneira que você não pudesse fugir. Depois, então, eu faria uma série de perguntas, uma atrás da outra.”

(12) “eu perguntaria: "Mas com quem?" E você: "Com um rapaz", ou então... Ah, é mesmo! "Com Maurício". Está aí: Maurício!...”

(13) “OLEGÁRIO - Não, espere. (para Lídia) Depois eu falo com você.
 LÍDIA – Então eu vou dar comida à D. Aninha.”

(14) “OLEGÁRIO - Mas você não disse que ele não olha para D. Lídia, nem D. Lídia para ele?
 UMBERTO - Disse.
 OLEGÁRIO – Então o que é que eu tenho com ele? Que importa que ele esteja na esquina ou deixe de estar? Nós temos alguma coisa com isso?”

(15) “OLEGÁRIO (espantado) - Moço o quê! Você não me disse que era velho?
 UMBERTO - Eu disse? Então me enganei! É moço! Só tem aquele defeito na perna. No mais, é muito bem parecido.”

(16) “(Umberto sai. Entram Inézia e Joel. Joel, rapaz pobre; terno sebento; servilismo abjeto; mesuras. Inézia sai.)
 OLEGÁRIO (com certa impaciência) - E então?
 JOEL - Fiz o que o senhor mandou. Falei com o Sampaio.”

(17) “JOEL - Eu perguntei para ver se ele me dizia quem.
 OLEGÁRIO (sombrio) - E então?
 JOEL - Não quis dizer. Fiz força, mas não adiantou. O senhor sabe que ele fez um poema e datilografou?”

(18) “JOEL (atarantado) - Juro, doutor! Ele recitou pra mim. (levantando-se) Então, muito obrigado, doutor Olegário. (noutro tom) Ah, outra coisa que o Sampaio disse que o senhor é um... predestinado.”

(19) “OLEGÁRIO (sardônico) – Então não desconfiou ainda?
LÍDIA (nervosa) - Desconfiar de que, Olegário? Diga!”

(20) “LÍDIA (amargurada, repetindo) - "Tudo"! Você se esquece que eu tive "tudo" - como você diz – tudo, menos marido. É o que muitas não têm - muitas - marido!
OLEGÁRIO (irônico) – Então você nunca teve marido?”

(21) “LÍDIA (levantando-se, nervosa) – Então, quando você deu para escrever sobre economia, me dava tudo para ler. Que é que me interessa carvão, manganês, minério não sei de quê?”

(22) “Porque o fato é o seguinte: eu estou assim - imprestável. Muito bem. E, então, como consequência do meu estado, nós dois, e sobretudo você, mocíssima, somos o casal - veja você - que, ao contrário dos outros, se mantém ferozmente casto... Que tal, hem?”

(23) “Onde está o meu revólver?
Ali! Na gaveta! Apanha! (muda de tom) Ou, então, se tu metesses uma bala na cabeça, eu poderia fazer o mesmo se... (sôfrego) Acreditas, então, que há uma mulher assim? Já não digo duas. Uma. Basta uma que seja a fiel absoluta...”

(24) “OLEGÁRIO (rindo, também) - Engordaste, então, não foi? E passaste a olhar os outros, de baixo para cima? Tinhas vergonha de tudo, não tinhas?”

(25) “LÍDIA (para Olegário.) - Eu vim ver se você quer comer agora.
OLEGÁRIO (triste) - Não. Estou sem vontade.
LÍDIA (persuasiva) – Então, daqui a pouco. Você precisa se alimentar, Olegário! (noutro tom)”

(25) “OLEGÁRIO - Imagine se, um dia, você abre a porta do quarto e - esbarra com Maurício. E mesmo que não esbarre com ninguém: De qualquer maneira, não quero! Por mim, você nunca tiraria a roupa., Nua no banheiro - nunca. (suplicante) O fato de você mesma olhar o próprio corpo é imoral. Só as cegas deviam ficar nuas. (ri) Ou, então... Sim, há alguém que poderia entrar no quarto de todas as esposas. Compreendeu? Alguém que... Não, Maurício. Maurício, não. Eu pensei que ele fosse um anjo. Mas falta em Maurício não sei como possa dizer. Ele não é mutilado, ouviu? Perfeito. Realmente perfeito é a pessoa que, na meninice...”

(26) “UMBERTO (grave e lírico) – Então, tudo o que eu disse é mentira? Quer dizer que eu não a beijei, nunca? (baixo, com o rosto bem próximo) Talvez seja a imaginação... Eu misturo muito, misturo sempre, e não sei nunca quando estou apenas sonhando... Então foi sonho!”

(27) “LÍDIA - Você está doido.
UMBERTO - Doido? Só por causa do quimono? Ou, então, dos dragões? Só por isso?”

(28) “INÉZIA - Posso tirar o jantar, D. Lídia?
LÍDIA - Já não. Daqui a pouco. (para Umberto) Então o que é que tem o carro?”

(29) “OLEGÁRIO (sardônico) - Ah, minha filha, tire isso da cabeça! Já, imediatamente! E se não fazia nada; se estava à espera de minha cura, então...”

LÍDIA – Então, o quê?”

(30) “UMBERTO - Estou muito. O senhor e D. Lídia sempre foram bons comigo.

OLEGÁRIO - E então?

UMBERTO - Tenho que ir de vez, Dr. Olegário. Minha mãe está passando mal.”

(31) “UMBERTO - Nunca mais o vi! Então, Dr. Olegário, muito obrigado. Desculpe de qualquer coisa.”

(32) “MAURÍCIO (aterrado) - Nunca foi paralítico... Então esses sete meses na cadeira...

OLEGÁRIO - Farsa, simulação... Um médico, bêbedo, irresponsável, que me devia dinheiro”

7.10.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS

(1) “INÉZIA (nervosa) - Eu tenho, doutor, eu tenho! Mas se ela não quer?

OLEGÁRIO (saturado) – Então espere um pouco e depois veja se ela come!”

(2) “LÍDIA (desafiante) – Então acuse. Pronto! Acuse! Acuse, mas não me faça sofrer à toa! Você não me acusa porque não pode. Minha vida não tem mistérios. Todo mundo sabe o que eu faço.”

(3) “OLEGÁRIO (contendo a irritação) - Está bom. Então fique controlando esse camarada. Veja se ele se aproxima aqui de casa. Outra coisa. Talvez você pudesse dar um jeito de falar com ele - quem sabe?”

(4) “LÍDIA - Venho, sim. Vou só buscar a comida de D. Aninha.

OLEGÁRIO – Então ande. (faz manobra com a cadeira, para virá-la)”

(5) “OLEGÁRIO (sorridente) – Então, mete a bala na cabeça, já!”

(6) “UMBERTO - Grita? Tem essa coragem? Pois, então, grita. Quero ver e duvido.”

(7) “UMBERTO – Então, grite. Imediatamente. Já.”

7.11 OCORRÊNCIAS DE agora EM AGOSTO

7.11.1 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DESCRITIVAS

(1) “Ágora, passando os dedos nas marcas de varíola do rosto, o que sempre fazia quando estava nervoso, repetiu a mesma coisa: ‘Chefe, deixa comigo’.”

(2) “ ‘Você tem água?’

‘Hoje entrou. Ágora é dia sim dia não’.”

(3) “Ela parecia ter ficado ainda mais bonita. Havia desfeito o coque que usava nos cabelos, agora molhados nas pontas.”

(4) “Mattos, agora, presidia a um auto de prisão em flagrante por crime de lesões corporais, em que autor e vítima eram, respectivamente, marido e mulher. A competência para mandar lavar, presidir e assinar os autos do flagrante, assim como a de assinar a nota de culpa, era do delegado e o comissário tinha autoridade para tanto apenas na ausência do titular.”

(5) “Ela dissera a Magalhães que «tinha pouco estudo» e ele respondera que o Senado estava cheio de gente que havia «entrado pela janela». Ela ficara com medo e pedira a Magalhães que nada fizesse. Agora sempre que ouvia seu programa favorito na Rádio Nacional, com Iara Sales e Heber de Boscoli, que se chamava Trem da Alegria, arrependia-se de não ter aceitado a nomeação.”

(6) “Gregório Fortunato se surpreendia pelo fato de que apenas alguns políticos, como Gustavo Capanema, notavam as mudanças que ultimamente ocorriam no temperamento do presidente. Ele ouvira Capanema, que fora ministro da Educação do doutor Getúlio no tempo da ditadura e agora era líder do governo na Câmara, dizer em voz baixa numa roda:”

(7) “Alice abriu a bolsa e tirou um maço de cigarros e um isqueiro, que colocou sobre a mesa. Tentou sorrir. ‘Eu agora estou fumando.’”

(8) “O velho já o esperava ao lado da estátua de Chopin. Usava, como sempre, chapéu panamá e gravata borboleta, mas o chapéu estava amassado e o terno era de caroá. O colarinho, sujo. A bengala de castão de prata, que segurava na mão, em vez de torná-lo elegante, como antes, dava-lhe agora uma aparência frágil e enferma.”

(9) “Verdi quando compôs essa obra-prima, quando virou a história da ópera de cabeça para baixo, ou para cima, com o Falstaff? Oitenta anos, a minha idade, menino. Mas no Brasil qualquer coisa de oitenta anos tem que ser destruída, jogada no lixo. É por isso que antigamente todos os grandes cantores vinham ao Brasil e agora ninguém mais vem aqui, nem um Del Mônico, nem mesmo um Pinza, que não sabe ler uma nota de música, ninguém!”

(10) “Climério foi ao ponto de ônibus encontrar Alcino. Os dois, agora de volta ao botequim, ficaram bebendo cerveja e esperando o motorista chegar.”

(11) “Antes, Mattos se irritava com Pádua e ambos discutiam exaltados. Agora, fui apenas entediado.”

(12) “Agora eu tenho os meus próprios cadáveres para me preocupar. Eu sou um tira, você se esqueceu?”

(13) “Aproximou o rosto do espelho. Ela gostaria muito de ser loura e ter olhos azuis, como aquela mulher, e como aquela mulher saber encarar os outros, como a loura fizera ao olhar para ela, da porta. Agora, contemplava bem de perto seu rosto refletido no espelho. Os olhos eram muito redondos, todo mundo dizia que bonitos eram os olhos amendoados; as sobrancelhas muito grossas e negras, o nariz muito comprido, a boca muito grande. Por que Deus a fizera tão feia assim? O que a salvava era o corpo.”

(14) “ ‘Qual o problema? Qual o problema? O assassinato de Paulo!’, exclamou Cláudio. ‘O acionista majoritário da Cemtex agora é a Luciana.’”

(15) “Há três dias atrás ele apareceu com um garrafão de vinho lá em casa, afirmando que não bebe mais cachaça. Disse que agora bebe vinho, que é sangue de Cristo. Mas não mudou nada, acho até que porre com o sangue de Cristo é pior.”

(16) “Pegou o dente de ouro e foi ao banheiro. Em frente ao espelho arreganhou os lábios e colocou o dente de ouro em frente ao local onde estivera antes, agora ocupado por um incisivo de porcelana. Ninguém mais se lembrava, ou talvez ninguém mesmo soubesse, pois o próprio dentista que fizera aquele trabalho morrera, que ele um dia tivera um dente de ouro na boca. Mas ele não se esquecia.”

(17) “ ‘Não sei.’ Pausa. ‘Desabafar o quê?’ Agora Mattos olhava bem para o rosto da mulher, procurando sinais de astúcia ou insídia.”

(18) “Mattos abriu a geladeira, tirou uma garrafa de leite e bebeu no gargalo. A música acabara, mas agora ele preferia o silêncio. Precisava olhar suas fezes”

(19) “ ‘Está doendo muito? Diz a verdade.’
‘Doeu na hora. Agora só está ardendo.’”

(20) “Não era o mesmo homem que, apenas dois meses antes, furioso por Lacerda ter chamado o filho de debochado, desfaçatado, degenerado, meliante e ladrão, obrigara Lutero a apresentar uma queixa-crime contra o difamador. Onde estava a fúria, a indignação, a vontade de lutar, agora?”

(21) “Mas, pensando na proposta de Ilídio, naquele dia não olhou pela janela as árvores e montanhas e vales e rios cuja visão lhe dava tanto prazer. ‘Quero afastar um tira do meu caminho’, dissera o bicheiro. ‘Não tem problema», respondera Turco Velho, ‘não será o primeiro.’ ‘Mas é um comissário tihoso.’ ‘Não tem problema’, Turco Velho repetira. Agora, no trem, ele procurava se lembrar se algum comissário já fora liquidado em circunstâncias semelhantes. Lembrava-se de um comissário assassinado e da confusão que ocorrera, mas o tira fora morto pelo amante da mulher, apenas um caso passional.”

(22) “Comissário e cozinheiro estavam agora a sós.”

(23) “Agora estou com receio de fazer minha denúncia. Depois que o senhor me recebeu dessa maneira.”

(24) “De olho em Cleyde, que agora dançava com um careca gordo que exibia um solitário de brilhante no dedo, Rosalvo disse: ‘Vamos logo ao assunto’. ‘Que tal é esse comissário Alberto Mattos?’”

(25) “A moda agora é fazer decorações em estilo americano, uma coisa de insuportável mau gosto. Ah! a burguesia brasileira! Antes era tudo afrancesado, agora é tudo americanizado. Os americanos são o povo mais vulgar que existe no mundo. Eles não têm história, cultura, nada, só dinheiro. Já a Tunísia... Você sem dúvida já ouviu falar em Cartago, um império fundado pelos fenícios há milhares de anos...”

(26) “O senador estava convencido de que havia em curso uma campanha muito bem organizada de desmoralização de Vargas, da qual participavam a Igreja, sectores das Forças Armadas, sectores do empresariado, partidos políticos da oposição e a imprensa. Quanto mais

lama se jogasse em cima do Getúlio, melhor. Antes eram as negociatas dos membros do governo que eram denunciadas. Agora, eram os crimes. Em Janeiro de 1920, segundo os jornais, Getúlio Vargas, com seu cúmplice Soriano Serra, teria assassinado o cacique Tibúrcio Fongue, da tribo dos inhacorá. O inquérito aberto teria sido abafado. Fac-símiles das folhas dos vários inquéritos instaurados eram reproduzidos nos jornais. Em 1923, Vargas, ainda com a cumplicidade de Soriano Serra, teria assassinado o engenheiro Ildfonso Soares Pinto, secretário de Obras Públicas do então governador Borges de Medeiros.”

(27) “Estraçalhado. Emboscada traiçoeira. Mutilação selvagem. Trucidado. Lacerda conhecia a força das palavras, pensou Freitas, tivera uma boa escola no Partido Comunista, onde fora o jovem líder de um grupo conhecido como Socorro Vermelho. Uma interessante trajetória: de comunista sectário exaltado a papa-hóstia reacionário udenista, mais furibundo ainda. Em ambas facções se mostrara insuperável na criação de slogans incendiários. Como o do «Rato Fiúza», que destruíra as aspirações do candidato do Partido Comunista nas eleições presidenciais de 1946; e agora o bordão do ‘mar de lama’, que desmoralizara o governo Vargas.”

(28) “Chicão comprou o ginásio, com dinheiro emprestado por Lomagno. Fizeram um acordo: Chicão não teria nenhum outro aluno. Duas vezes por semana, Lomagno saía do escritório à tarde, sem dizer a ninguém aonde ia, para treinar boxe no ginásio, agora deserto e fechado, da rua Barão Itapagipe, no Rio Comprido.”

(29) “Agora, dentro do loteação, Chicão rememorava o telefonema de Lomagno e fazia os seus planos para aquela noite. O que Lomagno lhe pedira era uma galinha-morta, qualquer um podia fazer aquilo com uma perna nas costas.”

(30) “Subitamente, o clamor da multidão cessou. A atenção da turba, agora silenciosa, se voltara para a janela do primeiro andar, onde funcionava o escritório eleitoral de Wilson Leite Passos. Na janela estava um homem que todos conheciam.”

(31) “Presos eram arrastados para camburões estacionados na rua Treze de Maio. Quando terminou a ação policial havia na praça, agora vazia, feridos estendidos no chão ou amparados por pessoas amedrontadas. Ouviam-se apenas gemidos e ordens bruscas proferidas pelos policiais.”

(32) “Então ele, que gostava de repetir a máxima de Diderot de que o cepticismo era o primeiro passo em direção à verdade, estava agora cheio de certezas? Novamente a doença de Alice.”

(33) “Afinal Lomagno parou, pensativo, num quarto que fora planejado originalmente para abrigar uma criança e que agora servia como depósito de guardados. Abriu a janela e deixou entrar uma brisa fresca que vinha do mar.”

(34) “Alice abraçou Mattos com força. «Não estou vendo o teu rosto. Estou tentando me lembrar como é o teu rosto agora, mas esqueci.”

(35) “Mas agora ele é meu namorado», disse Salete.”

(36) “Luciana mudou de voz. Agora, sarcástica, e amarga: «Alguma vez esse negro serviu de mulher pra você? Ou você de mulher pra ele?»

(37) “Agora na sala, Mattos, que se vestira como se fosse sair para trabalhar, pensava na mulher que dormia no quarto.”

(38) “Mattos saiu do plantão, pegou o bonde pensando no Odorico e nos outros presos dentro da imunda cela fétida. Pensou no seu Adelino. Como seria o laranjal dele? Laranjas-lima? Ele, Mattos, só podia comer laranjas-lima, por serem menos ácidas. Pensou no filho Cosme, na mulher grávida. O mundo em que ele vivia era uma merda. O mundo inteiro era uma merda. E agora ele estava indo à casa de uma cafetina de luxo fazer um trabalho de abutre, com o coração pesado e a cabeça cheia de problemas.”

(39) “Mattos tirou o paletó. Agora, devido à presença de Alice no apartamento, ele deixava o revólver na delegacia.”

(40) “Deixando Alice deitada na cama, agora imóvel como se estivesse morta, Mattos foi para a sala. Seu estômago doía, mas não havia leite na geladeira e o Pepsamar acabara.”

(41) “Ipojucan gostava de falar de sua perna mecânica. Era uma forma de não se sentir constrangido devido ao seu caminhar rígido e periclitante. Agora que era advogado de um banqueiro de bicho e ganhava mais dinheiro, ele pretendia encomendar uma perna mecânica nos Estados Unidos.”

(42) “Voltou pouco depois, carregando um enorme saco. «Não deixo mais meu eatepial aqui. Roubaram um par novo de luvas meu na semana passada. Tem ladrão em todo lugar agora. Mas o senhor sabe disso melhor do que eu.”

(43) “Antes, em 1930, naquela plataforma de estrada de ferro, ela ouvira emocionada seu pai, agora não mais um coronel, como em 23, mas um soldado raso vestido de caqui que chefiava a revolução que colocaria em suas mãos, por muitos anos, os destinos de um povo e de um país, proferir seu inesquecível comando: ‘Rio Grande! De pé pelo Brasil!’”

(44) “Alzira pensara que a História redimira seu pai em 1950. Agora, naquele aflitivo Agosto de 1954, em que pela primeira vez via o pai como um velho desencantado, um homem sem esperança, sem desejo, sem vontade de lutar; um homem pequeno, frágil, doente, vítima das aleivosias torpes dos inimigos, dos julgamentos ambíguos dos amigos; agora, ela tomava consciência da História como uma estúpida sucessão de acontecimentos aleatórios, um enredo inepto e incompreensível de falsidades, inferências fictícias, ilusões, povoado de fantasmas.”

(45) “Na pequena praça em frente ao edifício da Standard Esso, agora vazia, ficaram apenas Mattos e um homem caído. Mattos ajoelhou-se ao lado do ferido. O homem tentou lhe dizer alguma coisa, mas morreu antes de poder falar.”

(46) “A multidão, animada pelo discurso inflamado que ouvia, avançou num bloco coeso pela Santa Luzia até à embaixada americana. Agora, além de pedras, muitos portavam paus e ferros arrancados dos bancos dos jardins. O homem que subira no poste tinha um revólver na mão.”

(47) “Eu ajudo você a tomar conta dela. Posso passar no seu apartamento agora?”

(48) “Desculpe. Não esperava que minha úlcera fosse me pregar uma peça logo agora. Eu chamei você aqui... Eu queria... Mas vai ficar para depois. Acho que agora tenho que ir para um hospital.”

(49) “Os dois carros agora estavam numa picada deserta perto do grotão do regato.”

7.11.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “O homem virou as costas, agora sem saudar ninguém, e foi embora.”

(2) “Eu faço isso. Você vai sair direto daqui para Nova Iguaçu. Agora.”

(3) “Lembrei agora. Se o garoto era o chinês tinha alguém agarrando ele.”

(4) “A Luciana vai ficar agora com o controle da Cemtex. Não confio nela. Luciana vai nos passar para trás.”

(5) “Ele cometeu um erro pela primeira vez na vida. Não tinha que perder tempo desagregando um partido como a UDN. O Exército toparia o golpe, antes do atentado. Agora que mataram o aviador, está mais difícil.”

(6) “Agora, a prostração do pai o deixou mortificado. Acostumado a ver o pai como um homem de grande força e poder, surpreendia-se ao vê-lo tão desalentado.”

(7) “ ‘Se isso for uma arbitrariedade minha, eu lhe peço desde já desculpas. Põe a algema como eu mandei. Fecha. Agora coloca o outro aro no tornozelo da perna direita. Eu disse da perna direita. Fecha. Cruza as pernas que você fica mais confortável.’ Assad cruzou as pernas.”

(8) “Agora já sabe. Quem vê cara não vê coração. Aí é que está o busílis.”

(9) “Mas não precisava ter feito aquilo, os militares que agora controlavam o inquérito policial da rua Tonelero eram todos lacerdistas. Lacerda mandava no inquérito. O nome de Samuel Wainer, diretor da Última Hora, também não constava da lista.”

(10) “ ‘Na casa dele.’ O tremor de sua voz cessara, agora ela vingava-se do marido e sentia prazer nisso. Sentiria mais prazer ainda se ele perdesse aquela tranquilidade inquietante.”

(11) “ ‘Vou ligar para ele agora. Não podemos perder tempo.’
Pouco depois Lomagno voltou.
‘Tudo resolvido. Agora vamos jogar nossa partida.’”

(12) “O povo, levado à fome pela carestia da vida resultante em grande parte de atos do próprio governo, era claramente, calculadamente conduzido à anarquia para dela tirarem partido. Mas agora ocorria a tentativa de eliminação do invicto denunciante dos escândalos, que só por milagre escapara.”

(13) “ ‘Precisamos conversar sobre nossa situação’, disse Luciana, sentando-se, exausta, depois de colocar os travesseiros na cabeceira da cama para neles apoiar as costas. ‘Agora você vai largar essa mulher, não vai?’”

(14) “ ‘Não estou gostando disso’, disse Fraga. ‘Gregório envolvido num crime homossexual? Não confio na polícia, até agora não conseguiram prender o Climério. Lembra do delegado Pastor tentando demonstrar que os ferimentos mortais no Rubens Vaz poderiam ter sido causados pelos tiros que Lacerda desferiu no pistoleiro?’”

(15) “O presidente da República, continuou Capanema em meio à balbúrdia que vinha do plenário, não podia renunciar em face do povo porque precisava defender, a bem do povo, os valores essenciais da obra administrativa e da estabilidade constitucional. Capanema repetia um argumento que usara repetidas vezes. Agora respondia ao deputado Bilac Pinto, para dizer-lhe que não fizesse a conjectura da pacífica sucessão do vice-presidente Café Filho, não porque ele Capanema não confiasse na expectativa serena e correta das Forças Armadas, mas por temer e prever que essa renúncia assim exigida por uma minoria apaixonada contra a maioria do povo, assim lançada em face dos pobres, dos operários, dos trabalhadores, dos soldados, subverteria em tais termos a ordem pública, perturbaria de tal modo a tranqüilidade e a ordem, que a nação de um momento para o outro poderia enfrentar uma conflagração de conseqüências desastrosas e imprevisíveis; porque, uma vez deflagrada a chispa da revolução, quem mais poderia assegurar a vigência das instituições?”

(16) “O latido dos cães aumentou.
Agora ele podia ouvir gritos de comando.”

(17) “ ‘Eu ia falar com você. Mas ele estava numa pista maluca achando que o negro era o Gregório, o guarda-costas do Getúlio.’
‘Mas agora ele sabe que sou eu, Francisco Albergaria.’”

(18) “Ela agora se perguntava, então deixara de existir aquele outro homem cuja memória guardara tantos anos em seu coração? Era ele um outro fantasma, nunca existira? Esse pensamento lhe foi tão doloroso e insuportável que por momentos ela pensou que não resistiria e morreria de dor, ali, na janela do Palácio do Ingá, em Niterói.”

(19) “Agora, Fitipaldi, Genolino e Fontes liam o bilhete para os jornalistas que chegavam ao palácio como sendo do presidente.”

(20) “Você enlouqueceu, Mattos! Vão ser abertos um inquérito administrativo e um inquérito policial. Agora eles vão conseguir te expulsar da polícia. Sabe qual vai ser o desenlace disso?”

(21) “Aos poucos as pessoas foram saindo do curto estupor que as dominara quando o avião desapareceu no céu. Agora, homens e mulheres começaram a se enfurecer, a gritar e a se agitar de maneira caótica, espalhando-se pelas cercanias do aeroporto.”

(22) “ ‘Claro. E você vai ligar agora para o senador e dar a boa notícia. Ele deve estar neste telefone.’” Clemente deu a Teodoro um papel com um número.

(23) “Novamente Pádua esmurrou o bicheiro.
Agora o gemido soou rouco e abafado.”

7.11.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS DISSERTATIVAS

- (1) “Quer que eu leia agora para você? Serve este livro que você não larga nunca?”
- (2) “ ‘Tu pensas que o governo é o cu-da-mãe-joana? A casa da sogra? Vens agora me dizer isso? Depois de todos os problemas que enfrentei para essa licença ser conseguida?’
 ‘O presidente da Cemtex foi assassinado. Isso muda tudo. Você podia dar uma palavrinha ao Souza Dantas.’
 ‘Agora é tarde.’
 ‘Por favor, tenente, por Nossa Senhora, a licença tem que ser transferida para essa outra empresa, a Brasfesa.’
 ‘Agora é tarde.’”
- (2) “Vão indo... Quando vi o seu retraio eu disse é ele, é aquele menino que trabalhou comigo na claque... Subiu na vida, pensei, agora anda metido na alta roda...”
- (3) “ ‘É incrível, mas o nome do menino era José Silva, páginas e páginas na lista telefônica. Não vai ser fácil descobrir o paradeiro dele agora.’
 “É incrível, mas o nome do menino era José Silva, páginas e páginas na lista telefônica. Não vai ser fácil descobrir o paradeiro dele agora.’”
- (4) “Entregou a mala a Alcino. «Põe umas roupas aí dentro. É melhor partir agora mesmo.”
- (5) “Até ao dia de ontem», disse Freitas, «ou melhor, até à noite de anteontem, dia 4, ou início da madrugada do dia 5 quando ocorreu o atentado da rua Tonelero, o clima neste país lembrava o de 1937. Mas agora Getúlio não tem mais condições de dar um golpe.”
- (6) “Na porta do edifício da rua Marquês de Abrantes, Salete, sobraçando um embrulho com macarrão, tomates, alho e cebolas, andava nervosamente de um lado para outro, esperando Alice sair. Salete fora ao prédio para visitar o tira e chegara no momento em que Alice saltava de um táxi. Ela pensara em entrar também mas não tivera coragem. Além disso, a presença de Alice estragaria os seus planos. Salete colocou óculos escuros e chorou várias vezes, em pé na rua, ao imaginar com detalhes o que estariam Alice e o comissário fazendo na cama. O desgosto causado pelo amor-próprio ferido teve o efeito de dissipar os escrúpulos que sentira ao fazer os planos para aquela visita ao comissário. Agora ela iria até ao fim.”
- (7) “Os padeiros de Copacabana não entregam mais pão na casa das pessoas. Ele não sabe onde estão agora os moradores da casa da avenida Atlântica. Mas uma mulher que morava na casa aparece às vezes na padaria, para fazer compras.”
- (8) “ ‘Esperei você chegar’, disse Freitas. ‘Até agora não sei o que Teodoro tem para nos contar.’”
- (9) “Seu viado, fiz o trabalho sujo que você não teve coragem de fazer e agora quer tirar o corpo fora e me jogar no fogo? Eu arrasto você comigo.”
- (10) “Como sempre, Freitas leu com atenção o que Lacerda escrevia em seu jornal. O general Ancora, antes acusado pelo jornalista de procurar impedir a elucidação do atentado, fora destituído por Getúlio e era agora visto por Lacerda como um homem honrado. Ancora teria sido sacrificado, na versão lacerdista, por ter-se portado com correção.”

(11) “Ao mesmo tempo em que lhe era útil, agora, louvar o general Ancora, noutra parte do jornal Lacerda elogiava o novo chefe do DFSP. Lacerda era um mestre da intriga, pensou Freitas, conseguia esconder com o brilho da sua oratória as enormes, e às vezes cínicas, contradições do seu oportunismo político.”

(12) “Getúlio estava mal servido, com líderes como o senador do PTB, pensou Freitas. Naquele mesmo dia começou a fazer consultas e contactos, dentro da bancada do PSD, com o objetivo de examinar a oportunidade e a conveniência de uma mudança de rumos. Apoiar um governo fraco e corrupto lhe propiciara muitos bons negócios. Mas agora estava na hora de abandonar o barco.”

(13) “Eu sei que o meu rosto é feio, mas o meu corpo é perfeito. Agora, se este vestido ficou mal em mim, imagine numa mulher qualquer.”

(14) “A desmobilização e a volta ao Brasil fora a pior coisa que acontecera em sua vida. Em pouco tempo gastou o dinheiro que economizara e precisou procurar um trabalho. Antes de ser convocado Chicão trabalhava como servente de obra. Mas agora considerava aquele serviço indigno de um homem com a sua experiência. Um ex-pracinha, colega de regimento, lhe disse que o Clube Boqueirão do Passeio estava precisando de um instrutor de boxe.”

(15) “Ora, ora, pensou Lomagnò aliviado, o tira supõe que o negro referido por Alice e pelo porteiro é o tal Gregório. Teve que se dominar para não demonstrar sua satisfação.”

(16) “A preocupação de Pádua era, porém, muito grande. Estava arrependido por ter matado Turco Velho. Ele já se arrependera por ter deixado de matar alguém. Por ter matado, aquela era a primeira vez. Fora um erro liquidar o Turco Velho. Turco Velho era um pistoleiro caro, que costumava servir políticos, fazendeiros e outras pessoas de recursos financeiros. Agora era impossível saber quem o havia empreitado para assassinar Mattos. Havia um canalha na cidade com tutano para mandar matar um comissário de polícia: esse puto tinha que ser identificado. Como? Como? Ainda por cima, agora ele não podia alertar o idiota do Mattos, dizendo «sabe quem era esse Ibrahim Assad? O famoso Turco Velho, o maior pistoleiro do país. Alguém com muito arame quer acabar com você». Mattos era doido, se soubesse que ele, Pádua, havia matado o Turco Velho, abriria imediatamente um inquérito dizendo com aquele jeito infeliz dele, «sinto muito Pádua, mas você infringiu a lei». Que interesses importantes Mattos estaria contrariando, a quem Mattos provocara de maneira a causar uma reação tão poderosa? Pádua, erroneamente, não perdeu tempo em cogitações sobre o episódio da prisão do bicheiro Ilídio. Bicheiros não mandavam matar polícias. O mandante era outro.”

(17) “ ‘Mas eu soltei o sujeito. Agora é tarde.’ Pausa. ‘Agora é tarde.’”

(18) “ ‘Vocês se esqueceram da assembléia do Clube da Aeronáutica realizada ontem’, continuou Freitas, «quando centenas de oficiais do Exército presentes se solidarizaram com os seus colegas da Aeronáutica. Zenóbio declarou: ‘Unamo-nos na defesa da paz e da felicidade da família brasileira’. E Estillac acrescentou: ‘O Exército está coeso contra qualquer tentativa de golpe e pronto para defender a Constituição’. Golpe de quem? Que golpe é esse referido pelo general Estillac? Não é um golpe de origem e inspiração militares. É um golpe de quem até agora conseguiu dar todos os golpes, o presidente da República. Na verdade os militares estão advertindo o próprio Getúlio. É preciso saber ler nas entrelinhas, meus amigos, conhecer as metáforas castrenses. O Exército não aceitará golpe pró-Getúlio. Mas o oposto, sim.’”

(19) “Agora, fingir com Luciana estava ficando cada vez mais penoso.”

(20) “Agora(79) está defendendo a sua mulherzinha?”

(21) “Então vamos nos encontrar na Beira Mar. Agora! O Chicão que vá para o inferno.”

(22) “Subitamente, inesperadamente, ele se cansara dela; como se cansava de tudo, era verdade, mas nunca daquela maneira. Ele não conseguia entender o que causara aquele repentino, e tão forte, sentimento de aversão. A morte de Paulo, que ela planejava? Ele desprezava Paulo. E Paulo tinha de ser morto ou acabaria levando a Cemtex à falência. O que era então? Agora; ele sentia vontade de ter Alice ao seu lado. Ele amava Alice? Talvez ele não estivesse fazendo as perguntas certas, talvez não estivesse respondendo certo as perguntas certas ou as perguntas erradas que fazia a si mesmo. Talvez não existisse uma pergunta a fazer, nem existisse uma resposta ao ofuscamento, à perturbação que sentia naquele momento.”

(23) “ ‘Você está zangado comigo por causa do sofá-cama Drago?’
‘Não. Deita. Vamos ver se agora você consegue dormir.’”

(24) “Se tivesse um amigo perguntaria o que ele faria numa situação daquelas. Seu amor-próprio fora muito ferido, quando ela o deixara. Não adiantava Alice voltar agora, humilde, louca, perdulária. Ele não queria mais viver com ela. Não queria viver com mulher nenhuma.”

(25) “A rua das etárias elegantes da sua infância. Ele ia vê-las à noite, quando matava aula no primeiro ano ginásial do colégio noturno. As mulheres moviam-se suntuosas sob as luzes dos candelabros em seus vestidos longos elegantes de cetim, rostos de alvura irreal, bocas vermelhas e olhos brilhantes, distribuindo sorrisos para os clientes. Em pé na rua escura, vendo-as de longe, através das janelas dos casarões, ele percebia nos sorrisos das mulheres algo além da vontade de seduzir, alguma coisa secreta que transparecia quando uma delas olhava para a outra; e que agora ele sabia que era desdém e escárnio.”

(26) “A traição fazia parte do jogo político. Ainda mais agora, em que a grande imprensa, os militares, os políticos, os estudantes, as classes produtoras, a Igreja, contribuía, todos, com ardor exaltado para a mazurca que começava a dominar o país.”

(27) “ ‘Armamos uma operação militar para pegar aquele bandido. Sabemos que está escondido nas matas do Tinguá’, disse o oficial de dia, com orgulho. ‘Ele agora não escapa.’”

(28) “Major, o comissário pode até estar aqui de boa-fé, o que eu não acredito. Não seria bom, para o nosso inquérito, agora, acusar o Gregório de qualquer outra coisa que não esteja ligada ao crime da rua Tonelero. Pode atrapalhar. Nós nem tivemos tempo de interrogar o homem direito. O importante é provar que Gregório mandou matar Lacerda obedecendo ordens de um grupo que inclui Benjamim, Lutero, Lodi e o próprio Getúlio.”

(29) “Essa medida não deslustra o trabalho realizado até agora pelo delegado Pastor, de quem possuo as referências mais elogiosas.”

(30) “O negro que matara Paulo Gomes Aguiar não era o tenente Gregório, como sua afoiteza ingênua o levava a supor. Agora precisava achar um negro, que fosse grande e forte - o pai-de-

santo Miguel podia também sair das suas cogitações. Precisava encontrar o porteiro Raimundo.”

(31) “ ‘Tente sopitar sua agressividade por um minuto para ouvir o que eu vou ler agora.’ Alice mostrou um papel que tinha na mão. ‘Você consegue? Um minuto?’”

(32) “ ‘O senhor matou o meu pai. Eu matei o meu pai. Minha mulher, minha mãe, mataram o meu pai. Ele era um português velho que não sabia fingir ser o que não era, um assassino, mesmo que fosse para proteger o seu filho.’
‘Agora é tarde. As coisas nunca são como são, assim é a vida.’”

(33) “No Palácio da Guerra, o general Zenóbio, herói da FEB e ministro da Guerra, declarou estar plenamente satisfeito com a conduta das tropas da Vila Militar, que permaneciam de prontidão para garantia do regime e da Constituição», dizia a rádio Globo. Uma notícia idêntica, também chamando Zenóbio de herói da FEB, fora publicada naquele dia pela Última Hora. O governo decidira impedir a «divulgação de notícias alarmistas». As emissoras de rádio noticiavam os acontecimentos controladas pela polícia. Mas a censura agora é inútil, pensou o comissário. A opinião pública, àquela altura, não valia mais nada.”

(34) “O melhor agora é deixá-la dormir», disse o doutor Amoldo. «Alice não está nada bem. Entrou em profunda depressão. Vou ligar para o marido dela.”

(35) “Faria o que tinha que ser feito. Desafronta e redenção. Uma sensação eufórica de orgulho e dignidade tomou conta dele. Sim, sua filha agora o perdoaria.”

(36) “Eles que esperem», disse Alzira, agora revirando nervosamente os bolsos do pijama do morto estendido sobre a cama.”

(37) “ ‘O senhor devia ter pegado o elevador’, disse o contínuo.

‘Onde está?’

‘Agora é melhor ir pela escadinha, que fica no fundo à direita.’”

(38) “Os milicos são muito burros. Aí é que está o busfílis. Se deixassem Getúlio em paz o velho gaga ia morrer escrachado, sendo penteado em público pelo Anjo Negro, afogado no mar de lama. Mas os milicos apertaram ele na parede, sem dar a ele uma chance de livrar a cara. Fizeram o jogo do Lacerda, que é um maníaco que não sabe onde parar. O povo já tinha tirado novamente o retrato do velho da parede, agora vai começar tudo de novo, o velho virou santo, como todo político que morre no governo, neste país de merda.”

(39) “Mattos colocou a carteira no bolso e foi andando em direção à porta. ‘O que você vai fazer agora? Outra loucura?’”

7.11.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS INJUNTIVAS

(1) “A oposição vai se aproveitar da conjuntura. O Souza Dantas já era muito visado antes, imaginem agora... Vou ser franco com vocês, não quero mais me envolver nesse negócio. Não posso. Tenho que ficar na encolha, até ver o bicho que vai dar», disse Freitas.”

(2) “Agora pega isso tudo... com a mão mesmo e joga aqui», disse Salete segurando o cabo da panela fumegante.”

- (3) “Agora vai embora, tenho outros assuntos para tratar.”
- (4) “Maurício Joppert: ‘O povo está nas ruas reclamando a punição dos criminosos, exigindo justiça. Temos agora, mais do que nunca, que exigir do presidente da República a renúncia do cargo que ele não soube honrar’.”
- (5) “Venha agora.”
- (6) “Por que Alice não faz nada disso? Você ainda me ama? Prova, anda, me iode, mata Alice, me iode antes, agora.”
- (7) “Vou ver o que posso fazer, senador. Agora prove o licor, prove, está muito bom mesmo.”
- (8) “Murilo tirou o lenço do bolso e deu para Pádua. ‘Depois eu te dou outro de presente. Agora enfia estes lenços na boca desse puto», disse Pádua.”

7.12 OCORRÊNCIAS DE então EM AGOSTO

7.12.1 SEQUÊNCIAS TIPOLOGICAS DESCRITIVAS

- (1) “Notou também que outras pessoas permaneciam dormindo em suas frisas, até mesmo quando Di Stefano deu um fabuloso dó de peito na ária Che gélida manina. Ficou profundamente irritado, já estava sentindo, então, os primeiros sintomas de sua úlcera duodenal e de seu ódio pelos ricos. Ir à ópera, aos concertos, aos museus, fingir que liam os clássicos, tudo fazia parte de uma grande encenação hipócrita dos ricos, cujo objetivo era mostrar que eles - pensava principalmente em Alice e sua família - pertenciam a uma classe especial de pessoas superiores que, ao contrário da chusma ignara, sabia ver, ouvir e comer com elegância e sensibilidade, o que justificaria a posse do dinheiro e o gozo de todos os privilégios.”
- (2) “Somente quando da volta de Vargas ao governo em 1950, não mais como um ditador, mas eleito numa eleição majoritária, Lutero decidira-se a «entrar para a política». Mas teria sido preferível, para ele e para todos da família, que tivesse continuado a exercer apenas a medicina. Como político, Lutero não dera motivos de orgulho ao pai, que na verdade se interessava mais pelo futuro político do genro, então governador do Estado do Rio de Janeiro.”
- (3) “Em 1923, Vargas, ainda com a cumplicidade de Soriano Serra, teria assassinado o engenheiro Ildefonso Soares Pinto, secretário de Obras Públicas do então governador Borges de Medeiros. ‘Soriano foi preso mas o outro assassino, Getúlio Vargas, continua solto até hoje.’”
- (4) “O dia 29 de Outubro marcara a data em que Vargas fora obrigado a renunciar, em 1945, um golpe militar comandado pelo então ministro da Guerra, general Góes Monteiro. Vaz da Silva encerrou suas palavras com um apelo ao brigadeiro Eduardo Gomas para que voltasse a sentir o arroubo jovem que o fizera marchar em 1922.”

(5) “Freitas tinha um amigo altamente colocado no palácio, o chefe do Gabinete Civil, Lourival Fontes, que fazia um jogo duplo, realizando contactos secretos com aliados e inimigos do governo, um velho processo utilizado por Fontes desde a época em que era o todo-poderoso chefe do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda - nos tempos da ditadura, uma tática que aprendera com Filinto Müller, o então chefe da polícia política de Vargas. Freitas tinha também seus espões nas hostes lacerdistas, e sabia que alguém de dentro do Catete, talvez o próprio chefe do Gabinete Civil, passava ocultamente para o arquiinimigo Lacerda informações confidenciais sobre o que acontecia nas reuniões reservadas do palácio do governo.”

(6) “Mattos, que até então não dissera ser da polícia, mostrou sua carteira funcional. Ele sentia o estômago pesado devido ao bário que tomara para a radiografia, mas ao mesmo tempo acreditava que com o exame que fizera tinha melhorado sua saúde, e que já estava curado.”

(7) “No meio militar, a repulsa ao presidente aumentava continuamente. A oficialidade da Marinha, que até então mantinha uma posição menos radical que a da Aeronáutica, recebeu com indignação a prisão do almirante Muniz Freire por ter criticado o governo numa cerimônia a bordo do cruzador Barroso; o Almirantado, pressionado pela oficialidade jovem, obrigou o ministro da Marinha a revogar a punição.”

(8) “Enquanto Mattos se entregava a estas cogitações, Alice escrevia no seu diário, sentada à mesa da sala. Ultimamente ela permanecia calada, olhando para a parede, ou então escrevendo horas seguidas no grosso caderno de capa dura.”

(9) “Os dois sentaram-se, abatidos, nas poltronas de couro marrom do gabinete do ministro. Os dois haviam servido juntos na FEB. Mascarenhas, então general-de-divisão, comandara os 25 162 homens da Força Expedicionária enviada à Itália em 1944. Zenóbio, na ocasião general-de-brigada, comandara um dos cinco escalões em que se dividia a Força.”

(10) “Alzira abriu o cofre e colocou rapidamente o conteúdo de suas gavetas numa pasta que trouxera do palácio do governo do Estado do Rio, em Niterói, e que continha, até então, apenas um revólver.”

7.12.2 SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS NARRATIVAS

(1) “Leu as manchetes, apreensivo. Aquele ano começara mal. Logo em Fevereiro, oitenta e dois coronéis, apoiados pelo então ministro da Guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso, haviam divulgado um manifesto golpista e reacionário criticando as greves dos trabalhadores e falando arditamente no custo de vida.”

(2) “Naval estava parado na estação da Pavuna; Alcino atirou e matou um desconhecido que estava próximo de Naval, que não foi atingido. Climério estava convicto de que Alcino não servia para aquela empreitada, mas, para não perder a confiança do chefe, ao voltar para o Rio não lhe relatou o fiasco de Barra Mansa. Conquistara a confiança de Gregório quando lhe dissera os nomes dos capangas de Lacerda, todos, ou quase todos, majores da Aeronáutica: Fontenelle, Borges, Del Tedesco, Vaz. Havia também um tal de Carrera, que Climério acreditava ser do Exército, e um Balthazar, da Marinha. Eram lacerdistas doentes e portavam armas de grosso calibre. Então o Anjo Negro dissera que se os capangas do Corvo usavam 45

o homem escolhido por ele, Climério, teria que fazer o mesmo. «Chefe, não se preocupe. Deixa comigo», respondera Climério.”

(3) “ ‘Creio que o senhor não tem mais nada a fazer aqui, doutor Galvão. Nem o senhor...’ ‘Aguiar’, disse o primo do morto que ficara calado até então.”

(4) “O doutor Paulo acorda cedo e eu pensei que ele já havia saído e que dona Luciana estava no banho. Então eu abri a porta e... vi aquilo... saí correndo...”

(5) “Não há razão para você chorar. Calma. Não vou fazer nada com você. É só parar de mentir. Se você parar de mentir eu não vou brigar com você. Você disse que seu patrão acorda cedo. Digamos que você chegou com o café às oito horas. Viu o seu patrão morto. Não sabia o que fazer e lembrou-se do primo do patrão e ligou para ele que disse para esperar, que não fizesse nada, que já estava vindo para cá. Então o primo do patrão chegou com o advogado, aquele baixinho de voz grossa e o baixinho disse para você esperar um pouco mais antes de chamar a polícia e você fez o que ele mandou. Não foi assim?”

(6) “O senhor Matsubara pediu que lhe entregasse isto», disse k homem secamente, tirando um envelope do bolso. Só então Magalhães percebeu, na penumbra da boate, que o recém-chegado era um Êissei.”

(7) “O meu filho era muito mais fraco... E o outro a bater-lhe, a bater-lhe sem piedade... Então ele pegou uma chave de cruz para defender-se... Foi um golpe só e o homem caiu...”

(8) “ ‘Fui eu sim’, confessou, afinal. ‘Perdi a cabeça quando vi o menino ser espancado por aquele brutamontes. Então peguei a chave...”

(9) “O São Borja tinha uma entrada ampla, um corredor comprido com várias lojas, uma charutaria, um café, uma barbearia e uma loja de discos, Casa Carlos Wehrs. Mattos lembrou-se então que alguns meses antes, naquela loja, comprara os libretos de La Traviata e de La Bohème. Se estivesse sozinho aproveitaria para perguntar quanto custava La Traviata, em long-play.”

(10) “Lacerda se despediu do major e caminhou com o filho para a porta da garagem do edifício. Vaz foi em direção ao carro. Alcino atravessou a rua e atirou em Lacerda, que correu para o interior da garagem. O estrondo do revólver ao disparar surpreendeu Alcino, que por instantes ficou sem saber o que fazer. Notou então que o major se aproximara e agarrava sua arma. Novamente Alcino acionou o gatilho. O major continuou agarrando o cano do revólver até que Alcino, num repelão, soltou a arma dos dedos que a prendiam, caindo como esforço que fizera.”

(11) “ Logo após libertar o empregado desse bicheiro, que eu não sabia, até então, repito, que era um contraventor, ele botou o dedo na minha cara e disse: ‘Não quero que isso aconteça mais, ouviu?’ Perguntei ao guarda: ‘Você conhece este cavalheiro?’ O guarda respondeu, num tom respeitoso: ‘É o seu Ilídio.’ Foi então que eu percebi que o sujeito era um banqueiro do bicho. Nesse momento o bicheiro virou-se para o guarda e apontando para mim disse: ‘Esse rapaz tem muito o que aprender.’ Irritado eu o agredi com um pontapé e o coloquei no xadrez. Mas ele ficou pouco tempo no xadrez. Eu o soltei de madrugada. O empregado dele eu soltei antes.”

(12) “O pai de Lomagno era um conhecido integralista que financiou a Ação Integralista Brasileira até 1938, quando as galinhas verdes armaram aquele putsch que fracassou. Então o Lomagno velho pulou fora aderindo ao Getúlio, o carrasco do seu partido. O filho nunca quis saber dos anuês dos verdes, mas também é verdade que ele era muito criança quando o Plínio Salgado dava as cartas.”

(13) “Naquela corporação, ouvido pelo coronel Adyl, o milico que o ministro da Aeronáutica indicara para acompanhar o inquérito, conforme Pastor dissera no telefonema que lhe dera na madrugada do dia 5, Nelson mantivera o que dissera antes aos tiras. No sábado, enquanto ele, Mattos, estava na cama com Salete, Nelson fora ouvido pelo capitão João Ferreira Neves, da Polícia Militar, com a aquiescência do delegado Pastor, de quem fora colega num curso realizado na Escola de Polícia. (Estavam salvando a cara de Pastor, um homem orgulhoso que devia estar sofrendo muito com aquilo tudo.) Então Nelson modificara suas declarações (teria sido submetido a violências?) e confessara que levara ao local duas pessoas, uma das quais Climério Euribes de Almeida, que a nota dizia ser investigador de polícia. Depois Nelson confirmara essas declarações na presença do coronel Adyl, do promotor Cordeiro Guerra e do delegado Pastor.”

(14) “Não foi isso que você me disse naquele dia. Você pegou nas minhas mãos, disse que eu tinha mãos fortes e então beijou e lambeu minhas mãos como uma cadela. Deixei você fazer aquilo apesar do nojo que sentia: o prazer de assistir ao seu aviltamento era maior do que a minha repugnância.”

(15) “No jornal havia uma foto do coronel Paulo Torres, novo chefe de polícia. Torres comandara, até então, o 3.º Regimento de Infantaria, aquartelado em São Gonçalo. Tinha quarenta e dois anos de idade, servira com Zenóbio na FEB, na campanha da Itália, sendo condecorado com medalha de bravura. Fora adido militar adjunto em Roma, Paris e Londres. Era também bacharel em direito. No Brasil, todo mundo era bacharel em direito, pensou Freitas, inclusive ele próprio.”

(16) “A Rádio Globo falava num outro atentado contra Lacerda, até então mantido em segredo. Lacerda chegava de lancha a Paquetá, no domingo, dia 8, para um comício, acompanhado do radialista da Globo, Raul Brunini, e de outras pessoas, quando, por entre o espocar dos fogos de artifício soltados pelos eleitores que lhes davam as boas-vindas, sentiram um grande estouro sob os pés.”

(17) “Mangabeira dizia não ter nenhuma dúvida sobre a responsabilidade do governo e do próprio presidente da República pelo monstruoso atentado que tanto vinha comovendo a opinião do país. Até então, era a roubalheira em proporções nunca vistas, era a imoralidade corrompendo com uma desfaçatez incrível. O povo, levado à fome pela carestia da vida resultante em grande parte de atos”

(18) “Já passava de quatro da manhã quando pegou o livro de direito civil, o rádio e subiu para o quarto onde os comissários de plantão descansavam. Quando dos primeiros plantões, Mattos passava as vinte e quatro horas na sua sala ou então em diligências. Ultimamente ia para o quarto, mas não levava um lençol e uma fronha limpos para colocar na cama como os outros faziam. Deitava em cima do colchão fedorento, tirando apenas o paletó e a gravata.”

(19) “Durante um dia e uma noite Salete pensou apenas na sua mãe. Se tivesse sabido, algo que nunca procurara fazer, que ela morrera, Salete ficaria muito triste e choraria de dor. Mas a

desgraçada não havia morrido. Então Salete durante vinte e quatro horas apenas sentiu ódio por sua mãe estar viva, por sua mãe estar mais feia, e mais velha e mais preta.”

(20) “ ‘Está tudo pago. A loja não aceita de volta.’
‘Então eu dou para um asilo de velhos, ’”

(21) “Tumultuar o Inquérito Policial-Militar. Acho que a polícia quer que a gente entre numa canoa furada. Acusa Gregório falsamente, com a nossa colaboração, de ter cometido um crime, depois inocenta o crioulo, nos envolvendo de uma forma ou de outra. Então a Última Hora publica com espalhafato que assim como Gregório foi inocentemente acusado desse crime inventado pelo comissário também nada tem a ver com o assassinato do major Vaz, et cetera et cetera», disse Ranildo.”

(22) “Mattos esperou pacientemente que as atividades terminassem, o que demorou mais de duas horas. Então dirigiu-se ao Kid Terremoto.”

(23) “O presidente pediu então aos ministros civis que opinassem. O ministro interino do Trabalho, Hugo de Faria, disse que a Constituição precisava ser respeitada e mantida e que o presidente não devia renunciar. Oswaldo Aranha e José Américo seguiram as opiniões dos ministros militares, favoráveis à renúncia. Os outros se mostraram vacilantes; nenhum deles deu um parecer objetivo.”

(24) “Mattos desligou.
Pensou então que não tivera oportunidade de falar com o detetive Celso sobre o Francisco Albergaria. Quando Pádua chegar eu vou dar a ele todas as informações sobre as minhas investigações. Pádua vai gostar de prender o assassino do Paulo Gomes Aguiar e resolver o mistério do edifício Deauville.”

(25) “O caixão, acompanhado por Darcy Vargas e os dois filhos do presidente, Alzira e Lutero, foi posto dentro do avião. Fez-se então um súbito e solene silêncio no meio da multidão, quebrado inopinadamente pelo girar das hélices do avião postas em movimento.”

(26) “A porta estava apenas encostada; de dentro vinha uma cantoria que fez com que Genésio hesitasse, sem saber o que fazer. Então, subitamente, o canto parou. Genésio tirou do cinto sua Parabélum, antiga mas de confiança, e abriu a porta cuidadosamente.”

7.12.3 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS DISSERTATIVAS

(1) “O porteiro da noite do edifício Deauville ouviu o ruído dos passos furtivos descendo as escadas. Era uma hora da madrugada e o prédio estava em silêncio.
‘Então, Raimundo?’
‘Vamos esperar um pouco’, respondeu o porteiro.”

(2) “Como Gregório temia, o presidente foi vaiado quando o locutor do Jockey Club anunciou, pelos alto-falantes, sua chegada. O presidente fingiu não tomar conhecimento dos apupos que vinham das tribunas especiais. Das tribunas populares não veio nenhum aplauso, nenhum apoio. Então é assim que o povo trata o doutor Getúlio?, pensou Gregório. Depois de todos os sacrifícios que fizera e fazia pelos pobres e humildes?”

(3) “ ‘Se você prefere podemos ir ao cinema São Luiz.’

‘Não quero botar paletó e gravata.’

‘Então vamos ao Polyteama. Naquele poeira não precisa usar paletó e gravata.’”

(4) “ ‘O teu coronel hoje deu o bolo? Foi por isso que você veio aqui?’

‘Ele não é meu coronel.’

‘O que é, então?’

‘Eu não gosto dessa palavra.’

‘O que ele é, então?’

‘É uma pessoa que me ajuda.’”

(5) “Autor, vítima, advogado e escrivão esperavam pelo comissário.

‘Então, doutor, tudo resolvido?’, disse o advogado.

‘Tudo. Vamos continuar o auto de flagrante.’”

(5) “ ‘Vai ser difícil o senhor falar com ele. O senador é um homem muito ocupado. E alguma coisa particular?’

‘Não. Não é particular.’

‘Então o senhor pode falar comigo.’

‘Quero falar com ele.’

‘Então vai ter que esperar uma ocasião oportuna.» Pausa. «Olha, vamos combinar o seguinte: o senhor me deixa o seu telefone, quando for possível essa entrevista eu ligo o seu telefone, avisando.’”

(6) “ ‘Amanhã... dia 4... Não posso. Entro de serviço ao meio-dia. Plantão de vinte e quatro horas. Saio dia 5 ao meio-dia.’

‘Então depois de amanhã. Quinta-feira.’

(7) “ ‘Vão indo... Quando vi o seu retrato eu disse é ele, é aquele menino que trabalhou comigo na claque... Subiu na vida, pensei, agora anda metido na alta roda... Então eu disse cá com os meus botões, vou ligar para ele. Não imaginei que você viesse... Pensei que o sucesso tinha lhe subido à cabeça.’”

(8) “ ‘Não posso recomendar uma pessoa que não conheço.’

Então que se foda, pensou Rosalvo. Calou-se, indeciso.’”

(9) “ ‘O senhor reconhece que agrediu o senhor Ilídio?’

‘Sim. Foi um erro. Eu podia autuá-lo pelo 231, por desacato. Perdi a cabeça.’

‘O senhor sabe então que cometeu o crime de violência arbitrária? Artigo 322. Praticar violência, no exercício da função ou a pretexto de exercê-la.’”

(10) “ ‘O Alberto não. Quando fica doente ele se esconde, não quer me ver.’

‘Esquisito...’

‘Ele é da polícia.’

‘Então está explicado. Mas olha, não se mete com polícia não. Fica com esse bacana que te dá tudo.’”

(11) “Ela amava aquele homem. Precisava mostrar isso para ele: ‘Então come esse ovo.’”

(12) “ ‘Infelizmente ele não pode atendê-lo, no momento. Qual é o assunto, por favor?’

‘É com ele, apenas.’

‘Então está difícil.’

(13) “A pistola FN de aço negro polido estava sob o braço direito de Assad, num coldre de couro branco. Mattos examinou a arma. Ejetou o projétil que estava na câmara de percussão. ‘Você veio aqui para me matar?’ ‘Negativo, doutor. Isso é um absurdo.’ ‘Você invadiu minha casa para quê então?’”

(14) “ ‘O síndico era um velho de oitenta anos. Foi fácil. Esse filho da puta, além de tira, é mais novo do que eu talvez.’
‘Mais novo? Então ele é ainda um menino...’
‘Puxa-saco...’”

(15) “Ele não percebera isso quando haviam estado juntos. Como uma pessoa tão bonita podia ser doente? Não, ele não teria sua lucidez prejudicada por dúvidas impertinentes: o negro era o Gregório, cada vez tinha mais certeza disso. O F de Fortunato gravado no anel de ouro. Então ele, que gostava de repetir a máxima de Diderot de que o cepticismo era o primeiro passo em direção à verdade, estava agora cheio de certezas?”

(16) “Ainda bem que o senhor ouviu falar em mim. Então deve saber que não é possível eu atender o seu pedido, doutor. Nunca traí aqueles que confiam em mim. Não posso, não consigo, mesmo se quisesse não conseguiria trair - e eu não quero. Por favor, não perca o seu tempo.”

(17) “ ‘Prender um macumbeiro, um receptador, é uma estupidez. O sujeito preso custa um dinheirão à sociedade, cumpre algum tempo de cadeia e sai pior do que entrou.’
‘Então o senhor acha que nem ladrões nem assassinos deveriam ser presos? E um tarado estuprador, como o Febrônio?’”

(18) “ ‘Vocês podem ir embora. Na próxima vez que me trouxerem um casal nessas circunstâncias eu enquadro vocês por violência arbitrária.’
‘Que é isso, doutor?’
‘Ou então, extorsão e abuso de poder. Podem se retirar.’ Os policiais saíram e Mattos ficou pensando no que faria um sujeito ser da polícia. No seu caso fora simplesmente a incapacidade de arranjar um emprego melhor.”

(19) “Logo que desligou o telefone, Manos recebeu outra chamada. ‘Por que você não passa aqui?’, perguntou o comissário ao seu interlocutor, depois de ouvi-lo.
‘Sou algum maluco? Não posso ser visto com o senhor.’ ‘Por que não me diz pelo telefone?’
‘O senhor não quer ver a carta?’
‘Onde, então?’
‘Na sua casa, logo mais.’”

(20) “ ‘Você ouviu o que eu disse!?’
‘Ouvi, Luciana...’
‘Então vamos nos encontrar na Beira Mar. Agora! O Chicão que vá para o inferno.’”

(21) “Subitamente, inesperadamente, ele se cansara dela; como se cansava de tudo, era verdade, mas nunca daquela maneira. Ele não conseguia entender o que causara aquele repentino, e tão forte, sentimento de aversão. A morte de Paulo, que ela planejava? Ele desprezava Paulo. E Paulo tinha de ser morto ou acabaria levando a Cemtex à falência. O que era então? Agora; ele sentia vontade de ter Alice ao seu lado. Ele amava Alice? Talvez ele

não estivesse fazendo as perguntas certas, talvez não estivesse respondendo certo as perguntas certas ou as perguntas erradas que fazia a si mesmo. Talvez não existisse uma pergunta a fazer, nem existisse uma resposta ao ofuscamento, à perturbação que sentia naquele momento.”

(22) “ ‘Você ficou com medo?’

‘Não.’

‘Então eu também não estou com medo.’”

(23) ‘Então o Gregório acusou o Lutero! Nunca pensei que ele fizesse isso, sendo ou não o Lutero o mandante.’”

(24) “ ‘O putro quer arrego porque está com medo de morrer’, disse Pádua. ‘Então o seu Ilídio, hein?..’”

(25) “ ‘A história que esse comissário conta é muito fantasiosa para ser verdadeira. O senhor acha que Gregório é um homossexual? Ele é um cínico, um ladrão, um assassino, mas não um homossexual. As informações que temos é que ele é um mulherengo’, disse Ranildo.

‘Qual é então o objetivo desse comissário?’”

(26) “ ‘Alves foi hábil. Ele é amigo íntimo do casal Amaral Peixoto, é inteligente, discreto e leal ao governo. A pessoa certa para uma missão delicada como essa.’

‘Lacerda já sabe disso?’

‘Certamente. Ele tem os mesmos informantes que eu.’

‘Então a UDN vai tentar dar o golpe antes.’

‘É preciso convencer os militares.’”

(27) “ ‘Isso é um crime. Chama-se lenocínio. Eu não fiz a lei.’

‘Então você me despreza porque sou uma criminoso?’”

(28) “Numa reunião realizada no Clube Militar fora apresentada uma moção exigindo a renúncia do presidente, mas os generais Canrobert e Juarez Távora externaram o ponto de vista de que primeiro o crime deveria ser apurado para depois então discutir-se a renúncia do presidente. A sugestão dos dois generais opositoristas foi vitoriosa, pois todos acreditavam que o resultado do inquérito demonstraria inequivocamente a responsabilidade do presidente pelo atentado.”

(29) “ ‘Não, não fez nada. Eu o estou procurando para ele me dar uma informação sobre um sujeito que foi aluno dele lá no Boqueirão. Um tal de Pedro Lomagna.’

‘Foi esse cara então que fez a cagada?’

‘Ninguém fez cagada.’

‘Então por que esse interesse da polícia?’”

(30) “O cara é noivo e diz que vai casar. A moça consente, acreditando na promessa. Ou então a moça não sabe o que está fazendo, por ser ingênua .”

(31) “ ‘Você é um tira decente’, disse Kid Terremoto, ‘vi logo pela sua cara. Então vou lhe dar o serviço, mesmo porque esse Pedro Lomagna é um sujeito rico metido a besta. Estou surpreso por você me dizer que esse Lomagna fez mal a uma moça, pois eu sempre achei que

ele era viado. Eu desconfio que ele fazia meia com o Chicão. Ele montou uma academia para o Chicão, mas o crioulo deu com os burros n'água e parece que fechou a academia.”

(32) “Alzira pensara que a História redimira seu pai em 1950. Agora, naquele aflitivo Agosto de 1954, em que pela primeira vez via o pai como um velho desencantado, um homem sem esperança, sem desejo, sem vontade de lutar; um homem pequeno, frágil, doente, vítima das aleivosias torpes dos inimigos, dos julgamentos ambíguos dos amigos; agora, ela tomava consciência da História como uma estúpida sucessão de acontecimentos aleatórios, um enredo inepto e incompreensível de falsidades, inferências fictícias, ilusões, povoado de fantasmas. Ela agora se perguntava, *então* deixara de existir aquele outro homem cuja memória guardara tantos anos em seu coração? Era ele um outro fantasma, nunca existira? Esse pensamento lhe foi tão doloroso e insuportável que por momentos ela pensou que não resistiria e morreria de dor, ali, na janela do Palácio do Ingá, em Niterói.”

(33) “O senhor forçou ele a confessar. E eu, minha mãe, minha mulher, todos nós acabamos acreditando, iludidos pelo nosso egoísmo, que era melhor o pai dizer que era o culpado, porque sendo velho seria absolvido mais facilmente do que eu. Acreditamos porque era melhor para nós. Eu podia ficar perto do meu filho e da minha mulher; podia tomar conta, melhor do que ele, da oficina e do laranjal. Meu pai era um velho e nós os moços achamos que os velhos não precisam de nada, já viveram tudo o que tinham de viver. *Então* nós todos resolvemos deixar que o pai se sacrificasse por mim.”

(34) “‘Passa o serviço para o Rosalvo’, disse Mattos.
‘Não posso.’
‘*Então* eu recebo o serviço antes da hora. Isso é permitido pelos regulamentos.’”

(35) “ ‘O senhor é o comissário Pádua.’
‘*Então* deve saber que eu não levo dinheiro de bicheiro.’”

7.12.4 SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS INJUNTIVAS

(1) “ ‘O cara é um rato.’
‘Não gosto de ouvir você falar dele assim. Luiz é uma boa pessoa.’
‘*Então* vai embora. Você está aqui porque quer.’”

(2) “ ‘Não quero leite.’
‘*Então* chupa um ovo. Não me incomode. Só não quero ver.’”

(3) “Ramos franzira a testa, como se estivesse preocupado com a áspera discussão entre Mattos e Pádua. Na verdade estava muito feliz; odiava os dois comissários e gostaria que ambos, como num filme de cow-boy, se matassem simultaneamente. Mas infelizmente, Mattos, com certeza, não estaria portando a arma dele. Que Pádua matasse Mattos *então*, devaneou Ramos.”

(4) “Freitas riu, sem muita convicção: ‘*Então* tira ele de campo. Acaba com o jogo.’”

(5) “ ‘Isso tudo tem que ir embora.’
Alice começou a chorar. ‘Deixa *então* a cama, as óperas, os pratos, os copos e os talheres.’”

(6) “ ‘Ele mora no Rio?’

‘Recife. Mas é só chamar que ele vem, faz o serviço e dá às de vila-diogo no mesmo dia.’
‘Então manda ele vir bgo. De avião. O senador tem pressa. Assim que o - Genésio, não é? - chegar você me avisa. Se tudo correr bem”

(7) “ ‘A resistência provocará derramamento de sangue. Seremos derrotados’, disse Zenóbio.
‘Que sejamos então derrotados, mas lutando’, disse Alzira.”

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)